



**BIBLIOTECA ÁUREA**

# **A BÍBLIA DA HUMANIDADE**

**MITOLOGIAS DA ÍNDIA, PÉRSIA, GRÉCIA E EGITO**

**JULES MICHELET**

**BIBLIOTECA ÁUREA**

# **A BÍBLIA DA HUMANIDADE**

**MITOLOGIAS DA ÍNDIA, PÉRSIA, GRÉCIA E EGITO**

**JULES MICHELET**

2ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO: ROMUALDO J. SISTER E EDUARDO ROSAL



Título original: *Bible de l'humanité*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.  
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020  
Rio de Janeiro — RJ — Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

Capa: Rafael Nobre

CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M57b Michelet, Jules 1798-1874  
2. ed. A bíblia da humanidade: mitologias da Índia, Pérsia, Grécia e Egito / Jules Michelet;  
tradução de Romualdo J. Sister e Eduardo Rosal - 2. ed. - Rio de Janeiro: Nova  
Fronteira, 2018.  
(Biblioteca Áurea)

Tradução de: Bible de l'humanité  
ISBN 9788520942642

1. Mitologia. 2. Religião e mitologia. I. Sister, Romualdo J. II. Eduardo Rosal III.  
Título. IV. Série

1850443

CDD: 209  
CDU: 2-264

## Sumário

### Prefácio

#### Primeira Parte — A Índia

I — O Ramayana

II — Como se achou a Índia antiga

III — A arte indiana

IV — A família indiana primitiva — O primeiro culto

V — As profundas liberdades da Índia

VI — A Redenção da Natureza — Ninguém se salva só

#### Segunda Parte — A Pérsia

I — A Terra, a Árvore da Vida

II — A luta entre o Bem e o Mal — O perdão definitivo

III — A alma alada

IV — A águia e a serpente

V — Shah Nameh — A mulher forte

#### Terceira Parte — A Grécia

I — Relação íntima entre a Índia, a Pérsia e a Grécia

II — Terra-Mãe — Deméter ou Ceres

III — Leveza dos deuses iônios — A força da família humana

IV — A invenção da Cidade

V — A educação — A criança — Hermes

VI — Apolo — Luz — Harmonia

VII — Hércules

VIII — Prometeu

#### Quarta Parte — O Egito

- I — A Morte
- II — Síria — Frígia — Enervação
- III — Baco — Sabas — Sua encarnação — O tirano
- IV — A encarnação de Sabas — A orgia militar
- V — O judeu — O escravo
- VI — O mundo feminino
- VII — O combate entre a mulher e o estoico, entre a lei e a graça
- VIII — O triunfo da mulher
- IX — O desfalecimento do mundo — A opressão da Idade Média

Conclusão  
Sobre o autor

PREFÁCIO

**J. MICHELET**

15 de outubro de 1864

A humanidade depõe sempre a sua alma numa Bíblia comum. Cada grande povo escreve nela o seu versículo.

Esses versículos são muito claros, mas diversos na forma, de um estilo extremamente livre — aqui em grandes poemas, ali em narrativas históricas, mais além em pirâmides, em estátuas. Às vezes um Deus, uma cidade, dizem mais do que os livros e, sem frases, exprimem a própria alma. Hércules é um versículo. Atenas é outro, tanto ou mais do que a *Ilíada*, e o elevado gênio da Grécia está todo na Palas Ateneia.

Acontece, muitas vezes, que é justamente o mais profundo que se deixa de escrever, a vida que se viveu, acionando, respirando. Quem cuida de dizer: “O meu coração bateu hoje?”. Eles agiram, esses heróis. A nós cumpre descrevê-los, encontrar a sua alma, o seu coração magnânimo, do qual todas as idades se nutrem.

Feliz idade a nossa! Pelo fio elétrico ela acorda a alma da Terra, unida no seu presente. Pelo fio histórico, e pela concordância dos tempos, dá-lhe o sentido de um passado fraternal e a alegria de saber que ela viveu do mesmo espírito!

Isso é muito recente, deste século já. Até agora, os meios faltavam. Esses meios aprazados (ciências, línguas, viagens, descobertas de todo o gênero) chegaram ao mesmo tempo. De repente, o impossível tornou-se fácil. Nós podemos penetrar o abismo do espaço e do tempo, os céus por detrás dos céus, as estrelas por detrás das estrelas. Por outro lado, de idade em idade, recuando sempre, a enorme Antiguidade do Egito nas suas dinastias, da Índia nos seus deuses e nas suas línguas sucessivas e sobrepostas.

E nessa amplificação, na qual poderíamos esperar topar com mais discordância, revelou-se uma harmonia cada vez maior. Os astros dessa alta

Antiguidade, cuja composição metálica o espectro solar acaba de nos revelar, parecem diferir pouco do nosso. As idades históricas às quais a linguística nos permitiu remontar diferem muito pouco dos tempos modernos nas grandes ações morais. No lar, principalmente, e nos afetos do coração, nas ideias elementares de trabalho, direito e justiça, a alta Antiguidade é igual a nós. A Índia primitiva dos Vedas e o Irã do Avesta, que se podem chamar a aurora do mundo, com as características tão fortes, simples e tocantes que deixaram da família, do trabalho criador, estão bem mais perto de nós do que a esterilidade, o ascetismo da Idade Média.

Nada de negativo neste livro. Ele não é senão o fio vivo, a trama universal urdida pelos nossos antepassados com o pensamento e o coração. Nós a continuamos, sem o saber, e a nossa alma nela residirá amanhã.

Não é, como se poderia julgar, história das religiões. Essa história não se pode já isolar e escrever à parte. Nós eliminamos inteiramente as classificações. O fio geral da vida que seguimos é tecido de vinte fios reunidos, que só se separam arrancando-os. Ao fio religioso misturam-se continuamente os do amor, da família, do direito, da arte e da indústria. A atividade moral compreende a religião e não está nela compreendida. A religião é *causa*, mas muito mais *efeito*. Ela é, muitas vezes, um quadro em que a verdadeira vida se representa. Frequentemente, é um veículo, um instrumento das energias nativas.

A fé faz o coração depois do próprio coração já ter feito a fé.

O meu livro nasce em pleno sol, entre os nossos parentes, os filhos da luz, os *arianos*, *indianos*, *persas* e *gregos*, dos quais os romanos, celtas e germanos foram os ramos inferiores.<sup>1</sup>

O seu alto gênio consistiu em terem sido os primeiros a criar os traços característicos das coisas essenciais e vitais para a humanidade.

A Índia primitiva dos Vedas dá-nos a *família*, com sua pureza natural e a incomparável nobreza que nenhuma idade ultrapassou.

A Pérsia é a lição do *trabalho heroico*, da grandeza, da força, da virtude criadora, que o nosso próprio tempo, tão poderoso, poderia invejar.

A Grécia, dentre as suas artes, teve a maior de todas, *a arte de fazer o homem*. Poder maravilhoso, enormemente fecundo, que origina e avilta o que se fez depois.

Se desde o princípio o homem não houvesse tido as suas três *causas da vida* (respiração, circulação e assimilação), com certeza não teria vivido. Se desde a Antiguidade não possuísse os seus grandes *órgãos sociais* (lar, trabalho e educação), não teria durado. A sociedade e o indivíduo se extinguiriam.

Portanto, os tipos naturais existiram desde cedo e com uma beleza maravilhosa e incomparável.

Pureza, força, luz e inocência.

Toda a infância. Mas nada maior.

Virgens, crianças, venham e soletrem afoitamente as Bíblias de luz. Tudo nelas é puríssimo.

O mais puro, o Avesta, um raio de sol. Homero, Ésquilo, com os grandes mitos heroicos, estão cheios de vida moça, verde seiva de março, azul brilhante de abril.

A alvorada está nos Vedas. No Ramayana (tirando-se cinco ou seis páginas de pobreza moderna), uma noite deliciosa, em que todas as infâncias, as maternidades da natureza, espíritos, flores, amores, animais brincam juntos e encantam o coração.

À trindade de luz, muito naturalmente em Mênfis, em Cartago, em Tiro e na Judeia, opôs-se, num contraste, o gênio sombrio do Sul. O Egito, nos seus monumentos, e a Judeia, nas suas escrituras, depositaram as suas Bíblias, tenebrosas e de efeito profundo.

Os filhos da luz tinham aberto e fecundado imensamente a vida. Mas estes entraram na morte. A morte e o amor, associados, fermentaram-se profundamente nos cultos da Síria, que se espalharam por toda parte.

Esse grupo de nações é, sem dúvida alguma, o lado secundário, a parcela menor do gênero humano. Grande é a sua parte, no entanto, por conta do comércio e da escritura, de Cartago e Fenícia, da conquista árabe e dessa outra singular conquista que a Bíblia judaica fez em tantas nações.

Esse monumento precioso, no qual por tanto tempo o gênero humano procurou a sua vida religiosa, é admirável para a história, e nada menos para a edificação. Nele se tem conservado com grande razão o traço tão diverso de tantas idades e situações, das ideias mutáveis que o inspiraram. Ele tem um ar dogmático, mas não o pode ser, de tão incoerente que é. O princípio religioso e moral oscila ali infinitamente, dos Elohim a Jeová. O fatalismo da queda, a santificação arbitrária etc. que lá se encontram estão em desacordo violento com os belos capítulos de Jeremias, de Ezequiel, que promulgam o Direito como nós hoje o compreendemos. No detalhe moral, a mesma dissonância. De fato, o grande coração de Isaías está infinitamente longe das habilidades equívocas e da pequena pendência dos livros chamados de Salomão. Sobre a poligamia, acerca da escravidão etc. a Bíblia é forte, mas a favor e contra.

A variedade desse livro e a sua elasticidade foram muito úteis, todavia, quando o pai de família (severo Israelita, honesto e firme Protestante) lia fragmentos escolhidos, interpretando-os para os seus, penetrando-os de um hausto que não está no livro. Esse texto, quem ousaria pô-lo nas mãos de uma criança? Que mulher confessaria tê-lo lido sem baixar os olhos? A impureza ingênua da Síria oferece-nos com frequência a sensibilidade refinada, calculada, saborosa, de espíritos sombrios e sutis que tudo penetram.

No dia em que as nossas Bíblias afins vieram à luz, notou-se melhor o quanto a Bíblia judaica pertence à outra raça. Ela é sem dúvida, e sempre o será, grande — mas tenebrosa e cheia de equívocos escabrosos —, bela e pouco segura, como a noite.

Jerusalém não pode continuar sendo centro, como nos antigos mapas — imensa, entre a Europa imperceptível e a pequena Ásia, apagando todo o gênero humano.

A humanidade não pode se conservar para sempre nessa paisagem de cinzas, a admirar as árvores “que talvez outrora lá existissem”. Ela não pode ficar como o camelo sequioso que, após uma noite de marcha, leva-se à torrente que secou. “Bebe, camelo, que isto foi uma torrente... Se tu queres um mar, muito perto fica o Mar Morto, a pastagem das suas margens, o sal e o calhau.”

Vindo das sombras imensas da Índia e do Ramayana, vindo da Árvore da Vida, onde o Avesta, o Shah Nameh, ofereciam-me quatro rios, as águas do Paraíso — aqui, confesso, tenho sede. Aprecio o deserto, aprecio o Nazareno e os pequenos lagos da Galileia. Mas, francamente, tenho sede... Bebê-los-ia num trago.

Deixai antes, deixai que a humanidade livre na sua grandeza vá por toda parte. Que ela beba onde beberam os nossos primeiros pais. Com os seus enormes trabalhos, a sua tarefa prolongada em todos os sentidos, com as necessidades de Titã, é-lhes preciso muito ar, muita água, muito céu — não, o céu todo! —, o espaço, a luz, o horizonte infinito — a Terra pela Terra prometida, e o mundo por Jerusalém.

## Nota

<sup>1</sup> Este livro é infinitamente simples. Um primeiro ensaio neste gênero deveria conter só o que há de mais claro, deixando de lado: 1º) os ensaios da vida selvagem; 2º) o mundo excêntrico (chineses etc.); 3º) o mundo que pouco nos legou e cuja idade é ainda hoje discutida (celtas etc.); 4º) ele teve principalmente de pôr de lado, mesmo nas sociedades luminosas, a alta abstração, que nunca foi popular. Fala-se muito dos filósofos. Os seus livros, mesmo na Grécia, eram pouco lidos. Muito justamente, Aristóteles riu da tolice de Alexandre, que se lastimava que a *Metafísica* estivesse *publicada!* Ela ficou como inédita e foi por muito tempo esquecida.

PRIMEIRA PARTE  
A Índia

# I O RAMAYANA

O ano de 1863 ficará querido e abençoado para mim. Foi nele que eu pude ler pela primeira vez o grande poema sagrado da Índia, o divino Ramayana.

“Quando se cantou esse poema, o próprio Brama ficou encantado. Os deuses, os gênios, todos os seres, desde as aves até as serpentes, os homens e os santos exclamaram: ‘Oh! Doce poema, que desejaríamos ouvir constantemente! Oh! Delicioso canto!... Como ele compreendeu a natureza! Essa longa história vê-se. Ela revive aos nossos olhos...’

“Feliz o que lê esse livro! Feliz, ainda, o que só o leu até o meio!... Ele dá sabedoria ao brâmane, coragem ao chátia e riqueza ao negociante. Se por acaso um escravo o ouve, fica enobrecido. Quem lê o Ramayana está livre dos seus pecados.”

E esta última afirmação não é vã. O nosso pecado de sempre, esse detrito, o fermento amargo que o tempo traz, arrasta-o esse grande rio da poesia, que nos purifica. Quem tiver o coração seco que o embeba no Ramayana. Quem sofrer e chorar que nele busque o alívio doce, as compaixões da natureza. Quem muito trabalhou, muito ambicionou, que dessa taça profunda beba um longo trago de vida, de mocidade.

Não se pode trabalhar sempre. É preciso em cada ano respirar, tomar fôlego, refazer-nos nas grandes fontes vivas, que guardam a eterna frescura. Onde a achar senão no berço da nossa raça, nos píncaros sagrados de onde descem, aqui, o Indo e o Ganges, além, as torrentes da Pérsia, os rios do paraíso? Tudo é pequeno no Ocidente. A Grécia é pequena: eu abafo. A Judeia é seca: eu arquejo. Deixem-me olhar um pouco para o alto da Ásia, para o profundo Oriente. Tenho lá o meu poema imenso, vasto como o Oceano Índico, bendito, cheio de sol, livro de clara e divina harmonia. Aí reina uma paz amena, e até no meio dos combates uma doçura infinita, uma fraternidade sem limites, que se estende a tudo o que vive, um oceano (sem

fundo nem margens) de amor, de piedade, de clemência. Encontrei o que procurava: a Bíblia da bondade.

Recebe-me, pois, grande poema!... Que eu mergulhe em ti!... É o mar de leite.

Foi bem tarde, ainda há pouco, que se pôde ler o livro inteiro. Até então julgavam-no pelo fragmento isolado, por tal episódio interpelado e precisamente contrário ao espírito geral do livro. Agora que ele apareceu em toda a sua verdade, em toda a sua grandeza, é fácil de ver que, quem quer que seja o último redator, é a obra comum da Índia, continuando em todas as suas idades. Durante dois mil anos, talvez, cantou-se o Ramayana nos diversos cantos e narrativas que preparavam a epopeia. Depois, há dois mil anos quase, foi representado em dramas populares nas grandes festas.

Não é só um poema, é uma espécie de Bíblia que contém, com as tradições sagradas, a natureza, a sociedade, as artes, a paisagem indiana, os vegetais, os animais, as transfigurações do ano no singular espetáculo das suas diferentes estações. Não se pode julgar tal livro da maneira como o faríamos com a *Ilíada*. Ele não sofreu as depurações, as correções que os poemas homéricos receberam do mais crítico dos povos: não teve os seus Aristarcos. Ele permanece tal como os tempos o fizeram. Vê-se isso pelas repetições que contém: certos motivos aparecem lá duas, três vezes ou mais. Vê-se pelas adições evidentemente sucessivas que sofreu. Aqui, coisas antigas e da antiguidade primitiva, que datam do berço da Índia; ali, outras relativamente modernas, de suave delicadeza e de fina melodia que se diria italiana.

Tudo isso sem estar ordenado com a destreza da indústria ocidental. Não, eles não se deram a trabalho tão mesquinho. Fiam-se na unidade que essa diversidade recebe de uma vaga harmonia em que as nuances, as cores, os próprios tons contrários se casam. É como a floresta, a montanha de que o próprio poema fala. Sob as árvores gigantescas, uma vida exuberante criada pelas árvores secundárias e não sei quantas ordens de arbustos, de plantas humildes, que esses bons gigantes toleram, e sobre os quais do alto entornam uma chuva de flores. E esses grandes anfiteatros vegetais são povoadíssimos. No alto, pairam ou voam as aves de cem cores, e nos ramos intermediários balançam-se os macacos. Às vezes, descobre-se a gazela passando, de perfil fino. Será todo esse conjunto um caos? De forma alguma. As diversidades

concordantes revestem-se de um mútuo encanto. De noite, quando o sol mergulha no Ganges a sua luz cegante e opressiva, quando os ruídos da vida se apaziguam, a extremidade da floresta deixa entrever todo esse mundo, tão diverso e tão unido, na paz da união dulcíssima em que tudo ama e canta uma melodia comum. É o Ramayana.

Tal é a primeira impressão. Nada mais grandioso, nada mais doce. Um raio delicioso da Bondade *penetrante*<sup>2</sup> doura, ilumina o poema. Todos os seus personagens são amáveis, ternos e (nas partes modernas) de uma feminina santidade. Tudo é amor, amizade, cordialidade recíproca, oração aos deuses, respeito aos brâmanes, aos santos, aos anacoretas. Sobre este último ponto, principalmente, o poema é inesgotável. Todo ele, à superfície, é colorido com uma tinta admiravelmente bramânica. Os nossos indianistas, impressionados com esse fato, julgaram que seu autor ou autores eram brâmanes, como o foram certamente os do outro grande poema da Índia, o Mahabharata. Por uma inadvertência estranha, nenhum deles viu que, no fundo, os dois poemas revelavam entre si uma perfeita antítese e um contraste completo.

Olhai essa montanha enorme carregada de florestas. Nada vedes nela, pois não é assim? Contemplai esse ponto azul nos mares, onde a água parece tão profunda. “Desejaria fazê-lo, mas também nada vejo.”

Pois bem! Eu vos declaro que nesse ponto do oceano, a cem mil braças talvez, existe uma pérola tão estranha que através da água eu vejo o seu doce clarão. E sob essa acumulação monstruosa da montanha um olho estranho cintila, alguma coisa misteriosa, que, se não fosse a doçura singular que a acompanha, julgaríamos um diamante em que fulgisse um relâmpago.

Isso é a alma da Índia, alma secreta e oculta, e nessa alma há um talismã que a própria Índia não pode ver. Se ousásseis interrogá-lo, não obteríeis por resposta senão um sorriso silencioso.

É necessário que eu fale em seu lugar. Mas eu devo preparar, primeiro, o meu leitor ocidental, tão afastado de tudo isso. Não poderei me fazer compreender se não explicar primeiro como a Índia, descoberta no fim do século passado, conhecida pelo seu culto antigo e pelas suas artes esquecidas, deixou, enfim, surpreender o tesouro dos livros secretos que eram proibidos

de ser lidos, que davam, simples e nus, o seu pensamento primitivo e por ele iluminavam profundamente toda a sua evolução ulterior.

## **Nota**

<sup>2</sup> É o significado da palavra *Vishnu*.

## COMO SE ACHOU A ÍNDIA ANTIGA

A glória do último século foi a descoberta da moralidade da Ásia, da santidade do Oriente, por muito tempo negada e ofuscada. Durante dois mil anos, a Europa blasfemou contra a sua velha mãe, e metade do gênero humano maldisse e desdenhou a outra metade.

Para tornar a trazer à luz esse mundo, enterrado há tempos no erro e na calúnia, era preciso não pedir um parecer aos seus inimigos, mas consultá-lo a ele próprio, integrar-se nele, estudar os seus livros e as suas leis.

Nessa hora memorável, a crítica aventurava-se pela primeira vez a duvidar de que toda a sabedoria do homem pertencesse unicamente à Europa e reclamava uma parte dela para a fecunda e venerável Ásia. Essa dúvida traduziu a fé no grande parentesco humano, na unidade da alma e da razão, idêntica sempre, através das múltiplas transformações dos costumes e dos tempos.

Discutia-se. Um moço encarregou-se de verificar. Anquetil-Duperron (chamava-se assim) tinha pouco mais de vinte anos e estudava na biblioteca as línguas orientais. Era pobre e não possuía recursos que lhe permitissem fazer a longa e custosa viagem da qual até ingleses ricos tinham desistido. Prometeu a si mesmo que iria, que triunfaria, que traria e tornaria claros e legíveis os livros primitivos da Pérsia e da Índia. Jurou fazê-lo e, se bem jurou, melhor o cumpriu.

Um ministro a quem o recomendaram apreciou o seu projeto e prometeu auxiliá-lo, mas foi sempre adiando o cumprimento da promessa. Anquetil, porém, só em si mesmo confiou. Procedia-se ao alistamento de recrutas para a Companhia das Índias: alistou-se como soldado. Em 7 de novembro de 1754 o mancebo partiu de Paris atrás de um velho sargento, de um tambor e de meia dúzia de recrutas. É preciso ler o seu primeiro livro para conhecer a estranha ilíada de tudo o que sofreu, afrontou e venceu. Então, a Índia, partilhada por trinta nações asiáticas e europeias, não era de

maneira alguma a Índia fácil e acessível que mais tarde Jacquemont encontrou sob a administração inglesa. Um passo a dar era um obstáculo a transpor. Ele achava-se ainda a quatrocentas léguas da cidade onde esperava encontrar os livros e os intérpretes quando todos os meios de avançar se esgotaram. Informaram-no de que todo o país se compunha de grandes florestas, cheias de tigres e de elefantes selvagens. Seguiu. Por vezes, os seus guias, cheios de terror, fugiam, abandonando-o. Continuava sempre. E a recompensa não se fez esperar. Os tigres afastam-se, os elefantes respeitam-no e o deixam passar. Ele passa, atravessa as florestas e chega — esse vencedor dos monstros.

Se, porém, os tigres o respeitavam, as doenças não deixaram de o atacar. E menos ainda as mulheres, conjuradas contra um herói de vinte anos que, além da alma heroica, possuía uma figura encantadora. As crioulas europeias, as bailadeiras, as sultanas, toda essa Ásia luxuriosa esforça-se por desviar o seu impulso para a luz. Dos seus terraços, elas fazem-lhe sinais, convidam-no, chamam-no. Ele fecha os olhos e avança.

A sua bailadeira, a sua sultana é o velho livro indecifrável. Para o entender, é-lhe necessário conquistar, seduzir os parses, que querem enganá-lo. Por um período de dez anos, ele persegue-os, tira deles tudo que sabem. O que sabem é pouco. E então é ele que esclarece, acabando por ensiná-los. O Zend-Avesta é traduzido por um excerto dos Vedas indianos.

Sabe-se com quanta glória esse movimento continuou. Os sábios aprofundaram o que o herói tinha entrevisto. Todo o Oriente revelou-se. Enquanto Volney e Sacy abrem a Síria, a Arábia, Champollion ataca a esfinge, o misterioso Egito, explicando-o pelas suas inscrições, mostrando um império civilizado sessenta séculos antes de Jesus Cristo. Eugène Burnouf estabelece o parentesco dos dois antepassados da Ásia, dos dois ramos dos arianos — o indo-persa da Bactriana. Os parses, do fundo do Industão, aprendizes do Collège de France, contra o anglicano disputador, citaram o mago do Ocidente.

Então, do fundo da terra, viu-se surgir um colosso, quinhentas vezes mais alto do que as pirâmides, monumento tão vivo quanto elas são mortas e mudas — a gigantesca flor da Índia, o divino Ramayana.<sup>3</sup>

Seguiu-se-lhe o Mahabharata, a enciclopédia poética dos brâmanes, as traduções depuradas dos livros de Zoroastro, a soberba história heroica da Pérsia, o Shah Nameh.

Sabia-se que, por detrás da Pérsia, por detrás da Índia bramânica, existia um monumento de uma longínqua e recuada Antiguidade, da primeira idade pastoral que precede os tempos agrícolas. Esse livro, o Rigveda, uma compilação de hinos e orações, permite acompanhar esses pastores nos seus arrebatamentos religiosos, no primeiro voo do pensamento humano para o céu e para a luz. Roseu, em 1833, publicou um exemplar dele. Desde esse momento pôde-se lê-lo em sânscrito, em alemão, em inglês e em francês. Nesse ano, 1863, um forte e profundo crítico (e ainda um Burnouf) explicou o seu verdadeiro sentido, revelou a sua imensa significação.

Veio-nos de tudo isso um grande resultado moral. Viu-se o perfeito acordo da Ásia com a Europa, o dos recuados tempos com a nossa idade moderna. Viu-se que em todos os tempos o homem pensou, sentiu, amou da mesma maneira — portanto, uma só humanidade, um só coração, e não dois. A grande harmonia, através do espaço e do tempo, encontra-se restabelecida para sempre. Silenciada está a dementada ironia dos céticos, dos doutores da dúvida, que diziam que a verdade varia segundo as latitudes. A fraca voz da sofística expira no concerto imenso da fraternidade humana.

## Nota

<sup>3</sup> Não cabe, de maneira alguma, a um ignorante como eu talhar o quinhão que pertence à França, à Inglaterra e à Alemanha nessas descobertas, dizer a glória que toca aos fundadores do indianismo, às escolas de Paris, Calcutá, Londres, a William Jones, a Colebrooke, a Wilson, a Müller, a Lassen, a Schlegel, a Chery, aos três Burnouf etc. etc. Outros o disseram e outros o dirão melhor do que eu.

### III

## A ARTE INDIANA

Por maior que seja o esforço que os ingleses façam, em atenção à Bíblia judaica, para remoçar a Bíblia indiana, é impossível deixar de reconhecer que a Índia primitiva, no seu berço originário, foi a mãe do mundo, a principal e dominante fonte das raças, das ideias e das línguas para Grécia e Roma, para a Europa moderna; e que o movimento semítico, influência judeu-árabe, embora muito considerável, é, no entanto, secundário.

Porém, aqueles que eram forçados a colocar tão alto a Índia antiga afirmavam que ela estava morta, soterrada para todo o sempre (como o Egito com suas pirâmides) nas grutas de Elefantina, nos Vedas, no Ramayana. Abstraíam, assim, de um povo (ou melhor, de uma Europa) de 180 milhões de almas. E diziam: refugo velho de um mundo acabado. Tudo concorria para fazer crer que a alma indiana estava extinta: o pesado orgulho dos seus dominadores, que não viam nela mais do que um vasto campo para explorar; as injúrias idênticas dos protestantes e dos católicos; e, por fim, a indiferença e a frivolidade da Europa. Não estava a própria raça esgotada, exausta? O hindu, um homem tão fraco, com a sua mão delicada de mulher, que era ele em face do homem vermelho (que vem da Europa bem alimentado, duplicando a força da raça por essa embriaguez em que vivem, constantemente alimentando-se de carne e de sangue)?

Os próprios ingleses não se esquivam de confessar que mataram a Índia. O sábio e humano H. Russell assim julgou e escreveu. Eles sobrecarregaram os seus produtos<sup>4</sup> com direitos proibitivos e desanimaram o quanto puderam a arte indiana. Se ela subsiste, deve-se à grande aceitação e à procura que tem entre os orientais, principalmente nos mercados mais humanos de Java e de Baçorá.

Foi uma enorme surpresa para os próprios admiradores da Índia quando, em 1851, desembarcaram e surgiram essas inesperadas maravilhas; quando um inglês consciencioso, Royle, exibiu e explicou toda essa magia do

Oriente. O júri, não tendo o que apreciar senão “os progressos realizados em quinze anos”, não tinha prêmio para conceder a uma arte eterna, estranha a todas as modas, mais antiga e mais nova do que as nossas (envelhecidas ao nascer). Reaparecendo em face dos tecidos ingleses, a antiga musselina indiana eclipsou tudo. A Companhia, para ter uma amostra na exposição, criou um prêmio (bem módico) de 62 francos. Ganhou-o o tecelão Hubioula, artífice de Golconda. A sua peça passava por um anel pequeno e era tão leve que teriam sido precisos trezentos pés dela para pesar dois arratéis. Verdadeira nuvem, como aquele tecido com que Bernardin de Saint-Pierre vestiu a sua Virgínia, como aqueles em que Aurangzeb envolveu a sua filha querida para sepultá-la no monumento de mármore branco que se admira em Aurangabad.

A despeito do meritório esforço de Royle, e mesmo dos franceses, que se queixavam por ser mais bem tratados que os orientais, a Inglaterra não deu como recompensa a esses pobres súditos indianos mais do que palavras: “Pelo encanto da invenção, a beleza, a distinção, a variedade, a mistura, a feliz harmonia das cores, nada de comparável! Que lição para os fabricantes da Europa!”.<sup>5</sup>

A arte oriental é ao mesmo tempo a mais brilhante e a mais barata. A modicidade da mão de obra é excessiva, para não dizer deplorável. O operário ali vive de nada; basta-lhe para cada dia uma mão cheia de arroz. Tem, além disso, a grande doçura do chinês, o ar e a luz admiráveis, alimento etéreo que se recebe pelos olhos. Uma singular sobriedade e um meio harmônico tornam todos os seres delicados. Os sentidos desenvolvem-se, afirmam-se. Vê-se isso no próprio animal, especialmente no elefante. Com uma massa que parece disforme, com o seu invólucro grosseiro, é um amante, sensual, amigo dos perfumes, escolhendo perfeitamente as ervas cheirosas, preferindo a laranjeira. Se vê uma, cheira-lhe e come-lhe as flores, em seguida as folhas, por último a madeira. No homem, a vista e o tato adquirem uma extrema acuidade. A natureza o faz colorista e com um singular privilégio: ele é de tal maneira seu filho, vive de tal forma dentro dela que ela gostosamente lhe consente tudo: associa os tons mais violentos e o efeito resulta muito doce; nuanças pálidas, e o efeito não é insosso, mas, pelo contrário, amável e tocante.

O céu faz tudo por eles. Todos os dias, um quarto de hora depois do nascer do sol, um quarto de hora depois do seu desaparecimento, eles têm a

sua graça soberana, a perfeitíssima visão da luz. Ela é divina então, com transfigurações singulares e íntimas revelações, glórias e ternuras, em que a alma se afoga, perdida no oceano sem limites da misteriosa Amizade.<sup>6</sup>

É nessa doçura infinita que a criatura humilde, fraca, tão mal alimentada e de miserável aspecto vê e concebe a maravilha do xale indiano. Assim como o profundo poeta Valmiki no côncavo da mão viu coligido todo o seu poema, o Ramayana — esse poeta da tecelagem prevê — começa piedosamente o grande trabalho que, às vezes, leva um século a realizar. Não será ele quem o acabará; mas o seu filho e o seu neto continuá-lo-ão com o mesmo enlevo da alma, alma piedosa, hereditária, idêntica, e com aquela mão tão delicada, tão fina, que obedece a todos os seus pensamentos.

Aquela mão é única na manufatura das joias,<sup>7</sup> estranhas e deliciosas, na ornamentação fantástica do mobiliário e das armas. Os derradeiros príncipes indianos enviaram nobremente a essa exposição as suas próprias armas, coisas tão pessoais, tão queridas, que haviam pertencido a seus avós e das quais nunca se separaram. Eram coisas? Não, quase pessoas, porque a alma antiga reside nelas, tanto a do artista que as fez, quanto a dos príncipes (tão grandes outrora) que as usavam. Um desses rajás enviou ainda coisa mais preciosa: um leito de marfim, assinado por ele (é sua própria obra?), esculpido e cinzelado com uma delicadeza infinita, móvel encantador, de aspecto virginal, cheio de amor e, dir-se-ia também, cheio de sonhos.

E essas coisas de luxo, obras de artistas raros, revelam menos o gênio da raça do que a prática geral das artes que se têm por inferiores e de simples ofícios. Ela vinca-se, especialmente, na forma simples pela qual eles executam sem custo, sem ruído, coisas que se nos afiguram difícilimas. Um só homem, na floresta, com um pouco de argila para um cadinho, com duas simples folhas fortes e elásticas, como eles as têm, por fole, fabrica o ferro, com o mineral, em breves horas. Depois, se o *asclepias gigantea* abunda, desse ferro faz o aço, que, levado pelas caravanas para oeste até o Eufrates, vem a chamar-se o aço de Damasco.

Da mesma forma, notou-se a singular adivinhação química que os fez não só encontrar e extrair as cores mais vivas, mas também a gama correspondente de *mordentes*, que fixam e tornam essas cores eternas. Notou-se que o instinto, que faz com que a fiandeira indiana resolva os problemas mais complicados<sup>8</sup> de mecânica, permite-lhe obter um fio de incrível

delicadeza sem uma máquina, senão com uma fina agulha e sua mão delicada.

Alguém disse: “Em vez de tomar, de encomendar em Caxemira horríveis desenhos de xales barrocos que estragarão o gosto indiano, mandemos para lá os nossos desenhistas. Que eles vejam essa natureza deslumbrante, que eles se embebam na luz da Índia” etc. Mas será igualmente necessário apreender-lhe a alma, a profunda harmonia. Entre a extrema doçura dessa alma paciente e a doçura da natureza, a harmonia estabelece-se de tal forma que *ele* e *ela* dificilmente se distinguem um do outro. Não é, como se poderá supor, um simples efeito de quietação. É também, e sobretudo, a faculdade particular dessa raça de ver a vida no fundo dos seres, a alma através dos corpos. A erva não é apenas uma erva, nem a árvore apenas uma árvore; é por toda parte a divina circulação do espírito.

O animal não é simplesmente o animal; é uma alma, que foi ou será homem. Só essa fé nos pode explicar os prodígios que eles obtêm numa arte, outrora a primeira, e a mais necessária às antigas idades: a domesticação, a *humanização* de servos úteis, sem os quais não teria sido possível viver. Sem o cão, sem o elefante, o homem com certeza não teria podido defender-se contra o leão e o tigre. Os livros da Pérsia e da Índia recordam agradecidamente que o cão foi primitivamente o salvador da humanidade. Lavrou-se o tratado de amizade com o cão de então, enorme e colossal, que podia estrangular o leão. A recompensa vê-se no Mahabharata, em que o herói recusa o céu, o paraíso, se lá não entrar com o seu cão.

Na baixa Índia, com os climas ardentes, onde o cão tinha menos força, onde, além disso, ele se acovarda e foge diante do tigre, o homem ousou reclamar a proteção do elefante. Aliança bem mais difícil essa. O elefante torna-se manso, mas quando novo é brutal, colérico e caprichoso; nas suas brincadeiras, na sua voracidade, sem o querer, é terrível. Um amigo como esse, então, não aterrava menos do que o inimigo. Não se julgava possível domar, conter pela força, esse monte vivo. Quando se pensa que para o cavalo, comparativamente tão pequeno, é preciso um freio de aço, esporas de aço, rédeas fortes, como se poderá julgar possível conduzir esse colosso?

Nada mais belo, mais grandioso para a Índia: a vitória foi toda do espírito. Acreditaram, disseram ao elefante que ele tinha sido homem, um brâmane, um sábio, e ele se sensibilizou e se portou como tal. É o que ainda agora se vê. Ele tem dois servos encarregados de adverti-lo acerca dos seus

deveres, de chamá-lo (caso se desvie) à estrada da conveniência, da gravidade bramânica. Sobre o seu pescoço, o cornaca que o dirige e lhe coça a orelha governa-o principalmente pela palavra e pelo ensino. E o outro moço, de pé, caminhando ao seu lado, com uma voz protetora, mas com igual desvelo e respeito, faz-lhe também a sua lição.

Fala-se no nosso tempo muito superficialmente de tudo isso.<sup>9</sup> Deprime-se muito o elefante e sem dúvida ele perdeu muito desde então. Ele conheceu a servidão, conheceu o poder do homem. Portanto, era indiscutivelmente bem mais altivo, indomável. Ensiná-lo de tal forma, amaciá-lo, montá-lo, foi um verdadeiro prodígio de audácia e também de doçura, de afeto, de fé sincera. O que lhe diziam, pensavam-no. Não cuidavam de forma alguma de enganá-lo com esse tratado. Havia o respeito pela alma dos vivos, falando à alma dos mortos. Estes, os pitris (ou os manes), não existiam sob aquela forma imponente e muda?

Os que de manhã, à hora em que o tigre abandona a sua emboscada noturna, viam-no sair das grandes florestas e, majestoso, venerável, vir beber a água do Ganges avermelhada pela aurora, acreditavam não sem verossimilhança que também ele a saudava, impregnava-se de Vishnu, o *Penetrante*, o bom sol, remergulhava-se na grande Alma e encarnava-se num raio seu.

## Notas

<sup>4</sup> A produção do algodão, que a necessidade força agora (1863) a estimular na Índia, não será mais proveitosa aos nativos do que a do ópio ou a do índigo, cuja cultura obrigada faz o desespero de Bengala. Alguns administradores ingleses têm confessado este último abuso.

<sup>5</sup> *Report of the Juries*, II, 1858. Isso foi repetido largamente pelos membros franceses do júri, Delaborde, Charles Dupin e muito especialmente por Adalbert de Beaumont, *Revue des Deux Mondes*, 15 out. 1861, XXXV, 924.

<sup>6</sup> No seu Rigveda, o *Amigo*, Mitra, designa precisamente não o sol, mas essa claridade que o precede ou que se lhe segue.

<sup>7</sup> “A joia deles não é o enfeite sem motivo, a insignificante frivolidade da filigrana genovesa ou parisiense... A sua escultura tão leve, aérea, renda de mármore (como um monumento de Abas etc.), longe de procurar os efeitos pelo exagero dos relevos, pelos contrastes violentos de luz e sombra, não permitem que a nossa atenção se concentre sobre um ponto único; fazem com que a vista se espalhe por toda a obra, como se um véu a cobrisse toda.”

<sup>8</sup> Charles Dupin, *Expos. De 1851*, I, 462.

<sup>9</sup> E, todavia, que dizer do elefante de que nos fala Fouché d’Obsonville? Esse viajante judicioso, muito frio e muito afastado de tendências romanescas, viu na Índia um elefante que, tendo sido ferido na guerra, ia todos os dias tratar da sua ferida ao hospital. Ora, adivinhei qual era esse curativo? Uma queimadura... Nesse clima perigoso em que tudo se corrompe, é-se muitas vezes obrigado a cauterizar as chagas. Ele suportava esse tratamento, ia-o procurar todos os dias, não tinha ódio às cirurgias que lhe impunham uma dor tão viva. Gemia, nada mais. Evidentemente, compreendia que não desejavam senão o seu bem, que o seu algoz era seu amigo, que essa crueldade necessária tinha por objetivo a sua cura.

IV

## A FAMÍLIA INDIANA PRIMITIVA O PRIMEIRO CULTO

Nós vivemos da luz e o nosso legítimo antepassado é o povo da luz, os arianos, que, de um lado pela Índia e do outro pela Pérsia, Grécia e Roma, deixou nas ideias, nas línguas, nas artes, nos deuses a sua marca deslumbrante como uma longa esteira de estrelas. Feliz e fecundo gênio, que nada conseguiu apagar; que guia ainda o mundo com as claridades da sua via láctea.

Início simplicíssimo, sem nada de maravilhoso. Nenhum milagre que não seja uma singular precocidade de doçura e de bom senso. E necessário era que assim fosse para começar toda a história. Quem imaginou o homem debutando pelo absurdo, pela inspiração louca, não se lembrou de que, se assim tivesse sido, teria, nesses tempos de esmagadoras realidades, desaparecido. Não, ele viveu pela sua prudência e seu bom senso.

Que vemos nós na gênese venerável dos arianos, nos hinos do seu Rigveda, que foi incontestavelmente o primeiro monumento do mundo?<sup>10</sup>

Duas pessoas — o homem e a mulher —, unidas por um impulso comum, bendizem a luz, cantam juntas um hino a Agni (*ignis*, o fogo).

Bendita seja a luz do dia nascente, a desejada aurora que dissipa as inquietações, que põe fim aos terrores da noite.

Bendito seja o lar, por Agni, o bom companheiro que o torna alegre no inverno, fazendo sorrir a casa; Agni, o criador; Agni, a doce testemunha da vida íntima.

Gratidão justíssima. Se não fosse o fogo, que teria sido a vida nesses tempos? Quão miserável, nua, incerta! Sem o fogo, nada; com ele, tudo. De noite, faz fugir os animais selvagens, os vagabundos das trevas. A hiena e o chacal não gostam do seu clarão; o próprio leão se afasta, bramindo. Os clarões da manhã, a resplandecente aurora faz fugir esses sinistros míopes, que têm horror ao sol.

Nas nossas cidades bem iluminadas, nas nossas casas fechadas e protegidas, nós não temos o sentimento nítido dessa situação. Quem, porém, durante alguma viagem não passou uma noite em qualquer lugar suspeito, em qualquer casa solitária de alguma região mal-afamada? O mais corajoso confessará, se for honesto, que a manhã lhe demorava a chegar. E era uma coisa bem mais grave, então; o homem não tinha outra arma que não fosse a clava ou, quando muito, a grossa e curta espada que vemos nos monumentos assírios. Era de muito perto, face a face, que era preciso apunhalar o leão. Estes abundavam nesse tempo, e até nos países de frio inverno, como a Grécia, e ainda mais na Bactriana e na Sogdiana, onde viviam os arianos. Raro hoje nessas regiões, o gato monstruoso (leão ou tigre) diminuiu de corpulência, como o seu inimigo, o cão.

Guardada por um cão terrível, na casa bem ou mal fechada, a família — homens e animais — ouvia, às vezes, de noite, os temíveis miaus do grande gato. Sobressaltada, a vaca já não se conservava quieta; o jumento do Oriente, tão fino, levantava a orelha, perscrutando o ruído. Era este que o homem contemplava, consultava principalmente. Era ele o primeiro (conta o Rigveda) que, sentindo que o leão partira, farejava a manhã, anunciava a aurora. Então, afoitavam-se a sair; à frente, o cão gigantesco, amado e acariciado, depois o homem com os rebanhos, a mulher e os filhos pequenos. Felizes todos, homens e animais, e também as plantas, reverdecidas. O passarinho, levantando a cabeça de sob a asa, preludiava sobre o ramo da árvore, parecia encantado com o viver. Juntavam-se-lhe para abençoar a luz; cantava-se enternecidamente: “Obrigado! Mais um dia!”.

E nós outros, seus filhos longínquos, depois de milhares de anos volvidos, não ficamos menos enternecidos, hoje, ao ler essas veneráveis *infâncias* do gênero humano, esses tocantes pensamentos em que eles confessam simplesmente, ingenuamente, os seus fundados terrores, a sua natural alegria, os seus sentimentos de gratidão. “A inquietação tomou-me”, diz o homem, “como o lobo salta ao pescoço do veado sedento que vem beber. Vem, pois, ó luz!, e dá forma às coisas. Ilumina a amarelidão sinistra que eu vejo lá embaixo”. E acrescenta estas palavras penetrantes: “Só as auroras nos tornam o olhar lúcido” (*Aurorae fecerunt mentes conscias*).<sup>11</sup>

A religião do fogo não poderia nunca ter nascido no Sul; nasceu no Norte. Não se pode duvidar de que assim foi quando se vê o homem, nos votos por uma longa vida, desejar “cem invernos”. Sente-se bem o clima

severo dos elevados planaltos da Ásia nas ternuras, nas carícias que se prodigalizam ao fogo, ao bom amigo, Agni. Fala-se também de uma maneira sentida da fina ovelha do Candar, de lã quente e delicada. Nos hinos do casamento, em que a mulher escolhe o esposo, fazem-lhe dizer com uma fraca e voluptuosa inocência: “Sou fraca, e vou para ti. Sê bom para a minha fraqueza. Eu serei sempre *Roma Sá*, a doce ovelha de Gandara, a sedosa ovelha com que aqueceste a tua casa”.<sup>12</sup>

Nesse mundo pastoril, a mulher não tem a vida escrava que ela leva no da caça e da guerra. Ela é tão necessária às pequenas indústrias de então que é considerada absolutamente igual ao homem, e é até designada pelo seu verdadeiro nome, a *dam*, ou a dona da casa. Essa palavra, *dam*<sup>\*</sup>, bem mais antiga que o sânscrito bramânico, é-o até mais do que o sânscrito védico, que a recebeu de uma língua hoje perdida.

Mas eis o mais importante: no belíssimo ritual do casamento, ao terminar, especifica-se o alto privilégio da mulher (só próprio da mulher do Norte, que guarda até tarde as suas energias): “Possa ela ter dez filhos... *e seja o seu marido o undécimo!*”. Frase admirável e de significação imensa, que um vivo movimento de alegria tira do coração profético. Tal é o fim (dissemo-lo noutra parte): que a mulher, primeiro filha do seu marido, mais tarde sua irmã, seja por fim sua mãe.

Quando, muito tempo volvido, tombamos na baixa Índia, a mulher, casada aos oito anos, aos dez não será senão uma criancinha que o marido deve formar. Então, por uma triste mudança, o ajudante do sacrifício será um moço anacoreta, um noviço, um discípulo. Mas aqui, na vida primitiva da alta Ásia, onde a mulher é uma pessoa, onde ela<sup>13</sup> se casa só quando já é grande e racional, é ela a *dam* da casa, que ajuda no culto e que, pelo menos tanto quanto o homem, toma parte no pontificado. Ela conhece Agni “nas suas três formas, nas suas três línguas, nos seus três alimentos”. Ela conhece o madeiro macho e fêmea que será o seu pai e a sua mãe. Ela faz a manteiga e o soma,<sup>14</sup> o líquido-espírito, de que tanto gostam. O soma é o amigo da alegria, da geração, diz ainda hoje a Índia, ao passo que o negro café, rico de ideias, é pobre de amor. Pelo soma, pelo bolo sagrado, por tudo o que sustenta, alegre e santifica a vida, a mulher faz já pressentir que será no futuro a rainha maga, Circe encantadora, poderosa Medeia (mas sem o crime).

Nos hinos evocadores dirigidos ao fogo, recordam-lhe de mil maneiras a sua relação profunda com a mulher. “Está tudo pronto, querido Agni, nós

enfeitamos o teu altar como a esposa decora o do bem-amado... Querido Agni, tu repousas ainda como a criança, antes de nascer, nas entranhas da mulher grávida.”

Tinham adivinhado perfeitamente que há plantas machos e fêmeas. Porém, não as sabendo distinguir, supunham, por uma graciosa ideia de feminina poesia, que a esposa vegetal era a planta que se arrimava, se enlaçava na outra e vivia à sua sombra. Eis o pai, a mãe do fogo. Na sua mãe cavavam um buraco pequenino em que introduziam e faziam girar outro pau.<sup>15</sup> Processo paciente. Os povos mais selvagens só obtêm o fogo por acaso, do raio que cai e do incêndio das florestas. As raças impetuosas das regiões ardentes exigem violentamente da pedra, fazem saltar da pederneira a viva e fugidia chispa, logo apagada e que, muitas vezes, só produz o espanto e a escuridão.<sup>16</sup>

Revertamos. Fazendo girar o pau, o homem obtinha um pouco de fumo, depois um imperceptível fogo, que se teria dissipado se a mulher não viesse em seu socorro. Esta acolhia o recém-nascido, suscitava-o, alimentando-o de folhas, sustendo a respiração... Os hinos dão conta de uma coisa muito antiga: o medo extremo que havia nos tempos primitivos de deixar extinguir o fogo, de não poder salvar esse salvador da vida. Só a mulher o consegue. O fogo é para ela como uma criancinha, um pequenino que ela ama. A sua boa ama sustenta-o, alimenta-o com o seu leite concentrado, a manteiga. E ele, agradecido, ergue-se...<sup>17</sup>

Assim que se torna forte e pode comer, regalam-no com cevada e bolo sagrado. A essa hóstia sólida, acrescentam a hóstia líquida; o homem recebe da mão da mulher o vinho da Ásia, o soma que ela fez, e derrama-o no Agni. Este levanta-se, crepita, cresce, azulando a abóbada. Tudo se transfigura... A casa sorri e freme... Mistério divino. Os cantos mais escuros tomam parte na festa e ainda muito tempo depois se purpureiam de reflexos fantásticos.

Porém, antes de tudo, no instante em que a chama brota e ascende, viva, uma voz sobe também, uma única voz saída de dois corações unidos, dizendo palavras comovidas e ternas. Arrebatamento ingênuo e breve, a que um grande silêncio se segue... O que se disse está dito. Ficarà a voz santa, que coisa alguma dissipará. Hoje a lemos, fresca ainda, apesar dos seis mil anos passados.

E no instante em que, sem se conciliarem, com uma alma única, dizem essa palavra que não morrerá nunca, eles contemplam-se ao clarão divino e veem-se ambos divinos (ele Deva; ela Devi).<sup>18</sup> Nessa simplicidade, tão extrema que se diria infantil, aparece o verdadeiro sacramento do amor harmônico, a elevada ideia do casamento.

“O mortal fez o imortal... Nós concebemos Agni... Os dez irmãos (os dez dedos), misturados na oração, assistiram ao seu nascimento, proclamaram-no o nosso filho varão.”

O caráter grandioso dessa raça, a primeira do mundo, está em, adorando-os sempre, saber que é ela quem faz os deuses. No hino mais entusiasta, o fenômeno admirado que nele se evidencia sob traços divinos é ao mesmo tempo tão bem descrito, seguido, analisado, que facilmente se encontra o seu nascimento, a sua vida progressiva. Bem mais ainda, todas essas passagens ficam marcadas numa língua transparente, em que os nomes dos deuses não são realmente senão nomes apelativos<sup>19</sup> (o Forte, o Brillhante, o Penetrante etc.).

Portanto, superstição alguma. Se Deus se esquecia, se se tornava um tirano, queria enegrecer-lhe a imaginação com terrores servis, o espírito, armado com uma tal linguagem, procurando as suas origens, diria: “Quem te criou? Fui eu”.

Nobre culto, de alta e ativa concepção, que, dando tudo, tudo guarda. Os deuses abençoados, amados, não se emancipam inteiramente do seu criador, o homem. Mantêm-se no círculo da vida geral. Se o homem precisa deles, eles precisam do homem; eles escutam-nos, descendo à sua voz. O seu hino da manhã louva o sol, mas evoca-o e chama-o principalmente. É uma encantação poderosa a que ele obedece. Quando se acende Agni à margem dos rios, no confluente sagrado, quando a mão das mulheres faz à sua volta um tapete de erva, para que os deuses se venham assentar, estes não podem deixar de vir. Obedecem ao hino; vêm amigavelmente tomar parte nas libações da manteiga sagrada, do espumante soma. Eles deram as chuvas fecundas, que reverdeceram os prados; em troca dão-lhes o que têm de melhor. O céu alimenta a terra, a terra alimenta o céu.

Quer isso dizer que por essa mútua dependência os deuses sejam rebaixados? Não; são ainda mais amados. Nessa religião sorridente, de amizade sem terror, eles misturam-se familiarmente aos atos da vida humana, elevam-nos e divinizam-nos. A terna esposa, preparando para o homem o

pão sagrado que à noite o refaz, colabora com Agni. Os desvelos que ela tem por Agni sabe ele reconhecê-los: “Ele é o amante das filhas e o esposo da mulher”. Ele santifica, ilumina o feliz instante da fecundidade.

Quer arda no homem ou brilhe no lar, quer no céu, com um traço de fogo, fecunde a grande esposa, Agni, sob essas formas diversas, é sempre o mesmo. E é sentido no calor vivo do soma que levanta os espíritos; na chama inventiva de que parte o hino alado; no amor, assim como no sol.

★★★

Diz-se por aí: “Tudo isso não é mais do que um puro naturalismo, sem significação moral”. Velha *distinção* da velha crítica. De toda a religião floresce o divino fruto: *o acordar da consciência*.

Agni, nos antiquíssimos hinos, é visivelmente tomado por *o puro*, do qual se deve imitar a pureza, afastando de si toda a impureza física e moral. Se esta não está ainda bem definida, a alma inquieta-se, interroga Agni: “Agni, de que me censuras tu? Em que é que te ofendi? Por que é que falas de mim à Água, à Luz (Varuna, Mitra)?” etc. E essa alma perturbada enumera todas as forças da natureza, diante das quais a acusa o puro, o irrepreensível Agni.

Essas tendências para a purificação trouxeram a reforma que se personifica sob o nome de Zoroastro. As tribos agrícolas, de caráter austero, ligaram-se ao dogma heroico do trabalho na pureza, do invisível Agni, ordenador do mundo. As tribos pastoris, mais imaginativas, ampliaram, engrandeceram Agni; é visível ao céu, ao sol, às nuvens, a tudo o que se vê.<sup>20</sup> Festejado e celebrado sempre debaixo do seu nome primitivo, converte-se ao mesmo tempo em Indra, deus das chuvas que regam e refazem os prados.

Esse transporte da imaginação coincidiu, parece, com a mudança da habitação, do clima, com a emigração das tribos pastoris que desciam para o Leste e para o Sul. Quando se transpõe Cabul, fica-se surpreendido ao ver de súbito a imensidão e a novidade da paisagem indiana. Lá se realizou, não pode haver dúvida, certa transfiguração de Agni, a explosão do poderoso Indra. É menos o sol em si mesmo do que o deus vencedor das nuvens. Esse país de grandes correntes, mas desiguais, torrenciais, tem secas terríveis, seguidas de grandes troadas. Natureza de combates, de contrastes, de guerra

atmosférica. Para fazê-la, dão generosamente a Indra um carro, um amo e corcéis. Esse carro, que se ouve, rola e ribomba. Indra, vencedor, fecundador, ora abraça a terra arquejante, acariciando-a com os raios que lhe envia, ora, vendo sobre a montanha o negro dragão da invejosa nuvem que guarda e recusa a água, atravessa o monstro com as suas flechas, forçando-o a jorrar dos seus flancos a chuva.

Ornamentos inocentes, muito transparentes, muito pouco carregados de mitos ou símbolos. A arte única era a palavra, o canto, fielmente preservado, o hino santo e sagrado dos antepassados. Da Bácia ao rio Indo, depois ao Ganges, em talvez dez séculos, esse povo avança cantando. A cada passo, um canto. E o todo é o Rigveda.

O limite era a entrada do Indústão. Os viajantes viam-se na presença de três infinitos, dos quais apenas um bastava para perturbá-lo profundamente.

O infinito do mar, ao sul, um não sei que rio do qual se não viam as margens, o espelho inflamado, onde cada tarde mergulha, flamejando, o sol indiano.

Ao norte, um círculo de gigantes, todos os píncaros do Himalaia, zimboriando trinta montanhas, contendo todos os climas e todas as vegetações, tocadas pelas suas neves sobre um negro supercílio de árvores sombrias. Os matos imensos dos tigres e das serpentes estendem-se-lhe aos pés. O Ganges, na pompa das suas águas, vai correndo para a aurora com as suas florestas colossais, todo um mundo vivo que se dessedenta nas suas águas.

Finalmente, e isso foi o mais terrível, a atração ardente da fornalha indostânica, as carícias e o convite de uma natureza extremamente encantadora, de uma raça doce e pouco defensiva, enormemente numerosa, a raça amarela,<sup>21</sup> cem ou duzentos milhões de escravos que admiravam, amavam a raça branca, amando-a tanto que ela aí poderia aniquilar-se.

A resistência dos arianos, uma tão alta vitória do espírito, é um dos maiores triunfos morais que se têm realizado na Terra. Eles encontraram a salvação na barreira das castas.

Elas formaram-se por si mesmas sobre uma base muito racional nesse clima, base fisiológica e de história natural.

1º *O horror pelo regime sangrento.* A ideia de que a carne entorpece e suja, torna imundo e malcheiroso. O comedor de carne e de sangue parecia-lhes cheirar a cadáver. Acrescenta-se que a carne é bem menos necessária num

país onde os frutos da terra, maduros, cozidos até a perfeição por esse sol poderoso, contêm admiráveis sucos, substancialmente muito nutritivos.

2º *O medo legítimo do amor inferior.* A temida absorção pela mulher amarela (linda, doce e submissa,<sup>22</sup> como a China nos mostra), pela mulher negra, a mais terna, a mais acariciadora, a mais desejosa dos brancos.

Estes, se não tivessem resistido, teriam indubitavelmente perecido. Pelo inferior regime sangrento, ter-se-iam tornado os pesados moscardos ventrudos, sonolentos, semiébrios, como o europeu nessas paragens. Pela convivência com as escravas e as mulheres inferiores, perderiam os dons da sua raça, principalmente o poder inventivo, a brilhante faísca que cintila nos Vedas. A amarela, com os olhos oblíquos e sua graça felina, seu espírito medíocre e fino, teria convertido o indiano ao nível do mongol, teria feito a raça dos pensamentos profundos se deteriorar no talento inferior dos artífices chineses, extinguindo o gênero das artes elevadas que transformaram todo o mundo.

Ainda mais, com esse clima, essa mistura, o reduzido número de arianos ter-se-ia muito provavelmente fundido a outras raças, sem deixar sinal, como uma gota de cera no braseiro. A Índia parece um sonho em que tudo foge, corre e desaparece, transforma-se e volta de novo, mas diferente. Terrível brinquedo da natureza, que ri da vida e da morte! Não menos terrível foi o esforço pelo qual o gênio humano conseguiu defender-se. Por uma poesia imensa e uma violenta legislação que pode parecer tirânica, criou-se uma natureza de invenção e de vontade para intimidar a outra, para conjurá-la, para desarmá-la.

Os sábios, os pensadores, guardas fiéis do gênio indiano, constituíam-se num povo à parte pela abstinência absoluta da carne e das bebidas espirituosas. É o título elevado e merecido de brâmane. A própria casta dos guerreiros, que usa um pouco da carne, não pode tocar nos líquidos fermentados senão depois de sofrer cruéis purificações. Finalmente, por um belíssimo esforço, a legislação bramânica procura manter no amor e no casamento o alto ideal dos Vedas, a pureza monogâmica, a austera aliança da branca, ativa e pouco complacente, com a vida do harém.

Ela é, antes de tudo, livre. O casamento não é uma venda (como entre tantos povos). Essa venda de uma alma é um crime, um objeto de horror para o Código de Manu.

A verdadeira fórmula do casamento, que nenhuma sociedade ultrapassará no futuro, foi encontrada e posta nestes termos: “O homem não existe senão quando é triplo. Isto é: *homem-mulher-filho*”.<sup>23</sup>

“Segundo os Vedas, a lei e as ordenanças sagradas, segundo o uso popular, *a esposa é a metade do corpo do marido*, tomando uma parte igual nos atos puros e impuros.” Assim, toda a boa obra de um aproveita ao outro. O homem santo goza, pela sua santidade, a felicidade de salvar aquela que ama.<sup>24</sup>

A igualdade dos dois sexos (difícil na prática para essa raça e sob esse clima) está pelo menos marcada no céu e manifestada no templo. Ela brilha sobre o altar. Por toda parte, ao lado dos deuses, aparecem e reinam as mulheres dos deuses.

A mãe! Essa palavra sagrada, mãe!, é tão forte no coração da Índia que parece fazer perder de vista toda a hierarquia religiosa. O homem, que, no entanto, é o único que pode fazer as orações, esse pontífice doméstico, encontra-se abaixo da mulher: “A mãe vale mais do que mil pais; o campo, mais do que a semente”.<sup>25</sup>

A lei não pede senão que se cumpra o ideal, que a *mulher seja associada ao marido*. Ela desejaria outorgar-lhe a realeza doméstica: “A mulher é a casa. Um lar onde falte a mulher não poderá chamar-se um lar”. E isso não é uma palavra vã: a lei outorga-lhe realmente a administração, a receita e a despesa. Concessão enorme, decisiva: se a mulher fosse ao menos alguma coisa enérgica, ela seria, só por isso, igual a seu marido e dona da casa, como sob os Vedas.

Mas a natureza permitirá que a Índia, essa profetisa, possa realizar ela mesma o que ensina ao gênero humano? Não, a tirania do clima não permitirá de forma alguma que a realidade corresponda à sonhada perfeição. A mulher é núbil aos oito anos. “O homem de trinta anos desposará *uma mulher de doze*; o homem de vinte anos, *uma mulher de oito*” (Manu). Esse simples texto vai modificar tudo. Por maior igualdade que a lei queira estabelecer entre os esposos, essa pequenina mulher não será mais do que a filha do *seu marido*.<sup>26</sup>

Não faço de forma alguma a história da Índia, e não direi, por isso, como a lei bramânica, que foi no começo a sua salvação, converteu-se, pouco a pouco, no seu flagelo.

Isso não é particular dessa lei, dessa região. É a história comum a todas as religiões. Veremos acontecer o mesmo com a Pérsia e com o Egito.

Nascida primeiro de uma causa vital, e quase sempre de uma verdadeira necessidade do coração, a religião toma mais tarde consistência ao formular-se em uma lei e em um sacerdócio. Porém, essa lei vai-se carregando de prescrições vexatórias; esse sacerdócio torna-se tirânico e estéril. É como essas verdejantes ilhotas dos mares do Sul que, pouco a pouco, carregadas de corais e de conchas, desaparecem debaixo dessa vegetação de pedra e não são mais do que uma massa calcária onde nada conseguirá viver.

Na Índia, não há nenhuma obra histórica. Mas duas lendas muito graves explicam-nos claramente a luta dos bramânicos e dos guerreiros. Aqueles venceram primeiro e, se quisermos acreditar, deveram seu triunfo a um valente brâmane, Parasurama (Rama com o machado, uma encarnação de Vishnu), que teria feito um massacre imenso de guerreiros. Estes, submetendo-se à autoridade espiritual dos brâmanes, não deixaram por isso de ficar menos poderosos, reis ou rajás do país. Os seus bardos, ou poetas da corte (como ainda hoje existem entre os Sikhs etc.), opuseram aos brâmanes uma lenda rival, supondo que, mil anos, dois mil anos depois do Rama bramânico, Vishnu se encarnara num guerreiro, um filho do rei, com o mesmo nome de Rama. O novo Rama, de casta guerreira, mas de espírito pacífico e doce, é o ideal completo da Índia, o herói do Ramayana.<sup>27</sup>

## Notas

\* *Ibidem*, 191.

<sup>10</sup> Transmitidos por muito tempo de boca em boca, esses hinos puderam remoçar em língua e forma, mas, em seu sentido, o que eles nos revelam da vida pastoral é muito antigo e primitivo, anterior a qualquer monumento — o Egito parece não ter nenhum monumento literário, mas apenas ritos, inscrições. O Gênesis dos judeus, compilado de tradições em parte antigas, é no entanto marcado de sinais modernos. Ele conhece os anjos (Persas). Ele conhece e menciona a moeda, a prostituição, mais de uma ideia visivelmente trazida do cativoiro.

<sup>11</sup> Esta é a tradução de Rosen. Eu me sirvo mais frequentemente de Wilson, que é completo. Às vezes, cotejo-o com Langlois. Só um livro, que eu saiba, o livro recente de Émile Burnouf, marcou bem o caráter do Rigveda. Desejaria, porém, que ele precisasse mais, isto é, que isolasse o que é de Agni e o que é de Indra.

<sup>12</sup> Émile Burnouf, 136, 240. —

<sup>13</sup> Hoje com quinze a dezesseis anos. Ver Elphinston, Perrin etc.

<sup>14</sup> Soma, dizem eles, é a própria carne do sacrifício. Daí o nome que lhes dão os botânicos, *sarcostemma viminale*, a planta-carne (ou afila, *asclepias acida*. Ver Roxburgh, *Flora indica*). Sob esse nome de soma, e o de homa, que a Pérsia lhe dá, a planta-carne é a hóstia da Ásia, como o trigo é a hóstia da Europa — para completar a semelhança, ele tem também a sua *Paixão* (ver Stevenson, *Sama-Veda*, e Langlois, Académie des Inscriptions et Belle-Lettres, XIX, 329). Ele caiu do espaço do etéreo com a semente do Céu. Tranquilo e solitário, cresceu na colina. Mas devota-se ao martírio, deixando-se torturar, fermentar (como a cevada e a manteiga). Então, desposa a chama, desposa Aditi, a terra do fogo, mãe do mundo. Vítima alimentadora, sustenta os homens e os deuses, evapora-se e sobe ao céu. Tudo rejuvenesce. Os astros brilham mais. Indra combate melhor as tempestades. A água corre, fecundando a terra.

<sup>15</sup> Ad. Kuhn, *Origine du feu*, 1859. Baudry, *Revue Germanique*, 15 e 30 de abril, 15 mai. 1861. Exemplo notável da ajuda fecunda que nos proporciona a filologia para remontarmos às idades antehistóricas. Nada de mais luminoso, de mais engenhoso, que o trabalho em que Baudry acrescentou, aprofundou e retificou, por vezes, as investigações de Kuhn. É a base de um livro importante sobre essa capital questão das primeiras origens. Vico, por uma singular presciência, entrevera ter sido o fogo a causa primária da religião, o fogo relâmpago, da trovoada. O fogo solar foi adorado depois. Culto muito natural e de forma alguma absurdo. Hoje, a ciência vê-se obrigada a reconhecê-lo. Renan, na sua carta notável ao nosso grande químico Berthelot, diz: “O senhor provou-me de um modo que calou as minhas objeções que o nosso planeta tem a sua origem no sol, que toda a força é uma transformação do sol, que a planta que alimenta os nossos fogões é sol armazenado, que a locomotiva marcha por causa do sol que dorme nas camadas subterrâneas do carvão da terra, que o cavalo tira a sua força dos vegetais, que o sol produz, que o resto do trabalho sobre o nosso planeta se reduz à elevação da água, que é obra direta do sol. Antes que a religião chegasse a colocar Deus no absoluto, um único culto foi razoável e científico, o do sol”. *Revue des Deux Mondes*, XLVII, 766, 15 out. 1863.

<sup>16</sup> Imagem muito expressiva dos métodos opostos das duas grandes raças do mundo. O indo-europeu, paciente, metódico, deixou sobre o globo o seu fecundo traço de luz. O semita suscitou apenas relâmpagos cintilantes, que perturbaram as almas e as mais das vezes mais adensaram a noite.

17 É o que o hino nos diz, um movimento encantador, de infinita delicadeza: “A jovem mãe, pelo seu filho doente, é discreta, não o mostra. Ela esconde-o por um instante ao pai: Mas vede... Ei-lo que cresce e se move... Como ele parece inteligente! Como ele é vivo e ágil... Velemos, porque ele por si mesmo aspira ao repouso”. Rigveda, Wilson, III, 233. *Ibid.*, 35. — *Ibid.*, 2.

18 Émile Burnouf, 191-2.

19 Max Müller, 557. Tudo isso é ainda fluido no Veda. Na Grécia homérica, esses adjetivos tornam-se substantivos, são pessoas. Já tudo é petrificado. Essa reflexão judiciosa que Max Müller faz deveria tê-lo levado a ver a enorme Antiguidade de um povo que visivelmente estava ainda na sua primeira concepção religiosa.

20 À medida que se observa existir o calor em tal elemento, em tal forma de vida, os nomes divinos multiplicam-se, mas não, realmente, os deuses. Não se pode duvidar disso. Dizem-no os hinos expressamente e marcam em termos claros a simplicidade monoteísta que encobre essa variedade aparente: “Agni, tu nasceste Varuna (a água, o ar) e tu tornaste-te Mitra (a doce claridade antes ou depois do sol). Tu és Indra, filho da força. Tu és Arimã, no que diz respeito às filhas... quando tu fazes o marido e a mulher do espírito igual” (Rigveda, Wilson, III, 237). Assim, restava ainda uma grande liberdade. Os que lhes davam esses nomes não viam neles pessoas. A religião não oprimia; auxiliava e não entravava; não fazia curvar os espíritos sob baixos terrores. Ela tinha alguma coisa daquela serenidade, daquele nobre sorriso que mais tarde teve na Grécia.

21 A raça amarela que se torna facilmente muito negra. Veja-se a excelente memória de Vivien de Saint-Martin, *Études Géographiques*, 1860.

22 Infinitamente obediente à poligamia. Pode-se ver bem em Yu-Kiao-Li, as *Deux Cousines*, tr. de Stanislas Julien, ch. XVI, t.II, 195 (1863).

23 Manu, traduzido por Loiseleur, IX, 45, 322.

24 Código, III, 458. Manu, IX, 22, 319. A mulher, mesmo de casta inferior, salva-se pelas virtudes do marido.

25 Manu, IX, 52, 324, diz que a terra (a mulher) vale mais do que a semente (o homem). O Código hindu exacerba essa opinião e diz: “Uma mãe vale mais do que mil pais”.

26 Referir-me-ei mais adiante à poligamia, à poliandria, do Mahabharata etc. Basta mencionar aqui que a poligamia resulta não do clima, mas de certas causas sociais. Parece que, na Índia, uma só mulher já é demais. As bodas são assaz frias. Nas cerimônias do casamento, e mesmo nessa noite, o esposo simula a intenção de partir como peregrino, de continuar ou retomar a vida do ascetismo e da penitência. Os seus amigos reconduzem-no para junto da esposa, e ele é forçado a ser feliz. Visivelmente, o marido dessa menina não é mais um homem moço nesse estranho clima. Chega tarde ao casamento, retardado (sobretudo o brâmane) por uma longa série de exames, de provações e de penitências, sobretudo de sonhos religiosos. Por isso, encontra-se infinitamente distanciado dessa criança que lhe dão e, não a compreendendo, ele a contempla com um olhar insaciado (Código, II). Ela é para o doce personagem uma discípula tanto como uma mulher, e a lei autoriza-o a castigá-la se for necessário — o que não impede que em outra parte, a lei, por uma contradição encantadora, dessa vez sem dúvida pensando na mulher adulta, diga: “Não batas na mulher, cometa ela embora cem faltas, nem com uma flor” (Código, II, 209). Eis aí o embaraço da lei: por um lado, ele simpatiza com a juvenzinha; por outro, demonstra ter medo dela. A pequena mulherzinha silenciosa que não exige nada não lhe parece menos temível; sente nela um poder infinito de absorção, que ameaça, inocentemente conjurada como ela está (sem o saber) com a do clima. A lei, visivelmente prezando pela conservação de um homem tão frágil, autoriza-o a isolar-se no casamento. Aconselha-o a não ter

relações com a mulher senão duas vezes por mês, se ele visa à perfeição. Mas a primeira esposa, em poucos anos, já não existe. A mortalidade das moças é terrível. Portanto, é necessário que venha uma segunda mulher. Mas não tenham receio. Desde que a perpetuidade da família esteja assegurada, a lei indulgente isenta o marido e permite-lhe abandonar tudo e ir levar a vida de anacoreta entre as raízes protetoras de qualquer figueira indiana.

<sup>27</sup> Nunca será suficientemente louvada a bela tradução italiana de Gorresio, que, debaixo das vistas de Burnouf, editou também o texto. Mas por que não se fala da excelente tradução francesa de Fauche? Ele é, de toda esta escola, o que pela ciência fez mais sacrifícios. Pobre, no fundo da sua solidão, não encontrando editores, imprimiu por suas mãos, publicou à sua custa os nove volumes desse grande poema. Ele começa agora uma tradução do Mahabharata, labor ainda maior. Que importa, porém? Vive fora do tempo, mais ativo, mas não menos indiano do que os brâmanes e os rishis.

## AS PROFUNDAS LIBERDADES DA ÍNDIA

O que faz do Ramayana uma maravilha, apesar do amontoado desastroso de infinitos detalhes, é a sua alma interior, a sua doce contradição, o encanto do espírito livre, entrevisto na sua penumbra! É a tímida Liberdade, adoravelmente velada na Grécia. Ela ora se mostra, ora se oculta. E como que pede perdão de existir.

Sob o reinado bramânico do poderoso Código de Manu, quando a casta dominadora se apossou inteiramente da vida, quando fez a terra sentir o peso de trinta mil deuses, a natureza, apesar de tudo, existe, protestando em voz baixa. No amor, na piedade, na ternura ilimitada pelos fracos e pelos humildes, ela ainda se deixa ver — entrever —, não mais de face nem por jatos de luz, mas por clarões inefáveis. É uma lâmpada siliciosa que se supõe arder sob o alabastro. É a atração divina, pudica, da pérola no fundo dos mares.

Nem sempre, porém, pensei assim. A oposição viva às castas manifestou-se de forma diversa por ocasião do seu nascimento, na recuada Antiguidade. Testemunha: o canto singular (a primeira sátira do mundo?) em que o ensino dos brâmanes é parodiado.<sup>28</sup> Testemunha: a tradição pela qual o antigo Indra, o vencedor e o chasqueador, o deus alegre da natureza, que faz a chuva e o bom tempo, surpreende e escarnece ultrajosamente a castidade dos anacoretas. Testemunha: principalmente, a lenda do rajá Vixvâmitra, história audaz que de idade em idade perseguiu e ameaçou a autoridade bramânica. Esse rei, ilustre pelos hinos que dele se leem nos Vedas, ilustre pelos seus cem filhos, pela adoção generosa das tribos inferiores, teve a fantasia de ser brâmane. Recusado, mergulhou durante um milhar de anos em tais macerações, adquiriu méritos tais, um poder tão formidável que teria suprimido o mundo, terra e céu, homens e deuses, com um simples franzir

de sobranceiras. Temerosos, os deuses descem ao seu cemitério, cercam-no, rogam-no, obtêm dele que o mundo continue a existir.

Notai que esse santo terrível não morre nunca. Ameaçador, vive sempre. Existia no tempo dos Vedas. Alguns milhares de anos depois, aparece novamente no Ramayana. Ele é o recôndito mais profundo da alma indiana. Fez, pode desfazer; ela criou, e ela pode criar também o nada, recordar ao mundo dos deuses que ele foi obra sua, e fazê-lo desaparecer com um franzir de sobrolhos.

Pode, mas não quer. Livre, no fundo, por esse grande segredo, ela tem pelos seus deuses maiores atenções. Teria horror em tocar-lhes. Ama-os principalmente porque, através da sua nebulosa e sublime coexistência, entrevê a si mesma.

É o privilégio enorme e a única realeza dessa raça indo-grega a de ver aquilo que as outras raças nada veem, de penetrar os mundos de ideias e de dogmas — densidades incríveis de deuses amontoados uns sobre os outros. E tudo isso sem esforço, sem crítica, sem malignidade — pelo simples motivo da possessão de uma ótica maravilhosa, pela simples força de um olhar, não irônico, mas terrivelmente lúcido, como através de cem cristais que tivessem sobreposto.

É essa transparência que constitui a singular graça do Ramayana. Desde o começo, prostra-se e conserva-se ajoelhado em respeito ao bramismo, mas vendo perfeitamente através dele. Amontoa nesses primeiros cantos tudo o que se pode imaginar de venerações, de ternura (evidentemente sincera) pela casta alta e sagrada. Mas, ao mesmo tempo, dá-nos uma nova revelação: *o deus guerreiro*, deus encarnado na casta *não bramânica*, o futuro ideal da santidade num xátria.<sup>29</sup>

E mais forte é o que ele diz e que eu já citei (pág. 15 deste volume): que o Ramayana se dirige não só ao brâmane, nem mesmo ao guerreiro apenas, mas ao mercador, Vaixá. Casta infinitamente numerosa, que, segundo a mitologia, significava em primeiro lugar *o povo*. Ele não ousa falar dos Sudras, mas o que acrescenta é mais expressivo do que se a eles tivesse aludido. Omite-os, mas vai ainda mais abaixo: “Se um *escravo* ouve cantar este poema, fica enobrecido”. Ora, o escravo está bem inferior ao Sudra, o homem da quarta casta, estando fora de toda a casta, fora do mundo indiano. E esse pobre homem, o último dos seres, pode ser *enobrecido*, participar da bênção do Ramayana, porque ninguém é excetuado da misericórdia divina. Todos se

salvam. É a salvação ampliada a todos, sem exceção. Depois do antigo Rama dos brâmanes, *do machado*, da lei severa, chega o Rama dos guerreiros, clemente e misericordioso, o salvador universal, o Rama da Grécia.

O fundo do poema é muito simples. O velho rei Dasharata obteve do céu esse admirável filho, perfeito, adorado. Fatigado, vai sagrá-lo, cede-lhe a coroa. Mas uma favorita, uma madrasta, arranca do velho a promessa de lhe conceder tudo aquilo que ela pedir. Pede o exílio de Rama e o coração de seu próprio filho. Ele recusa. Rama quer honrar a palavra de seu pai: insiste com ele para que a cumpra, e parte para o exílio. Acompanha-o um irmão mais novo e a sua jovem esposa, Sita. Partem para a solidão. Instante admirável para o poeta. O amor, a amizade, o deserto! Um sublime e delicioso eremitério nesse paraíso indiano!

“Depois de ver as maravilhas desta magnífica montanha, o santo monte Taitrakuta, já não me pesa o exílio, a minha coroa perdida, esta vida solitária; passe eu aqui os meus anos contigo, minha querida Sita, e com o meu irmãozinho Lakshmana, pois nada mais desejo.

“Vê essas sublimes cumeadas que sobem ao céu, cintilantes. Umas em maciços de prata, outras de púrpura ou de opala, outras de verde-esmeralda. Aquela, dir-se-ia um diamante cheio de sol.

“As grandes florestas estão cheias de mil aves, macacos e leopardos. Cedros, árvores de sândalo, ebaneiros, bosques de anafegas e bananeiras projetam sombras, embalsamadas de flores, opulentas de frutos. Por toda parte fontes, rios, cascatas sussurrantes. Toda a montanha parece um elefante, na embriaguez do amor...

“Mulherzinha de sorriso cândido, vês lá embaixo, minha filha, esse suave Mandakini, o rio de límpidas ondas com os seus grous e os seus cisnes, sob o seu véu de lótus vermelho, de ninfeias azuis, assombreado por árvores cheias de flores, árvores carregadas de frutos, abraçando ilhas admiráveis... Como eu gosto de ver, no braço solitário da corrente, esse pequenino rebanho de gazelas que em fila ali vem beber!... Vê ao pé da montanha essas árvores que, sob o vento, dobram-se humildemente, deixando cair uma chuva de flores; umas perfumam o solo e as outras, aqui e ali, vão navegar sobre as águas... Vê o ganso vermelho subir ao céu feliz e, num canto afortunado, saudar a manhã.

“É a hora em que os piedosos rishis mergulham na onda sagrada... Vem tu também comigo... é a mais santa das ribeiras... Diga-me, minha querida,

o rio e a montanha não valerão, porventura, o império, as ricas cidades, tudo o que nós perdemos? Tu e o meu bem-amado irmão sois a minha felicidade.”

O que Rama aqui diz dessa grande paisagem indiana é a própria imagem do poema. Na sua incomparável riqueza, ele é igual à própria Índia, que envolve por inteiro e magnificamente embeleza. O processo parece o da arte encantadora da região, a arte soberana da Caxemira, a perseverante indústria de tecido, em que as sucessivas idades puseram o seu labor, o seu amor.

Primeiro, é um delicado xale, sagrado, véu de Vishnu, em que o maravilhoso nascimento de Rama, a sua cidade, o seu hino, a sua bela Sita urdem o fundo do poema.

Em volta desse fundo, tece-se como que um delicioso tapete, toda a natureza, montanhas, florestas, rios, todas as paisagens, todas as estações da Índia, todos os bons amigos do homem, animais e vegetais.

Esse tapete se engrandece mais ainda, compreendendo as artes, as oficinas, os palácios, as cidades, os quiosques, os bazares, os haréns. É então como uma tenda, um maravilhoso pavilhão, onde o mundo inteiro cabe à vontade. Suspenso das florestas imensas dos picos do Himalaia, ele cobre toda a Índia, do Indo a Bengala, de Benares a Ceilão, mas sem lhe esconder o céu. Ela é o próprio céu.

Ponhamos um ponto. Não esqueçamos que este livro não é de forma alguma uma história literária, pois procura ocupar-se apenas dos grandes resultados morais.

Em Rama se reúne o duplo ideal das duas castas. Por um lado, atinge o apogeu da virtude bramânica; por outro, acrescenta-lhe a alta dedicação do guerreiro, que arrisca pelos outros e por si mesmo o que muitas vezes ama acima de tudo. Pela defesa dos pais, dos eremitas solitários, que os maus espíritos perturbam, compromete mais do que a vida, o seu amor, a sua encantadora mulher, fiel e devotada, a sua Sita. O homem completo, esse *guerreiro brâmane*, está, portanto, ainda mais perto de Deus do que o estaria o simples brâmane que ora, mas que não se sacrifica.

Rama consegue exatamente o ideal do xátria, o alto ideal cavalheiresco: *Vencer e perdoar. Esperar que o inimigo ferido se levante. Dar, não receber nunca.* Julgar-se-á estar lendo o Shah Nameh ou os nossos poemas celto-germânicos. Esse guerreiro, tão pacífico, é completamente contrário ao

caráter irritante que o poeta dá aos seus brâmanes, mesmo aos mais santos, que, por erros ligeiros, por faltas involuntárias, lançam o anátema terrível em que se fica preso, encantado, por vezes transformado em monstro. Sobre esse último ponto (*nada receber*), ele insiste em doçura maliciosa, fazendo por Rama a sátira indireta dos brâmanes, que recebiam sempre e exigiam as mais das vezes. Vislumbra-se já aqui o brâmane mendigo, glutão, bufão da corte que aparecerá mais tarde no drama indiano (ver Sakountala).

O Ramayana fez-se, evidentemente, para ser cantado à mesa dos rajás, nas suas cortes, onde os brâmanes tinham uma posição secundária. Daí as narrações de inumeráveis combates, monstruosamente exagerados, que constituem seu principal defeito. Mas, em compensação, encontram-se nele uma grandeza generosa, expansões de franca e livre natureza — independências heroicas em que jamais cairia um livro sacerdotal.

Num maternal transporte, a mãe de Rama, indignada pelo seu exílio, diz ao rei: “Lembra-te, poderoso rei, do que Brahma um dia pronunciou: ‘Lancei na minha balança, de um lado, a verdade, de outro, mil sacrifícios, mas a verdade pesou mais’”.

Igualmente Sita, levada pela sua dor, arrastada pelo desejo de seguir Rama, pronuncia estas palavras que destroem pela base o edifício bramânico: “Um pai, uma mãe ou um filho, neste e no outro mundo, nutrem-se sozinhos do fruto das suas obras: um pai não é recompensado ou castigado em seu filho; um filho, não o é em seu pai. Cada um deles, pelas suas ações, cria o bem ou o mal” etc.

Quem é essa menina, essa criança de espírito tão afoito? Procuremos adivinhá-lo.

Um dos antepassados de Rama, o grande rei Vixvâmitra, autor de muitos hinos sublimes, com a sua terrível piedade, parece não ter feito grande caso da barreira das castas. De cem filhos que teve, cinquenta nasceram das Dasias, das escravas, das mulheres amarelas de quem não desdenhara. Isso quer dizer que esse tipo de rei-sacerdote nessa época abraçou com um coração imenso todas as castas e todas as condições.

O Ramayana não diz com suficiente clareza de onde vem a esposa de Rama, essa deliciosa Sita. Ora é filha de um rei, ora é *nascida do sulco do arado* (é o que quer dizer a palavra *sitá*). Não teria Rama feito como o seu famoso antepassado, *tomado* uma filha da própria terra, das antigas tribos do país, uma mestiça que algum rei tivesse tido de uma escrava, dessa doce raça chinesa,

tão procurada nos haréns, e cuja graça, cujo olhar oblíquo, fino, semicerrado, perturba os santos e até os próprios demônios, com os quais ela tem talvez certo parentesco?

Para além das castas humanas existe uma casta prodigiosa, bem humilde, mas tão numerosa! O pobre imundo animal, a salvar, a levantar... É o triunfo da Índia, de Rama e do Ramayana.

## Notas

<sup>28</sup> É o canto das rãs que pregam e ensinam. Max Müller, 494.

<sup>29</sup> É de certa forma análoga à revolução operada por São Luís IX nas ideias cristãs, quando se viu um leigo, um guerreiro, um rei, o primeiro rei da Europa a tornar-se o ideal da santidade, a ponto de um seu contemporâneo gritar: “Ó santo homem leigo, como os padres deveriam imitar as tuas obras!”.

VI

## A REDENÇÃO DA NATUREZA NINGUÉM SE SALVA SÓ

O homem não ganha a sua salvação senão pela salvação de todos.

O animal tem também o seu direito à face de Deus.

“O animal, sombrio mistério!... mundo imenso de sonhos e de dores mudas!... Mas, à falta de linguagem, sinais muito visíveis exprimiam essas dores. Toda a natureza protesta contra a barbárie do homem que ignora, avilta, tortura o seu irmão inferior.”

Essas palavras, que escrevi em 1846, vieram-me muitas vezes à memória. Neste ano (1863), em outubro, perto de um mar solitário, nas derradeiras horas da noite, quando o vento e a vaga se calavam, eu ouvia a humilde voz dos nossos animais domésticos. Dos baixos da casa e das profundezas obscuras, essas vozes de cativo chegavam fracas e lamentosas aos meus ouvidos, penetrando-me de melancolia. Impressão não de vaga sensibilidade, mas séria e positiva. Quanto mais se avança, mais se adquire o verdadeiro sentido das realidades, mais se compreende as coisas simples, mas bem graves, que o trepidar da vida nos fazia desprezar.

A vida, a morte, a carnificina cotidiana, que representa alimentação animal, esses duros e amargos problemas surgiam diante do meu espírito. Contradição miserável! A fraca natureza do Norte, com os seus vegetais ineficazes, não refaz a nossa energia, e nós não podemos produzir trabalho (esse dever primário) senão pela alimentação sangrenta! Pela morte! Pelo esquecimento da piedade! Esperemos outro mundo, onde as baixas, as cruéis fatalidades deste nos possam ser poupadas.

A piedade produziu na Índia os efeitos da sabedoria. Ela fez da conservação, da salvação de todos os seres um dever religioso e, por isso, logrou o prêmio da eterna juventude. Através de todos os desastres, a vida

animal respeitada, querida, multiplicada, superabundante, deu-lhe as renascenças de uma fecundidade inesgotável.

Não se pode evitar a morte, nem para nós nem para os outros. Mas a piedade quer, pelo menos, que, se essas criaturas tenham a sua vida abreviada, nenhuma morra sem ter vivido, sem ter amado, transmitido pelo amor a sua pequena alma, cumprido esse dever, que a ternura de Deus impõe: “De ter tido a sua hora divina”.

Daí, o encantador começo, verdadeiramente piedoso, do Ramayana, esse belo arrebatamento de Valmiki perante a morte da pobre garça real: “Ó, caçador, não possa a tua alma ser jamais glorificada em todas as vidas a vir, porque tu feriste essa ave no momento sagrado do amor!”. Ele diz, chora... Os seus gemidos, ao fluxo e refluxo do seu coração, medidos, tornam-se rítmicos, e eis a poesia! O poema maravilhoso começa. Esse rio imenso de harmonia, de luz, de divina alegria, o maior que já correu, brota dessa pequenina fonte — um suspiro e uma lágrima.

Verdadeira bênção do gênio. Enquanto em nosso Ocidente os mais secos e os mais estéreis se mostram altivos em face à natureza, o gênio hindu, o mais rico e fecundo de todos, não conheceu nem pequeno nem grande, abraçou generosamente a fraternidade universal até a comunidade da alma!

Direis, talvez: “Superstição!... Essa bondade excessiva pelo animal vem do dogma da transmigração das almas”. O contrário é que é mais verdadeiro. É porque essa raça, delicada e penetrante, sentiu amor e alma mesmo nas suas formas inferiores, nos fracos e nos simples, é por isso que ele fez da transmigração o seu dogma. A fé não fez o coração; foi ele que a fez.<sup>30</sup>

Qualquer que seja a fé, o coração, a Índia não pode fugir completamente a essa contradição do mundo.

Aquele que se alimenta de frutos, o brâmane, sendo fraco, precisa, portanto, do guerreiro para protegê-lo. E este não disporá de força senão participando um pouco, pelo menos, da alimentação sangrenta e das paixões que esse regime provoca.

Daí, a *queda* e o *mal*. Daí, a crise que constitui o assunto do Ramayana. Esse poema tem por tema a piedade, e o seu drama é constituído pelo esquecimento desse sentimento. O mais compassivo dos seres, a mulher, é tentada, afastada da sua natural bondade por não sei que sonho mau, uma *inveja*, um desejo.

Não se trata, aqui, de gulodice. A Eva indiana deixa pender das árvores todos os frutos do paraíso. O seu paraíso é o amor, e ela não cobiça outra coisa. De resto, ela não é senão doçura, timidez, inocência.<sup>31</sup> E, no entanto, por uma inesperada metamorfose, é ela que a vertigem arrasta, que por um momento se torna cruel. Vendo passar uma deliciosa gazela, cujo pelo brilha como ouro, exclama: “Oh, eu quero-a, quero-a!”.

Que tem ela? Por que lhe veio esse capricho? Não é pelo gosto do sangue. Será pelo brilho doce, selvagem, da pele em que o seu rosto encantador parecerá ainda mais fino? Não, num tal clima esse enfeite seria incômodo. Ela pensa em coisa diferente, e diz, mas com embaraço: “Desejaria dormir sobre ela... Sei que faço mal... Mas, enfim, é um desejo, um desses desejos loucos que a todo custo se satisfazem...”. Deseja a gazela para com a sua pele fazer no antro selvagem seu leito de amor.

E, no entanto, é muito pura, muito ingênua para não sentir, para não confessar a censura que o coração dirige. Confessa-a, mas passa-lhe por cima, procura enganar a si mesma. E diz: “Que ela se deixe prender, que isso nos divertirá”. Ela diz, mas não crê. É fácil supor que o animal fuja, e com a seta fatal entregue com a vida o objeto do sensual desejo.

O pior é Rama partilhar de tal desejo. Rama perturba-se e, uma única vez nesse poema imenso, deixa escapar uma palavra acerba. A seu irmão, que o quer deter, diz: “Mas os reis matam com as suas flechas os hóspedes da floresta, seja porque lhe apreciam a carne, seja por divertimento. Tudo na floresta pertence ao rei”.

Esconde, sob essa dureza, a sua fraqueza para com a bem-amada. E parte, entregando-a ao irmão, que não deve deixá-la.

A fantástica gazela escapa-lhe, arrastando-o por muito tempo atrás de si. Porém, Sita julgou ouvir a voz de Rama, que chama ao longe... Deus poderoso! Ele se encontra em perigo... Obrigada, então, o irmão a desobedecê-lo, a ir em socorro de Rama. Ainda outro pecado de amor. Ah! Porém, como foi punido! Fica só, receosa, fraca pela sua dupla falta, pela sua ilusão fatal. A corça era o demônio; a voz era o demônio, o terrível Ravana, o rei dos espíritos maus, que aparece na figura de um brâmane, de um bom anacoreta que a lisonjeia, que quer seduzi-la e acaba por arrastá-la para a sua ilha inacessível e guardada pelo oceano.

O desespero de Rama é infinito: à luz brilhante da sua sabedoria vela-se. Tem todas as dores dos homens, agravadas pela amarga dúvida que essas

circunstâncias provocam. “Ah!”, exclama, “de que me serviu ter cumprido o dever?”. Rama não tem conhecimento algum da sua origem divina, não diz: “Meu pai! Meu Pai! Por que me abandonaste?”. A paixão do moço-deus perderia o seu mérito se ele tivesse a menor ideia de que era um deus e filho de Deus. O poeta tem o cuidado de lhe ocultar esse mistério consolador. Pinta-o homem, ignorante do seu destino, incerto do que aconteceu a Sita, não sabendo o que fazer, no horror tenebroso de um naufrágio, para o qual não surge no horizonte o menor clarão de esperança.

Começará a estação das chuvas, verdadeiro dilúvio na Índia, e as cordilheiras selvagens dos Gates em que Rama se refugiou estão envolvidas em neblinas. A terra chora, o céu chora. As torrentes descem e mugem. Os ventos lamentam-se. Todos os elementos juntam o seu luto ao de Rama. E, nesse lúgubre concerto, ele se sente ainda mais só.

Onde estão os parentes, a corte, os vassalos desse filho de rei? Seu irmão foi procurar um socorro longínquo. Mas quanto mais o homem está afastado, mais dele se aproxima a natureza, simpática e compassiva.

Todos os animais, nossos amigos, que outrora, menos desprezados aproximavam-se sem desconfiança do homem, correram para junto de Rama, vieram oferecer-se e dedicar-se. Faz-se uma insurreição santa de todos os seres em favor do ser bom.

Grande e sublime aliança. É ela um dos instantes de fé que o homem encontra no seu coração nas primeiras idades da vida.<sup>32</sup>

Rama não recusa aos seus bons auxiliares a glória de combaterem em seu favor. Armado de poderes divinos, ele poderia, sem dúvida, vencer sozinho. Mas para eles é uma felicidade testemunharem o seu zelo, fazendo sob o seu comando a guerra santa. Numa cruzada tão gloriosa, o nome de soldados de Rama honra-os e eleva-os. Nenhum brâmane, nenhum santo rishi, no fundo das solitárias florestas, pela oração e pela maceração, pela absorção profunda que os iguale aos próprios deuses, poderia criar-se os méritos que esses simples, no seu arroubamento por Rama, vão adquirir combatendo pela causa da bondade, da piedade e da justiça. Por isso, o autor do Ramayana abre a todos o exército. Arregimenta todos os seres, os mais rudes e os mais selvagens, ursos enormes ou macacos gigantes. Todos dispõem da palavra, têm uma bela lucidez de espírito. Todos, transfigurados pelo amor e pela fé, precipitam-se para o Sul. A fé levanta montanhas, doma ou desafia os mares. Quando todo esse mundo selvagem, no extremo do Indostão, vê a ameaça

das ondas que o separam de Ceilão, indignado, arranca, arremessa, amontoa rochedos e florestas. Faz-se uma ponte enorme, e ele passa, o grande exército, na sua pompa bárbara. Debaixo, estupefato, vencido, o oceano Índico os contempla.

Tudo isso é História, na sua forma dramática. Assim o compreendem hoje. O Ceilão esteve outrora ligado ao continente.

E também essa batalha dos animais bons a favor do homem é História. É o que aconteceu com efeito, o que acontece sempre. Nessa região, sobretudo, o homem não teria podido viver sem eles.

Por honra sua, nomeemos primeiro a sua boa ama, amada, honrada, a vaca sagrada, que fornece o alimento precioso, salutar intermediária entre a erva insuficiente e a carne que horroriza — a vaca, cujo leite, a manteiga, foi por muito tempo a hóstia sagrada. Na grande viagem da Bácia à Índia, ela só sustenta o povo primitivo. Contra tantas ruínas e desolações, por causa dela, dessa ama fecunda, ele viveu e vive ainda.

Porém, muitos outros animais, menos amados e menos familiares, salvaram-no e o salvam ainda, nas vinte guerras diferentes que se travam ao mesmo tempo nas florestas do Indostão. Essas florestas gigantescas são povoadas em todos os andares da sua enorme altura, mas povoadas de combatentes. Muitas vezes os resíduos ali acumulados, fermentando, criam dois terríveis flagelos, os mais mortíferos de todos: ou as emanções pútridas, ou os encarniçados insetos. E sem dois benfeitores da Índia, que os homens hoje renegam, a vida não seria possível: a serpente, caçadora de insetos, que os atinge e persegue por toda parte, onde a ave não os alcança; e o abutre purificador, o grande lutador contra a morte, que a impede de se ostentar, que sem cessar a transforma, que da morte faz a vida, é o infatigável agente da circulação divina.

Nas partes mais baixas, no raso das florestas, nas árvores inferiores e nas trepadeiras que alindam a base dessas catedrais de flores, por toda parte, e sempre, está a morte. Ali, o leão e o tigre estão alertas a aguardar a presa. A salvação do homem foi que do alto, lá de cima, dos andares superiores dessas abóbadas vegetais, um auxiliar lhe veio. Inofensivo comedor de frutas apenas, mas de incalculável força, o orangotango, que, brincando, torce o ferro entre os dedos, fez contra eles, por necessidade justamente, a guerra do homem. Armado de um tronco, de que faz uma maça, associa-se, liga-se, com o homem. Juntos, três ou quatro atacam e matam (bem melhor do que o tigre)

o elefante, que quer vedar-lhe os frutos ou as canas-de-açúcar. O orangotango é, na verdade, o Hércules que pode combater os monstros. Terríveis de agilidade, movendo-se alternadamente no ar e na terra, balançando-se nas árvores e voando de um salto audacioso, gozava de enormes vantagens sobre os animais da terra. Planando sobre eles, vigiava-os. O tigre, de um salto imenso, pode apanhar o homem e o cão. Mas sobre a sua cabeça existe um perigo. O macaco enorme que o vê, que o espiona, pode como um raio cair e esmagá-lo.

Esse ser, tão temível, não sendo provocado, nada tem de hostil. No primeiro canto do Ramayana, vemo-los passar em bandos (como os macacos ainda hoje fazem, conduzidos pelo seu chefe ou rei). E, como Sita tem medo, Rama faz um sinal ao chefe e afasta-o com a mão. Todos passam docilmente de lado.

É preciso não julgar o orangotango pelo que hoje se observa. Nenhum ser foi tão amedrontado, irritado, exasperado, pervertido pela crueldade do homem como o macaco. Hoje, a sua nervosidade convulsiva horroriza-nos. Ele tem o ar de um semilouco, de um epilético. Porém, nesses recuados tempos, em que o homem vivia com ele em tão grande familiaridade, esse ser imitador, mais calmo, deveria modelar-se pelo indiano, tornar-se um macaco grave, um servo dócil. A mulher, sobretudo a mulher que tinha sobre ele um grande poder se o criava desde pequenino, fez dele o mais doce dos escravos.

Uma coisa nos encanta no Ramayana: é que mesmo o que é fictício o é no sentido da natureza. O exército de macacos que combate a favor do Rama, sob o comando de um chefe tão santo, não é menos fiel ao seu caráter.<sup>33</sup> São verdadeiros quadrumanos, glutões, frívolos, principalmente caprichosos e inconstantes, se é necessário dizê-lo, libertinos, pouco suscetíveis quanto ao artigo das interdições bramânicas e aos graus de parentesco. Têm um espírito agitado, turbulento, mas que facilmente se acalma. Têm abatimentos excessivos e pouco motivados, mas rapidamente se exaltam. Daí, um cômico encantador, amável e sem maldade.

O favorito do poeta, o macaco herói, Hanuman, se tem ombros largos, nem por isso é menos admirável: na sua dedicação ao Rama, levanta montes sobre o seu dorso. Nascido do Ar, concebido pelo Vento, um pouco vão, tentou, quis o impossível; a forte mandíbula de baixo, que o torna um tanto disforme, recorda que, quando ainda criança, ele teve o arrojo insensato de

subir ao sol. Caiu e, desde então, ele, e depois dele a sua prole, ficou marcado com esse sinal. É assim que um leve sorriso, mas bom, amável, simpático, mistura-se por toda parte, ao grande, ao santo, ao divino, nesse poema bendito.

Cumpre não imaginarmos que, nesse país de luz, o rei dos demônios, Ravana, tenha o menor traço dessa feia criação da Idade Média, o diabo, grotesco, ignóbil, com a sua cauda e os seus chifres. Ravana é, pelo contrário, demônio pela sua nobre e real beleza, por seu gênio, por sua ciência, por sua grandeza. Lê os Vedas. A sua cidade, a colossal e deliciosa Lanka, tal como a descrevem, ultrapassa, e muito, as Babilônias e as Nínives. Ele possui um harém maravilhoso, inteiramente aberto e sem guardas. Abunda ali a volúpia. Nesse demônio, o perigo reside no poder da sua atração imensa, que tanto fascina as amantes como os amigos. É violentamente adorado e resplandece do brilho das artes e dos esplendores da natureza. E, acima e além de tudo isso, possui a estupenda arte de fazer pela magia uma antinatureza que engana, de criar a seu bel-prazer seres efêmeros, encantadores, terríveis.

E, contra tanta arte, Rama não leva consigo senão seres simples, grosseiros, selvagens. Nada mais do que a força do coração, a bondade, o direito. E é isso que o fará vencer; é o que protege, no próprio interior do palácio de Ravana, a sua desgraçada Sita. Pela sua corajosa gravidade e pela sua heroica resistência, ela ergue-se ao nível da indiana primitiva, da sua nobre esposa Védica, que, depois de mil ou dois mil anos, nós perdemos.

Através dessas situações trágicas, o macaco herói, Hanuman, é divertido e tocante. O seu grande coração, as suas doces virtudes, misturadas com pequenos ridículos, fazem a um tempo rir e chorar. É ele em realidade que é o Ulisses e o Aquiles dessa guerra. Ele ousa penetrar sozinho na terrível Lanka, no temível harém, até junto de Sita. O seu terno respeito consola-a. Mais do que outro, é ele quem a liberta.

Após a vitória, Rama festeja-o, coroa-o. E então uma coisa inaudita sucedera e transformara a natureza. Em frente dos dois exércitos, diante dos homens e dos deuses, Rama e Hanuman abraçaram-se!

Que não se fale mais de castas. O poeta abster-se-á de tocar em tal assunto. E realmente a barreira caiu, não existe desde então. A casta *animais* fica suprimida! Como subsistiria ainda qualquer coisa das castas *humanas*? O último dos homens pode dizer: “Hanuman emancipou-me”.

Assim desaba o estreito céu da religião bramânica.<sup>34</sup> Acabou toda a escolástica social. O mundo inteiro abraça-se numa imensa festa.

Mas, nesse grande dia da Graça, podem existir maus, danados?

Não, o mau foi um ser negativo, um contrassenso, um mal-entendido. Ele expiou, está perdoado. O monstro não passava de uma máscara, sob a qual uma pobre alma exigia cativa por um fatal encantamento. Tocada, ei-la libertada, e ela voa, é feliz. E, fulminada, agradece.

## Notas

<sup>30</sup> Uma crítica nova, mais forte e mais séria, começa. As religiões, hoje tão profundamente estudadas, subordinaram-se ao *genius* que as produziu, à sua criadora, a alma, ao desenvolvimento moral de que elas são o fruto. É necessário, antes de tudo, observar a raça com as suas aptidões próprias, os meios em que vive, os seus costumes naturais; então, podemos estudá-la na fabricação dos deuses, que, por sua vez, influem sobre ela. É o *circulus* natural. Esses deuses são *efeito* e *causa*. É, porém, essencial estabelecer, primeiro, que eles foram *efeito*, os filhos da alma humana. De outra forma, se se deixam dominar, cair do céu, oprimem, absorvem, obscurecem a história — eis o moderno método, muito luminoso e seguro, que tem recentemente afirmado as suas regras e seus exemplos.

<sup>31</sup> Ela própria, vendo Rama começar na floresta a guerra contra os espíritos que perturbam os solitários, humildemente lhe aconselha a paz. “Rama”, dizia ela, “disseram-me que outrora um santo eremita recebeu como presente uma espada. Passeando com ela, eis que a espada se transforma, dando-lhe o gosto do sangue. E daí por diante ele não cessa de matar”. Rama, em nome do dever, não acolhe esse excesso de prudência. A espada não o embriaga; ele não tem a vertigem do sangue.

<sup>32</sup> A Índia e a Pérsia creem nele. O Shah Nameh, que sob forma moderna nos dá tantas tradições antigas, apresenta-nos exatamente o mesmo quadro do Ramayana. Na terrível batalha que o seu herói vai também travar com os espíritos maus, todos os animais se colocam ao seu lado e, sem combater, sem nada tirar ao brilho da vitória, pelos seus espantosos gritos, assobios, rugidos, paralisam o inimigo, que desde logo se sente vencido por essa solene unanimidade da natureza, pela sua maldição, pelo seu anátema, pelo seu julgamento.

<sup>33</sup> Não se veem ali, como nas desastradas lendas da Idade Média, falsos animais convertidos, corvos devotos, leões penitentes, que pedem a bênção.

<sup>34</sup> Se o Ramayana tem muitas partes modernas e posteriores à revolução budista, ele é-lhe certamente anterior em geral, sobretudo pelo fundo do poema. Não tenho dúvida de que ele tenha contribuído poderosamente para essa abolição das castas, que emancipou quatrocentos milhões de homens e fundou a maior Igreja da Terra.

SEGUNDA PARTE  
A Pérsia

## A TERRA, A ÁRVORE DA VIDA

A Pérsia não tem castas. Sob o ponto de vista religioso, todos ali são iguais.<sup>35</sup> Todos são e se chamam igualmente *os puros*. Cada um pontifica em sua casa, oficia e ora pelos seus.

A Pérsia não possui templos, nem cerimônias culturais senão a oração e a palavra. Nenhuma mitologia. Nenhuma poesia imaginativa. Tudo verdadeiro, positivo, grave e forte. A energia na santidade.

Junte-se a isso o vigor precoce da sabedoria e do bom senso. O Fogo não é um deus, mas um símbolo, o espírito benevolente do lar.

O animal não é glorificado, mas amado, bem e magnanimamente tratado, conforme sua dignidade na casa e seu lugar na escala das almas.

A lei simples, a mais humana entre todas, que a Pérsia deixou — nunca ultrapassada, lei sempre viva e que abre sempre a estrada do futuro — é a *agricultura heroica, o esforço corajoso do Bem contra o Mal, a vida de Luz pura no Trabalho e na Justiça*.

Daí uma moral do homem e do trabalhador — não do ocioso, do brâmane ou do monge —, uma moral não de abstenção e de sonho, mas ativa, de fecunda energia. Ela resume-se em: “Sê puro para seres forte. Sê forte para seres criador”.

\*\*\*

Depois da meia-noite, o fogo, afrouxando, torna-se inquieto, acorda o chefe da família e diz-lhe: “Levanta-te, veste-te, lava as tuas mãos e traze a madeira pura que me fará brilhar. Se não o fizeres, os maus espíritos poderão apagar-me”.

E ele se levanta, põe sua vestimenta e reanima o fogo, alimentando-o. A casa resplandece. Se os vagabundos, os espíritos das trevas, erram disfarçados

de chacais, de cobras, farão bem em afastar-se. O espírito brilhante do fogo vela; e junto dele está seu hóspede, que antecipa a aurora, meditando nos trabalhos da manhã. O *puro*, o *irrepreensível* fogo guarda a ele, à sua casa, à sua alma, não permitindo senão pensamentos sábios, fortes e corajosos.

Quais? Digamo-los em poucas palavras:

Dá a todos o que lhes é devido. Dá ao Fogo e à Terra o legítimo alimento. Faz justiça à planta, ao touro, ao cavalo. Não sejas ingrato com o cão, toma cuidado para que a vaca não muja contra ti.

A Terra tem direito à semente. Desprezada, maldiz; fecundada, agradece. Ao homem que a tiver revolvido da esquerda para a direita e da direita para esquerda, ela dirá: “Que os campos deem tudo o que é bom para comer; que tuas aldeias, numerosas, sejam abundantes de todos os bens”. Ao homem que não a remexe da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, ela diz: “Que os alimentos puros estejam longe de ti; e que o demônio te atormente! Em teu campo, por alimento não te dou senão temores!”.

“Honra homenagem à Terra! À Terra, a santa mulher que concebe o homem. Ela exige boas obras. Homenageie as fontes Ardonisour, que fazem com que as mulheres puras concebam para parir!”

A primeira das boas obras é dar de beber à terra, ajudá-la, levar-lhe constantemente a vida e a frescura. E, de certo modo, criá-la. A Pérsia não é, como o Egito, uma *dádiva do Nilo*.<sup>36</sup> As torrentes passam e deixam-na sequiosa. A terra esboroa-se, fende-se. É necessário procurar as águas. É necessário adivinhá-las, evocá-las do fundo escuro da montanha e trazê-las à luz. É esse o sonho do homem, vê-la brotar da rocha, surgir da areia árida; vê-la, fresca e ligeira, correr, gorgolejar, murmurar.

Ele ergue-se então e diz: “Eu rezo, invoco todas as águas. Fontes que do fundo da terra borbulhais e subis! Belos canais criadores! Suave água límpida, doce água corrente, que multiplicais as árvores e que purificais o desejo... Sede boa e correi para nós!”.

A madrugada surge. O homem levanta-se e com o ferro (a curta espada ou então o forte punhal que se vê nos monumentos), diante do sol amigo,

cava e revolve a terra, abre-lhe a ferida salutar. No fundo desse sulco já escavado, põe a boa semente.

Todos *os puros* estão com o homem. A águia e o gavião saúdam-no com o seu primeiro grito matutino. O cão acompanha-o e escolta-o. O cavalo relincha de alegria. O touro forte amigavelmente arrasta a charrua e muge. A terra fumeja; o seu hábito vivo garante a sua fecundidade. Todos estão de acordo. Todos sabem que o homem é justo e trabalha para eles.

Ele é a consciência comum. Ele sente que realiza uma obra elevada; que, alimentando o corpo e fazendo-o comunicar-se com as forças da natureza, deve também alimentar a alma. Ele diz com um arreganho não sem grandeza, com um bom senso rude e forte que exprime tudo: “Se comermos, ouviremos melhor a palavra sagrada. Se não comermos, não teremos força para as obras puras. Se houver fome, não haverá crianças robustas, trabalhadores valorosos. Este mundo não existe senão pelo alimento”.

Depois, exaltando-se pelo esforço, pelo trabalho perseverante, pela sua coragem maior diante do sol que sobe, diz: “Trabalha e semeia! *Quem semeia com pureza cumpre toda a lei...* Aquele que dá à Terra o grão forte é tão grande como se tivesse feito dez mil sacrifícios”.

E a terra responde-lhe: “Sim!” Em que língua? Na dela. Responde em grãos dourados todos os anos. Tende paciência, concedei-lhe alguns anos; ela responde cada vez mais através de um ser novo, poderoso, robusto e que cresce sempre. Esse ser está já da altura do homem e, na estação seguinte, será mais alto do que ele. Rico, abundante, reconhecido, ele estende-vos os braços e as folhas, oferece-vos ao meio-dia a desejada e bendita sombra, uma proteção tutelar contra o céu abrasado, o abrigo e, sem dúvida, a vida. Mas o sol descai um pouco.

O homem, antes de retomar o trabalho, volta-se para o seu benfeitor e diz: “Salve, árvore da vida!”.

“Ele veio da terra... Mas eu, de quem vim? De meu pai. Mas o primeiro pai?...”. A essa pergunta profunda, que ocupa o seu devaneio sobre o sulco mudo da tarde, responde pelas duas forças que conhece: força de juventude, da árvore sempre renovada; e de ação, de trabalho, do seu companheiro, o touro. Se o homem forte não vem do touro, talvez venha da árvore. Esta, que vive por tanto tempo, não será a vida de outrora e a vida de amanhã? Em resumo, a vida imortal?... A árvore é a imortalidade.

O seu nome sagrado é Hôma. Não o soma ligeiro da Índia, a planta caída do céu que cintilante no Fogo sobe com alegria ao céu e vai alimentar os deuses. Este, o robusto Hôma, solidamente arraigado na terra, é a imortal árvore da vida, o forte. Para ser também forte, o homem deve comer os seus pomos de ouro. Ou então, esmagando-os, tirar deles o suco poderoso, o licor, “que leva a alma ao bom caminho”. E não imagineis que isso seja uma pura alegoria. Diz-se e repete-se na Lei que Hôma se come, quer ser comido e que ele próprio inclina os seus ramos para que comam os seus frutos de ouro.<sup>37</sup>

São os heróis da Pérsia os primeiros que com suas mãos gloriosas esmagam e fazem fermentar o Hôma. Desde logo, espumoso, fremente, faz-se ouvir, fala e fará falar as pedras. É o próprio Verbo.

Milagre supremo num povo de silenciosa gravidade, cuja língua ciclópica, informe e avara de palavras é, se assim se pode dizer, um idioma de mudos.<sup>38</sup> O lavrador que anda o dia todo pelo campo, seguindo seus bois enquanto lavram, chegada a noite, fatigado, repousa e de poucas palavras necessita. Tanto o hindu, de língua florida, armou o seu sânscrito, tanto a Pérsia conservou, pelo respeito ao silêncio, seu velho avéstico. Se esse mudo fala, é Hôma que fala nele.

*Palavra e luz* são duas palavras idênticas na primitiva língua sagrada.<sup>39</sup> E isso não é sem razão. A luz é, por assim dizer, o verbo da natureza. E a palavra é, por sua vez, a luz do espírito. O universo escuta e responde. Entre a natureza e a alma trava-se um eterno diálogo. Se a alma não traduzisse, não iluminasse o que a natureza diz, seria como se essa natureza incompreendida, obscura, não existisse.

A palavra-luz (Hôma) é o sustentáculo da existência: a todos os momentos a evoca. Ela chama, um a um, todos os seres, para lhes assegurar a vida. Todo nome é uma encantação para acordar, suscitar o que poderia adormecer e recair no nada.

Uma fé como essa coloca o homem bem alto. Que esse chefe de família, erguido em plena noite, quando a mulher e o filho dormem, pronuncie, em frente ao Fogo, as palavras que vivificam o mundo — em verdade, é grande. Qual não será a gravidade, a santidade, daquele que se sente tão preciso à existência universal! No silêncio da meia-noite, sozinho, ele sente-se em acordo com todas as tribos dos puros, que a essa hora dizem também a mesma palavra de vida.

Nada de castas, nada de magos, nada de realeza ainda. O pai, em cada casa, é rei-mago. E mais ainda: o conservador dos seres, o salvador de toda a vida. O poder extraordinário que a Índia concede a um rishi, ao grande rei Vixvâmitra, pode-se ver aqui em todos, no menor lavrador. Aquele que, de manhã, pela mão e pela relha do arado, cria na terra a noite pela Palavra, cria ainda, gera o mundo, cuja vida incerta está suspensa da sua oração.

## Notas

<sup>35</sup> Trata-se da Pérsia primitiva. Os textos, embora confusos, deixam distinguir três idades: a *patriarcal*; aquela em que aparece o *sacerdote*; e, finalmente, a idade em que o *magismo* medo-caldeu se enxerta na Pérsia — os magos não foram propriamente uma casta, mas uma tribo. O magismo só se organiza depois da conquista de Babilônia — os gregos não conheceram a Pérsia senão após essa idade tardia e muito mesclada. Eu sigo unicamente o Avesta, naquilo que ele tem de mais antigo. Além disso, mantenho-me o máximo possível em conformidade com Burnouf, em seu *Yaçna* e seus *Études*, em que ele retifica frequentemente Anquetil. Igualmente, as suas conversas fecundas me têm fortalecido e julgo que em nenhum ponto me desviei desse espírito. Os recentes trabalhos dos alemães Hang, Spiegel etc. foram admiravelmente resumidos por Michel Nicolas, *Revue Germanique*, VII e VIII.

<sup>36</sup> As chuvas não são nem fortes nem frequentes. Poucos rios navegáveis, ou nenhum. Poucas árvores. Malcolm, *The History of Persia*, t. I, 4-5.

<sup>37</sup> Eugène Burnouf, *Études*, 231 (1850).

<sup>38</sup> Essa língua, o avéstico, singularmente grosseira, parece falar em sílex, escrever-se em punhais, em ferros de celtas, em pregos, em cunhas. Daí o nome dos seus caracteres antigos, os caracteres *cuneiformes*.

<sup>39</sup> Burnouf, *Yaçna*, 214.

## A LUTA ENTRE O BEM E O MAL O PERDÃO DEFINITIVO

O agricultor é homem inquieto, espírito sem sossego, alma agitada. O pastor tem tempo para cantar às nuvens as vitórias fantásticas de Indra. Ele tem tempo para seguir, no céu da Caldeia, as longas viagens das estrelas. Porém, dia e noite, o persa agricultor deve velar, trabalhar, combater.

Combate contra a terra. Ela é dura, obstinada, não se entrega com um só golpe; vende ao trabalho o que julgaríamos que dá.

Combate contra as águas. As doces águas, tão desejadas, descem furiosas para destruir, arrasar tudo. Às vezes, secam de repente, bebidas pelo sol. É preciso, nesse clima, conservar na escuridão essas filhas da noite, evocadas da terra, abrigá-las em canais secretos, numa circulação subterrânea de infinito trabalho que faz do lavrador um mineiro e um construtor.

E, feito tudo isso, nada está feito. Surge a criança delicada, o trigo verde, de coloração tão tenra. Escapando do seio criador, logo se vê cercado de inimigos. Há cem plantas robustas e más que estão ali para estrangulá-lo se a mão paternal não vier destruí-las. Cem animais devoradores surgem, monstros que ele não pode repelir. Quais? Não tigres nem leões, mas pacíficos rebanhos.

É principalmente o pastor que para o agricultor é o *maldito*. É contra ele que se guarda o campo. O sombrio trabalhador traça com o punhal o limite protetor. Depois, cava-se, e eis o fosso. Planta-o, e eis a sebe. E, demarcando-o, crava-lhe a estaca, a pedra — que direi? —, a sua palavra e a sua maldição. Desgraça a quem o pisar!

Guerra eterna, que se faz em toda parte. Foi ela que causou o divórcio do hindu védico com o persa, do ariano pastor com o ariano cultivador. O pastor acha odiosa e injusta a apropriação da terra. Ri das cercas, dos fossos. Os seus animais divertem-se maliciosamente a saltarem-nos. A cabra destrói a sebe. A vaca transpõe-na à força. A ovelha doce, procurando inocentemente

a vida, arrasa o trigo que aponta, esse trigo sagrado, essa esperança querida em que o lavrador põe a sua alma. É preciso que ele guarde seu trigo. Cada vez mais sonhador e taciturno, julga ver nesses animais malfazejos que comem menos do que destroem os agentes dos espíritos maus, que ele maldiz, o exército da malvadez “do capricho perverso”, as endrôminas misteriosas da magia.<sup>40</sup>

O hindu partiu para o Leste. Porém, do Norte, surge outro vizinho, o terrível pastor tártaro, o informe caos dos mongóis, demônios centauros cujos cavalos pequeninos, de instinto diabólico, fazem de todo o campo vedado lugar para suas correrias. E o maldito império do Turã, o eterno inimigo do Irã ou da Pérsia. Esses feiticeiros negros (vede o *Shah Nameh*) vão e vêm como o morcego ou o inseto noturno que estraga, destrói e desaparece. Ao contrário, fixo e pesado, dos lodos do Eufrates vai e volta para dormir sobre o Irã o imundo dragão assírio, o réptil monstruoso que adorava Babilônia (*Daniel*) e que, dizem os persas, só de carne humana vivia.

Longos séculos, milhares de anos passados nessas lutas cruéis, deram ao povo trabalhador um espírito muito positivo, uma poesia estranha.

Ele elevou assim à sua concepção soberana o combate constante de dois mundos. De um lado, o santo reino de Irã, o mundo do Bem, o jardim da árvore da vida, o paraíso (palavra que quer dizer jardim); de outro, o vago mundo bárbaro do Mal e do injusto capricho. Tudo lhe apareceu povoado de espíritos contrários. Entre as estepes rudes, onde assobiam os demônios do Norte, e os desertos de areia em que ardem os demônios do Sul, a Pérsia julgou-se com razão a terra bendita do trabalho, da ordem e da Justiça.

\*\*\*

E isso não é uma palavra vã, uma brincadeira da fantasia. É um firme propósito, uma resolução de *ser justo*. Há, às vezes, momentos assim! Um escritor célebre (Montesquieu) confessa que uma vez lhe veio um vivo estremecimento da consciência e que teve um desejo forte e decidido “*de ser homem de bem*”. É precisamente esse instante que a Pérsia representa na humanidade: *uma resolução de ser justa*.

Insta em primeiro lugar contra si mesma, contra o vício próprio ao lavrador, a sórdida economia, justa no lar com o servo humilde que se não defende, o animal, por exemplo. “Os três puros queixam-se do homem injusto. A planta o amaldiçoa: ‘Sê privado de filhos, tu que não me dás a coisa boa que me agrada (a água)’. O cavalo diz: ‘Não esperes que eu te ame e que seja teu amigo quando tu me montares, tu que não me dás o alimento e a força para aparecer com honra diante da assembleia da tribo!’. A vaca diz: ‘Maldito sejas tu que não me fazes feliz, que não queres senão engordar-me para tua mulher e teu filho’.”<sup>41</sup>

Mas esses três servos são da própria casa. Como é difícil ser justo fora de casa!, de o ser à sua volta com os vizinhos disputadores, para os extremos etc. Notai que a vida da Pérsia prendia-se com os limites invisíveis das águas que corriam debaixo da terra. Que interesses era preciso respeitar! De uma água tão rara todos são avaros, ciosos. A tentação viva está em toda parte, e as estratégias são tão fáceis! Que a distribuição das águas seja regular é prova de grande lealdade. Fica-se tomado de pasmo quando, em Heródoto, lê-se que, no seu tempo, existia um sistema imenso de quarenta mil canais que corriam por toda parte debaixo da terra. Obra maravilhosa, venerável, de trabalho, de vida digna, de moralidade, de justiça.

Como a Justiça é boa, rica por natureza! Como uma fonte transbordante, ela transborda em humanidade. Da Lei brota a Graça. Nessa Pérsia que se afigurava exclusiva, onde o parentesco, a pureza do sangue, o orgulho de família, de tribo parecem muito fortes, o desconhecido não é um *hostil*, como Rama qualifica o estrangeiro. A prostituta errante, desconhecida, que aparece é protegida e garantida. “Ide e procurai a sua origem, o seu pai. E, se não o encontrardes, vós deveis levá-la ao chefe do cantão. Vós alimentais, vós tendes como sagrada a fêmea do cão que guarda a casa e não dareis de comer a essa mulher que vos é entregue?”<sup>42</sup>

Sim, foi sem dúvida alguma no jardim da justiça onde floria a árvore da vida. E é com o coração que nos associamos à defesa desse mundo sagrado, ao grande combate do Bem, que defendia esse paraíso.

O exército do Bem, feito à imagem da Pérsia, dividida em tribos, marcha sob o comando de sete chefes, os brilhantes Amschapands, cujos nomes são os das sete virtudes: a Ciência ou o mestre sábio (Ormuzd),<sup>43</sup> a Bondade, a

Pureza, a Valentia, a Indulgência Liberal, os Gênios da Vida, produtores, vivificadores.

Os izeds, gênios inferiores (poderíamos dizer as almas aladas, os anjos) dos justos, mesmo os dos bons animais puros, formam o exército imenso do Bem. Na sua frente, o mundo das serpentes, dos lobos, dos chacais, dos escorpiões.

Contemplemos a batalha no quadro grandioso e fiel que nos pinta Edgar Quinet,<sup>44</sup> segundo os próprios textos:

A ela concorrem todos os seres: no cabo do universo, o cão sagrado, que vela sobre o rebanho dos mundos, aterroriza o chagal maldito, de formidáveis latidos. O gavião de olhar perfurante, a sentinela da manhã, grita, bate as asas, aguçando o bico para o combate raivoso. O cavalo ergue-se, escoiceando o Impuro.

As estrelas, o próprio céu, dividem-se em dois bandos inimigos. Porém a ave, de pés de ouro, cobre com a sua asa o santo reino do Irã. Debalde no deserto de Gobi arquejam, assobiam os monstros, cobras, bípedes, grifos, centauros, que lançam o simum devorador.

A luta trava-se até no fundo dos seres.

Cada um tem o seu espírito, o seu anjo. No diamante brilha uma alma luminosa. A flor tem o seu guarda.

Tudo, até o punhal, tem o seu; a lâmina vibra... E tudo isso combate, persegue-se, atinge-se, exorciza-se, fere-se com anátemas e com encantações mágicas. Os Devas, de corpo de aço, os Darwands, de roscas de serpentes, combatem com os brancos Férouers, os Amschapands de asas de ouro. O choque de suas armaduras ressoa e retine.

Espectáculo maravilhoso, mas nem um pouco confuso. Cada vez se esclarece mais, se ordena mais. O exército do Bem concentra-se e unifica-se.

O primeiro dos sete Amschapands aparece, de momento a momento, brilha e resplandece. Toda a luz se concentra nele. A noite, vencida e sempre decrescente, foge com Ahrimane. Religião feliz da esperança! Não da esperança inativa, de preferência expectativa, de sonolento ascetismo; mas de fé heroica, de valorosa esperança que cria o que ela deseja e, quer pelo trabalho, quer pela virtude, torna Ahrimane cada dia mais fraco e engrandece Ormuzd, conquista e merece a *unidade de deus*.

Contribuir para a vitória de deus, fazê-lo vencedor, fazê-lo único!... Oh! Coisa bela, a mais elevada por certo que jamais sonhou a alma humana, e a

mais eficaz para engrandecer na santidade. Dizer a cada sulco que se abre: “Une-te ao grande lavrador! Estende o campo do Bem e reduz o da Morte, do Mal, da esterilidade”. Dizer à árvore que se planta: “Sê em cem anos a glória de Ormuzd e o abrigo dos homens desconhecidos!”. Dizer às correntes da Montanha, que se evocam e dirigem: “Ide! Levai do fundo do meu campo a vida às afastadas tribos que, não sabendo quem é o autor desse milagre, dirão: ‘É a água do Paraíso.’”. Eis o que é grande e divino. Uma elevada comunhão com Deus, uma bela liga, uma nobre conquista... O *outro* vai recuando, vencido, desconcentrado... Daqui a pouco Ahrimane não passa de uma nuvem negra, de um fumo vão, de um nevoeiro universal, menos ainda, de um ponto escuro no horizonte.

Digna paz do trabalho! Na indolente Idade Média, Satã engrandece sempre. Anão ao começo, tão pequeno que nos tempos do Evangelho se escondia nos marrões, cresce no ano 1000 e de tal maneira cresce que em 1300 e 1400 lança a escuridão sobre o mundo e com a sua sombra mantém-no nas trevas. Nem o fogo nem a espada o vencem. Para os amigos de Zoroastro, acontece exatamente o contrário. Através de tantos males, trabalhadores resignados, o Guebro, o Pársis, convenceram-se cada vez mais de que Ahrimane, enfraquecendo, em breve acabará fundindo-se, absorvendo-se em Ormuzd.

Desde o primeiro dia, este se revelou o verdadeiro rei do mundo, o futuro vencedor, o único deus. Por quê? Pela sua imensa bondade. Ele começou a guerra por querer salvar o inimigo; ele rogou a Ahrimane que fosse bom e amasse o bem e que tivesse piedade de si mesmo. Depois, a sua indulgência infatigável a cada momento o exorta que mude, que se converta, que se salve, que seja feliz.

Um homem, sem dúvida indulgente com a Igreja da Idade Média, Jean Reynaud, confessa lealmente que da Pérsia até ela, houve um progresso estranho, terrível, em sentido inverso. A ideia do inferno eterno, de um deus cuja vingança jamais se satisfaz! De um Deus que, para carrasco, teve a imprudência de escolher justamente aquele que mais abusaria do seu ofício, o Imundo e o Perverso, que se regalará com as torturas, que nelas encontrará um inegável divertimento! Concepção espantosa, própria, diretamente, a

salvaguardar o homem, a apaixoná-lo, e que se pode chamar uma educação pelo crime.

Considerando-se o quanto o homem é um ser imitador, deve-se ter cautela com o tipo divino que se lhe propõe e que certamente ele seguirá. Um deus bom e clemente faz homens brandos e magnânimos. Combatem-se, sabem que é para o próprio bem do inimigo. Esse *malfazejo*, que mais tarde deixará de o ser, é de então em diante menos odioso: será *o bom* de amanhã. Que a guerra prossiga, isso é coisa secundária; o importante, o essencial, é a supressão do ódio e a dulcificação dos corações.

Um grande número de espíritos de hoje o têm assim sentido, entregando-se sem rodeios a essa fé, que é evidentemente a verdadeira, a que vive e viverá imutável. “Eu creio”, diz Quinet, “que não haja hoje neste mundo ideia mais viva”.

Todo coração de homem concordará com isso. Todos, pela manhã, ao cair da noite, sem hesitar, repetirão os mais antigos hinos de *Yaçna* (30, 31, 47) sobre a conversão de Ahrimane e a unidade definitiva:

“Ormuzd, concede-me a graça, a alegria de ver que aquele que pratica o mal venha a compreender a pureza do coração. Permite-me que eu seja o grande chefe dos Darwands, não ame senão a santidade e diga para sempre a Palavra entre os demônios convertidos.”

## Notas

<sup>40</sup> O inconstante Indra dos pastores, que lá em cima brinca com as trovoadas, o deus guerreiro cujo sorriso é o relâmpago, que para refrescar o prado lança as águas que derrubam os trigos maduros, parece ao agricultor um feiticeiro cruel. Faz dele o demônio Andra, para quem não tarda a criar um inferno. Os Devas, ou deuses do hindu, convertem-se também em demônios. Os persas chamam a si mesmos os Vi-Devas (inimigos dos Devas). Às ilusões desses Devas, que são espíritos zombeteiros, respondem com estes sarcasmos (que parecem um tanto populares): “Os Devas quando o campo produz, assobiam (*e fingem rir*). Quando as plantas nascem, tosem; quando o restolho se levanta, choram; quando a floresta das espigas se assombra, fogem... Nas casas cheias de espigas, os Devas são flagelados rudemente (*debaixo do chicote de quem bate o trigo?*)”.

<sup>41</sup> Anquetil, *Avesta*, t. I, parte II, com correções de Eugène Burnouf, *Études*, 106 (1850).

<sup>42</sup> Anquetil, *Avesta*, II, 394.

<sup>43</sup> Segundo Eugène Burnouf, Ormuzd, Ahura Mazda, não significa *rei sábio*, como julgava Anquetil, nem *Vivente sábio*, como cuidava Bopp, mas *Mestre sábio*. Não se pode, diz ele, passar gramaticalmente do sânscrito *asoura*, vivente, ao avéstico *ahoura*. *Yaçna*, 77, 81. Observação capital que muda inteiramente a ideia que se fazia desse primeiro dos sete espíritos.

<sup>44</sup> Quinet, *Génie des religions*. Esse livro cintilante formula em traços de fogo a intimidade profunda entre a religião e a natureza.

III  
A ALMA ALADA

“Eu rezo, honro e presto homenagem à Lei Pura! — Homenagem ao monte de Ormuzd (de onde as águas tombam para as terras!) — Homenagem aos gênios bons e às almas dos meus! — *Homenagem à minha própria alma!*”

Quem cuida de honrar a própria alma, de adorná-la, de embelezá-la, em si, por si, no foro íntimo? Quem pensa em fazer dela a imagem da Lei, idêntica à Lei, até o ponto de obedecer somente ao que ela própria quiser? Essa ideia, grande, austera, constitui o âmago da Pérsia.

Nenhum orgulho: apenas a relação natural da Liberdade com a Justiça.

A Pérsia atinge esse fim por vinte caminhos diversos. Assim, deduz toda uma moral. Citemos algumas palavras a título de exemplo:

Zoroastro, na sua sublime familiaridade com Ormuzd, pergunta-lhe: “Quando é que o império dos Demônios floresce? Quando prosperam e se engrandecem?”. — “Quando tu praticas o mal.”

O mal não é somente o crime, mas tudo o que ofende a beleza original da alma: indecência ou licenciosidade (mesmo nos prazeres permitidos), palavra violenta, colérica etc. Que coisa profunda! Entre os pecados graves, que não se confessam sem vergonha, nota-se o *pecado da aflição*. Quem levar sua tristeza além de uma certa medida, quem deixar que a sua alma caia da sua firmeza varonil e da sua dignidade, danifica o estado de beleza soberana em que essa alma deve pairar até o fim — virgem das asas de ouro (*Fravaschi*<sup>45</sup>).

Quanto mais elevada é a ideia da alma, maior o espanto, o escândalo, a quase indignação por essa virgem heroica, que todos trazem dentro de si, enfraquecer, decair, abandonar-se, na doença, na morte. Quando a personalidade atinge esse grau de força, chega a tempestade sombria das perguntas que perturbam o coração. A morte? O que é a morte? O que significa essa partida que todos realizam contra a própria vontade? É uma viagem? É uma falta? Um pecado? Uma punição?

E qual? O que se sofre? Encontrará a pobre alma, lá embaixo, o que aqui tinha com que se alimentar, com que se vestir? O frio, sobretudo, inquieta. Nos elevados planaltos da Pérsia gela — e de maneira abundante — em pleno agosto.<sup>46</sup> A inquietação, a piedade, o pesar são profundos. Nas festas dos mortos, pelo fim do ano, ouvem-se durante dez noites os mortos que falam entre si, pedindo vestuário, alimento e, sobretudo, memória.

A Índia védica foi menos complicada. O que quis esse morto que dos sossegos da vida pastoral passou aos da vida eterna? Fazer uma viagem livre, sem entraves, imensa pelo céu, por cima da terra: quis conhecer as montanhas e a “variedade das plantas”; quis conhecer a profundidade das grandes ondas, medir as nuvens e dar uma volta ao sol. É o próprio Sol (Síria), pai da vida, quem também engendra a *medida da vida*, Yama, ou a morte. Para dizer a verdade, não é bem a morte. Yama é a *lei dos seres*. Nada de sombrio nisso. O viajero pode até, de tempos em tempos, evocado pelos seres, descer do grande império de Yama e ver sua casa.

Na Pérsia é absolutamente o contrário. A morte é um mal positivo. Não é nenhuma viagem. É uma capitulação, uma derrota, a cruel vitória de Ahrimane. O morto é um vencido, que o traidor subjugou e que o entregará à noite, às trevas, fora do reino da luz.

Esse pérfido, que odeia a vida e o trabalho, inventa a preguiça, o sono, o inverno e a morte.

Mas deve resistir-se-lhe. Não se deve render. Pelo contrário, a alma humana, sob a mordedura da dor, vai engrandecer-se, criar e ampliar-se num segundo reino de luz além-túmulo... Eis a tua Vitória, ó Maldito!

Quais as palavras que o moribundo diz quase sempre antes de expirar? “Luz! Ainda mais luz!”

E esse desejo é satisfeito, obedecido. Seria duro, cruel, desnaturado dar-lhe em resposta a essa súplica o cárcere do sepulcro e o horror da noite. Era disso todo o seu temor. A morte, para a maioria, é em si mesma menos dura do que a exclusão da luz.

Não é preciso então que os vivos digam hipocritamente: “Mas é para honrá-lo que o guardamos, que o ocultamos nas trevas...”. Oh! Não, não, os que amam de verdade não sentem a impaciência de um apartamento tão

cruel. O amor não pode crer na morte. Longo tempo, imenso tempo depois, e a dúvida subsiste. E diz sempre: “Se não fosse verdade?”.

A Pérsia não esconde nunca o ser amado, não o expulsa nunca do dia. Não são os vivos que o abandonam, é o morto que abandona a eles. Que a forma se altere e mude, a família aceita com intrepidez e necessidade dura; tudo que venha de cruel, tudo, desde que o possa ainda ver.

O morto é colocado, à face do sol, sobre a pedra alta onde não subam os bichos. Sem dúvida que o seu cão<sup>47</sup>, o seu inseparável guardião, que toda a vida o seguiu, conserva-se ainda ao seu pé e vela-o.

Assim, ele pode, esse valente de Ormuzd, esse homem da luz que sempre para ela vivera, conservar-se em frente dela, no seu posto, com a face descoberta, tranquilo, confiado.

Durante dois, três dias, os seus, de olhos em pranto, cercam-no, observam, espiam. Tudo se faz em conformidade com o ritual da natureza. O sol adota o morto. Aspira-o, atrai-o, fá-lo subir a si, com seus raios poderosos que o espelho de mármore duplica. Apenas lhe deixará um invólucro vão, uma tão ligeira sombra que seus filhos, sua viúva, os corações mais magoados, asseguram-se de que ele já não está ali...

Onde está, pois? Lá em cima. O sol bebeu o corpo. A ave do céu recolheu a alma.

A ave foi sua amiga. Sempre a lavar os ares, voava por detrás dele, a proteger-lhe a leiva. Seguia o seu rebanho, advertia-o do tempo, predizia-lhe a trovoada. É o áugure, o profeta, o conselheiro do homem. Durante o trabalho longo e monótono, distraí-o com sua mobilidade. Ela é como um espírito leve, um outro ou mais livre, que, enquanto o trabalhador se curva para sua tarefa, vai, vê, voa e conversa. Não é de se espantar que no dia de luto venha junto do morto. Que nesse momento um raio luminoso doure a ave, que retoma o seu voo, que a transfigura sobre o céu, e todos exclamarão: “A alma passou!”.

Sabeis bem o que é a morte? Para os sobreviventes, é uma educação, uma iniciação forte e definitiva. Recebe-se dela a provação máxima, o selo solene que a vida guardará. No seu momento decisivo, o coração sente-se lacerado, sem força, sem nervo, sem consistência, como um metal passivo, amolecido

pelo fogo, em que se vai gravar um sinal. Há um pesado malho que cai e fere... A morte. E esse miserável coração fica marcado para sempre.

Existe uma grande e terrível diferença entre o fato de ser uma morte corajosa a que nesse coração se imprime, gravando-lhe a sua imagem nobre, e de ser a morte dos terrores, a morte dos medos servis, medo da noite e do diabo, de ser enterrado vivo. Ao regressar de funerais assim, o homem vem pálido e abatido, preparado para morrer também lassamente após uma vida de escravo! Assunto feliz para todo dominador! Os vampiros, que sabem como inalar a alma no momento da passagem em que ela está desarmada, são, em primeiro grau, doutores em covardia, preparadores habilidosos para entregar aos tiranos das gerações ocas o coração a eles roubado.

A alma viajeira da Índia partia, leve e isenta de terrores que igualmente não legava aos seus. Quantos desses, curiosos, queriam partir com ela! A alma corajosa do persa, que não recuava nunca, que encarava Ahrimane, que, pacífica, face a face com o sol, entregava-se à luz (porque sempre vivera), não deixava aos seres, ao partir, esse piedoso legado de medo e servidão.

Sabia-se bem o que lhe aconteceria depois. Durante três dias, guardada pelos espíritos bons e salva do assalto dos maus, a alma incerta esvoaça ao redor do corpo. Passada a terceira noite, inicia a sua peregrinação. Encorajada pelo sol brilhante, levada pelos gênios ao cimo do monte Albordj, vê diante de si a grande passagem, a ponte de Tchinevad. Mas o cão indomável, que guarda os rebanhos do céu, não se opõe à sua passagem. Uma figura encantadora e risonha está na ponte: é uma moça linda, toda de luz “forte, com um corpo de quinze anos, alta, excelente, alada, pura como o que há de mais puro no mundo”.

“Quem és tu? Ó Beleza!... Nunca vi nada assim!”. “Pois, amigo, eu sou tua própria vida, teu puro pensamento, teu puro falar, tua atividade pura e santa. Eu era bela. Tu fizeste-me belíssima. Eis porque sou tão luminosa, glorificada ante Ormuzd.” Ele a admira, comovido, e hesita... mas vai a ela e lança-lhe os braços ao pescoço, levanta-o com ternura e põe-no no trono de ouro.

Os dois, desse momento em diante, são apenas um. Ele reuniu-se a si mesmo, encontrou o seu verdadeiro *eu*, a sua alma, não a alma passageira, de miséria e de ilusão, mas uma bela alma imutável e verdadeira — sobretudo

livre, alada, que nada no raio da luz, que paira num voo de águia ou trespassa os três mundos num voo fulminante de gavião.

Para ser justo com a Pérsia, é preciso observar a austeridade sublime em que ali se mantém essa grande concepção da alma alada, do anjo.

Esse anjo não tem nada das molezas, do fantástico arbitrário que as idades bastardas lhe ajuntaram mais tarde. O anjo da Pérsia não é o loiro filho da Graça, um Gabriel, um discreto confidente com o qual nos comunicamos, que esperamos enternecer e por cuja indulgência especial vós podeis deixar de serdes justos. A virgem alada, que é o anjo da Pérsia, não é mais do que a própria justiça — é a *Lei, a lei que tu fizeste*, a exata expressão das tuas obras.

Grande poesia! Mas de razão profunda! E, quanto mais severa e sábia é, mais verossímil.<sup>48</sup> Ela foi para a vida daqui de baixo a mais nobre das emancipações. Exalta-nos, revolve-nos, dá-nos asas. O mundo daqui de baixo parece apenas um começo. Mundos abriram-se no infinito, aberturas profundas no céu sem fim. Não há dúvida de que, por momentos, as vemos, e tão vivas que a pálpebra cerra-se... Faz-se a obscuridade à força de luz. E fica-se emudecido. Contento? Triste?

## Notas

<sup>45</sup> Palavra feminina que nós traduzimos grosseiramente pelo masculino *Férouer*.

<sup>46</sup> No dia 17 de agosto, diz Malcolm, havia na minha tenda uma polegada de gelo.

<sup>47</sup> Único animal sagrado, o único que, ao morrer, tem um funeral como o do homem.

<sup>48</sup> O livro vigoroso, comovido, penetrante, sobre esse assunto é a *Imortalidade*, de Dumesnil, saído de uma situação cheia de morte, plena de vida. Ele corre ali a transbordar. É mais do que um livro: é uma coisa pessoal, escrita *pro remedio animae*.

## A ÁGUIA E A SERPENTE

Se em todo o país existe alguma coisa que imobilize o lavrador sobre o sulco aberto na leiva, que lhe suspenda o arado, é ver agitar-se no céu o sublime e bizarro hieróglifo que a luta da ave com a serpente desenha lá no alto. Combate selvagem esse, quase sempre de dois feridos. Não é sem lhe sofrer a mordida ou o veneno que a ave, a águia, o grou, a cegonha, mata o perigoso réptil. E o homem acompanha-os com o coração no duelo. A luta é incerta; por vezes a ave parece abater, desfalecer às sacudidas fortes do inimigo que se agita. Os zigue-zagues agudos, violentos, que o raio traça nas nuvens descreve no céu a serpente contorcendo-se. Mas a ave não larga a presa. Sobem. Mal se distinguem. A águia arrasta a vítima pelas profundezas do céu, desaparece na luz.

A ave é propriamente do homem, pertence à Pérsia. Ela saúda o regresso do dia. Ela o procura e o quer — enquanto que a serpente foge-lhe. O persa admira e inveja a ave, aspira à sua vida livre e alta. Desde sua vida cá de baixo, sobre a terra da Ásia, reconhece-se na águia — enquanto no seu inimigo da Assíria vê e maldiz o dragão.

Embora o mito seja na maior parte das vezes um produto espontâneo da alma, muito independente da história, nós somos tentados a crer que entre os persas positivos, menos imaginativos do que os gregos e os hindus, o mito cobre um fundo histórico. Diziam eles que do Oeste (provavelmente da Assíria) vinha-lhes um flagelo, a invasão do monstro Zohak, que trazia nas espáduas serpentes famintas de carne humana. Essa Pérsia tão forte, essa águia, torna-se a escrava da serpente: padeceu, como a Judeia, as *servidões* mais cruéis. A Assíria, segundo Daniel, escondida no fundo dos templos, adorava o dragão vivo.

À beira do Eufrates ou do Ganges, mesmo do Nilo, e ainda mais na Guiné, efervescente de calor úmido, nos países em que o inseto os torna por vezes inabitáveis, ama-se a serpente. O inseto é tão terrível de um lado ao

outro da África que diante dele fogem o camelo e o elefante. O caçador de insetos é bendito. Traz consigo a paz e a fertilidade. É fino, avisado e sábio. Mas, para entender o que ele diz, é preciso o ouvido puro da mulher. Os negros da Guiné, que como a própria África não mudaram nunca, fazem (há dois mil anos ou talvez mais) o casamento anual da mulher com a serpente. A filha que lhes dão torna-se louca e profetisa. Por isso há todo um mundo de fábulas, na Grécia, na Índia e por toda parte, sobre as seduções da serpente, os seus amores odientos, que por toda a banda alumiam o futuro, descerrando-lhe os mistérios e engendrando, por vezes, um filho *divino*.<sup>49</sup>

O ponto de vista é completamente diferente nos países secos, como são as planícies altas da Pérsia, em que o inseto rareia. Aí, a serpente é odiada. Mesmo medrosa e humilde, enroscada a um canto do estábulo, sem defesa, é causa de medo e de horror. Suas ondulações, os seus requebros, suas estranhas mudanças de pele, a sua escama fria, tudo repugna e inquieta. Ela é *o traidor* entre os animais. Hoje entorpecida, amanhã espumante e furiosa, assusta para além do seu poder real. Em tudo que origina medo, pode-se ver sua forma: na nuvem, a serpente de fogo, que, dardejada do alto, fere e mata; na torrente, o dragão espumante, imprevisto, arremessado pela tempestade, que fende a montanha e arrasta consigo os trigais, os vergéis, os rebanhos.

É fácil de imaginar o horror que a Pérsia teria ao pavoroso império do Deus rastejante, que mortal desgosto pelas fábulas obscenas do mundo negro, dos povos enlameados da Assíria sobre o poder impuro, a fascinação da serpente. O desespero foi rematado pelos tributos de crianças que o monstro engolia no golfo insaciável da infâmia babilônica. Nesse povo agrícola e simples, o homem forte era um ferreiro. O seu grosseiro avental de couro foi o estandarte da libertação. O dragão, esmagado sobre a bigorna pelo seu martelo potente, torce-se e retorce-se, a cauda afiada, a cabeça hedionda; seus anéis, dispersados, nunca mais se tornaram a unir.<sup>50</sup>

A Assíria alarga-se; tem duas cabeças: Nínive e Babilônia. A Pérsia, pelo contrário, aconchega-se. Suas tribos são um povo, o povo do fogo, um incêndio em marcha, que quer depurar tudo, tudo conquistar à luz.

Sente-se bem esse espírito novo em uma oração de Hôma, verdadeiro toque de fanfarra que apregoa a conquista religiosa, a propaganda puritana, depurativa e quebra-ídolos em que esse povo cedo se lançou.

“Hôma de ouro, dá-me a energia e a vitória. Permita-me *que vá forte e contente caminhar sobre os mundos*, triunfando sobre o ódio e *ferindo o cruel*...

Que vença o ódio de todos, ódio dos homens, ódio dos vivos, os demônios surdos, os assassinos bípedes, os lobos de quatro patas, do exército dos grandes bandos que correm e voam...”<sup>51</sup>

Sente-se que o mundo mudou. Essa Pérsia é demasiadamente forte. Ela vai transbordar. Os puros, os pacíficos pegaram na espada para a defesa. Unificaram-se na guerra. O primeiro Amschaspand tornou-se rei do céu, Ormuzd, contra o rei das trevas, Ahrimane. Fez-se um rei da terra, que unifica as tribos e parece o grande Férouer da Pérsia, com a sua alma brilhante. Essa alma alada voa à guerra. Vai *marchar sobre os mundos*, purificar a Ásia com a sua espada de fogo.

A Babilônia ímpia, o seu dragão-deus, não a suspenderá. Voará para o Egito, mergulhará nos povos negros da África, inimigos natos da luz. Ameaça o pacífico Ocidente. Para suspender a sua cólera selvagem e o seu gênio de chama, não fará menos do que Salamina.

“A história pôs-se em marcha”, disse Quinet. Sente-se isso nos baixos relevos de Persépolis, em que os persas vencedores aparecem em longas fileiras de homens. Ouve-se o ruído dos seus passos. Porém, essa marcha é muda: passam e não dizem nada. Esse povo da luz conserva-se obscuro em sua história.

O seu monumento da Avesta, um simples recolhimento de orações, um ritual, é como um amálgama de destroços, restos de um grande naufrágio.

Suponho que um livro dos nossos ofícios, missas e vésperas, confundidos, sobreviva à extinção do cristianismo com as misturas confusas (judaico, grego, romano, cristão) de religiões, de sociedades diversas, que oferecem tais compilações — e não se assemelharia ao Avesta. O magismo médico e caldeu perturba-lhe a todo instante o verdadeiro espírito do Irã primitivo.

Está, no entanto, ali a fonte principal. O resto é acessório. Os judeus, discípulos da Pérsia, os gregos, seus inimigos, não nos oferecem senão elementos subsidiários. Os últimos não veem na Pérsia senão uma confusa mistura caldeia, imputando-lhe várias vezes a glória ou a vergonha, a ciência, a corrupção de Babilônia, sua inimiga.

E essa Babilônia não a teria engolido? Não teria ela se afogado na imensidão da conquista? Conquistada por seu turno, humilhada pelo forte gênio grego e por Alexandre, o Grande, não teria ela abjurado de si mesma,

abandonando a si própria? Poder-se-ia crer nisso quando, sob os Sassânidas, encontra-se imutável na sua fé, mais zoroástrica do que nunca. E a queda dos Sassânidas e as conquistas sucessivas nada lhe fizeram, nada puderam fazer. Conserva-se, sob todo o império, a alma santa da identidade da Ásia, sobrevivendo nos seus filhos diretos, os pobres e honestos Guebros ou Pársis, mas sobretudo, e muito mais, no seu ascendente indireto sobre os muçulmanos, seus vencedores, sobre as inumeráveis tribos, os sultões e as dinastias de todas as raças que passavam. Embora tenha sido pouco, os bárbaros tiveram tempo suficiente para render homenagem a essa alma superior, honrar sua tradição, penetrar-se dela e incorporar-se nela. Os Turcomanos, vindos do Norte, os árabes, vindos do Sul, deixavam as suas lendas sobre a soleira da Pérsia, como o peregrino respeitoso depõe o calçado no umbral da mesquita. Entram, tomam a grande alma antiga, os seus cantos e os seus poemas. E não cantam senão Shah Nameh.

## Notas

<sup>49</sup> Ver os textos reunidos por Schwartz, *Der Ursprung der Mythologie*.

<sup>50</sup> A Pérsia cantou durante três, quatro mil anos, seu ferreiro. Honrou o trabalho e não corou por isso. No grande poema das tradições nacionais, “Gustasp”, seu herói, que vai ver o império de Roma, encontra-se sem recursos. O que fez Rolando nessa Babilônia do Oeste? O que fez Aquiles, Ájax? Gustasp não se embarçou; ofereceu-se, propôs-se a um ferreiro. Mas a sua força é demasiada — ao primeiro golpe, partiu em duas a bigorna.

<sup>51</sup> Eugène Burnouf, *Journal Asiatique*, out. 1845, t. VI, 148, *Études*, 241.

## SHAH NAMEH — A MULHER FORTE

Essa santa alma da Pérsia, sob todos os dilúvios bárbaros, tinha se guardado conservada na terra, como uma água viva, que corre fresca e pura no fundo obscuro dos canais esquecidos. Pelo ano 1000 d. C., veio um gênio que teve o sentido, o culto das velhas fontes sagradas. E todas elas foram reabertas por ele, tão ricas como nunca, murmurantes, eloquentes de coisas antigas que se podiam crer perdidas.

Eu não tomei por capricho nem ao acaso, essa comparação das águas. É que na realidade as águas que fecundaram o país fizeram também o poeta. Foram elas a primeira inspiração de Ferdusi.

As águas que se escondem e se mostram, se perdem e se reencontram, que, por algum tempo obscuras, noturnas, retornam à luz dizendo em galreios: “Eis-nos”. Sem dúvida que não são pessoas, mas têm todo o ar de ser almas — almas que foram ou que serão, que esperam a organização e a preparam. Um país inteiramente ocupado por elas, por sua evocação, sua direção, suas partidas, seus regressos, foi sozinho, por isso, colocado no processo de sonhar a alma, suas nascenças e renascenças, de esperar a imortalidade.

Ferdusi nasceu muçulmano. Seu pai tinha um campo perto de uma ribeira e de um canal seco. A criança ia sempre sonhar sozinha perto do antigo canal. Essa ruína da velha Pérsia falava bastante em seu silêncio. Fora outrora a vida daqueles lugares. A água, aqui represada, ali transbordando, era a maior parte das vezes um flagelo. Esse velho Paraíso da Ásia — o Jardim da Árvore da Vida, onde deslizavam os rios do céu, a santidade, o frescor, a fecundidade —, o que era feito dele? O contraste era violento. O torpor e o orgulho faziam desprezar aos vencedores as artes sagradas dos tempos zoroástricos. Tornou-se tudo deserto, areias salgadas, pântanos doentios. Tal terra, tal homem. O estado da família era igual ao dos campos. Na miséria do harém muçulmano, a vida era mórbida, desolada e estéril.

Quando *genius loci* fala, a alma da região acorda na criança. Com um verdadeiro sentimento de Guebro, esse calor todo zoroástrico desce ao seu canal: “Quando eu for grande, hei de fazer-te uma portagem na ribeira e não tornarás a padecer de sede”.

Cada vez mais unido a essa terra, ele escutava, criava com a imaginação e redigia todas as antigas tradições, sem se suspender no anátema que Maomé lançou contra o culto do fogo. Desde os dezesseis anos que se começa a cantá-la, a medi-la, a consagrá-la pelo ritmo. Mas, por um singular sentimento de respeito que os poetas nunca têm, mantinha-se fiel às antigas narrativas que lhe vinham do fundo dos séculos. Seu tradutor, o sr. Molh, observa na sua bela tradução do Shah Nameh que ele não flutua inutilmente ao acaso da fantasia. “As próprias faltas”, diz ele, “provam que segue o traçado de um caminho, do qual não se quer afastar”. E isso aproveita ao poema. As suas figuras não são sombras transparentes: têm, pelo contrário, um singular caráter de realidade. Quem tenha lido seu Gustasp, seu Rustens, por exemplo, vê-os face a face e pode fazer-lhes os retratos.

Quem acreditará que essa obra imensa e poderosa pudesse ter nascido tão tarde, em tempos de desgraça, quando as vagas da barbaria passavam móveis e violentas? Como, neste fundo obscuro, poder-se-á rolar o rio renovado dos velhos tempos? Pode ser de qualquer maneira, desde que não lamacento, com excesso de elementos variáveis, grosseiros ou sutis (outro sinal da barbárie)? Qualquer um! Quão nobre é esse rio! quão alto e íngreme ele é! Em que vastidão ele corre, com que sublime intenção!

Há por baixo disso um mistério que ninguém nos explicou. Como é que esse muçulmano, esse homem da raça conquistadora, encontra no lar dos persas uma confiança tamanha que lhe entregaram o coração, a tradição da pátria? Deve ter sido preciso, para isso, a imensa atração de um encantador coração de poeta, de um homem-criança, a quem nada se podia recusar. Posseio da velha Pérsia, glorifica-lhe a alma comovida.

Felizmente, durante o domínio dos conquistadores, encontravam-se por toda parte chefes de família indígenas que conservavam com a vida patriarcal o depósito das tradições do passado. Aplicava-se a eles um nome especial, que lhes dava foros de sacerdócio: *cultivadores historiadores*. Nesses lares, à noitinha, de portas fechadas, sentia-se como se a Pérsia regressasse nas velhas sombras, que passavam em evocações, nos diálogos ingênuos e sublimes de

Ormuzd e Zoroastro, nas façanhas de Dschemchid, Gustasp e Isfendiar, o avental do ferreiro que outrora salvou o país.

Devemos crer que, sobretudo, eram as mães que perpetuavam e ensinavam a tradição. A mulher é em si mesma a tradição. Mais letrada na Pérsia que em outras partes, influía imensamente nesse país. Era rainha e amante no lar; e, para o seu filho, uma verdadeira deusa viva. O filho não podia assentar-se diante da mãe. As rainhas mães (como Amestris e Parisatis) parece terem reinado sobre seus filhos. No Avesta, o anjo da Lei é, como já vimos, uma mulher; a alma do justo é expressa pelo feminino *Fravaschi*. O ideal da pureza é não somente a filha criança, a virgem, mas a esposa casta e fiel.<sup>52</sup>

Ferdusi não se lembra da mulher muçulmana, vendida e escrava cativa. Pinta somente a persa. As heroínas de seu livro, fiel à verdadeira tradição, são de uma firmeza e de uma grandeza antigas. Se pecam, não é nunca por fraqueza. São rudemente fortes e valorosas, de uma iniciativa ousada, de uma fidelidade heroica. Uma delas, em vez de ser raptada, rapta o seu amante adormecido. Combatem com seus maridos, afrontam todos os perigos. Adivinha-se já entre elas a Brunhilde dos Niebelungen, o ideal da virgem forte que domina o homem, que na noite nupcial prende o noivo. Porém, tudo isso de uma forma elevada e pura. Nada de equívoco; nada de imbróglio burlesco, obsceno, como o das Minnesinger nessa noite famosa.

O que é ainda mais belo do que um tão rude ideal de força é o heroísmo conjugal, cujos modelos o poeta se fartou de multiplicar. A filha do imperador de Roma, perseguida por seu pai por ter desposado o herói Gustasp, é — para este — admirável. Ela compartilha seus sofrimentos e sua gloriosa pobreza. A filha de Afrasiab, o fero inimigo da Pérsia, casou-se com um jovem herói persa, a quem defendeu, sustentou, salvou. Quando o cruel Afrasiab, para prolongar as dores do marido da filha, chumbou-o vivo a uma pedra, ela correu a pedir esmola para ele. Nobre coragem de dedicação que nenhuma história ou poesia ultrapassou. Passado o tempo, libertam-no, então sua doce esposa seguiu-o até a Pérsia. Assim, ela triunfou, tornou-se adorada e conquistou o coração do povo.

Ferdusi foi favorecido por um acaso político. Um chefe inteligente, Mamude de Gázni, tornado senhor da Pérsia, julgou que, para se emancipar

do califa de Bagdá, seria preciso apelar para o patriotismo local. Foi um estranho golpe de Estado o que ele praticou. Maometano, proscreeu o idioma de Maomé, proibiu que se falasse árabe, adotou a bela língua persa, entremeada de tantas palavras antigas. Fundou, enfim, seu novo império sob essa ideia de renascimento, querendo que a língua persa renovasse a memória dos heróis. Porém, para lhe dar o ritmo, era preciso um cantor inspirado. Ferdusi o satisfez imensamente.

O seu entusiasmo pelo poeta não conhecia limites. Chama-o de *poeta do paraíso* (é a significação da palavra Ferdusi); procura afogá-lo em ouro. Ferdusi recusa, não querendo ser pago senão no fim do trabalho, para construir seu dique, retirar-se para o seu canal e, velho, ver a terra natal rejuvenescer sob as frescas águas.

Mamude aloja-o em sua própria casa, constrói-lhe nos seus jardins um quiosque reservado onde apenas entra Aias, sua favorita. Esse pavilhão tinha pelas paredes, pintadas, as batalhas e os heróis que o poeta celebra. Ferdusi era acompanhado na sua solidão, além dos rouxinóis, por um jovem amigo letrado, um pequeno músico cuja graça e cujo alaúde estimulavam o seu gênio.

No decorrer dessa longa obra que devia durar toda uma vida, as coisas mudaram, de uma forma estranha. Mamude, não tendo mais nada a temer do Ocidente, invade a Índia, expolia os pagodes e os seus tesouros sagrados. O seu fanatismo ambicioso abre e rouba os deuses cheios de diamantes. Os seus inimigos aproveitaram a reação muçulmana que dali resultou para o prenderem. Começaram a correr mil ruídos caluniosos. Um dia era cismático, outro guebro e, por fim, ateu. Senhores do palácio chegaram ao ponto de o esquecerem, de fazê-lo padecer de fome, descuidando-se de alimentá-lo.

Ferdusi tinha então sessenta anos e perdera o seu amparo natural, um filho de trinta e sete anos. O trabalho e a vida começavam a pesar-lhe, estando muito longe de terminar seu poema. Nesse momento de desânimo, chegava ele à parte árdua e delicada — a época em que o herói Gustasp recebe de Zoroastro o velho culto, adota-o e impõe a toda a terra. Que faria o poeta? Confessaria seu respeito por esse culto? Seria por Gustasp e pela Pérsia antiga, no momento em que o seu senhor, o temido Mamude, tornara-se de novo um muçulmano zeloso? Cruel conflito moral! Sentiu a

sua capacidade. Aquele palácio, aquele quiosque, aqueles belos jardins, o que era tudo isso senão a jaula de ferro do pobre cão, posto ao pé do leão?

“A sombra era negra como o azeviche. A noite corria, sem estrelas, num ar que parecia ferrugem. Eu sentia Ahrimane de todos os lados. A cada suspiro que ele dava, eu via-o como um negro horroroso que sopra sobre o negro carvão. Negros eram o jardim, o lago, o céu parado. Nenhuma ave, nenhum bicho. Nenhum som. Nem alto nem baixo, nada de distinto. E o meu coração pouco a pouco esmigalhou-se.

“Ergui-me, desci ao jardim, e o meu amigo veio ter comigo. Pedi-lhe uma lâmpada. Ele trá-la e, com ela, velas, laranjas, romãs, vinho, uma taça que resplandecia. Então ele bebe e tange o alaúde. Um anjo me fascinava e me apartava da noite, fazendo-me ver o dia. E ele diz-me: ‘Bebe! Eu lerei uma história’. ‘Sim’, digo-lhe eu, ‘meu esbelto cipreste! Meu doce cara de lua. Conta-me o bem e o mal que o céu, cheio de contradições, cria...’. ‘Escuta, pois. Porás essa história em verso, segundo o velho livro persa’”.

O licor aborrecido do profeta e abençoado da Pérsia, o vinho, revigorou-lhe o coração. Creio que o canto é o melhor do Shah Nameh. Tem-se assegurado baldadamente que esse canto foi tirado ao velho Daqiqi, seu predecessor, poeta guebro. Garante-se inutilmente que esse canto não vale nada. Não creiam. O próprio poeta, ao findá-lo, deixa escapar esta frase de alegria grave e profunda: “Eis o mundo e as suas revoluções. O império não é de ninguém; ele flutua, quem não se contiver cansa-se... Não semeies o mal quando o possas evitar: mas suplica ao Senhor, Deus único, que te deixe sobre a Terra o bastante para acabar este livro na tua bela língua. Pois que o corpo mortal torna-se à poesia e a alma eloquente voa ao santo Paraíso!”

Os muçulmanos zelosos rejeitaram Ferdusi. Mamude, indisposto, devoto por avareza, permite que lhe deem o indigno conselho de pagar em prata o que prometera em ouro. Ferdusi, então no banho, vê chegar Aias, a favorita, com sessenta mil peças de prata. Sem se queixar, dá um terço à mensageira, outro terço ao banhista e o restante a um escravo que lhe dava de beber. Mamude ficou tão enfurecido que o quis mandar esmagar pelos elefantes. Ferdusi apazigua-o um pouco, mas pede que o deixe partir. Pobre, após tantos anos de trabalho inútil, com seu bastão de caminheiro, uma surrada túnica de daroês, partiu sozinho. Nenhuma pessoa lhe veio acenar adeus. Deixava a Aias um papel selado, que esta deveria abrir passados vinte dias, ou seja, quando o poeta estivesse já fora do reino. Aberto esse papel, encontra-se

uma sátira ornada em que o seu autor diz a Mamude: “Filho de escravo, esqueceste-te de que também eu tenho uma espada que corta, que sabe ferir, derramar o sangue? Estes versos que aí te deixo serão o teu apanágio em todos os séculos por vir”.

Era, todavia, uma coisa perigosa ter semelhante inimigo, que o seguia e o reclamava, exigia sua entrega. O infeliz viveu errante, disfarçado, sob esse terror. Tinha oitenta e três anos quando Mamude, acercando-se também da morte e do julgamento, quis expiar, reparar. Envia-lhe o ouro prometido, que entrou por uma porta da cidade — onde Ferdusi acabara de morrer — no exato momento em que o enterro saía pela outra. Ofereceram-no à sua filha, que o recusou nobremente. A irmã aceitou-o, mas apenas para cumprir o voto da sua meninice, executar sua vontade de construir com esse ouro o dique que ele prometera e que devia restituir a vida e a fecundidade à região.

Isso terá sido uma digressão? O leitor imprudente terá vontade de dizer que sim. Pois bem, diremos a ele que isso não é uma digressão: pelo contrário, é o próprio âmago do tema, sua alma. A alma da Pérsia, evocada primitivamente pelo mistério das águas que fecundam o país, volta de maneira obstinada três mil anos depois de Zoroastro, contra toda expectativa, a avivar o espírito muçulmano, inundando-o de sua bondade fecunda e sua rica inspiração.

A torrente das lendas, das narrativas heroicas, deslizará sempre nas vozes do povo, mas encoberta, obscurecida pelo magismo. Os ritos, as purificações, ocupavam o primeiro plano; a história dos heróis, o segundo. Foi mister a conquista e a extinção do magismo para que os próprios muçulmanos, na sua aridez, fossem procurar sob as minas os cem mil canais desaparecidos da vida heroica, para que um gênio os tivesse reunido no imenso rio que os leva à eternidade.

## Notas

<sup>52</sup> Trata-se de um tipo antijudaico, antimuçulmano. A mulher entre os judeus originou a queda, e nunca dela se levantou. A mulher árabe (ver Burkhardt etc.), aventureira, romanesca, circula de divórcio em divórcio. A donzela e a mulher persas são, pelo contrário, objeto de um respeito religioso. “Eu honro a alma santa das donzelas que se podem desposar; da donzela de prudência, da donzela de desejo (que deseja na pureza), da santa que pratica o bem, da donzela de luz.” A noiva (pelo menos a que não é criança) deverá ser consultada, consentir no casamento. Se mesmo depois de casada, conservar-se estéril, pode autorizar a introdução no lar de uma segunda mulher — a esposa deve ser dócil, ofertar-se cada manhã ao marido, dizer-lhe por nove vezes: “Que queres?” (*Antiquetil, Avesta*, II-561). E ele não deve nunca a desprezar, mas cumprir com ela seus deveres de varão em nove dias de cada mês — a Pérsia não tem sobre o casamento a menor contradição ou hesitação. Sabe bem que, se ele é santo, santo é tudo o que ele impõe. A casta e fiel esposa cumpre e ama seu dever de amar carnalmente e nem por isso deixa de conservar a suprema virgindade da alma. O feiticeiro, chegando com setenta mil homens, diz que destruirá a cidade se ninguém puder responder às suas perguntas.

Apresenta-se um persa: “Diz-me o que é que a mulher ama”. “O que lhe dá gosto; o amor, o dever do casamento.” “Mentes: o que ela mais ama é ser senhora de sua casa e ter belos vestuários.” “Eu não minto. Se duvidais, perguntai-o a vossa mulher.” O descrente, que esposara uma dama da Pérsia, supõe que ela não ousaria dizer a verdade. Obriga-a a apresentar-se, interpela-a. Ela fica silenciosa; mas, por fim, forçada a falar, temerosa de fazer destruir a cidade, de ir ela própria para o inferno, pede um véu, vela-se e fala assim: “É verdade que a mulher gosta dos vestuários e da autoridade de dona de casa. Mas tudo isso seria igual a nada sem a união do amor que tem com o marido”. O mago, indignado com essa liberdade corajosa, mata-a. A alma dela voa ao céu, bradando: “Eu sou pura! Muito pura!”.

TERCEIRA PARTE  
A Grécia

## RELAÇÃO ÍNTIMA ENTRE A ÍNDIA, A PÉRSIA E A GRÉCIA

Os três focos da luz, a Índia, a Pérsia e a Grécia, brilham cada um isoladamente, à parte, sem reflexo mútuo, sem se misturarem, quase que sem se conhecerem. Era necessário, assim, que cada um deles oferecesse livremente toda a sua carreira, para dar tudo o que havia nele.

O belo mistério da sua relação íntima, descoberto pelos Vedas no mistério do dogma, é simplesmente tê-lo formulado pela primeira vez no que ele tem de essencial.

O Veda dos Vedas, o segredo indiano é este: “O homem é o primogênito dos deuses. O hino deu início a tudo. A palavra criou o mundo”.

“E a palavra o sustenta”, diz a Pérsia. “O homem vela e seu verbo de modo incessante evoca e perpetua a chama da vida.”

“Fogo arrebatado ao próprio céu, contra a vontade de Júpiter”, acrescenta a Grécia audaz. “Este facho de vida que nós passamos de fugida uns aos outros, um gênio o acendeu e o entregou ao homem para dele fazer brotar a arte, fazê-lo criador, herói, deus. Duros trabalhos!... Não importa. Cativo em Prometeu, ascende ao céu em Hércules.”

Eis a identidade real das três irmãs, sua alma comum, velada nas primeiras, e na última descoberta e brilhante.

Qualquer que fosse sua unidade interior, era, porém, essencial às liberdades do gênero humano que ela só fosse percebida tarde — que a Ásia já velha (quinhentos anos antes de Jesus Cristo) não sufocasse a Grécia, que a Pérsia alterada pela milícia caldaica não lhe impusesse esse caos. Ela chegou a ele no cortejo impuro da Babilônia, do fenício Moloc, da lodosa Anaitis, cujo Artaxerxes, perto do altar do Fogo, ergueu o altar indigno em todos os lugares.

O grande acontecimento deste globo é incomparavelmente a vitória de Salamina, a vitória eterna da Europa sobre a Ásia. Perante a extensão imensa

desse fato, desaparece tudo. Nós lemos, releemos, sem nunca nos fatigarmos, Plateia, Maratona, Salamina, sempre com o mesmo arrebatamento, com o mesmo entusiasmo. E não é sem causa. É o nosso nascimento.

“Nós fomos gerados então”, como diz o Cid. Essa era foi o ponto de partida do espírito europeu — digamos o espírito humano, na sua suprema liberdade, na sua força de invenção e de crítica —, espírito salvador do mundo: a sua vitória sobre a Ásia defendia a luz com que a própria Ásia foi iluminada.

A Grécia, tão pequena, fez mais do que todos os impérios. Com suas obras imortais, deu a arte que os originou — arte sobretudo de criação, de educação, que edifica os homens. A Grécia é (eis o seu verdadeiro nome) *o povo educador*.

A força vital da arte grega foi tal que, dois mil anos depois, após a idade de chumbo, bastou uma sombra ligeira, um longínquo reflexo da Grécia para fazer a Renascença. Que restava dela? Um nada. Pois esse nada meteu tudo na sombra, subordinou e eclipsou tudo.

Havia pouco. Alguns fragmentos esparsos, algumas folhas carcomidas. Alguns troncos de estátuas são extraídos da terra... A humanidade estremece. Com os dois braços abraça o mármore mutilado!... Ela se reencontrou.

Encontrou-se bem mais que uma obra: foi o coração que tornou, à força, o poder, a audácia e a liberdade, a livre energia inventiva.

O verdadeiro gênio grego é a *transformação*, a *educação*. Ele é como que o feiticeiro, o grande mestre em metamorfoses. À sua volta, o mundo inteiro forma um círculo e ri. “É um divertimento, um encantamento vão, um contentamento dos olhos.” Depois, pouco a pouco, vai-se vendo que esse ciclo jovial de formas variadas por que passam os homens e os deuses é uma educação profunda.

Aí não há nada escondido. Tudo está em plena luz. Nada de bastidores de cripta tenebrosa. Faz-se tudo ao ar livre, sob o sol, no grande dia ativo. Esse belo gênio não tem nada de avaro, de ciumento. As portas estão às escâncaras. Acercai-vos e vede. A humanidade saberá como se fez a humanidade.

Como é que, nos mil anos de poesia que Homero resume, os deuses foram engendrados e educados? Foi o grande trabalho iônico, cuja trama

transparente nós entrevemos.

Como é que, nos longos séculos da ginástica dórica, os jogos, as festas, fizeram os deuses vivos, os tipos da força e da beleza, a raça de Hércules e de Apolo? Nós o vemos, sabemos e assistimos ainda a esse trabalho.

Como é que, de encontro ao tempo, à morte invejosa, luta o imenso esforço da criação estatuária, a arte amorosa de eternizar o belo? Podemos estudá-lo, não obstante termos perdido inúmeros documentos.

Como é, enfim, que a ampla análise do drama, da filosofia, esclarece o homem moral dos seus conflitos até esse momento sublime em que, liberto do dogma, surgiu a flor do mundo e seu verdadeiro fruto, *o justo*, que Roma toma para seu ponto de partida?... É essa a mais luminosa história que o gênio humano deixa de si próprio.

## TERRA-MÃE — DEMÉTER OU CERES

Homero é tão brilhante que nos impede de ver o longo passado que está atrás de si. Obscurece-o à força de luz, como um claro pórtico de mármore de Paros que, espalhando o sol, não permitia ver o imenso templo, o santuário antigo, cuja entrada disfarça.

Se nós partíssemos de Homero, como da Grécia primitiva, a Grécia seria para nós um milagre inexplicável. Teria surgido inteiramente armada, como Palas, de lança em riste. Aparecer-nos-ia já grande e adulta, à nascença, toda entregue aos combates e ao espírito de aventura. As coisas não começam nunca assim. Ésquilo, o profundo Ésquilo, com muita justiça chama os deuses de Homero de “jovens deuses”. Um desses jovens, o deus das flechas de ouro, que semeia a morte no campo grego, o deus dórico, Apolo, constitui o nó cego da *Ilíada*.

O nascimento quer um berço suave. Nada vem da guerra. A paz e a cultura, a família agrícola, eis o que é fecundo. Tudo nasce da Terra, da mulher. Assim nasceu a Grécia, mamando nos seios de Ceres, a divindade antiga, que pouco aparece nos poetas, muito na tradição, e foi a vida do próprio povo.

Ceres não é, originariamente, senão a Terra: *Terra-mater*, Deméter, a boa mãe que alimenta e que é tão naturalmente adorada e por toda a humanidade reconhecida. Antes de se terem concluído os templos, nas grutas que ocupavam os seus lugares, os primeiros habitantes da Grécia, os Pelasgos, honravam Deméter. Esse culto mantinha-se, em toda a sua rudeza primitiva, na antiga Arcádia, que se acreditava mais velha do que a própria Lua (pré-Selene) e que, fechada pelas suas montanhas e florestas, conservava-se o santuário selvagem das velhas religiões. Os séculos viram passar inutilmente os Homeros e os Fídias, quando tudo irradiava arte, e até o fim da Grécia a Arcádia conservou-se fiel aos seus primeiros deuses. Ia-se ali ver, diz-nos Pausânias, um simulacro informe em que a audácia do gênio bárbaro tentara

expressar pela primeira vez a personalidade tão complexa da Terra. Era negra como o solo fecundo e continha todos os animais selvagens. Simbolizando a água e o ar, tinha nas mãos uma pomba e um golfinho. O todo era coroado pela cabeça do mais nobre animal que a Terra produz: o cavalo.

Essa imagem era, está claro, discordante e grosseira, dando apenas o exterior. O gênio grego não se contentou com isso. Quis expressar o interior da Terra, o mistério, a maternidade, e deu-lhe uma filha. Essa filha, que é ela mesma vista sob um aspecto diferente, é a Terra nas suas profundidades sombrias, fecundas, cheia de fontes, de vulcões — o mudo abismo onde desce toda a vida, reino fatal onde tudo acaba. É, enfim, a verdadeira Ceres negra, a soberana, a imperiosa, a Despoina (*Senhora*, ou *Nossa Senhora*), Perséfone ou Prosérpina.

Ela aparenta ter a idade de sua mãe. Havia ainda na Arcádia uma muralha sagrada (onde mais tarde foram edificadas templos) que oferecia um simulacro de Despoina, e junto dela um Titã, um desses gênios da terra que representam suas forças desconhecidas. Seria o pai de Despoina? Muitíssimo provável. Mais tarde, quando Júpiter nasceu e fizeram de Despoina sua filha, subalternizou-se esse Titã, que passou a ser apenas o alimentador da deusa.

Ceres e Prosérpina, a superfície da terra e das profundezas, eram muito temidas. Sem uma delas é impossível viver; a outra cedo ou tarde nos receberá em seu reino sombrio. A guerra e a invasão, que nada respeitavam, estacaram em frente aos seus altares. Constituíram-nas guardas da paz. Por toda parte, na pelásgico Dodona, na misteriosa Samotrácia em que se ligavam ao gênio do fogo, na vulcânica Sicília e especialmente na grande passagem que abria ou fechava a Grécia, no desfiladeiro das Termópilas, tiveram elas os seus santuários. A Arcádia chamou a Prosérpina Soteria, *virgem da Salvação*.

Culto simples e tocante! E é coisa de maravilhar ver tudo o que a Grécia nele descobre. Nenhum poema, nenhuma estátua, nenhum monumento dá-lhe tanta honra quanto a perseverança engenhosa em folhear, em sondar, esse santo mistério da *alma da Terra*, penetrando-a de mito em mito por uma criação progressiva de divindades ou gênios, por uma série de fábulas sábias e profundamente verdadeiras. Casam-se ali o gênio iônico com a gravidade das raças mais antigas, dos Pelasgos, parentes da velha Itália. Resulta dessa união uma religião toda de paz e de humanidade, ligada a Estia, Vesta, o puro gênio do lar, e à sábia Têmis, que não parece senão Ceres. Em Atenas e em Tebas,

Ceres aproxima os homens e faz as leis. Nada de cultura sem ordem. A justiça nasceu do sulco do arado.

O pouco que nós conhecemos dessa Grécia primitiva indica-nos costumes suavíssimos, mais próximos talvez da origem indiana — do engenho humano dos Vedas — do que da idade guerreira que a *Iliada* nos pinta. As mais antigas tradições que nos restam dessa Grécia revelam-nos o horror profundo que lhe inspirava a efusão de sangue, especialmente os sacrifícios humanos, que eram detestados como coisa típica de bárbaros, origem de castigos tremendos. Licáon foi transformado em lobo por ter imolado homens; Tântalo punido nos infernos com um suplício cruel, a sede atroz que nada acalmará.

O que é completamente indiano, o que chega mesmo a parecer bramânico, é o escrúpulo que se punha em matar os animais. Conhecem-se ritos de grande antiguidade que são testemunho do conflito que perturbava essas almas cândidas, tendo horror ao sangue e, no entanto, condenadas pelo clima e pelo trabalho a uma alimentação sangrenta. Para imolar uma vítima era preciso crê-la culposa. O touro comia um pão sagrado no altar; esse sacrilégio podia chamar sobre o país a vingança celeste — era, pois, necessário punir o touro. O que ninguém tinha, porém, era coração para matar esse velho companheiro de labuta. Chamava-se um estrangeiro, que o feria e fugia. Quem derramasse sangue estava sujeito a um processo solene; todos os que tomassem a menor parte num sacrifício eram inquiridos e julgados. O homem que houvesse apresentado o ferro ao sacrificador, o que o tivesse ajudado, as mulheres que, para auxiliá-lo, houvessem carregado a água — todos eram responsabilizados. Lançavam-se mutuamente as culpas, uns para cima dos outros; mas por fim tudo recaía sobre o algoz, que, sendo o único que não se defendia, acabava por ser condenado e lançado ao mar. Ao touro faziam-se todas as reparações possíveis: colocavam-no de pé, empalhavam-no, punham-no à charrua, e ele parecia sorrir ainda, retomar com honra o trabalho da agricultura.

Essas populações pacíficas eram infelizmente inquietadas pelo mar e pelas ilhas, de onde os piratas da Ásia e da Fenícia estavam constantemente a cair sobre elas, roubando-lhes as crianças e as mulheres. Cruéis roubos esses! Transportadas num momento e vendidas na Ásia, essas criaturas não eram mais encontradas. E são as mesmas desgraças, as mesmas dores, os mesmos gritos desde os tempos mais longínquos até os Barbarescos modernos. Os

poetas e os historiadores estão constantemente a falar desses roubos. É Io, é Europa, é Hesíone, é Helena. Mas coisa ainda mais cruel era o terrível tributo de crianças pago ao Minotauro. Homero pintou a dor muda do pai que perdeu sua filha e que, taciturno, segue pela praia onde a vaga saltitante e viva ri ultrajosamente do seu luto. E que dizer do desespero das mães quando o barco fatal lhes levava seu tesouro, quando a filha lacrimosa, que em vão estende os braços tenros para a praia, foge e desaparece sobre as vagas?

Todas essas tragédias, sobretudo a inquietação e a expectativa de tão grandes desgraças, contribuíram certamente para afinar a raça, para dar-lhe tão cedo a poderosa sensibilidade de que brotou sua grande criação religiosa, a lenda de Ceres e de Prosérpina, a patética história, a *Paixão maternal*.

Não foi preciso para isso nenhuma ficção. Foi tudo natureza e verdade. E nisso mesmo está a razão de sua força e sua eternização. A humanidade conserva-lhe ainda o vestígio e haverá de conservá-lo sempre.

Em cada ano, ao ver a flor separar-se da planta, desaparecer, perder-se para sempre, o coração é tomado de uma dor igual. A essa flor, essa semente que assim cai, o que acontecerá? Onde irá parar a pequenina? O vento soprando arrebatá-a. A ave passa, toma-a no bico e leva-a consigo. Tem quase sempre o ar triste de tudo o que morre; retraída, cai no solo negro, obscuro, onde fica ignorada como se caísse no esquecimento do sepulcro. O homem, em seu proveito, tortura-a também de todas as maneiras: descasca-a, pisa-a, tritura-a, inflige-lhe cem suplícios. Todas as nações têm cantado isso. Toda a humanidade, da Índia à Irlanda, tem dito em contos ou baladas as aventuras, as misérias, dessa pequenina criatura. Mas na sua maioria essas narrativas são alegres nem risonhas. Só a Grécia, que julgamos tão leviana, não riu; pelo contrário, chorou.

O drama já existia. O que foi verdadeiramente de gênio foi a criação de Ceres, a ideia de uma mãe adorável, cuja bondade infinita torna ainda mais sensível a cruel aventura. Depois, a concepção de um divino coração de mulher, engrandecido pela dor. Ceres torna-se a mãe universal, de que todos somos filhos; pois que a humanidade inteira será a sua Prosérpina.

Não se conhece concepção tão infinitamente pura como essa. Nada ali mexe com os sentidos. A comovente Ísis, que chora por seu Osíris, não encobre as suas ardências de África, o seu desejo mordente; ela chora, procura, chama um esposo. Para Ceres, o objeto adorado e chorado é uma filha. A sua lenda não sofrerá nunca, por isso o equívoco dos cultos mais

recentes em que a mãe chora por um filho e em que, rejuvenescida pela arte, e mais moça do que ele, ela é quase sempre menos mãe do que esposa.

Ceres é o pensamento sério dos povos agrícolas. O trabalho torna as pessoas graves. Entre aqueles que suportam o peso da vida não há requintes amorosos ou místicos. Nada de sutil, de falso. A verdade no que ela tem de mais tocante, o acordo profundo das coisas que as idades sofistas mais tarde separaram, o acordo perfeito do coração, do amor e da natureza, a beleza florindo de bondade infinita — eis o que os homens simples conceberam no primeiro entusiasmo da arte grega. Muito antes dos mármores de Egina, sinistra imagem dos combates, já a cabeça pacífica de Ceres ornava as medalhas admiráveis da Sicília.<sup>53</sup> Nobre equilíbrio de beleza, simples, agreste, real! A sua rica cabeleira mistura o seu ouro com o ouro das espigas.

Entre a alegria e as lágrimas, nas alternativas do bem e do mal, de tempestade e de sol, há uma coisa que é imutável — a bondade. A bondade ama igualmente a planta, os rebanhos inocentes, as doces ovelhas e, sobretudo, as crianças (*malo-trophos, kouro-trophos*). É mãe para todos e os ama. Seus seios querem a todo instante aleitar, mesmo quando chora e sofre. Ela é o amor, é o mel, é o leite da natureza.

Duro contraste do destino: Ceres, esse gênio da paz, nasceu em pleno combate, entre poderes contrários que se batiam. Floresceu nos lugares em que o drama dos elementos é mais terrível, nas ilhas vulcânicas, na Sicília.

Tão casta, tão pura, rodeiam-na duas atrações fatais: deusa da fecundidade, só poderá realizar a sua obra sofrendo a carícia fria do orvalho dos céus; mas, por outro lado, precisa também das influências obscuras dos calores subterrâneos, os bafos poderosos que são o hálito da terra. Zeus desejava-a; Plutão queria-a. Mas ela é mulher. A profundeza sombria amedronta-a. Como se disporá a esperar o rei da morte, ela que é apenas amor e vida? Hesita. Mas, aguardando, não pode impedir o Céu de chover em seu seio. Tudo o que ela sabe, a inocente, é que se desdobrará numa pequenina Ceres, que florirá dela, como a planta em flor tem uma filha que é ela própria.

A história é conhecida.<sup>54</sup> A pequenina andava com as ninfas, suas companheiras, a colher flores no prado pela primavera, perto do mar. Floria o primeiro narciso. Ela tem desejo, *inveja*, da flor das lendas que, como é sabido, foi uma criança. Pega-lhe com as duas mãos para cortá-la. Mas a terra abre-se. Aparece Plutão com seu carro e seus corcéis de fogo e a arrebatou,

nada lhe valendo as lágrimas e os brados. Mas era tão criança que queria reter suas flores. Em vão. As flores inundam a terra, que por toda parte verdeja e floresce. Tudo foge diante de si — a terra, o mar e o céu. Essa passagem sugere Sita (a filha do sulco) raptada no poema indiano pelo espírito mau, Ravana. Mas como a Grécia é aqui superior e mais tocante! Sita não tem mãe que chore por ela.

Pobre Ceres! Todos os deuses são contra ela: estão todos pactuados para lhe dilacerar o coração. Júpiter permitiu-o. Ninguém ousaria dizer-lhe o que era feito de sua filha. E ela suplica, dirige-se a toda a natureza. Mas nem um agouro sequer: a própria ave emudeceu.

Então, desesperada, desata as fitas e a sua longa cabeleira desprende-se. Veste-se de luto, o manto azul. Já não toma em nenhum alimento; já não banha seu corpo lindo. Esvaída, quase morta, agitando nas mãos as tochas fúnebres, durante nove dias inteiros e nove noites percorre toda a terra. Por fim, está aniquilada, agonizante. Hécate e o Sol acabam por se apiedar dela. Revelam-lhe tudo. Desgraça irreparável! Ela não tornará jamais a esse céu injusto. Erra, miseravelmente, cá embaixo.

Curvada de dor, arrasta-se como uma velha. Ao meio-dia, sob a oliveira, senta-se perto de um poço. As mulheres e as moças que ali vão à água falam-lhe com compaixão. Um dia, quatro moças lindas e virgens, filhas do rei, acolhem-na e levam-na à sua mãe. “Quem sois vós? — Eu sou *a que procura*. Os piratas roubaram-me. Eu fugi... Dai-me uma criança para alimentar e embalar...” Nesse instante, ela irradia de si um esplendor de bondade tão forte que a rainha queda-se perturbada, toda em frêmitos, enternecida. Põe-lhe seu menino nos braços, filho querido que é o último, um filho que veio vinte anos depois de suas irmãs.

Entretanto, a deusa tem ainda o coração tão esmigalhado que não pode falar nem comer. Não houve pedido nem ternura que a convencesse: foi preciso para isso um acaso. Uma moça rústica, ousada, jovem e alegre, com um ritmo iâmbico,<sup>55</sup> evita com jovialidade aquele grande nojo, fazendo com que, num instante esquecido, ela sorria. Aceita então o alimento — nem vinho nem viandas, somente a farinha perfumada de hortelã (a futura hóstia dos Mistérios). Doce comunhão da boa deusa com a humanidade. Por ambrosia e néctar, toma o pão e a água. Depois adota a criança, que desde então tem duas mães — é filho da terra e do céu.

Adivinha-se facilmente como ele floresceu, aleitado pelo seu seio opulento, favorecido pelo seu sopro divino. Impregnado dela, transforma a sua natureza. Ama-o e quer fazer dele um deus. Só o fogo e a provação do fogo divinizam. Mais tarde é da fogueira que Hércules deve ascender aos céus. Ceres, que faz pelo calor germinar as plantas, sabe bem quais temperaturas seu filho pode aguentar sem dor e sem perigo: põe-no todas as noites na pedra quente do lar. Mas por desgraça a mãe curiosa observa-o, assenta-se e clama... Ai! Acabou-se tudo! O homem não será nunca imortal. Ele sofrerá os males, as misérias da humanidade.

Desta sorte, Ceres, que perdeu sua filha, perde o filho adotivo. Mais desesperada que nunca, retoma sua vida errante. Parece faminta de dores. O céu é-lhe pesado; e a terra, odiosa. E seca essa terra, que não tornará a produzir. Ela pode ser outra coisa que não um lúgubre deserto quando sua deusa sofre? Ceres rejeita sua divindade inútil, erra pelas estradas poeirentas, assenta-se à beira dos caminhos, mendicante. Assediam-na todas as necessidades; sucumbe de fadiga e de fome. Uma velha dá-lhe por piedade um pouco de carne cozida, que ela devora. Para cúmulo, é escarnekida. Uma criança indigna ri, aponta-a com o dedo e imita e arremeda sua avidez. Cruel ingratidão! Que o homem ria da boa ama que sozinha amamenta a vida do homem! Mas a malícia ímpia puniu a si mesma: a criança maldosa tornou-se um réptil, o magro e fugidio lagarto seco, habitante das velhas pedras. Boa lição que o fará caridoso. Crianças, não riam nunca do pobre. Quem poderá saber se ele não é um deus?

A terra sofre tanto que o céu comove-se e aterroriza-se. Nem mais searas nem mais animais. Os deuses, à míngua de sacrifícios, têm também fome. Os Ísis e os Mercúrios, todos os mensageiros dos céus, descem e vêm ter com a mendiga. “Não, dai-me a minha filha.” É bem preciso que Plutão ceda, pelo menos por um momento. A adorada evade-se dos infernos, chega num carro de fogo e abraça sua mãe, quase morta de alegria. Mas como ela mudou, essa filha querida! Está mais bela do que nunca — mas mais sombria! Beleza ferida! Beleza frágil! Morte e flores! Inverno e primavera! Eis a dupla Prosérpina, encantadora e indomável, que quase se impõe à sua própria mãe... “Ah! Filha, serás tu outra? Não serás ainda do inferno? Nada lá debaixo te agradou?...” Plutão não a deixara partir sem lhe ter feito tragar uma aguardente do fruto misterioso da fecundidade — a romã de incontáveis grãos. Por outras palavras, ela traz consigo a fecundação tenebrosa do

império negro, e para lá deve retornar. E assim, a cada ano pelo outono, de novo perdida para sua mãe, regressa ao fundo da noite, e Ceres, ao voltar da primavera, não tem a alegria de vê-la reaparecer sem sentir a tristeza que a espera de vê-la desaparecer depois.

Eis a vida, com as suas alternativas. Ceres suporta-lhe o peso todo. Quem a consolará? O trabalho, esse bem que ela concedeu ao homem. Se ela não pôde torná-lo um deus, como quis, fez dele um grande trabalhador — Triptolemo, *moleiro* da gleba pela charrua e *moedor* do grão pela mó; o justo Triptolemo, o filho da lavoura, pacífico, econômico, cheio de respeito pelos trabalhos alheios; amigo fiel da ordem e das leis.

Bela história! E como é verdadeira, misturada de alegria e de tristeza, de sapiência; sobretudo, de admirável bom senso! Popularmente, traduzia-se em duas festas simplicíssimas, todas cheias de natureza, e sem mistério, sem requintes nenhuns.

Na primavera eram as *Antestérias*, a festa das flores. A bela Prosérpina, que regressa, cobre toda a terra; traz consigo todos os encantos da vida. E não traz consigo tudo, porque deixa lá embaixo os nossos mortos. A alegria não é clara e sem lágrimas, porque eles não voltam. E tudo se coroa de flores — até os próprios túmulos. Sorridente, mas enternecida, a mulher coroa de flores o seu velho pai, o seu pequeno filho. É preciso nascer para morrer. O próprio luto exerce influência sobre o amor. Essa festa das flores era a da flor humana, o dia por excelência da mulher e das alegrias sérias do himeneu. Assim o queria, assim o ordenava a muito casta Ceres.

No outono, eram as *Tesmofórias*, festa das mulheres, festa das leis. Foi a mulher quem a deusa fez depositária das leis de ordem e de humanidade. E não sem razão. Quem pode interessar-se mais pela sociedade do que as mães, que lhe entregam os seus filhos? Quem, mais do que elas, é atingido pela desordem e pela guerra?

O outono tem duas faces. Para o homem, descansado, que não tem mais nada a fazer senão as sementeiras e a prova do vinho novo, é alegre, por vezes até excessivamente alegre. Mas as mulheres lembram-se de que ele é para Ceres o triste momento em que vê a filha sumir-se nas funduras da terra. Opondo seu desgosto à solicitude dos maridos, fugiam-lhes por alguns dias. Sorrindo de sua severidade, encaminhavam-se ou para o mar, para o promontório sombrio onde se adoravam as deusas, ou para o célebre templo de Elêusis, logo que o construíram. Dali traziam as leis de Ceres, leis de paz,

que à volta podiam fazer jurar sem esforço ávido amor, para a felicidade futura do filho desejado.

Quais são as leis tão poderosas que fizeram a sociedade? Excessivamente simples, a julgarmos pelas que ainda hoje se conservam. O *amor da família*, o *horror pelo sangue*, e o que elas preceituam, nada mais. Só isso, foi imenso. No espírito de Ceres, a família estende-se, torna-se pátria, tribo, que, unida, formará o burgo — o burgo unido à cidade. Nada de sangue; não matar ninguém, nem mesmo os animais. Aos deuses, oferecer somente frutos. Se o animal é indulgente, seja-o o homem ainda mais. Nunca viver em guerra, mas numa eterna paz. E conseguir que na própria guerra, a não se poder evitar, exista um espírito de paz. Eu vejo daqui o *altar da Piedade*, erguido em Atenas. Vejo a *Paz* divinizada nas grandes festas que uniram as cidades e delas fizeram em Olímpia, em Delfos, um povo apenas.

O respeito pela vida humana, considerada pelos deuses como santa e sagrada, contribuiu certamente mais do que qualquer outra coisa para fazê-la julgar imortal. Se a flor só morre para tornar a nascer, por que não renascerá a alma, essa flor do mundo? Melhor do que qualquer dogma, o trigo, nas suas eternas nascenças e renascenças, nos ensina a ressurreição. E assim, passados séculos, São Paulo não tem, nas suas Epístolas, nenhum outro argumento que não seja a lição antiga de Ceres.

Nisso e em tudo, ela foi a grande mestra. O seu culto, popularizado, enriquecido e dramatizado por uma *mise-en-scène* imponente, redundou muito mais tarde nos Mistérios, que, apesar de atacados pelos cristãos, foram contudo imitados por eles.

Os seus benefícios têm sido imensos. Ela dá uma base de caloroso amor ao ligeiro espírito irônico que não tinha senão transformações. E, criando a Sociedade em Atenas, assim esboça a cidade, essa cidade *humana* entre todas as outras.

A móbil fantasia, a imaginação por si não poderia gerar a vida. Para fazer um mundo, é absolutamente preciso outra coisa — muito amor, muita verdade. A maternidade de Ceres, o seu puro amor, que transborda em bondade, foi o sagrado berço da Grécia. Muito antes da Olímpia de Homero, houve longos séculos silenciosos que lhe incubaram o futuro. Poderoso e fecundo Lume! Da lenda de uma mãe concebe a chama que a fez mãe também. Para explicar as idades que iluminou a terra, é mister vê-la primeiramente como a filha adotiva de Ceres, vê-la quando ela tomou o

facho da sua mão ou quando, alimentada pelo seu leite, colhia as flores de Elêusis ou de Ena.

## Notas

<sup>53</sup> Ver as do gabinete de medalhas e também o *Tesouro de numismática e de glíptica*, as medalhas publicadas por De Luynes. A coleção Campana tinha uma rigorosa cabeça de Ceres, que se julgava do tempo de Fídias. Ah! E foi deportada para a Rússia! Essa filha da Grécia e da Sicília, a mãe da Arte e da Humanidade.

<sup>54</sup> Essa história é a lenda que se encontra por toda parte nos dramas sagrados. É de um caráter antiquíssimo, independente do *Hino a Ceres*, atribuído a Homero, independente dos mistérios de Elêusis, em que a pobre Ceres, envolvida no culto recente de Baco, sofreu na lenda tão tristes alterações.

<sup>55</sup> Daí o *iambo*, a medida rítmica de sátiras e comédias, que fazia rir de uma dor. Origem análoga (não contrária) à do verso indiano, nascida da dor de Valmiki, de uma lágrima, do ritmo dos suspiros.

## LEVEZA DOS DEUSES IÔNIOS A FORÇA DA FAMÍLIA HUMANA

A ciência marcha e a luz avança. A nova fé confirma-se, indo encontrar sob a terra, na antiguidade profunda, as suas próprias raízes. O duelo memorável que eu, ainda moço, vi desenrolar-se entre a liberdade e a teocracia, a verdadeira e a falsa erudição sobre as origens gregas, ei-lo terminado. Questão capital, viva, de interesse eterno. O mais brilhante, o mais fecundo dos povos foi o Prometeu, de si mesmo, ou foi ensinado e formado pelo sacerdócio? Foi obra do santuário ou do livre engenho dos homens?<sup>56</sup>

Trinta anos de trabalho decidiram a questão, cortando para sempre o nó górdio. Os resultados são tão claros e tão fortes que o inimigo já não ousa contestar. Desde os alicerces, com todas as minúcias, de pedra a pedra, concluiu-se o edifício. Ao alto, um grande golpe de sol, a jovem linguística, doura-lhe a cúpula, pondo em evidência que nas suas altas origens não houve nenhum artifício da ciência sacerdotal, nenhum simbolismo complicado, mas sim a ação livre do bom senso e da natureza.

O culto venerável da alma da Terra, de Ceres e de Prosérpina, mavioso, e de mais a mais com o terror representado por Plutão, teria criado em qualquer outra parte que não fosse a Grécia um sacerdócio poderoso. Ali malogrou-se por duas vezes. Nos tempos mais antigos, subordinou-o à ascendência progressiva das metamorfoses iônicas e à fantasia dos cantores ambulantes que variavam a seu bel-prazer as fábulas e os deuses. Mais tarde, quando os Mistérios, auxiliados por todas as artes e com a sua engenhosa encenação, podiam impor-se, já a cidade existia, incrédula e risonha. Foi possível expulsar Ésquilo e matar Sócrates; o que não consegue é radicar-se, porque tomba no desprezo.

Eis os últimos resultados da crítica moderna:

1º *A Grécia não recebeu nada, ou quase nada, do sacerdócio estrangeiro.* O que ela própria pregava, egípcio ou fenício, era profundamente grego. Na sua idade de poderio e de gênio, apenas ama a si mesma, desprezando todas as velharias. Foi isso que lhe conservou a mocidade e a perfeita harmonia que originava a sua fecundidade. Quando, no fim, os deuses tenebrosos da Ásia se lhe enroscaram no seio, ela já tinha completado a sua obra e entrava na agonia.

2º *A Grécia não teve em época alguma um sacerdócio real e regular.*<sup>57</sup> A suposição errônea de que ela o teve *antes dos tempos conhecidos* não tem provas nem verossimilhança. Nunca foi dirigida; e foi por isso que ela caminhou a direito, num equilíbrio maravilhoso.

Um dos efeitos mais graves da pressão sacerdotal é o de absorver tudo de idêntica forma, de reduzir toda a vida a um único órgão, a um único sentido. Esse órgão, essa parte, aproveita-o infinitamente. Vós tendes, por exemplo, uma mão monstruosa; o braço é seco; o corpo, ético. Foi o que aconteceu no Egito, e ainda mais na Europa medieval, que teve o tal sentido estranho, o tal órgão gigantesco, e o conjunto fraco, pobre, estéril. Na Grécia, abandonada ao seu gênio liberto, todas as faculdades do homem: alma e corpo; instinto e trabalho; poesia, crítica e raciocínio. Tudo cresceu, tudo floresceu conjuntamente.

3º *A Grécia, mãe das fábulas,* como tanta gente costuma chamá-la, possui dois dons simultâneos: o de fazê-las e o de não acreditar nelas. Imaginativa por fora e reflexiva por dentro, não se deixou iludir pela sua própria imaginação. Não existe povo menos exagerador. Ela pode inventar, contar incessantemente maravilhas; poucas lhe atingem o cérebro. O milagre tem pouca influência sobre ela. O céu, feito e refeito sem cessar pelos poetas e cantores ambulantes (os únicos teólogos), não lhe inspira uma confiança que lhe faça cruzar os braços e esperar o que dele lhe venha. Parte do princípio de que o homem é irmão dos deuses, nascido como eles de titãs. Trabalho, arte e combate, ginástica eterna da alma e do corpo, é a verdadeira vida do homem, e que, indo contra os próprios deuses, *contra seu ciúme,* fá-lo *herói* e quase deus.

Como é, porém, que esse Olimpo, aparecido por acaso, improvisado pelos cegos, pelos cantores dos caminhos, dos templos ou dos banquetes, pelos Fémios e pelos Demódocos, pôde conseguir um pouco de unidade? A musa divergirá conforme os auditórios. As suas fábulas cantadas em roda dos

templos com uma solenidade sagrada se tornarão, junto dos reis guerreiros — quem sabe? —, joviais (como certos contos da *Odisseia*). Mas nesse caso dir-se-á que de tudo isso resulta uma grande mistura.

Puro erro. Tudo se arranja pouco a pouco. Notai que esses cantores são no fundo uma alma, um pouco desse povo, com vida, costumes e meios, pouco diferentes uns dos outros. Notai que a sua arte é a mesma, o seu processo o mesmo. Falam todos à mesma entidade, cuja voz lhes responde, a Natureza.

Vê-se hoje, pelas verdadeiras etimologias, que essas criações, tanto na Grécia como na Índia védica, são primariamente simples forças elementares (Terra, Água, Ar, Fogo). Somente no mundo grego, que personifica e precisa, a evocação ao poeta faz surgir por todas as partes espíritos vivos e móveis, à sua imagem. Ela chama à atividade um grande número de seres que eram tidos como coisas. Os carvalhos são forçados a abrir-se e a emancipar as ninfas que eles durante tanto tempo encerraram. E a própria pedra, levantada sobre o caminho, propõe o enigma da esfinge.

São vozes inumeráveis, mas não discordantes. O grande concerto divide-se em partes, em grupos, em gamas harmoniosas.

Vimos já a da Terra. De Ceres, a casta deusa venerada, indomável, souberam os gregos extrair todo um mundo amável de deuses. Amiga do calor, parenta do Fogo (ou Estia), amava as profundezas. A fim de lhe poupar a viagem subterrânea, criaram-lhe uma filha, que é outra Ceres. Para salvá-la dos duros trabalhos da lavoura, nasceu um gênio inferior, como que um rústico, Ceres, macho e rústico, que é o *moleiro* Triptolemo. Para guardar-lhe o reino, o campo, a seara, os limites, eram necessárias leis e penalidades. Mas a boa Ceres era capaz de punir? E encarrega-se disso Têmisa, a fria Ceres da lei, cujo gládio é Teseu, legislador de Atenas, o valente Hércules iônio.

Não é menos rica a *gama do Fogo*, que vai se desenvolvendo desde os Cabires disformes até os Ciclopes, o obreiro Vulcano, Prometeu, o artista. Enquanto isso da noite (Latona) brilha o esplendor de Febo e da fronte carregada e sombria de Júpiter brota o relâmpago sublime de Minerva, da Sabedoria.

Mas todos esses deuses são, se assim posso dizê-lo, espantosamente diferentes uns dos outros quanto à solidez. Poder-se-ia fazer um livro sobre os seus temperamentos: a fisiologia do Olimpo. Muitos deles, confessêmo-lo, conservam-se no estado de nevoeiro ou, ainda menos, não sendo mais do

que adjetivos, como esses sinônimos de Agni de que a Índia fez nomes de Deus. Outros, um pouco mais firmes, são, como muito bem diz Max Müller, já *coalhados*, de alguma consistência, conservando-se, no entanto, diáfanos; vendo-se tudo através deles. O seu pai, o gênio iônio, não lhes permite agir como *peessoas*, senão com a condição de se conservarem *elementos* e, como tais, serem sempre dóceis às suas metamorfoses. Com essa convicção pode sempre dispor deles, variá-los, enriquecê-los com aventuras novas, casá-los, desdobrá-los em heróis.

Essa manipulação mitológica é fácil de seguir na *gama dos deuses do Ar*, que naturalmente deviam ser muito flutuantes, prestando-se a transformações.

O ar superior, o Céu, o pai Zeus, Júpiter, ocupa necessariamente o lugar mais elevado, o trono da natureza. Ele faz chover, ele produz tudo. Sucessor dos velhos deuses, dos titãs, é ele que engendra a família dos deuses helênicos. Reina, tendo nas mãos o raio, e aterroriza o mundo. As suas funções são as que Indra desempenha nos Vedas. Para reinar nos ventos, delega os seus poderes a Éolo, um pequeno Júpiter, que os reprime cativos em cavernas profundas.

Se Júpiter é cá embaixo o grande fecundador, é porque ele possui também lá em cima o celeste poder da fecundidade. Na Ásia seria um deus macho e fêmea. Na Grécia desdobram-no, dão-lhe uma mulher, que é ainda o Ar, o ar fêmea — Hera ou Juno. É o ar perturbado, agitado e colérico. Mas isso não basta. Na sua altura sublime, por cima das nuvens, no éter puro, vê-se outra coisa inteiramente nova. Júpiter triplica-se. Dão-lhe uma filha, Palas, que nasce dele, mas apenas dele, e não da sua Juno. Mais tarde, virão os Dórios, que o obrigarão a quinhoar seu reino sobre a tempestade com o jovem deus Apolo, que tem flechas (como o Indra védico) para furar o dragão das nuvens. Dessa maneira, faz-se de Zeus, ou do Pai Céu, toda uma série de deuses, não fortuita nem desordenada, mas, pelo contrário, bem unida, progressiva, harmônica, uma esplêndida gama de poesia. Zeus, duplicado, triplicado, quadruplicado, nem por isso deixa de se conservar no lugar superior e guardar sua nobre representação.<sup>58</sup> Ele é o pai de todos os jovens Olímpios e, como veremos no fim, todos se reconhecerão nele, verão que não eram senão ele; desse modo a sua superioridade prepara aos filósofos a futura unidade de Deus.

A Grécia, com o seu instinto singular de progresso moral, nunca deixa que os seus deuses caiam na ociosidade ou no sono. Fâ-los trabalhar incessantemente de lenda em lenda, humaniza-os, educa-os. Podemos segui-la, passo a passo, de idade em idade. Os *deuses-natureza* tentam inutilmente personificar-se: indeferem-se. Surgem os *deuses-humanos*, crescem os *deuses-morais*. Os deuses justiceiros, heroicos, reabilitadores, cujo triunfo fecha a história divina, mostram o verdadeiro herói, o *sábio*. De Hércules, resta o estoico, que a Escola denomina muito bem como *o segundo Hércules*. É essa a pedra viva, a rocha firme do Direito na qual Roma assentou levemente as bases da Jurisprudência.

É lá que está o fim supremo e longínquo para o qual se caminha às cegas, mas com segurança: *é preciso criar o herói*.

Dizer que os deuses descem, encarnando-se, como faziam na Índia, serviria apenas para adormecer a atividade humana. O importante seria estabelecer uma boa escada regular, por onde se pudesse descer e subir, por onde o homem forte e laborioso, tendo se desenvolvido e aperfeiçoado por completo, ascendesse, tornando-se deus. Nem a língua nem o espírito gregos permitiam que os poetas exprimissem os nascimentos divinos senão por amores divinos. O mais fluido de todos os deuses, o aéreo Júpiter, desempenhou o papel de grande amoroso. Os cantores populares não o pouparam. Dando-lhe a figura imponente, as negras sobrancelhas, a barba austera do pai dos deuses, lançaram-no em mil aventuras de moço. E tudo isso de modo alegre, brincalhão, com um palavrório livre. Nem um único traço de paixão séria.

De resto, nada mais transparente nessa linguagem. Não há meio de as pessoas se enganarem. O sentido físico está sempre bem marcado. Só a tradução é obscura; exagera a personalidade desses seres elementares. “*Zeus choveu na Força* (é literalmente o nome de Alcmena) *e ela concebeu o Forte* (Alcides). — *Zeus choveu pelo temporal na terra* (Sêmele), que, fulminada, criou Baco, ou o vinho caloroso.” O que poderia haver de mais claro para essas tribos primitivas, de vida inteiramente agrícola?<sup>59</sup>

É verdade que essas fábulas dos amores e das gerações divinas nos parecem escandalosas, mas isso é quando Evêmero e seus semelhantes no-las explicam pela história pretendida dos reis do tempo antigo, quando Ovídio e outros cantores as adornam com os ouropéis de uma facilidade libertina, quando, enfim, os espíritos enfraquecidos da decadência, um Plutarco, por exemplo, esqueceram, desconheceram por inteiro seu sentido primitivo. Os estoicos tentaram em vão, por meio de uma interpretação justa, que a linguística hoje confirma completamente, mostrar que essas fábulas se referiam aos elementos físicos. Os cristãos abstiveram-se de ali verem ou compreenderem alguma coisa, e cobriram esse precioso texto de ataques e declamações.

Nos tempos já bizantinos em que todo sentido elevado se embota, ninguém é bastante fino para lhes sentir o caráter dúplice, o claro-escuro em que elas flutuavam, entre o dogma e o conto.

Pesada e imperiosamente, interrogam a Grécia. “Acreditavas? Não acreditavas?” Parece-nos um mestre repreendendo uma criança de gênio que tem, como sempre se tem nessa idade, o dom de imaginar e de crer em metade de tudo que imagina. O velho idiota não sabe que é assim que se começa. Ignora que entre o crer e o não crer existem graus infinitos, intermediários, inumeráveis.

Nesse povo inventivo, de língua fluida e leve, enquanto os deuses foram sua verdadeira vida, sua fácil vegetação mitológica, mudavam-nos demasiadamente, para que pesassem sobre o seu espírito. Nos lugares em que a tradição situava as suas aventuras divinas, em volta de um oráculo ou de um templo, cria-se um pouco mais. Os cantores populares contavam com eloquência, ao viajero arrebatado, a maravilha do templo. Aprendia-a em verso para retê-la melhor, mas não sem lhe acrescentar poéticas variantes. E assim ia flutuando a lenda, mudando sempre, ao gosto de cada cantor novo que se sentia com o mesmo direito dos mais na musa e na inspiração.

Mostramos algures quanto a alma interior da Índia guardou a liberdade contra os seus dogmas, não obstante as aparências de um jugo sacerdotal tão forte. Mas quão maior encontramos essa liberdade na Grécia, que não é oprimida por nenhum jugo semelhante àquele, e que se faz e refaz incessantemente! Para defender o sentido das leves excentricidades da fábula religiosa, não há necessidade de crítica severa nem de ironia dura. Basta apenas ter o que o melhor dos tiranos divinos guarda: o sorriso.

A Grécia não teve aquela atitude severa, aquela gravidade solene que vemos em outros povos. Porém, o gênio do movimento, o poder inventivo que nela foi infatigável e uma certa vivacidade ligeira ergueram-na sempre acima das coisas vulgares e baixas. Circula ali livremente um ar puríssimo e leve, o sublime éter de um céu azul, que mantém a vida nas alturas. E o que a domina não é bem o escrúpulo, o medo do pecado ou o cuidado de fugir a este e evitar aquele; é sua própria natureza, uma seiva asperamente virginal de ação, de arte ou de combate, a chama inata de Palas que a mantém no estado heroico.

As suas tradições exprimem isso de forma maravilhosa. Quando Agamemnon vai para a tão longa ausência da guerra, para o cerco de Troia, quem ele deixa junto de Clitemnestra? Quem vemos acercar-se dela durante os repastos e as horas de repouso? Um sacerdote? Não; um cantor, cujas narrativas nobres lhe sustentam o coração. Guardião respeitoso, esse ministro das castas musas combaterá os devaneios, as molezas lânguidas da mulher. Dir-lhe-á a sublime e forte história do passado: Antígona imolando o amor, a vida, à piedade fraternal; Alceste morrendo por seu esposo; e Orfeu seguindo até os infernos sua Eurídice. Enquanto ele canta, a esposa absorve-se toda na lembrança do seu Agamemnon ausente. De modo que o pérfido Egisto não a corrompe, senão raptando o homem da lira. E, de fato, o Egisto lança-o numa ilha deserta; e a rainha, desde então abandonada das musas, foi-o também de sua virtude.

O que é de se espantar é que certas coisas surgiram, num clima meridional, à fria pureza do Norte. A mais moça das filhas do Nestor banha Telêmaco. Laerte, pai de Ulisses, fez educar a filha com um jovem escravo. A filha de Quíron, o sábio centauro, que em nada cede a seu pai, educa um jovem deus, ensinando-lhe todos os mistérios da natureza. Acredita-se que se está na Escandinávia; acredita-se que se está lendo a *Saga de Njáll*, em que uma nobre virgem tem um guerreiro por preceptor.

A Grécia apresenta-nos exatamente o avesso da Idade Média. Nesta, toda a literatura (ou quase toda) glorifica o adultério: poemas, canções, tudo celebra o concubinato. Dos dois grandes poemas gregos, um pune o adultério com a ruína de Troia, o outro é o regresso heroico do esposo, o triunfo da Fidelidade. Os pretendentes assediam inutilmente Penélope. Em vão as Calipsos, as Circes, dão-se a Ulisses e querem com o amor dar-lhe a beber a imortalidade. Ele prefere sua Ítaca, prefere Penélope e morrer.

Coisa horrível que faz estremecer um padre da Igreja. “Saturno comia os seus filhos!... Que exemplo para a família!” Animai-vos, bom homem. Apenas comia pedras em seu lugar.

Na realidade, a família grega é fortíssima. E não é menos pura do que forte. A história de Édipo, além de outras, mostra o quanto os gregos tiveram horror a certas uniões que criam próprias dos *bárbaros*.

Antes da invasão dórica, dessas guerras cruéis que povoaram a Grécia e alteraram a antiga humanidade, a família é completamente essa família natural e santa que se vê nos Vedas, que se vê no Avesta. Tem a harmonia normal e legítima. Quando mais tarde a filosofia, a doce sabedoria socrática de Xenofonte<sup>60</sup> procura de maneira lógica o verdadeiro papel da mulher, não tem mais a fazer do que simplesmente regressar ao que a *Odisseia* nos pinta.

A dona de casa tem, segundo Homero, metade do governo, todos os cuidados internos, mesmo o da hospitalidade. Senta-se defronte do marido e é sua igual dentro do lar. É a ela que primeiramente se deve dirigir o pedinte. A amável Nausícaa, que recolhe na praia o naufrago Ulisses, recomenda-lhe muito que antes de falar aos outros fale à sua mãe. Essa mãe, a sensata Aretê, parece para todos uma doce providência, mesmo para seu marido, Alcinos, que já um pouco velho, entrega-se à preguiça e (diz a filha) “bebe como um imortal”. A esposa supre-o; por sua prudência e seu espírito de paz, é ela quem arranja e trata dos processos, é como que a árbitra do povo.

A mulher é muito respeitada pelo esposo. Laerte, diz Homero, amou intensamente sua bela e sábia escrava Euricleia; mas nunca lhe tocou, “pelo temor da cólera de sua mulher”. Essa mulher, mãe de Ulisses, é amada com ternura por este. Nada de mais candidamente patético do que o reencontro do herói com a alma de sua mãe. Todo em lágrimas, pergunta-lhe quem foi que lhe causou a morte. Teria sido o destino? Teriam sido as flechas de Diana, que por meio das moléstias nos tira a vida? “Não, meu filho, não foi Diana, não foi a sorte; mas foi a tua lembrança, foi a tua bondade, filho meu, que me matou.”

## Notas

<sup>56</sup> Guignant, um verdadeiro sábio, que tem gastado sua vida na obra imensa de traduzir, completar, retificar a *Simbólica* de Creuzer, foi entre nós, neste século, o verdadeiro fundador do estudo das religiões. Esse mestre amado foi o guia de nós todos. Os Renan, os Maury, todos os críticos eminentes dessa época são seu resultado. Foi ele quem abriu o caminho àqueles mesmos que, como eu, pendem para a *Antissimbólica*, para Strauss, para Lobeck, e como estes pensam que, se Ceres é muito velha, os Mistérios de Elêusis e os mitos orgiásticos são de criação recente. Ver Lobeck, *Aglaophanus*, 1829 (Koenigsberg).

<sup>57</sup> O livro bastante superficial de Benjamin Constant é nesse ponto vigoroso e merece muita atenção. As suas principais asserções são confirmadas na sábia obra em que Alfred Maury resumiu todos os trabalhos recentes da Alemanha, introduzindo-lhes uma ordem excelente e nova que muito esclarece esses assuntos: *História das religiões gregas*.

<sup>58</sup> Os gregos falam sempre dele com magnificência, com uma grandeza enfática que não é de todo devida ao respeito. É um deus de aparato e de decoração. Pagam-lhe com cerimônias. Contudo, na realidade não é nada superior à maioria dos deuses que parecem inferiores. Enganam-no com facilidade. Esse rei dos Olímpianos, comicamente logrado pela mulher que o adormece sobre a Ida (*Ilíada*), iludido por Prometeu (*Hesíodo* nos faz lembrar um pouco o Carlos Magno dos *Quatre fils Aymon*, que adormece no trono e que é escarnecido enquanto dorme).

<sup>59</sup> Em um pequeno livro admirável de vigor e de bom senso, Louis Ménard diz, e muito bem, dessa idade agrícola, ainda muito perto da natureza, que acabava de criar seus símbolos e via perfeitamente através deles: “Não se ofendia com os mil casamentos de Zeus e de Afrodite, assim como hoje não achamos que o oxigênio é libertino pelo fato de servir a todos os corpos”. L. Ménard, *De la Morale avant les Philosophes* (1860), 104.

<sup>60</sup> Eu evito, para meu grande pesar, citar os admiráveis capítulos do *Econômico*, de Xenofonte. É perfeitamente claro que, se a guerra, a vida pública, o perigo contínuo, afastou os gregos da esposa e separou a família, o ideal do casamento era o mesmo. O coração continua sendo o coração. Varia muito menos do que se diz. Nada é mais encantador do que ver em Xenofonte a sábia realeza doméstica da jovem senhora da casa, que não apenas governa seus criados e suas criadas, mas sabe como fazê-los amar e cuida deles quando estão doentes. (cap. 7). O marido não hesita em dizer-lhe: “o charme mais doce será quando, tornar-se mais perfeita do que eu, você terá me feito seu criado. O tempo não fará nada. A beleza estima pela virtude”. Para nos enganar sobre tudo isso e nos fazer acreditar que a mulher (mesmo em tempos homéricos) dependia de seu próprio filho, não deixamos de citar as palavras de Telêmaco a Penélope. Mas nesse momento singular, ele precisa impor aos pretendentes essas palavras graves etc. Benjamin Constant explicou isso fina e muito judiciosamente.

## A INVENÇÃO DA CIDADE

A primeira obra foi o Olimpo, a segunda a Cidade.

Esta, obra surpreendente do gênio grego, é inaudita, sem exemplo e sem precedente. Todo o esforço da humanidade até ali não havia feito senão povoações, reuniões de tribos, agregações de aldeias para sua segurança. Nas povoações enormes da Ásia acumularam-se nações inteiras. Esses prodígios de Babilônia, de Nínive, da Tebas de cem portas, com seu esplendor e sua riqueza, não passavam de monstruosidades. A criação da Cidade pertence exclusivamente à Grécia, em sua harmonia suprema de arte, que não é mais do que natural, beleza pura, regular, que até hoje nada ultrapassou e que subsiste ao lado das fórmulas do raciocínio e das figuras geométricas que a Grécia também traçou.

A cidade dos Olimpos preparou a da Terra? Sim, o Olimpo tende já para a república. Os deuses são já um tanto quanto livres; deliberam, disputam; têm sua Ágora, Plutão, Netuno, nos seus reinos, subordinados sim, mas com certa independência. Todavia, o elemento monárquico persiste em Júpiter, o Agamemnon dos deuses. A Cidade terrena será absolutamente outra coisa; lembrará muito pouco o irregular governo dos céus. A república lá do alto é uma obra infantil comparada com a república humana. Desse pobre ideal, fez-se finalmente o caminho para se chegar ao milagre real, a Atenas, ao todo-poderoso cosmos, organismo vivo, o mais fecundo até então existente.

A obra não foi toda ela humana nem espontaneamente calculada. Ajudou-a, forçou-a a ação de terríveis dificuldades.

O perigo duplica o gênio. Através das crises violentas que, noutras partes, a teriam sufocado, fez-se, forjou-se; foi seu próprio *Vulcano*, seu industrioso *Prometeu* e mais tarde *Palas Atena*, Atenas.

Longa história que eu não escrevo: cabe a mim indicá-la.

Eu disse há pouco: todo o mundo grego, no seu belo equilíbrio de fantasia e de crítica, nasceu do sorriso — de uma parte, o gracioso gênio que

lhe criava os deuses; da outra, a ironia leve (toda do instinto e conhecendo-se pouco) que, contudo, mantinha a alma espantosamente serena, livre da sorte.

Esse sorriso aparece-nos sob os mármore de Egina. Matam-se rindo. “Acaso? poderemos dizer, impotência de uma arte desajeitada?” No entanto, a expressão encontra-se vinte vezes marcada na *Ilíada*. O sangue corre ali em ondas, mas os heróis param de boa mente para palestrar. Ali encontramos grandes cóleras, mas nenhum rancor. Aquiles cortesmente explica a Licáon, que lhe pede a vida, a razão por que o matará. Fê-lo já prisioneiro e escapou-se-lhe; além disso, reencontra-o sempre. Pátroclo está morto. “E eu, disse ele, não devo morrer jovem?... Então *morra, amigo!*”<sup>61</sup>

Eis aqui um traço inteiramente primitivo. Entre muitas coisas acrescentadas, modernas, a *Ilíada* conserva em geral seu caráter de áspera mocidade. Não é ainda o alvorecer da Grécia, mas é a sua madrugada. O ar é vivo. Sente-se por toda parte subir a seiva vigorosa. A terra é verde, o céu azul. Um vento de primavera agita os cabelos dos heróis. Luta-se, morre-se, mata-se. Mas ninguém se odeia, ninguém chora. Sente-se ali a elevada serenidade de uma idade arrogante, que paira por cima da morte e da vida.

Mas sabem eles o que é a morte? Podia-se duvidar. Mas ela aparece brilhante e triunfal. A morte dada, recebida, não altera a alma. Enquanto os hebreus prometem aos filhos de Deus que morrerão velhos, a Grécia diz: “Os filhos dos deuses morrem moços”. Ela, que é a própria mocidade, não quer a vida senão por esse preço. Piedade tem-na, mas é de Titono, velho marido da Aurora, velho sem remédio, que não pode morrer.

Entre os gregos, questionava-se e pelejava-se amiudadamente. Porém, as guerras eram insignificantes. De modo muito sensato, respeitavam os tempos da cultura e das sementeiras. Parecia que em suas lutas, suas empresas e suas emboscadas, visavam apenas à glória de ser destros e, mais do que nenhuma outra coisa, rir do inimigo. Eles gostavam era de o aprisionar e de receber o resgate. Não faziam escravos dos seus prisioneiros. Não sabiam em que haveriam de empregá-los. A vida, de uma grande simplicidade, a agricultura tão pouco complicada (na maior parte limitada aos olivedos e às pastagens) não tinha necessidade de escravos. O escravo do interior, empregado nos serviços pessoais, parecia a eles intolerável. Seria para eles um suplício ter sempre junto de si o inimigo, um vulto sombrio e mudo, uma permanente maldição. Eis o motivo por que se faziam servir pelos filhos.

Os Lócrios, os Fócios, nunca tiveram escravos. Se o grego das praias comprava por acaso uma criança aos piratas, considerava-a como da família. Eumeu, na *Odisseia*, vendido ao rei Laertes, é por ele educado junto com a filha. É como um irmão para Ulisses: espera-o durante vinte anos, chora-o, não se pode consolar com sua ausência.

Coisa assaz singular, mas que nos é firmada pelos mais fiéis testemunhos, não só o da própria língua como o de uma palavra proverbial: a guerra criava amizades. O prisioneiro, levado à casa de seu vencedor, admitido no seu lar, comendo e bebendo com ele, entre a mulher e os filhos, era da casa. Tornava-se o que se chamava seu *dorixeno* (δορύξευος), isto é, tornado hóspede pela lança.

“O escravo é um homem disforme”, diz Aristóteles. E a mais disforme das coisas é a escravatura. Pois essa monstruosidade foi durante muito tempo desconhecida no país da beleza, a Grécia. Estava em perfeita discordância com os próprios princípios de uma tal sociedade, com seus costumes e suas crenças. Como é, efetivamente, que a escravatura, “que é uma forma da morte”, dizem muito bem os jurisconsultos, poderia se harmonizar com uma religião da vida que via em tudo a força divina? Essa alegre religião helênica que mesmo nas coisas inertes sente uma alma e um deus tem justamente por base a liberdade de todos os seres.<sup>62</sup> A escravatura, que faz do mais vivo de todos os seres *um morto*, é o avesso desse dogma, seu contrário e seu desmentido. A Grécia emancipava pela sua mitologia os elementos, libertava até as pedras. Poderia transformar o homem em pedra? Ela humanizava o animal. Júpiter, segundo Homero, tem piedade dos cavalos de Aquiles e consola-os. Sólon faz da antiga proibição religiosa uma lei que proíbe que se mate o boi na lavoura. Atenas ergue um monumento ao cão fiel que morre com o seu dono. O escravo ateniense estava muito perto do liberto; não lhe cedia terreno, diz Xenofonte. Os Cômicos testemunham isso; muitas vezes riu dele.

★★★

A Grécia teria talvez conservado certa lassidão natural se as invasões dóricas lhe não houvessem trazido uma violenta contradição. Esparta não expôs os vencidos à miséria somente, como os Tessalios aos *Penestas*: guarda-os em massa, em corpo de povo, mas constantemente aviltados e rebaixados. Coisa horrivelmente desastrosa, essa, que mantém os próprios vencedores em um estranho estado de violência e de tensão, de guerra em plena paz, na necessidade de velar sempre de armas na mão, atentos a tudo, a não terem quase nada do homem.

A Lacônia era uma grande manufatura, um povo de servos industriais que vendiam pano, calçado e móveis por toda a Grécia. Era uma grande quinta de servos agrícolas que se chamavam por desprezo Helotas, ou Hilotas (do nome de uma miserável aldeola destruída). Os tributos eram leves, de sorte que os obreiros e lavradores viviam fartamente, fortes e gordos, sob o ultraje e os escárnios dos magros, que, devido a uma educação especial, formavam uma raça à parte. O Hilote fazia o que queria. Parecia quase livre — livre sob o ferro suspenso, livre menos da alma. O mais duro para esses desgraçados era o desprezarem-nos tanto que não temiam armá-los. Cada espartano, em Plateia, levava consigo cinco Hilotas. As próprias crianças divertiam-se com eles. Todos os anos, livres das escolas por alguns dias, perseguiram os míseros, espionavam-nos, ultrajavam-nos ou matavam aqueles que encontravam isolados.

Nisso, como em tudo, Esparta foi uma guerra contra a natureza. Seu verdadeiro Licurgo é o perigo. Suas famosas instituições, tão pouco compreendidas pelos gregos, não mostram (à parte um pouco de elegância) senão os costumes dos heróis selvagens da América do Norte, os costumes de tantos outros bárbaros. Esse heroísmo atroz de Esparta iludia, visto de longe. Parecia um monstro sublime.

O que choca mais é que, com uma vida tão longa e de tão rude aparência, ela não tivesse unido menos seu pesado maquiavelismo, como que uma arte de terror e de torpor fatal, que amortecia as cidades gregas. Essa arte, simplicíssima no fundo, consistia em sustentar em cada uma o partido aristocrático. Os *melhores*, a gente *honesto*, fortalecidos com o nome de amigos de Esparta, sufocavam lentamente o livre espírito local. O conflito existia mais ou menos surdamente em cada cidade. Levado ao último extremo, o povo tornava-se tirano, e contra ele os ricos invocavam o direito e o apoio da Lacedemônia, que, magnanimamente, intervinha, *restabelecia a*

*liberdade*. Eis como ela ia ganhando, de pouco em pouco. Sem possuir mais do que dois quintos do Peloponeso, governava-o, arrastava-o e, com ele, pouco a pouco, todo o mundo helênico.

Hoje que a Grécia findou seu destino, pode-se avaliar melhor por tudo isso o que ela própria não pode fazer. O que na Lacedemônia é de se admirar é a forma como ela soube preservar-se das artes. Sua arte toda consistia em não a ter. Dizia ela que sabia combater, e não falar. Dava em toda parte o ascendente aos homens inertes, ociosos, ao partido mudo e preguiçoso das famílias antigas e ricas. Odiava a multidão ativa, o verdadeiro povo grego, efervescente, móvel, inquieto e, se assim o quiserem, insuportável, mas prodigiosamente inventivo e fecundo. Em resumo: existia um duelo entre a guerra e a arte.

Dois coisas havia que podiam fazer supor que a arte e o gênio grego seriam fatalmente sufocados. Por um lado, era o desânimo, a fadiga do espírito rolando de crise em crise entre as facções e sem poder avançar; pelo outro, o terror das novas formas de guerra, das servidões inauditas, a sorte de Messene e de Helos e a absorção de tantas outras cidades.

Os deuses receberam um grande golpe. A *Moir*a, a partilha, o duro destino que partilha os homens, tal como após o saque de uma cidade se partilham os cativos, ou seja, sob outros nomes, a Parca, ou Nêmesis — que odeia a ventura humana —, foi a grande divindade. Dir-se-ia que ela estendeu por sobre os homens um céu de arame, envolveu-os no duro fio de ferro em que os mais justos e os mais hábeis eram presos. Cada momento que passa pode contrariar o homem. O cidadão livre e feliz pode, amanhã, com todos os seus, mulher e filhos, atados sob a lança, figurar nos mercados da Sicília ou da Ásia. Propagou-se por toda parte uma crença terrível, a de que os deuses, longe de serem uma Providência para o homem, eram *seus rivais*, seus inimigos, os que o espiavam para o surpreender e atormentar.<sup>63</sup>

Daí uma resultante inesperada, pouco natural e estranha na Grécia: a melancolia. É, contudo, rara, excepcional. No entanto, entrevêmo-la bem em Teógnis, em Hesíodo. Confiam pouco, esperam muito. A sua sabedoria é tímida. Na própria vida caseira, mesmo na economia doméstica, Hesíodo atém-se aos conselhos da prudência vulgar.

Separam-nos séculos do sorriso moço da *Ilíada*. Mas, através das privações de Ulisses, de seus desastres, seus naufrágios, do infinito rancor de Netuno, vê-se pairar sempre a nobre figura de Minerva, que protege o náufrago. Minerva desapareceu em Hesíodo. Ele declara expressamente que os deuses têm ciúme do homem, sempre atentos em não perder ensejo de os rebaixar, de os punir pelo menor delito, de tomar para si o que, pelo trabalho, pela arte, ele pode conquistar.

Nesse poeta honesto, de espírito mediano, que procura conservar em tudo sua mediocridade, surpreendendo-nos, quase que nos espanta a lenda terrível do grande processo contra os deuses, a lenda de Prometeu.

O Prometeu salvador foi a Cidade. Quanto mais o homem era abandonado por Júpiter, tanto mais esse abandono se lhe tornava vigorosamente providencial. Seu Cáucaso, não de servidão, mas de energia livre, foi a acrópole de Atenas, onde pouco a pouco se reuniu toda a gente do mar, a raça iônica e as velhas tribos da Acaia.

Atenas, a mais ameaçada de todas, que em frente de seu próprio porto (numa ilha) tinha postado o inimigo, fez ver o que era a sabedoria — sorridente, mas forte e terrível; por necessidade, conciliando todo o gênio, a paz, a guerra, a liberdade, a lei; tecendo como Palas todas as artes da paz, sob o relâmpago heroico que brota do seu olhar potente.

A Cidade governando a Cidade, sendo a lei de si mesma. Todos eram tudo, cada um por seu turno, magistrado, juiz, soldado, pontífice, marinheiro (porque eles próprios montavam suas galeras) — “Logo, nada de força especial?”. Não creiam nisso. Esses soldados são Ésquilo, Sócrates, Xenofonte, Tucídides e não sei quantos gênios.

“Mas”, diz Rousseau, “custava-lhes caro. A escravidão de uns fazia a liberdade dos outros”. Rousseau nunca leu sobre a Grécia mais do que Plutarco, o Walter Scott da Antiguidade. Esse não dá ideia nenhuma do vigor de Atenas, da sua ardente intensidade vital. Imagina que os senhores nada faziam, que viviam à maneira dos nossos crioulos. E era exatamente o contrário. O cidadão da Atenas reservava para si o que exigia força, as armaduras pesadas, os exercícios violentos e, coisa surpreendente que se sabe por Tucídides, o rudíssimo ofício de remador! Rarissimamente, em casos de extrema necessidade, é que se decidiu confiar aos escravos os navios da república e a honra perigosa de remar contra o inimigo.

Foi essa a salvação da Grécia. Atenas, colhendo tudo de improviso com seus navios, faticou os dóricos. Palas, do alto da acrópole, subjugou os furores de Marte e, como na *Iliada*, soube paralisá-los. Conquistou aliados até quase junto de Esparta: Arcádios, Aqueus, as pequenas cidades de Argólida, que formaram, sob a proteção de Atenas, numa ilha vizinha, uma linha, uma anfitriônia. Foi ali que se erigiu o altar de Netuno para os gregos das ilhas, de que pouco a pouco, e para salvação comum, Atenas tornou-se senhora.

E isso salvou a própria Esparta. Pois que teria ela feito, inundada pela Ásia, sem Temístocles e Salamina?

## Notas

<sup>61</sup> “Ἀλλά, φίλος, θάνε καί σύ...”, *Iliada*, XXI.

<sup>62</sup> “A escravatura é a negação do politeísmo, que tem por princípio a autonomia de todos os seres.”  
Observação inédita, justa e profunda de L. Ménard, em *Polythéisme grec*, 205.

<sup>63</sup> Ver todos os textos reunidos em Naegelsbach e a importante tese de Tournier, *Némésis et la jalousie des dieux* (1863).

## A EDUCAÇÃO — A CRIANÇA — HERMES

O gênio humano da Grécia e sua facilidade encantadora, a magnanimidade de Atenas, ficam evidentes especialmente em duas coisas: o favor com que acolhia os deuses dóricos e a benevolência admirativa pela Lacedemônia, sua inimiga.

Em honra desses deuses, ao começo rudes e semibárbaros (o rubro Febo do arco mortal, o pesado herói da clava), Atenas inventa fábulas engenhosas. É a própria Minerva quem recolhe Hércules ao nascer e o salva de Juno. Mais tarde, defende e guarda os Heráclides, refugiados em Atenas. Teseu, o amigo de Hércules, é o protegido de Apolo. O deus da luz alumia para Teseu os tenebrosos esconderijos do labirinto de Creta e salva os meninos que estão para ser devorados pelo Minotauro. Essas crianças vão todos os anos render-lhe graças em Delos.

Em troca, os dóricos, um pouco humanizados, aceitaram e acolheram as antigas religiões, os deuses queridos de Atenas. Esparta, não obstante seu orgulho selvagem, recebeu a Ceres da Ática. Hércules fez-se iniciar em Elêusis pela deusa e conduz seus Mistérios a Esparta, mas não seu espírito de paz.

A cega prevenção de Tácito pela Germânia e a anglomania francesa do último século parecem encontrar-se no engodo estranho dos grandes utopistas de Atenas pela rude Lacedemônia. Quando falam dela, são como verdadeiras crianças. O exterior austero os seduz. Esses espartanos silenciosos, de longas barbas, sob seus pobres mantos, alimentados grosseiramente pelo próprio caldo negro, reservando para si mesmos a pobreza e abandonando a riqueza aos servos, parecem-lhes filósofos voluntários. Tomam-nos para exemplo. Platão, nesse extenso jogo de espírito a que intitula de *República*, copia-os, exagera-os até o absurdo. Xenofonte toma-lhes tudo o que pode para a educação romanesca que dá a seu Círus. O grande Aristófanes louva

Esparta e moteja com Atenas. O próprio Aristóteles, tão austero às vezes, imita-os e não é mais sábio.

É verdade que, quando se trata de estabelecer a elevada fórmula, definitiva e verdadeira da cidade, a de Aristóteles é precisamente *antiespartana*. Diz ele que a Cidade, na sua própria unidade, não deve ser *múltipla*, nem composta de homens semelhantes (como era Esparta), mas sim de “*indivíduos especificamente diferentes*” (como foi Atenas).<sup>64</sup> Diferenças que permitem o exercício de forças variadas, a troca de serviços e benefícios mútuos, a feliz ação recíproca de todos em prol de todos. Dessa forma, a Cidade é, para si mesma e para o indivíduo, a mais poderosa educação.

No meio do movimento não se tem a noção de movimento, não se sente a menor fadiga. E os raciocinadores teriam querido, para entreterem finamente o fio delicado de suas extensas deduções, a calma e o silêncio que a vida agitada de Atenas não permitia.

Invejavam, como um refúgio de paz, a harmonia aparente de Esparta, essa existência constrangida e terrível, fixada num esforço mortal em que o gênio teria sido paralisado, irremediavelmente esterilizado.

Nessa falsa Cidade, estritamente una e monótona, onde todos se pareciam com todos, o cidadão, inutilizado como homem, não viveria para mais nada que não fosse a cidade. O herói, que é a expansão liberta, rica, da natureza humana, se viesse ali a produzir pareceria um monstro.

Em Esparta todos foram cidadãos. E, contudo, não houve um herói, no sentido próprio.

Divino gênio de Atenas! Seus maiores cidadãos foram heróis.

E essa bela singularidade vê-se mesmo fora de Atenas. Ainda que num grau inferior, encontramos-na nas outras cidades. Ela foi a glória do mundo grego, e foi quem fez toda a alegria.

Forte pela Ágora, as leis, a atividade civil, fazia com que a alma se sentisse grande e elevada, numa harmonia superior à própria Cidade: *a vida grega*. Para Homero, para os jogos e para as festas, e para a iniciativa dos deuses educadores (Hermes, Apolo e Hércules), ela pairava acima da pátria local, no éter da liberdade.

Daí resulta que a Grécia (salvo raros momentos de perturbação) sempre teve esse belo atributo da energia humana que o Oriente não teve e menos ainda a lacrimosa Idade Média: *a alegria*.

Ela tinha asas nos calcanhares; leve, segura de si mesma, através dos combates e dos trabalhos inauditos, ela é abertamente alegre, e sorri de imortalidade.

\*\*\*

Nada é duradouro. A Cidade, essa obra de arte sublime, passará. E os deuses passarão. Façamos o homem eterno.

O homem é o cerne de tudo. Antes da Cidade, ele já existia. Depois dela, continuará existindo. Um dia virá em que da Lacedemônia não se encontrará mais do que silvas; e de Atenas, alguns mármore inutilizados. Mas subsistirão a alma grega, a luz de Apolo e a solidez de Hércules.

Essa alma sabe e sente que é divina; foi abençoada ao nascer, embalada pelas ninfas e fadada pelos deuses. O menino, ao entreabrir os lábios, bebeu com o primeiro leite o mel que uma abelha divina ali depôs. Nasceu puro. Puríssimo era o seio maternal.<sup>65</sup> Há quem diga e quem o repita que a Grécia desprezou a mulher. Não vejo isso. Vejo-a, pelo contrário, associada ao sacerdócio. Vejo-a Sibila em Delfos, sacerdotisa nos grandes mistérios, pontífice em Ifigênia.

Só isso modifica tudo o que se possa dizer. A mãe é pura, a natureza boa. Logo, a educação é possível — uma educação natural que é para a criança a própria liberdade. Dá-se-lhe a mola, abre-se-lhe o caminho, afoita-se, lança-se: “Corre... Vai para a luz! Os deuses chamam-te e sorriem-te”.

O Oriente não tem outra educação além das suas disciplinas sagradas. O Ocidente tem, por educação, a tortura da memória. Ele carrega os mundos anteriores, pesados, que não se conciliam.

A Grécia teve uma educação.

Educação viva, ativa, livre e não de rotina. Educação muito sua, original, saída de seu gênio, apropriada para si mesma. Educação sobretudo (o que eu admiro infinitamente) leve, feliz, que, sendo a própria vida, não fazia sentir o próprio peso. O ser saudável não sabe o que ela custa. Caminha de cabeça levantada, avança em sua serenidade.

O obstáculo à educação oriental é o milagre. O milagre e a educação são dois inimigos mortais. Se pode cair do céu um milagre, um deus completo,

inútil é a arte de criá-lo. Essa arte chega mesmo a ser temerária e ímpia; pois o que é a educação senão uma tentativa audaciosa para, por meios humanos, criar o que só a oração pode obter do alto? A ideia de que Deus pode, uma certa manhã, descer do céu e desatar todos os nós que há aqui embaixo, estupidifica a alma indiana. O que ela conserva de atividade vai perdendo em ficções, que, cada vez mais pueris, acabam por esterilizarem-se de todo nos natais disparatados do *bambino* Krishna. O filho de Deus extingue o filho do homem.

A Grécia, pelo contrário, pouco crédula no milagre, não fia nos deuses. Conserva, juntamente com a imaginação, o bom senso. Se permite a Júpiter descer e fazer Hércules, é com a condição de que o herói se fará muito mais por si mesmo. Esse pai, em vez de lhe servir, é-lhe pelo contrário um obstáculo, duro, injusto para ele: submete-o à tirania de Euristeu.

Desde os seus princípios, a Grécia preocupa-se com a criança. Receia, porém, no seu varão ideal, as fraquezas da mulher, e escolhe para mestre e preceptor do herói um herói. Aquiles teve como mestres Chiron e Fênix; Apolo e Hércules são os discípulos de Linus. Esses mesmos deuses são com Hermes os mestres da Grécia, seus educadores. Correspondem às três idades; formam a criança, o efebo e o homem. Feliz quadro, harmônico e doce, que concede livre expansão às naturezas mais diversas. A alma nova, seguindo com passo livre o caminho traçado, de Hermes a Apolo, de Apolo a Hércules, atingirá com Minerva os elevados cumes da sabedoria.

A Grécia tinha já Hermes, deus das raças antigas, como preceptor e educador. É por um esforço de natureza e de gênio que, transformando os novos deuses, concilia-os com Hermes e dá-lhes a mocidade. Assim, Hermes guardou a criança.<sup>66</sup>

Hermes perdeu em gravidade. Deixou de ser terrível como o fora na Arcádia. Tornou-se o deus amável da praça pública, das comunicações e do ensino. Rejuvenesceu demasiadamente. Tornou-se quase menino. E assim o vemos com dezesseis ou dezoito anos, o pé ligeiro e alado. Corredor esbelto, não tem a elegância mole, mas as bonitas mãos de Batila. Traz chapéu e caduceu alados. A cada alma que morre, ele voa num pronto aos infernos para que Plutão a acolha com menos severidade. Mas nem por isso deixa de

aparecer sempre em todos os caminhos para dirigir o viajero, sobretudo encontramos-lo sempre às portas do ginásio.

O pequeno, quando ali chega, apartado já da mãe e da alma, vai intimidado (pobre pequeno!). É esse o maior entre os maiores passos da vida. Sim, a *Queda* para o homem é verdadeiramente abandonar a mulher e, pela primeira vez, abordar os estranhos. O jovem deus, encantador, bem sabe como há de confortá-lo. Ele é o movimento, a corrida, a palavra, no mais alto ponto; a graça. Com ele, a criança, seduzida por completo, esquece perfeitamente o lar monótono, a mãe branda e a mole ama. Apenas conhece o ginásio. É seu sonho; e fica pertencendo a Hermes, que é sua mãe e seu deus.

Esse deus pede-lhe que faça justamente o que sua idade requer; não mais que duas coisas: ginástica e música, *o ritmo e o movimento*.

A liberdade, os jogos, a corrida e o sol, eis sua vida. E ele cresce, floresce, logo de começo obtém a esbelta plenitude, ágil, leve, sobre a qual os deuses suspendem de bom grado seus olhares. A Terra e o Olimpo comprazem-se disso. Atenas, para render graças aos céus da sua vitória de Maratona, quis que o mais belo dos gregos, Sófocles, com a idade de quinze anos, regesse um coro de meninos para dançar em frente aos deuses.

O mais belo dessa idade é a corrida: é esse o verdadeiro toque da beleza viril. A das mulheres apresenta-se mole e falha, ia dizer pesada. A moça hesita e prepara-se, enquanto o rapaz, já vencedor, chega ao fim e se ri.

Feliz criança! Mas Hermes quer mais ainda para ele. Chama Castor em seu auxílio. Por prêmio a esse vencedor vai dar... Ora, adivinhei. Um tripé de ouro? E que quereis que ele lhe faça? O que vai receber... Cora, estremece, perturba-se. Nem mesmo no dia do Himeneu, quando a virgem caminha para ele, sob o véu, nunca o coração baterá tanto!... Um ser maravilhoso que Netuno arrancou, num golpe do tridente, do mar espumoso, em plena tempestade, mas dócil, terrível e doce, ardente, lançando fogo pelas narinas, saindo-lhe debaixo dos quatro pés o relâmpago... eis o que lhe vão dar.

Os seus olhos nem acreditam... Mas, logo que está em cima dele — estranha ligação! —, formou-se uma só alma. O cavalo heroico parece feito de aço; no entanto, no fundo, é um sábio! Não perde a noção da medida e do tempo, mesmo no mais vivo e feroso de sua galopada. Pode seguir a pompa com as virgens moças à festa das panateneias. Não temam pela

donzela ou pelo jovem. O próprio cavalo sabe que leva no dorso uma criança, seu amigo ainda um pouco flutuante. Nessa cabeça ardente do mais feroso dos seres, brilha um raio da sóbria e sábia Atena.<sup>67</sup>

Entretanto, é preciso descansar. É meio-dia. Tomando o repasto de água clara e algumas azeitonas, o cavaleiro almoça também a *Ilíada*. Todos sabem um pouco dela, talvez um canto de mil versos.<sup>68</sup> Cada um tem seu canto e seu herói favorito: para o efervescente, Ajax; Heitor para o sossegado; e, para o terno, a amizade de Aquiles e Pátroclo. Entre esses tipos tão variados escolhe-se, compara-se, discute-se (é esse o verdadeiro espírito grego) este ou aquele. As batalhas da palavra começam. Hermes sorri. Eis os oradores: o Ginásio e uma Ágora.

É assim que se forma depressa a linguagem nessas pequenas bocas. Verdadeiros filhos de Ulisses, nascem sutis e curiosos, cuidadosos em bem falar, calculados. Em suas rivalidades, em suas próprias cóleras, não perdem o gosto de falar bem, como se já soubessem que a palavra é a rainha das cidades, o instrumento dos combates mais graves.

Verdadeiro verbo humano, essa língua diante da qual toda a linguagem é bárbara, é naturalmente tão bem construída que basta ao que dela se serve segui-la diretamente para chegar a bom porto. Sem falar de sua graça melódica e literária, da variedade em todas as cordas da lira; notemos o fato essencial: ela possui a virtude dedutiva, composição e decomposição, o poder de expor e de facilitar toda a forma de raciocínio.

Essa língua é uma lógica, um guia, um mestre sem mestre. Desde o ginásio que ela, afinada e fácil, presta-se para a discussão, enquanto por outro lado sua grande lucidez simplifica e esclarece os debates.

Um idioma perfeito torna o espírito sereno, harmônico, pacifica-o, dissipa os numerosos prejuízos da ignorância que originam os ódios e perpetuam as disputas. Daí a grande doçura, a encantadora docilidade que nós admiramos nessa gente moça de Platão e Xenofonte. Essa bela língua e seu Hermes, o conciliador amável, que aproxima e estabelece a paz.<sup>69</sup>

## Notas

<sup>64</sup> Aristóteles, *Política*, t. II.

<sup>65</sup> A mulher grega, que pôde participar do sacerdócio, não é nada da Eva dúbia, tão crédula na serpente, tão fatal para os filhos, a quem transmite no sangue o pecado e que a todos condena (salvo o número *mínimo, imperceptível*, dos eleitos). A fábula de Pandora não tem a mesma significação. Pandora não corrompeu, consigo, sua geração. A criança não é impura antes de nascer e, precisamente, uma condenada. A educação não será como a da Idade Média, a *Castidade*, uma disciplina de punições, de cilícios, de lágrimas, um inferno preliminar.

<sup>66</sup> Encontram-se, no tocante à educação grega, além das sabidas autoridades de Platão, Xenofonte e Aristóteles (*Política*), vários textos reunidos em Cramer, *Histoire de l'Éducation*, e especialmente no *Manuel* de F. Hermann, III, 2ª parte, 161 (1852).

<sup>67</sup> Ver Xenofonte e um livro estranho e encantador de Victor Cherbuliez, *À propos d'un Cheval* (Gênova, 1860). Ele explica admiravelmente como era que o cavalo participava da doce educação ateniense (127). Na dura Idade Média, a equitação é pobre (128). O cavalo é tratado como homem, não adestrado, mas exausto.

<sup>68</sup> É essa a medida comum das memórias fracas. Vemo-lo ainda hoje na Sérvia. Esses poemas foram escritos logo que foi possível escrevê-los, quer dizer, logo que as relações habituais com o Egito forneceram o papiro (entre 600 e 500 a.C.). Não houve nunca poesia mais *educativa* para a educação da energia do que a da Grécia. Não obstante alguns senões, a moça e forte *Ilíada*, sobretudo a *Odisseia*, o poema da paciência, a admirável epopeia das ilhas, são uma substância excelente para alimentar, avivar e renovar o coração — inesgotável fonte de juventude eterna.

<sup>69</sup> Ver Steinthall e Baudry, *Science du langage* (1864). Eu retorno, daqui a pouco e muitas vezes, a este grande tema.

## APOLO — LUZ — HARMONIA

O dia mais belo para um grego, na idade em que a memória fresca se deixa impressionar intensamente, era aquele em que se podia juntar às teorias sagradas que se enviavam a Delfos, em que podia misturar-se com a multidão. Porque a multidão era o maior espetáculo do mundo. Doze povos, de todos os cantos da Grécia, cidades inteiras, ainda que inimigas, marchavam ao mesmo tempo, pacificadas, coroadas do loureiro de Apolo, cantando hinos, pela montanha santa do deus da harmonia, da luz e da paz.

Delfos é, como se sabe, o centro do mundo, o melhor ponto do mundo. Júpiter, para se certificar disso, lançou um dia, dos dois polos, duas águias, que se encontraram uma com a outra justamente sobre os cumes do Parnaso. Todo esse país, erizado de rochedos áridos, fendido de precipícios, de grutas escuras habitadas pelos gênios desconhecidos da terra, é um mundo à parte, um santuário selvagem que os deuses se reservaram. À entrada, no desfiladeiro das Termópilas, está o templo espantoso da antiga Ceres e de sua sombria filha, que guardam as portas da Grécia. Sobre os vales estreitos, quase sempre negros e profundos, os rochedos que avançam da grande cordilheira em promontórios mostram na luz clara os seus ninhos de águia, que são cidades, templos cintilantes, coroados de estátuas.

Esses combates do dia e da madrugada lembram ao passante que está nos lugares memoráveis em que o belo deus do dia, do arco de prata, venceu o dragão das trevas Píton, cujo hálito infernal espalhava a noite e a morte. Apolo reside ainda ali ao lado de sua vitória, sobre os rochedos que foram dela testemunhas, lugar fatídico, austero, cujo aspecto basta para elevar, iluminar e purificar o espírito.

É um lugar mais grandioso do que grande. Na Grécia, é tudo moderado. O Parnaso, imponente sem ser gigantesco, domina com seu duplo cume a bela planície que se alastra até o mar. Ao alto, derrama-se Castália, pura e fria fonte da água virginal e transparente, digna de servir um tal templo, castos

como o são as Musas e seu deus. Febo é um deus solitário. Se amou Dafne (o loureiro), foi em vão. E, desde então, possui apenas dois amores, a Melodia e a Luz.

À meia-encosta, por sobre o povoado de Delfos, vê-se o templo em toda a sua majestade. À volta dela existe uma muralha, povoada de monumentos que todos os povos gregos e estrangeiros ali construíram desordenadamente, na sua piedade reconhecida. Estão ali cem pequenos templos, que são verdadeiros tesouros, e nos quais as cidades depuseram o seu ouro sob a guarda do deus. É todo um povo de mármore, de ouro, de prata, de cobre, de bronze (de vinte bronzes diversos e de todas as cores<sup>70</sup>); todo um povo, milhares de mortos gloriosos que em grupos irregulares, assentados ou de pé, rebrilham ao sol. Verdadeiras criações do deus e da Luz. De dia, formam um vulcão de reflexos ardentes que a vista não suporta. De noite, são espectros sublimes que sonham.

Sente-se ali a imortalidade, apalpa-se a glória. Seria preciso que um coração moço tivesse sido deserdado do sentido do belo para se não comover. O primeiro sentimento é a bondade dos deuses. E estão ali os deuses gregos, ao lado dos heróis históricos ou místicos, sem orgulho, numa boa paz. Têm todos um ar tocante de parentesco. Ulisses tagarela com Temístocles, e Milcíades com Hércules. O cego Homem assenta-se com grande ar de realeza em frente a seus deuses, que ficam de pé. Píndaro, com a lira sagrada, a túnica triunfal, pontificalmente, canta ainda. Em torno dele, estão os que ele celebrou, os vencedores da Olímpia, de Delfos. A Grécia é-lhes reconhecida pelas belezas que lhe mostraram cá embaixo; agradece-lhes o terem, pelo trabalho constante da escultura viva, pela forma admirável, realizado Hermes, Apolo ou Hércules e — quem sabe? — Palas e Júpiter. A estatuária perpetuou-os, transmitiu-os em imagens imortais para conservarem eternamente o relâmpago luminoso em que momentaneamente viram os deuses.

Quando os olhos se acostumassem um pouco a esse esplendor, fitassem de uma em uma essas cabeças divinas, violentamente desenhadas sobre o azul profundo de um céu puro, quão forte devia ser a impressão da *Via Sacra*, do monte de Delfos! E que grandes palavras o coração devia ouvir dessas bocas mudas! Que lições doces e fortes, e que encorajamentos! Desde os vencedores da Olímpia ao seu cantor Píndaro, do grande soldado de Maratona, Ésquilo, aos Aristides, aos Epaminondas, dos valentes de Plateia à

prudência dos sete sábios, que forte e sublime cadeia, em que o coração se engrandece. Vibra ali uma voz que diz: “Aproxima-te e não temas nada. Vê o que nós éramos, de onde partimos e onde estamos. Faze como nós. Sê grande em teus atos e em tuas vontades. Sê belo, embeleza-te de formas heroicas e de obras generosas que encham o mundo de alegria... Trabalha, ousa, empreende. Para a luta ou para a lira, cantor, atleta ou guerreiro, começa! Dos jogos aos combates, sobe, sobe sempre, criança!”

A Grécia conserva em sua religião fervorosa e mais verdadeira tanta razão, um tal afastamento do absurdo e do incompreensível, que em lugar de incutir o terror do desconhecido marca o caminho por onde se vai até Deus, que o progresso colocou tão alto, e qual a série de esforços, de trabalhos, de benfeitorias, com que ele ganhou sua divindade. Conserva-se acessível a todos uma ascensão graduada, sensata e séria. Ela pode ser árdua, difícil. O que, porém, ali não há é precipícios, saltos, rochedos a pique que tornem perigosa a subida dos escalões.

O noviço, entrando no templo, em frente da imagem, na própria presença do deus, não esquecia as narrativas populares que ouvira na infância. Febo nascera colérico, um deus severo, vingativo. Na selvagem Tessália, onde ele apareceu sem arco, quase sempre cruel, espalhava em torno de si os flagelos. Duro pastor, humilde obreiro de Troia, cujos muros construiu, não era ainda o deus das Musas. Era semibárbaro e dórico ao princípio, mas o gênio iônico e a elegância grega adotam-no, embelezam-no e vão-no divinizando. Atenas celebrou-o em Delos. Todos os anos, o barco que transporta aos mares as crianças libertas leva-as a seu salvador Febo e divertem-no com suas danças. Dançam o labirinto e o fio condutor; dançam a meninice de Apolo, o parto de Latona e sua bem-amada Delos, que o embala no meio das vagas.

O deus das artes é ele próprio, assim, uma obra de arte; é construído pouco a pouco, de lenda em lenda. E nem por isso é menos querido do homem e menos sagrado. Tem um coração cada vez mais humano e grande, cheio dessa doce e larga justiça que, vendo tudo, compreende, desculpa, absolve e perdoa. A ele acorrem os pedintes, os criminosos involuntários, vítimas da fatalidade, os verdadeiros culpados. Orestes procura-o, corre para ele, perdido, desesperado, todo salpicado do sangue de sua mãe (que seu pai

lhe fez derramar). É seguido de perto, vai cercado pelas Eumênidas; seu ouvido espantado sente-as siflar. O deus amável, descendo do seu altar, conduz o infortunado à única cidade que possui o altar da Piedade, à generosa Atenas. Ele o conduz a Minerva. A poderosa deusa (milagre inesperado) acalma as Eumênidas, faz pela primeira vez assentar essas virgens horrorosas que, até então errantes, percorriam e assustavam a terra.

O culto de Apolo não nasce do acaso nem do vago instinto popular. Desde suas formas mais antigas que ele tem o caráter de uma instituição de ordem, de humanidade, de paz. Em Delos, apenas lhe ofertam frutos. Os atenienses não realizam durante sua festa nenhuma execução. Os jogos de Delfos em sua honra em nada se assemelham aos outros. Respira-se o doce perfume das Musas. A festa é inaugurada por uma criança — bonita criança, esperta e pura, guardada pelo pai e pela mãe, digna de figurar o deus. Conduziam-na em glória, ao som das liras e das cítaras, ao bosque de loureiros que vicejavam perto dali, e o jovem Apolo cortava com a mão, para ornamentar o templo, alguns ramos da árvore sagrada.

Os combates eram verdadeiros certames de lira e de canto. Cantava-se, ali, a vitória do deus da luz sobre o negro dragão da noite. Na liberdade santa dos costumes primitivos da Grécia, as mulheres tomavam parte nesses concursos. Via-se no tesouro do templo a oferenda graciosa de uma jovem musa que, contra Píndaro e outros grandes poetas, cantou a Deus e ganhou o prêmio.

Os únicos exercícios ginásticos eram na origem os dos adolescentes, cuja idade e elegância representavam o deus de Delfos, e eram verdadeiros jogos, não combates, estranhos à violência brutal das lutas de atletas que se lhe misturaram mais tarde. Foi tarde também, e de mau grado, que Apolo aceitou nas suas festas as corridas de carros, seu tumulto, os acidentes quase sempre sangrentos, trágicos, de que eram a causa.

Tudo isso, bem como a embriaguez e a orgia, foram importados depois, de outro culto, de companhia com a flauta de sete tubos, instrumento da Frígia, cujo sopro bárbaro impunha silêncio à lira. Esta, branda e pura, tinha a superioridade de não absorver a voz humana; pelo contrário, sustinha-a, embelezava-a e marcava-lhe o ritmo. Era a amiga, e aliada dessa nobre língua, em que a Grécia via o sinal superior do homem: a linguagem

*articulada, distinta* (“*méropes ánthropoi*”, Homero). O *bárbaro* é aquele que *gagueja*. Os bárbaros e os seus deuses não falavam, uivavam ou assopravam nos seus instrumentos, que magoavam o pensamento e barbarizavam a alma. Era ao som dessa flauta complicada, dissonante, de efeito lúgubre, trovejante e febril que os homens eram levados à carnificina. As disformidades da orgia sangrenta a que nós chamamos guerra causavam horror ao deus da harmonia.

A harmonia entrava no coração desde que se pusesse o pé no solo sagrado de Delfos. Sentia-se por toda parte, sobre a planície e sobre os montes, pelos bosques sagrados. No templo, aos pés do deus, diante de sua lira muda, sentia-se na alma não sei que celeste concerto. Pela noite, as portas fechadas, fora dos muros, exalavam acordes suaves e brandos, como se nessas horas solitárias a lira estremecesse sob um sopro vago do infinito e vibrasse pensamentos do céu.

A grande lira diante de Apolo representava a própria Grécia, por ele reconciliada. Aos seus pés vinham todos os povos helênicos, todos em conjunto sacrificavam, misturando as palavras e as almas. Os dialetos especiais, o leve jônico, o grave e forte dórico, o ático, educados uns pelos outros, aproximavam-se, comungavam juntos a linguagem da luz (eu chamo assim à língua grega). A luz, que esclarece os funestos mal-entendidos, é um poderoso meio de paz. Conforta e acalma a alma. Não se odeia, não se mata o homem com que podemos entender-nos e em quem, pelas ideias, pelos sentimentos comuns a todos, encontramos nosso próprio coração.

Se alguma coisa pode aproximar os homens e as cidades, confundi-los, amigos e inimigos, foi o verem, em frente desse altar pacífico, seus filhos que cantavam juntos, ornados do loureiro fraternal, cheios de alegria, de interesse e contemplando esse pequeno mundo ainda sem rancores, sem conhecimento mesmo das antigas divergências que separavam suas raças. E os próprios homens se esqueciam. Viam diante de si o espetáculo encantador dessa Grécia futura, que se ensaiava já, cheia de força e de elegância, de graça e de beleza. E isso dominava a multidão, repelia para o largo qualquer outro pensamento; apenas deixava lugar para a admiração, para a arte e para a indulgência. Havia quem, mais do que seu próprio filho, louvasse o filho do inimigo.

Os efeitos foram admiráveis. Cada uma das cidades enviava, com seus pequenos combatentes, numerosas deputações de homens maduros e graves, que os deviam sustentar e julgar em conjunto os jogos. Esses deputados (Anfictiões) reunidos formavam um corpo considerável que parecia a própria Grécia. Nas questões entre homens ou cidades, tornavam-se frequentemente árbitros. O fraco, o oprimido, dirigia-se com esperança a eles, pedindo-lhes sua intervenção. Sem o quererem, tornaram-se, pouco a pouco, os orientadores soberanos da Grécia. Tinham a força que lhes dava seu deus, pregando do altar, falando em seu nome. Tinham também a força que lhes davam as duas deusas que adoravam nas Termópilas: Ceres e Prosérpina. Quem desprezasse Prosérpina morria. Essa feliz superstição, poderosíssima no começo, continha e desarmava as cidades violentas, que, sem isso, teriam despovoado a Grécia. O juramento dos Anfictiões parecia ditado pelo horror que as exterminações recentes causavam; juravam “nunca destruir uma cidade grega e nunca desviar as suas águas correntes”. Na Grécia, tão seca, onde a água, perdida tão depressa, era todavia a própria vida, esta estava, como na Pérsia, confiada à guarda sagrada dos deuses.

Primeiro tipo e primeiro exemplo — ainda frouxo, mas fecundo — de federação fraternal, da grande lira social, que, deixando a cada corda sua liberdade e seu encanto, une-as pela amizade, extinguindo as dissonâncias e fazendo com que elas se continuem, retornem à harmonia.

Apolo não se imobilizará ali, e então sobre o próprio teatro das guerras mais cruéis, nos campos ainda fumegantes das cidades do Peloponeso, ele tenta fundar a paz, pelo menos a paz passageira das festas e dos jogos. Num sonho em que ele apareceu, aconselhou a todos os helênicos que elevassem um altar ao deus dos inimigos, a Hércules, o patrono de Esparta. Obedeceram. Ergueu-se o altar que uniu a Grécia à Olímpia, como estava em Delfos. Gregos das serras, gregos das ilhas, Esparta e Atenas ali foram honrar seus deuses mútuos. A guerra cessava pelo menos por alguns dias. E isso parecia tão doce que criaram um deus da própria *Trégua*, divindade amável que modificava os espíritos e trazia quase sempre sua filha, a encantadora e adorável *Paz*.

Essas festas, tanto as gerais como as particulares, atraíam uma influência enorme, cobriam os caminhos de povo, viajantes curiosos, peregrinos, atletas, cantores errantes. Encontravam por esses caminhos os próprios deuses, que por vezes viajavam<sup>71</sup>, quando uma cidade os chamava para honrar

outra cidade amiga ou para se proteger contra qualquer flagelo de epidemia ou de guerra civil. Grande movimento, enfim, de mistura, hospitalidade mútua, troca de festas e de ritos, de cantos e de fraternidade.

Sobre os homens e sobre os deuses, sobre essas multidões e essas festas, sobre todo esse movimento em que não havia a menor discordância, cruzavam-se três luzes, criando a unidade. Aos esplendores inflamados e poeirentos da Olímpia, correspondia o éter fino e azul da virgem Ática. E sobre o todo fluava, num divino encanto, o quente raio de ouro de Apolo.

## Notas

<sup>70</sup> Quatremère, *Jupiter Olympien*, 60, etc. Sobre esse povo de estátuas, e Delfos em geral, sigo as descrições de Pausânias.

<sup>71</sup> Viagens e hospitalidades que reuniram os deuses, os misturaram, pouco a pouco prepararam a grande *Unidade divina*, onde a Grécia chegou de si mesma, e sem qualquer necessidade de ajuda do Oriente. Sobre as teoxemias, V. A. Maury, II, 28.

## VII HÉRCULES

Nesta bela luz de Delfos, uma sombra permaneceu em mim. Eu gostaria de descartá-la. Mas ela me segue. É uma certeza que o deus do dia tenha conquistado para sempre, na serpente Píton, os antigos poderes da noite?

Nos cortejos sombrios dos estreitos vales da Fócida, ao longo dos precipícios, diante de cavernas com ecos singulares, as figuras fantásticas dos Faunos sempre me ocorreram. Mais adiante, na terra dos Centauros, essas formas monstruosas ainda ousam de manhã, de noite, mostrar-se nos prados baixos. No próprio templo de Delfos, sem respeito pela lira divina, chegam rumores, estranhos, do tambor bárbaro, da flauta da Frígia, das pesadas lágrimas de embriaguez e prantos indignos.

Um testemunho mais grave nos diz: “Quando a Grécia foi tranquilizada por sua grande vitória sobre a Ásia, outra guerra, contida até então, estoura com violência, aquela da flauta e da lira.<sup>72</sup> A primeira foi desencadeada por toda parte com grande barulho, e com ela o símbolo do chifre do Oriente, do deus bode, do deus touro, e do deus mulher. O recém-chegado, Baco, já havia se introduzido nos mistérios de Ceres, como o filho desta, o inocente Iacchus. Ele cresce pela força de uma fábula do luto (a criança morta e ressuscitada). Desse modo, ele logo se tornou mestre dos Mistérios e da própria pobre Ceres. Uma fumaça nociva à saúde parecia vagar, pairar. Tudo que a natureza possuía de secretas tempestades, tudo que um coração doente possuía de febre e sonho, que a luz de Apolo, a lança de Palas, havia intimidado, deixou-se levar e não enrubesceu mais. A mulher, que era mantida em casa sozinha e viúva por causa das guerras, escapa e segue Baco. As roupas compridas caem. Ela corre, com os cabelos ao vento, o peito nu. Delírio estranho! O quê?! chorar por Baco, esse ferro afiado é necessário sob a videira enganosa? São necessárias a noite e o deserto? essas corridas nas florestas? esses gritos e suspiros, enquanto uma música lúgubre cobre com um luto seus transportes?”.

A mesma testemunha nos conta isso: a fúria da flauta (isto é, de Baco), após as guerras Médicas, atacou a Lacedemônia. Suas fortes filhas, negligenciadas, vingam-se por amor; elas perdem-se na orgia do amargo monte Taigeto. Mas Atenas não é inferior na loucura. Em toda parte, a flauta e delírio. Em todos os lugares, as Tíades furiosas. Aquelas de Atenas foram em bando para o próprio Delfos, correndo à noite, só retornando ao amanhecer.

O ar circundante não é mais o mesmo. A virtude selvagem de Hipólito, na qual os vencedores dos jogos buscavam a energia soberana, cambaleia, enfraquece. Esses machos são orgulhosos demais para procurar a mulher. Eles têm pelas bacantes um desprezo esmagador. E, no entanto (um milagre angustiante de Baco), este ruído perturba, irrita, define. É como uma tempestade iminente que faz com que se respire mal. O espírito vaga pelas florestas. “Onde eles estão indo? E o que eles querem? Não vou segui-los, mas gostaria de saber... É verdade que o cervo, despedaçado pelas unhas deles, é mordido pelos dentes deles, que o sangue quente, em longos traços, embriaga-os, incha seu peito de amor por este deus-mulher, que odeia os machos e que fez Orfeu ser morto?”

O que vos importa, jovem? Vinde comigo em vez disso. Sentemo-nos aos pés daqueles heróis de bronze que o sol nascente de Delfos incendeia. Todas as montanhas são coroadas de luz brilhante e pura. Finamente serrilhadas, como um aço nítido no azul, seus picos perfuram o céu. Este último, calmo e forte, que olha para todos os seus vizinhos da Tessália, triunfa em sua glória. Trata-se do monte Eta, a fogueira em que morreu Hércules.

Pode a lenda heroica lutar contra Baco! Pode o bom, o grande Hércules se fortalecer, apoiar este jovem vacilante, segurá-lo firme e alto na sagrada partida da lira. Hércules, que se acredita ser grosseiro, conhece apenas a lira. Se ele era às vezes um rival de Apolo, ele é ainda mais seu amigo. Ele é o herói do Ocidente que persegue o Baco oriental, o feminino, o furioso.<sup>73</sup>

Gostariéis de saber o que havia faltado ao nobre deus do dia para apoiar esta grande guerra? É a pena, a dor, a morte, é a fogueira, meu filho! Apolo, que é apenas luz, não poderia descer ao reino das trevas. Ele não teve a luta, ele não teve o esforço contra a morte, contra o amor. Ele não teve a infelicidade e os crimes involuntários, nem as expiações de Hércules, aquela chama que, atravessada, coloca-o puro e vencedor no céu.

Mas o que Apolo mais perdeu foi o trabalho. Ele tentou, fez de si um pedreiro, mas sua mão muito fina teria perdido a lira, já não sentiria mais as cordas delicadas. Para outros, ele havia deixado os trabalhos, o suor, o movimento dos pés alados de Hermes, o braço combatente de Hércules, as obras desprezadas da grande luta contra a terra. Deixa-lhe o melhor talvez, o trabalho duro, meu filho, o grande viático da vida que o mantém sereno e forte. A musa é suficiente para a arte etérea? Eu duvido. São suficientes para nos apoiar contra o ataque da natureza? Não, acredite, a fadiga e o trabalho de todas as horas são necessários. Eu vos agradeço. Ele me serviu, conduzido, de forma mais adequada do que um melhor talvez. Eu morrerei rico de obras, se não de resultados, ao menos de grandes vontades. Eu as deixo aos pés de Hércules.

Há cem heróis na Grécia. Mas ele é o único cujas façanhas são as *obras*.

Coisa estranha, e que surpreende! A Grécia tem um bom senso tão forte, uma razão tão maravilhosamente sensata que — contra seus próprios preconceitos, o desprezo pelos trabalhos que ela chama de servis — seu grande herói deificado é precisamente *o Trabalhador*.

Lembre-se de que não se trata de trabalhos elegantes, nobres e heroicos. Eles são grosseiros, vis e imundos. Mas a bondade magnânima deste herói não sabe nada de inferior ao que serve à raça humana. Ele combate corpo a corpo os pântanos, hidras furiosas. Ele força os rios a ajudá-lo, dividindo-os aqui, jogando-os juntos nesses estábulos de Augias, que eles afogam, varrem e purificam. O que teria feito o arco de Apolo? Para destruir o Píton para sempre, foram necessárias mais do que apenas flechas. Foi preciso a perseverança e o humilde heroísmo de Hércules.

O grande libertador dos persas, como vimos, é o ferreiro. Gustasp também, um dos seus grandes heróis, escolhendo um ofício, leva a forja e a bigorna (*Shah Nameh*). Mas o ferro enobrece, o martelo é tanto uma arma como uma ferramenta. A Pérsia não ousaria colocar seu herói tão baixo. O gênio grego é tão audaz, tão livre (e livre de si mesmo), que não teme abaixar seu Hércules, que na verdade fica ainda maior. Ele cumpre o ideal persa melhor do que a própria Pérsia poderia fazê-lo. Um benfeitor da terra, ele a purifica e a embeleza. Ele expulsa os torpores mórbidos. Ele a força a trabalhar, cria campos férteis. Ele penetra nas montanhas da Tessália, então as águas estagnadas começam a fluir; eis um paraíso, o vale do Tempe. Em toda

parte, águas puras e rápidas, vias largas e seguras. Ele é o operário da terra, seu artesão que a molda para o uso do gênero humano.

Esta concepção de Hércules surpreende em todos os sentidos. Vai muito além da *Ilíada* e da *Odisseia*. Hércules tem a impetuosidade de Aquiles, mas muito mais bondade. Se ele comete um erro, ele se arrepende, repara. Sua simplicidade heroica o mantém afastado de Ulisses. Este perfeito grego das ilhas, tão astuto, está longe do vasto coração de Hércules. Por terra, por mar, Ulisses procura sua pequena pátria, enquanto o outro, a grande; ele quer a salvação da terra, a ordem e a justiça aqui embaixo.

Hércules é a grande vítima, a acusação viva contra a ordem do mundo e a arbitrariedade dos deuses. Sua mãe, a virtuosa Alcmena, fiel, queria-o legítimo, mas ele se acha *bastardo*. Projetou o mais velho, ele nasceu o mais *jovem*, pela injustiça de Júpiter. Por fim, ele é um *escravo*!

Escravo do mais velho, o fraco, o covarde Euristeu. Escravo doméstico e comercializado. Escravo de sua força e da embriaguez do sangue. Escravo do amor, pois ele não tem mais nada aqui embaixo.

Sua força terrível é sua fatalidade. Ele não está relacionado com a fraqueza do mundo. Muitas vezes, quando acredita que está apenas tocando, ele acaba matando. Este benfeitor dos homens, generoso defensor dos oprimidos, dos fracos, vive sufocado por crimes involuntários, arrependimentos e expiações.

Ele era representado como pequeno, corpulento, muito negro. Ele possui a bondade do negro, tanto quanto sua força. Antar, o Hércules árabe, é negro. No Ramayana, o Hércules indiano, tão bom, tão forte que carrega as montanhas; Hanouman, nem sequer é um homem.

Assim, em toda parte, o instinto popular tomou o herói como o último, o mais humilde, a vítima do destino. É o consolo das multidões oprimidas opor a grandeza do miserável e do escravo à severidade dos deuses, um Hércules a um Júpiter.

Lenda das tribos inferiores, tocante, mas sublime e grotesco. Eles fazem Hércules à sua imagem. Ele tem apetites terríveis, come um boi inteiro. Mas ele é bom, permite que riam dele. Gosta de rir de si mesmo. Quando ele pegou vivo o terrível javali de Erimanto, a pedido de Euristeu, ele o amarrou, entregou-o eriçado, com a cabeça negra mostrando os dentes

brancos. O rei, aterrorizado com esse donativo, fugiu de seu trono a toda velocidade e se colocou em um barril de bronze. Acredita-se que se está lendo a cena alemã do urso que Siegfried solta, nos *Nibelungen*.

Por ser a própria força, Hércules foi considerado pelos mais fortes, os dórios, como o antecessor dos reis de Esparta. Mas ele é precisamente o oposto do espírito espartano. Ele é o homem da humanidade, desligado do egoísmo exclusivo de uma cidade tão concentrada em si mesma.

Ele veio até os atenienses, que graciosamente asseguraram que em seu nascimento Minerva o havia recolhido em seus braços. Estabeleceu-se em Maratona. Ele foi feito amigo de Teseu, mas mesmo assim sua lenda está longe de ser ateniense. Ele humilha Atenas, salvando Teseu dos infernos.

Ele é o próprio herói para o país dos atletas, para a boa e corajosa Beócia (desprezada injustamente por Atenas), país rural, de poetas e heróis, de Hesíodo, Píndaro e Epaminondas. Ele é de Tebas, a menos que ele venha do forte Argos. Ele cresceu em torno de Elea e Olímpia, em sua rica planície. Jovem, ele lutou nas florestas profundas da Arcádia. Ele é o filho adotivo daqueles de quem se fala muito pouco, das tribos inferiores que a cidade eclipsou, de uma Grécia menos brilhante, mas forte, generosa, que tinha menos arte e mais coração talvez. Mundo escuro e sem voz. Ele sobrevive em Hércules.

Três ou quatro aluviões de raças antigas, superpostos de qualquer jeito, estão nesse jovem deus, que chegou tão tarde na mitologia. Nem todos os pelasgos pereceram, nem os gloriosos aqueus que tomaram Troia. A grande massa subjugada que cultivava a Tessália, que lá fazia as obras designadas com o nome Hércules, permaneceu com certeza. Tudo poderia contribuir para a grande lenda.

★★★

Nas estátuas, Hércules é retratado com porte atlético, a desproporção do peitoral enormemente largo é impressionante, enquanto a cabeça é muito pequena. Ocorre a mesma desigualdade em sua natureza moral. Ele tem tanto a besta quanto deus. Quando a interrupção bárbara de Júpiter mostrasse que ele, o mais forte dos fortes, será escravo do covarde, ele cai em um

delírio terrível, fica louco de dor, deixa de reconhecer seus filhos e, acreditando que vê monstros, mata-os. E, lembre-se, ele é o mais gentil dos homens, o mais dócil dos deuses. Assim que ele retorna a si, sem lar, sem família, ele começa, o grande solitário, os duros e longos trabalhos que salvarão a humanidade.

O primeiro é a paz. Ele vai aplicá-la em toda a Grécia pela força de seu braço. Os ancestrais do velho mundo, os monstros, as hidras e os leões são sufocados. Os novos tiranos, os bandidos, sentem o peso de sua maça. As florestas mal-afamadas e os cortejos sinistros tornam-se seguros. Os rios indomados são conquistados, diminuídos, forçados a seguir em linha reta. Sua margem é um caminho. A Grécia circula livremente, comunica consigo mesma, monta em Olímpia, onde Hércules fundou em frente ao altar de Júpiter as batalhas da paz, as batalhas não sangrentas. Ali ele mesmo ensina os exercícios que farão Hércules, que criarão o calmo heroísmo, que fundarão o homem indestrutível e o farão de ferro para servir à Justiça. Mas nenhuma rivalidade violenta, nenhuma animosidade. A oliveira é a única coroa que ele dá aos vencedores dos seus jogos.

A Grécia é extremamente pequena. Ele parte. A paz que ele estabeleceu ali, ele quer estendê-la para o mundo, para fundar em todos os lugares o novo direito. O primeiro era, em todas as margens, para imolar o estrangeiro. Em Táuride, uma virgem matou-o nos altares. Na Trácia, um rei bárbaro lançou homens em furiosos cavalos, embriagando-os com carne humana. Ao norte, a cruel Amazônia ria do sangue dos machos. A mesma ferocidade na África, onde Busíris deu aos naufragos a hospitalidade da morte. No final do mundo, na Península Ibérica, Gerião devorou os homens. Eis os adversários de Hércules. Ele os procura além dos mares, encontra-os e os alcança, tratando-os como eles trataram seus anfitriões. A lei da hospitalidade funda-se, do Cáucaso aos Pirineus.

Hércules rompe os mistérios que fizeram a força dos bárbaros. Ele desafia o escuro Mar do Norte, santuário de tempestades, onde ninguém se atreve a entrar, mar feroz e *não hospitaleiro*. Ele sorri e o chama de Euxino (*hospitaleiro*). A rainha desta terrível costa, a Amazônia, é domada como a própria mãe. Ele retira-lhe o cinto e, conseqüentemente, seu orgulho feroz. Em toda parte, antes dele, a natureza perde sua virgindade selvagem. Em Gades, ele rompe a antiga barreira; com um ligeiro esforço, ele separa dois mundos, divide o estreito. Através dele, o pequeno Mediterrâneo torna-se

mulher do grande Oceano e, girando as costas para a Grécia, olha para a distante Atlântida. Sua salgada corrente azul, emancipada, salta para essa imensidão que não via o céu de Homero. O Olimpo está ultrapassado. O que será dos deuses?

O imprudente não parou. O infinito tenebroso da floresta Celta não o intimida. Ele a penetra em suas profundezas. Ele perfura as geleiras dos Alpes, a desolação eterna. Ele ri dos pinheiros negros, ri da avalanche. Desse lugar de terror, ele faz uma estrada, a grande estrada da humanidade. Todos agora, inclusive os mais fracos, os pobres, as mulheres, os velhos curvados sobre a bengala, sem medo, seguem o caminho de Hércules.

Ele havia feito muito. Deixou para trás os monumentos duradouros. Pensou que poderia sentar e descansar sob o Etna, ao pé do grande altar que defuma eternamente. Ele respirou, contemplou pacificamente esses campos sagrados e abençoados, sempre adornados com as flores que Proserpina recolheu, e ele agradeceu às deusas. Seu coração vibrou de alegria. Em sua heroica simplicidade (motivo de orgulho), ele pronunciou a seguinte palavra: “Parece-me que eu me torno deus”.<sup>74</sup>

Os deuses estavam ali esperando por ele. Nêmesis entendeu isso. Essa deusa selvagem, e seu gênio fúnebre, Ate, voam incessantemente por toda a terra e recolhem as imprudentes palavras de prosperidade, aqueles gritos de orgulho ou ousadia que, infelizmente, chegam aos nossos lábios e dão aos invejosos dali do alto um pretexto para nos punir. Nêmesis ou Moira quer dizer *distribuição, compartilhamento*. Elas fizeram as remessas aos mortais, mas com reservas avarentas. Elas dão pouco e guardam muito. Deixam certos favores, limitando, recusando o excedente, o *exagero*, o *excesso*. Esse exagero é a glória, o gênio, a grandeza do homem, aquilo por meio do qual ele se fará deus, portanto, aquilo que os deuses atacam. Dédalo, Ícaro e Belerofonte foram punidos por terem tomado asas. Em Homero, as embarcações demasiadamente ousadas e felizes são transformadas em rochas por Netuno. O bom e devoto Esculápio não foi morto com um raio por ter curado, salvo, o homem?

Ainda mais criminoso é Hércules! A mãe dos homens e dos deuses, encantadora e venerável, a *Terra mater*, foi forçada por ele. Ele pode dizer que é amor, que ao perfurar suas montanhas e purificar seus pântanos, arrancando a cabeleira negra de suas florestas úmidas, ele emancipou Ceres. Ela permanece perturbada. Se, nos velhos tempos (segundo a fábula), ela sofreu

os ataques de Netuno, quão profundamente ela deve estar indignada contra Hércules, que não é mais que um mortal?

É isso que ele é, certo?, esse imprudente, com suas obras sobre-humanas? É isso que é necessário saber. Entre as antigas divindades ultrajadas da terra e a inveja do jovem Olimpo estabelece-se um pacto estranho. O último a nascer, Baco, falso irmão de Hércules, compromete-se a perdê-lo. Mas o que Júpiter diz? Ele abandona a ação, para testar seu filho ou por maldade contra a humanidade muito ousada? Ele cede ao favorito, Baco, ele cede aos deuses. *Hércules morrerá*. Ele será convencido a ser um homem.

Baco, o afeminado, que passa a vida em trajes longos na sonolência de uma mulher suave, preserva-se de enfrentar Hércules. Ele vai encontrar os Centauros. Essa raça bizarra, de entusiasmo e força indomáveis, vinha de uma mãe estranha, a Néfele, uma divindade móvel, às vezes uma fumaça leve ou um nevoeiro fugaz, às vezes carregada de raios, cheia de trovões, com uma elasticidade mais terrível que a do próprio relâmpago, uma expansão assustadora, para lançar montanhas ao céu. Os filhos de Néfele, os Centauros, frenéticos corcéis da cintura para baixo, coléricos, de acasalamento furioso, são homens de loucura, de capricho, inflamáveis como sua mãe. Além disso, por sua magia, eles detêm fantasmas grosseiros da Idade Média, de monstruosa aparição, de terror fantástico, sonhos péssimos, pesadelos terríveis, que fazem delirar, enlouquecer.

As pessoas são ainda mais perigosas do que ele era diferente, de espírito contraditório. Quíron era um sábio. Outro, Folo, um bom Centauro, era amigo e hóspede de Hércules. É ele, simples e crédulo, a quem Baco abusou. Ele trouxe-lhe uma bebida terrível (a água do fogo do selvagem?), e pediu que abrisse o barril apenas no dia em que Hércules estivesse em casa. Este vaso dificilmente é traspassado quando o vapor se espalha. Todos os Centauros deliram. Orgulho, ódio ou vontade? Loucura vã e leve? Seja qual for o pensamento deles, deixam-se levar e atacam o herói pacífico. As rochas voam, as florestas arrancadas pelos ares, carvalhos de mil anos de idade agitados. Horrível chuva de pedras. O herói firme, com seu calmo coração de bronze, não se surpreende. Ele responde com vantagem, relançando seus carvalhos e rochas, mas com um braço muito mais seguro. A terra está repleta desses monstros. A noite acabou. Não se viu mais os Centauros.

Incapaz de ser surpreendido, assassinado, ele é condenado. Ele sofrerá tudo, como se sabe, pelos decretos de Júpiter. Euristeu é quem pronuncia

isso. Ele morrerá por obediência. O tirano denuncia seu desejo extravagante, que Hércules vá para o inferno e traga-lhe de volta o cão de três cabeças. Um escárnio amargo para um ser mortal que só pode obedecer entrando na morte, na fatalidade de ser incapaz de fazer qualquer coisa, até mesmo de obedecer.

Quão amarga é essa morte! Sobretudo para os fortes, para aqueles que sentem em si todas as energias da vida! Para os fracos e os doentes, a morte é a libertação. Mas para Hércules, o mais vivo dos vivos, morrer é um enorme esforço. “De volta este corte!” Mas ele não diz isso. Ele vai encontrar Ceres, a boa e esquecida; ele se inicia em seus Mistérios, implorando-a humildemente que o fortaleça.

Ele vai se sentar novamente nos lugares de sua juventude, de suas primeiras proezas, nesta Tessália onde criou Tempe. O rei Admeto, de luto, recebe-o e o acolhe. Ele descobre que a rainha, Alceste, para salvar seu marido doente e manter para o filho um pai mais útil do que ela, abraçou a morte, desceu valentemente ao reino sombrio. Hércules comove-se. Este grande palácio deserto, o marido desesperado, a criança afogada em lágrimas, todo um povo ao redor de uma tumba, tudo isso penetrou em sua grande alma. Ele não sabe mais se ele é mortal. Ele vai ao inferno, enfrenta Plutão, vence a morte e traz a esposa adorada de volta ao noivo. Admirável loucura da compaixão!... Mas os mais fortes são os mais ternos!

Em toda essa lenda, falou-se quase nunca de Minerva. Mas, felizmente, ela o segue. Não é em vão que ao nascer ela o tenha recebido do seio de sua mãe. Minerva, no momento solene e decisivo, reaparece. Eis-me aqui tranquilizado. Por trás desse louco sublime, vejo a Sabedoria eterna.

Ele vai, desce, entra... É o inferno que tem medo de Hércules. Cérbero chega a lambar seus pés. Plutão é proibido. Proserpina intercede... Bem! Que ele vá, que ele triunfe!... E ele não sai sozinho. Uma mulher com véu segue-o. Ela retorna assim para sua casa. Admeto não pode adivinhar. Ele a ignora e recusa. Mas o véu é levantado!... Chega! Não toquemos nesta cena única, que ninguém leu sem chorar.

O que é o inferno de agora em diante? Pouca coisa. Ri-se disso. As Fúrias estavam com medo. Caronte obedeceu; uma pessoa passou de barco e voltou. Cérbero frouxamente, com o rabo entre as pernas, de cabeça baixa, seguiu o vencedor, então desapareceu no dia. O irmão de Júpiter, o próprio rei Tártaro, indignado, e impunemente, parece então recuado para as

profundezas vazias, o nevoeiro duvidoso de lá. Grande golpe, terrível para os deuses, que certamente se vingarão. Esta última vitória deve trazer infortúnio para Hércules.

Destino estranho! Sua única impiedade é ser melhor que o Olimpo. Tal é a doçura de sua alma, sua magnanimidade, que ele combate para vingar a afronta recebida pela esposa de Euristeu, o duro perseguidor, o cruel tirano de sua vida.

Virtude nova e excessiva, inédita entre os deuses de Homero. Eles são humilhados aqui.

“*Que o bem seja feito para o mal.*” É coisa ordenada para o velho Oriente monástico, e talvez conveniente demais ao fraco. Mas que seja o forte dos fortes, Hércules, que mostra esse excesso de bondade, isso é novo, original. É o próprio céu do gênio grego. O céu do coração destrói o céu da fantasia e da imaginação.

Tanto o inferno quanto o Olimpo caíram. Uma coisa permanece: a grandeza do homem.

Bem, se você é um homem, é aí que você será atacado. Sua coragem é invulnerável, mas não seu amor, não sua amizade.

Primeiro ele perde seu irmão, a quem amava. Ele perde o companheiro de seus trabalhos, o corajoso amigo que o seguiu por toda parte, que carregou suas armas para ele. De agora em diante, ele irá, lutará sozinho na terra.

Os fortes são extremamente frágeis à tristeza. Eles se deixam assustar. Hércules delirou outrora, e, desde sua descida ao inferno, desde que viu a própria Morte, sua cabeça foi abalada. Seu coração, repleto de problemas e luto, invoca o perigoso médico que zomba de nossos males, o Amor. Ele recupera-se, segue-o, como um touro cheio de vertigem vai para os golpes mortais. Ele ama Dejanira, a perigosa e ciumenta. Ele ama Lole, mas não encontra nesse amor senão injúria. O irmão de Lole repele o bastardo, o servo de Euristeu; ele irrita Hércules, que o mata. Desgraça horrível. Ele está inconsolável. Ele seca, definha e, doente, vai consultar Apolo.

Aqui está seu oráculo severo: “Pague-lhes o preço do sangue. — Mas eu não tenho nada no mundo... — Você tem seu corpo. Venda-o. Venda-se como escravo na Ásia”.

Hércules obedece à carta. Nessa Ásia suave, na afeminada Lídia, onde o homem é mulher, ele nem sequer tem um mestre; ele tem uma mestra, uma mulher, a rainha Ônfale. Foi o suficiente? Não. A fábula acrescenta que, por uma dupla servidão, o escravo era até a alma miseravelmente apaixonado pela crueldade que se divertia com ele. Ela deu esse espetáculo angustiante, Hércules disfarçado, Hércules mulher, horrivelmente burlesco... Estava estremeando... Mas ela, impiedosamente sorridente, exigiu para completar que o escravo parecesse trabalhar livremente, que ele girasse e mostrasse a todos que ele era o servo da fatalidade, não de um amor covarde e de seu coração fraco.

O mundo riu disso, e o Olimpo cantou. Ele foi entregue apenas para sofrer mais. Ele retornou à Grécia e encontrou outra vez Dejanira. Depois de tantos infortúnios, o coração humilhado esconde-se voluntariamente no amor e na solidão. Ele a leva para o deserto. Mas eis que a estrada apresenta uma estranha aventura. Um rio estava bloqueando o caminho deles. Para atravessar Dejanira, surge um jovem centauro, que escapou sozinho de todos os seus. Queria vingá-los? Ou, de acordo com os instintos cegos de sua raça, ficou louco por Dejanira? Não se sabe. Mas, tendo chegado com ela na margem, enquanto Hércules ainda estava do lado oposto, ele se saciava com ela. Hércules tinha suas flechas terríveis, envenenadas com o sangue da hidra de Lerne, mas no entanto hesitou a princípio, temendo ferir Dejanira. Ele finalmente atira, perfura o monstro, que, na dupla crise de prazer e morte, derramando vida, amor, raiva, misturado com o veneno infernal, tira sua túnica suja, e diz à Dejanira: “Pegue isso. É a alma de Nesso... O amor está aí, e o desejo eterno”.

Assim foi a morte de Hércules. Ele colocou logo depois essa túnica assassina que recebeu de sua esposa muito simples, que achava ser a mais amada. O horrível veneno queimou-o. Desesperado, ele se recusou a esperar pela morte. Ele a avisou. Ele se libertou e jogou ali aquele corpo funesto que tanto agiu, sofreu, atravessou as misérias humilhantes de nossa natureza. Árvores empilhadas sobre a Eta, ele fez uma fogueira gigantesca, e queria que um amigo, seu último amigo, a acendesse.

Nos redemoinhos da chama ele foi envolvido, subiu... Ele subiu para o céu, segundo se diz. Mas que céu? Qual Olimpo? Sua lenda extremamente forte matou os olímpicos.

O que se acrescenta, e o que é certo, é que Hércules se casou com a eterna Juventude. De fato, ele vive, permanece jovem. Dois ou três mil anos não alteram nada dessa lenda. Outras mitologias podem ter vindo. Outros salvadores poderiam variar o grande tema eterno da Paixão. Os encarnados da Índia tinham por Paixão cruzar a vida humana e testar as misérias dela. Os do Egito, da Síria, da Frígia, os Osíris e os Adonai, os Bacos, os Átis, esses deuses mutilados, despedaçados, sofreram, foram afetados. Mas a *Paixão Passiva*, longe de nos dar força, fez nosso desânimo, e sua lenda fatal cria a inércia estéril. É na *Paixão ativa*, hercúlea, que está a alta harmonia do homem, o equilíbrio, a força que o torna fértil aqui embaixo.

A Pérsia tinha essa intuição, mas ainda vaga e elementar. O grego Hércules é preciso, fortemente desenhado, de uma personalidade tão certa que seu retrato seria feito muito melhor do que o dos heróis históricos. Sua solidez compacta o singulariza entre todos os deuses, e é por contraste que se faz sentir sua transparência. Para o febril Baco que disputava com ele o terreno, ele perdeu a si mesmo nas agitações dos vapores da noite, da orgia, as fumaças do Oriente.

A sombra de Hércules, o resquício de Hércules, sua lembrança, suas lições do Olimpo, eis o que formou as grandes realidades reais, Plateia, Maratona, Salamina.

Mas o que o faz sobreviver à própria Grécia, o que torna o marido da eterna Juventude, o jovem e o vivo, e o herói do futuro, é seu humilde e sublime papel de trabalhador, de operário heroico.

Ele não temeu nada e não desdenhou nada. Pois, fundando o direito de paz entre os homens, ele pacificou e civilizou a natureza, atravessou as montanhas, emancipou os rios, domou, purgou, criou a terra.

Ele é o corajoso artesão, o braço forte, o grande coração paciente, que a preparou para o artista, o segundo criador, Prometeu.

## Notas

<sup>72</sup> Aristóteles, *Política*, I, 159, ed. B. St-Hilaire.

<sup>73</sup> É tarde, muito tarde, e apenas com Diodoro Sículo, que aprendemos esse ódio de Baco, que, no fundo, quer a Hercules muito mais do que a Juno. Revelação verdadeira e profunda, que o simples bom senso poderia nos ter feito adivinhar. Mas era um segredo perigoso que ninguém se atrevia a revelar, tanto que Baco foi mestre e teve às suas ordens um mundo de iniciados. Uma única palavra escapada colocou Ésquilo em perigo.

<sup>74</sup> Essas coisas sublimes, embora encontradas apenas em Diodoro e outros autores relativamente modernos, são certamente antigas tradições.

## VIII PROMETEU

Entre os poetas, apenas um, Ésquilo, teve a felicidade de ser ao mesmo tempo o cantor e o herói, de ter os atos e as obras, a grandeza do homem por completo. Sozinho, ele ganhou a coroa da tragédia cinquenta vezes. Sozinho ele tinha, como Homero, os rapsodos que o cantavam pelos caminhos. Sozinho, ele não morreu, sempre subsistiu no teatro (que só encenava os vivos). Ele permaneceu em uma estátua de bronze na praça de Atenas, como censor, pontífice e profeta, para vigiar o povo e avisá-lo. O grande escárnio dos deuses, Aristófanes, não respeita senão apenas Ésquilo. Ele o viu no inferno sobre um trono de bronze.

No nobre epitáfio que ele fez para si mesmo, ele só escreveu a lembrança de que lutou em Maratona, e ignorou suas cem tragédias. Nunca houve uma raça mais valente. Em Maratona, ele é ferido. Ele era irmão dos soldados mais gloriosos de Salamina; um deles, Aminta, é o ousado piloto que primeiro atacou a frota de Xerxes e ganhou o prêmio do mérito. O outro, o obstinado Cinégiro, foi cortado em pedaços, tendo contido sua embarcação pelas mãos, cortadas uma de cada vez, depois retido com os dentes. Os filhos, sobrinhos, parentes de Ésquilo, teriam feito o mesmo, se tivessem tido esses grandes dias; compensavam-no por uma torrente de tragédias, boas ou más, compondo com a fúria guerreira do grande ancestral. Um dos filhos teve a aventura singular de ganhar o prêmio de Sófocles, em sua obra-prima, o Édipo Rei.

Os magistrados de Atenas mantiveram cuidadosamente um exemplar correto e completo das obras de Ésquilo, para que um ator imprudente não mudasse as palavras sagradas. E, no entanto, apesar desse cuidado, ao todo somente sete dramas permanecem para nós, dos quais apenas uma trilogia completa, a *Oréstia*. Das três partes do *Prometeu*, subsiste uma. Resíduo enorme e colossal. Como o viajante que encontra na areia do Egito o pé da esfinge ou seu dedo de granito, e que então calcula quão alto o monstro era,

nós também procuramos por essa ruína para adivinhar o que era o gigante Ésquilo.

Aristófanes diz admiravelmente que os versos de Ésquilo são fortes “como os corredores estreitos de um navio”, como a estrutura indestrutível daqueles navios vitoriosos que destruíram a frota da Ásia. Ele o coloca acima de Sófocles, longe, bem longe do fraco Eurípides. Mas seu verdadeiro lugar não está ali. Seria preferivelmente entre Isaías e Michelangelo.

Em sua obra tão obscura há muito mais que arte. Existe o verdadeiro gênio da dor. Nada que amolece ou consola, como em Sófocles. Esses trágicos sotaques dos heróis do passado parecem, no presente, advertências terríveis, presságios lúgubres. Ele lembra especialmente Michelangelo. O profeta italiano, em meio aos esplendores e conquistas de Júlio II, pintou apenas terror nos tetos da Capela Sistina. E o profeta Ésquilo aparece em pleno luto nas prosperidades de Atenas.

Ambos viram com antecedência provas terríveis, feitos cruéis do destino e, ao fim, o *Julgamento*, a grande vitória da Justiça. É a grandeza de Ésquilo que Aristófanes ainda não podia sentir. Contra o capricho arbitrário da mitologia da época (e das futuras mitologias), ele invoca, contém, dá à luz a Justiça. Seu Prometeu nos dá, com a morte de Júpiter, a morte e a impotência de todos os futuros mitos que não são fundados no Direito. Seu Cáucaso é a rocha onde antes o estoico, contra a tirania do céu e da terra, assentaria a jurisprudência.

Futuro desconhecido, velado. A severidade do profeta, seu luto, enche de espanto. Aos quarenta anos, Ésquilo começa a série ameaçadora de suas tragédias, no momento sorridente em que a cidade libertadora persegue, coroa sua vitória e aparece rainha da Grécia. Ela é brilhante, ela é fértil. Em todos os sentidos, irradia-se. Ela é jovem e tem vinte anos em seus dois gênios admiráveis, dois adolescentes que explodem, o belo Sófocles e o poderoso Fídias. Este, primeiro pintor, para testar pela primeira vez seu cinzel, esculpe a alma de Atenas, sua Minerva Polia, orgulhosa, soberana e colossal, que, com o seu capacete cintilante, domina a acrópole e os templos, controla à distância o mar, as ilhas.

Momento de imensa esperança. Entre Temístocles e Aristides, entre o generoso Címon, o inteligente e profundo Péricles, a luta parece encontrar o

equilíbrio e, por sua própria luta, a harmonia da liberdade.

Ésquilo não vê nada disso. Sua alma parece ainda estar no século anterior aos desastres, aos perigos. Ele tem, como Heródoto, a preocupação dessa Nêmesis que paira sobre nossas cabeças, que espia nossa prosperidade. A prodigiosa Babilônia caiu. O maciço e sólido Egito, tão fortemente assentado, não deixa de cair. O bom Cresos, o astuto Polícrates, e essa deliciosa Jônia, tudo isso pereceu! Atenas continua sendo a barragem que impede a torrente bárbara. Mas, na própria Atenas, que rápidas mudanças! Ésquilo, quando criança, viu os Pisistrátidas, a vingança da liberdade, o valente golpe de Harmódio. Homem feito, ele tinha essa felicidade, sua bela ferida de Maratona. A Grécia se viu por um momento trazida para o céu pelo grande fluxo de Salamina. É preciso descer bem. Eis uma nova era. O tempo de heroísmo está acabado. O da harmonia começa, o reino da arte e da beleza, um imenso brilho de gênio inventivo e razão fértil, um mundo de graça e luz para surpreender todos os tempos futuros. Em um só século a obra de dois mil anos!... É assim que se vive? Como não prever dias de exaustão? Que belo jogo Nêmesis terá para retornar, trazer de volta os bárbaros, não da Ásia, mas da Macedônia, até o dia sombrio de Queroneia!

É certo que o arco de aço foi descontraído e que a lira, enriquecida com novas cordas, só se harmoniza deixando o tom áspero e forte que tinha na época dos heróis. Sófocles nos mostrou que Hércules, civilizado, deixou a maça, que estuda, ensina o coro das astros e seus concertos. A segunda Minerva, já menos colossal, não mais paira sobre os mares com seu olhar ameaçador. Fídias por sua vez a faz meditativa, de gênio profundo e penetrante, muito parecido com as efígies de Temístocles, “aquilo”, diz Tucídides, “que sozinho vive e prevê”.

O que ela observa? Não se sabe. Mas é certamente algo imenso, infinito e sublime. Mais do que a própria Atenas. É o longo curso dos séculos que Atenas iluminará bastante. Ela observa a arte eterna.

Quem se surpreenderá com o fato de que a Grécia seja admirada por si mesma, adorada, em sua maravilhosa beleza e de que ela queria eternizar isso? Notemos que antes de qualquer escultura existia a escultura viva, que uma poderosa criação de prática ginástica e harmônica fizera do real o perfeito ideal sonhado. A arte primeiro copia e começa pelo retrato.<sup>75</sup> Não é preferível esculpir os deuses ao acaso. Fizeram-se as efígies daqueles que foram vistos. A beleza parecia divina em si mesma e ainda mais divina como

revelação da interioridade. Nas corridas de Olímpia, Fídias viu correr e derrotar uma criança maravilhosa, e ele se tornou escultor. Outro, com uma beleza suave, que, aos quinze anos de idade, após Maratona liderar o coro que agradeceu aos deuses, foi adivinhado, sentido e aclamado por Atenas... E sua alma é emanada... é Sófocles.

Tudo isso grande e puro, muito nobre, e não obstante tão vivo, tão frutífero! Os deuses humanizados, ou, melhor dizendo, divinizados pela alma que os Fídias inseriam neles, saíam dos templos e sentavam-se sob os pórticos e nos próprios lugares. As cidades tinham dois povos vizinhos, e moravam juntos, os homens e os olímpianos. A estranha ideia de Winckelmann de que tudo era imóvel, de corpo belo, sem expressão, ia sendo cada dia mais desmentida de forma marcante.<sup>76</sup> Uma vida arrebatadora está em toda parte nesses mármores.

Mesmo antes de Eurípides, e já em Sófocles, mais distante do que essa arte fria, sente-se que seu obstáculo poderia ser a ternura. Admiro Sófocles, mas não sem revolta, quando ele me detém por muito tempo, infelizmente, nos males físicos, a ferida de Filoctetes, quando ele faz Hércules me irritar, mostrando fraco o mais forte entre os fortes. Deixa-me então completar a lenda salutar, eu preciso dela em um futuro próximo. Lembre-se de que agora, para a esmagadora glória de Alexandre, o Grande, Zenão não se oporá à *filosofia de Hércules*.

Seu Édipo em Colono também me agrada demais. O assunto é “a necessidade da morte”, a recuperação dos erros e a recuperação da vida, a doce expiação que aguarda a vítima da fatalidade no longo sono desejado sob o generoso abrigo de Atenas, a profunda segurança em madeira das Eumênides. As duas meninas adoráveis, raptadas, trazidas de volta, trazem por completo a emoção... Vede! Todo esse grande povo chora.

Eu entendo perfeitamente bem que o herói Ésquilo, que viu começar esse novo tempo de emoções, essas maravilhas tocantes, e outras de sutileza, de análise sutil, ficou alarmado e assustado. O que ele pensava quando veio a Atenas o prodigioso pensador Zenão de Elea, que primeiro formulou e ensinou todos os segredos da lógica? Por uma destreza terrível, Zenão (esmagando os sofistas até então tão orgulhosos de Jônia), provou em plena Atenas, no centro de um movimento como esse, que o movimento não existe. Péricles ouviu-o, e tudo mais. Essa esgrima é de se apreciar.

O centro dos pensadores logo estava com uma jovem mulher, uma daquelas mulheres jônicas que a ruína de Mileto enviou a Atenas. Essas milesianas, todas encantadoras, tocantes, com seu cruel naufrágio, vários escravos vendidos, tornaram-se nada mais que rainhas. Targélia, a voluptuosa, e Aspásia, fina e penetrante, tinham um tribunal, e que cortesãos! O instável gênio jônico, em sua graça passageira, que uma vez fez o Olimpo e suas metamorfoses, foi a própria Aspásia. Fídias e sua jovem escola foram inspirados pela nobre ironia que representava e traduzia os deuses. Péricles, o orador refinado, calculado, perto dela estava aprendendo a Imitação e a comédia imponente que fascinava as pessoas. Os sofistas estudaram seu discurso insidioso, a arte de combinar, desembaraçar, reunir, fios finos de mulher, em que o mais fino era levado. Protágoras assumiu a dúvida universal, e Sócrates depois a arte de duvidar da dúvida.

Refinamento estranho. E tão rápido? Quantos séculos em vinte ou vinte e cinco anos! Ontem foi a grosseria de Maratona. Hoje tudo é elegante, delicado e sutil. Onde está o gênio robusto que fez a Grécia sair vitoriosa? Vejo ser alojado na casa de Péricles seu mestre, homem obscuro, formidável para volatilizar os deuses. É o Anaxágoras jônico, apelidado de *Espírito*, porque, segundo ele, não há outro Deus. Uma ideia sublime e pura que, centralizando o divino, mas afogando no éter as energias da pátria, fazendo desaparecer Palas e Hércules, conduz Atenas diretamente a uma calma monárquica.

A unidade no céu, a unidade na terra, era o sonho que ardia surdamente. Muitos teriam desejado *um bom tirano*, para substituir Júpiter, não pelo Espírito de Anaxágoras, mas por seu Baco favorito, Dionísio, deus todo oriental, que usava a tiara (*Sófocles*), o vestido suave das mulheres da Ásia. Ele havia tomado o tirso e a hera do deus da colheita da uva, o velho Baco rural. Ele incitou as mulheres e os escravos, turfa orgiástica. Os escravos de Atenas, no fundo muito livres, ousados (como o nosso Frontin e a nossa Lisette), admitidos nos espetáculos, nos Mistérios, tinham nele seu deus, seu tirano, seu *Salvador*. Por seus afiliados, ele segurou Elêusis. Ele havia forçado Delfo a cavar sob o templo um túmulo, uma cripta da qual ele ressuscitou. Ele obrigou Apolo a participar de sua comédia. Tudo isso não era nada ainda. Ele teve que enterrar, eclipsar todos os pequenos deuses da Grécia e levá-la a grandes coisas, à conquista da Ásia e da Índia. Quando? E em quem esse grande deus aparecerá? Todo tirano, gritou-se: “É ele!”. Por uma fatalidade

estranha, o glorioso tirano de Siracusa, Gelão, no mesmo dia da vitória de Salamina, ganhou uma em Cartago, impondo-lhe a lei de não mais fazer sacrifícios humanos. Ele se sentiu tão forte que, no retorno, deixou a espada e caminhou sem guardas. Ele foi repreendido. E isso foi para sempre. Os tiranos eram deuses, chefes da liberdade, liberdade da estupidez. Eles tomaram o nome do tirano celestial, *Dionísio* (Denis), ou ainda eram chamados de *Demétrios* (filho, marido do Geras), ou o nome que agradou a vaga esperança: *Salvador* (Soter). Esses salvadores eram terríveis, esmagaram os idiotas que esperavam a liberdade pelo tirano.

Futuro tenebroso, que no tempo de Ésquilo ainda se podia ver mal. No entanto, recentemente, as orgias do salvador Baco haviam apenas começado em Esparta (*Aristóteles*). O espartano Pausânias, conquistador de Plateia, pensava que ele era o Gelão, o Baco salvador da Grécia.

À luz de Atenas, riu-se disso. Essas maquinações obscuras pareciam impossíveis. No entanto, os velhos, observando Péricles, sonhavam e, em suas feições, pensavam que encontrariam Pisístrato.

Mas vamos voltar para a arte. Sob a influência de Baco, na fermentação ainda contida dos espíritos, o teatro tornou-se a necessidade soberana de Atenas. Ele brilhou, deixou o que ele ainda tinha de suas formas elementares. Tudo mudou pouco a pouco, a cena, o drama e o ator.

Até então enquadrada e temporariamente para o momento das festas, a cena era improvisada e feita para improvisação. O poeta não dava a ninguém o cuidado, o esforço, o perigo da *ação*. Ele mesmo desempenhou seu herói. A tragédia foi um ato de coragem, uma devoção em que o homem se colocou inteiramente. Lançou-se bravamente neste chão trêmulo, sob o qual ressoavam ecos terríveis. De toda a sua pessoa, do gesto, da voz, ele desafiou os caprichos, desafiou os ridículos. O rosto, pelo menos, estava mascarado, protegido do desprezo? Nem sempre, para Sófocles, por sua extrema beleza, representou em uma de suas peças a bela Nausícaa.

Mas isso custou a Sófocles. As pessoas que o amavam, que o tinham como favorito, pouparam-no desse doloroso dever. Outros foram dados a ele, mais de acordo com seu caráter, um sacerdócio por exemplo. Ele era tão “querido pelos deuses” que recebeu um milagre. Um dia, durante uma

tempestade, um hino de Sófocles foi cantado. No momento, a calma foi restaurada. Netuno e o mar estavam escutando.

Ele se sentiu amado. Com vinte anos de idade, ele entrou no concurso de tragédia. Produziu uma graciosa pastoral, *Triptólemo*, para a glória de Elêusis, sem dúvida, e novos mistérios. Ele disse, de acordo com Píndaro: “É a felicidade: vê-los e depois morrer!”. Tal frase arrancou, encantou, com certeza, um mundo inteiro de pessoas iniciadas. A admiração e a fúria do jovem poeta foram tão longe que uma das grandes tragédias de Ésquilo foi sacrificada para ele. Em vão lutou seu antigo partido, heroico e patriótico. Não se poderia concordar. O julgamento foi dado aos generais, ao glorioso Címon que, retornando de outra vitória, trouxe de volta as cinzas de Teseu, um presente tão agradável a Atenas. Címon, o filho de Miltíades, não podia ser hostil ao velho soldado de Maratona. Mas este valente Címon não foi assim na presença do povo; ele viu onde estava seu favor e se afastou de Ésquilo.

Este último, a partir de então, tinha tudo contra ele, a idade e seus longos sucessos, digamos, o progresso da arte, que segue em frente, independente do próprio gênio. A arte exigia uma tragédia menos lírica e mais dramática, com um nó mais complicado, que capturava o coração, mantinha-o inquieto, suspenso. Era o solo de Sófocles. Ésquilo não recusou. Ele o seguiu até a *Oréstia*.

Isso é o que o teatro grego, digamos melhor, que o teatro produziu de maior. Shakespeare, com tantas molas e efeitos variados, complicações mágicas e profundas, não superou essa arte, de formidável simplicidade, que por acaso é engenhosa, que, sem sutileza, sem dobras, sem deambulação, vos leva ainda mais difícil, vos comprime e abraça.

Os três pedaços do *Oréstia* entram em um terrível crescendo. Encena-se da manhã à noite durante as festas. Poder-se-ia representar tudo em um dia, a morte de *Agamenon* pela manhã, a de *Clitemnestra* ao meio-dia, à noite as *Eumênides*. De drama em drama, de terror em terror, o público não respirava mais. O mais firme estremeceu. As mulheres desmaiaram e muitas, diz-se, sofreram aborto. À noite, tudo foi pavimentado. E apenas restava de pé Orestes-Ésquilo.

*Agamenon* já percebe. Quando a esposa pérfida o recebe carinhosamente, o envelope de seu véu, o frio contrai a espinha dorsal. A *Clitemnestra* (Coéforas) dá de uma ponta à outra uma horripilação selvagem, o

estremecimento do parricídio, o próprio remorso antecipado. Orestes conhece seu destino. Os deuses querem o assassinato e vão puni-lo pela obediência. É isso que as *Eumênides*, incrivelmente ousadas, revelam, colocando os deuses em sua contradição. Eles o perseguem tanto quanto Orestes, subjugando-os com suas negações mútuas.

Ésquilo ousou muito. Era um pensamento popular, mas era possível ficar com raiva e se indignar por vê-lo tão esclarecido. Não se sente tudo isso porque nunca foi explicado qual era a situação moral, a encosta na qual o Olimpo helênico estava descendo rapidamente.

Da ruína de Jônia, Júpiter e Apolo foram cruelmente desacreditados. Seus oráculos caíram. Creso, que lhes pagou caro, que acreditava ter conquistado os persas e era seu prisioneiro, fez a injúria sangrenta contra o deus de Delfos para oferecer-lhe suas correntes. Ele foi apelidado de *Loxias*, o ambíguo, o equívoco. Consultado antes de Salamina, ele procrastina, nós rimos. E o único deus é Temístocles. É evidente que Ésquilo recordou o incerto oráculo que perdera a Lídia e a pobre Jônia, o infeliz Mileto, tão lamentado por Atenas. Ele se atreve a dizer às Eumênides: “Vede este trono de Delfos!... Como pinga de sangue!”.

Afrontar Apolo, afrontar Júpiter (como ele o fez também), não era o mais perigoso. O perigo mortal da peça é a palavra que as Eumênides dizem e repetem com descrença não sei quantas vezes: “*Os jovens deuses*”. Se esta palavra atingiu Febus, mais diretamente caiu sobre Baco, o último nascido do Olimpo (*Heródoto*). As terríveis deusas dominaram esse intruso das profundezas de sua antiguidade.

Ésquilo, que era de Elêusis, que (um fragmento assim o diz) finalmente amoava a Ceres de Elêusis, sabia melhor do que ninguém a profunda mudança dos Mistérios em que Iacchus, introduzido quando criança, cresceu, tornou-se Zagreus morto e ressuscitado, finalmente o triunfante Baco, que domesticou a pobre Ceres, por bem ou por mal, era seu marido. Essa revolução parece ter sido realizada de 600 a 500 a.C. Mas as coisas se precipitam. Para o Baco de Elêusis, que sozinho preservou alguma decência, vai misturar a ninhada ignóbil dos pequenos Bacos da Ásia (Sabá, Átis, Adon etc. etc.). Tudo isso antes de 400 a.C. O grande Baco, que matou Orfeu, o Salvador, dizia-se, mulheres e escravos, deus da liberdade (delírio e embriaguez), esse Baco, com toda essa grande massa, era um tirano na Grécia. Ele inspirou os terrores.<sup>77</sup>

Mesmo em Atenas, a cidade incrédula e risonha, essa massa compacta de iniciados, mulheres e escravos, era temida, sobretudo no teatro, onde os números os tornava ousados. Os escravos participaram (*Górgias*). Eles não teriam falado, mas podiam mugir e rugir; era um trovão. As mulheres assistiram. Sua sensibilidade com esse amoroso Baco as deixava algumas vezes furiosas, e muito perto do assassinato. Ésquilo quase não conseguiu realizar essa experiência. Em uma palavra que ele diz sobre os Mistérios em alguma peça, ele teria perecido sob suas unhas se não tivesse beijado o altar que estava no próprio palco.

Pode-se imaginar o perigo extremo pelo qual ele estava passando ao pronunciar essas palavras terríveis e claras: “*Os jovens deuses*”. Mas, enfrentando os fanáticos, ele se certificou da parte oposta, das mentes fortes, incrédulas ou sofistas, daqueles que, como Anaxágoras e seu discípulo Péricles, só queriam o *Espírito* de Deus? De modo algum. Esse partido das liberdades religiosas foi atacado por Ésquilo em seu caminho tortuoso em direção à tirania política. Ele mandou dizer às Eumênides: “Reverenciai a justiça; honrai as leis. *Continuai a vos dar os mestres*”. A sala inteira, pode-se dizer, tinha o escopo de um ataque aos intrigantes que Péricles empregava. Um, estacionado por ele, incitou o povo a suprimir o Areópago. Ésquilo se interpôs a esse drama ousado, no qual demonstrou Minerva fundamentando, para o julgamento de Orestes, o tribunal irrepreensível que por muito tempo havia feito de Atenas o templo do Direito.

O Areópago não foi excluído. Recuou-se. Mas, mais ainda, a perda de Ésquilo era certa. Não o soltaram mais. Sob vinte pretextos, ele é, por conseguinte, perseguido e difamado. Diz-se ao pé do ouvido que se, no final das contas, ele evita matar sob o olhar do público, é porque ele mata atrás do teatro; que na fúria do sucesso, para obtê-lo do céu ou do inferno, ele abate vítimas humanas.

Esses engenhosos prelúdios prepararam o grande golpe que foi trazido a ele, a acusação de impiedade. Têm-se poucos detalhes. Ele estava se defendendo? Não se sabe. Parece que, para pedir desculpas, ele mostrou apenas sua ferida, lembrou Maratona, seu irmão e Salamina. A acusação enrubescou e se calou.

Incapaz de atacá-lo, o teatro foi atingido. Foi ele mesmo novamente. Certa manhã, ele desmorona. O antigo teatro de madeira, que tantas vezes estremeceu sob seus pés, foi repreendido pelo trovão de sua voz. Ela cai por

terra... Vingança manifesta dos deuses. Ele cansou sua paciência. Eles impõem silêncio à sua ímpia fúria, nesse Ájax, nesse Orestes, nesse gigante blasfemador. Ele se separou e matou seu teatro debaixo dele. Outro é refeito, admirável, de mármore, rodeado de estátuas. Mas ele não irá a Ésquilo. Ele não é mais, como o outro, vibrante e palpitante, impregnado dessa alma antiga. As efigies dos deuses, maravilhas da arte, agora compartilham o interesse, a aparência. Em sua mente, a imagem sonhadora, sonolenta e voluptuosa do novo deus Baco, Vênus macho, amante de Atenas.

Tudo isso diz ao velho herói as palavras que, em sua peça, as Fúrias disseram a Orestes? “É feito de você... você não falará mais.”

Acho que foi então<sup>78</sup> nessa própria cena que ele partiu para sempre, o velho Titã ergueu o Cáucaso, foi amarrado, pregado e trovejado por Júpiter, para lançar a grande palavra de revolta, a profecia do futuro.

Colono, uma pequena cidade não muito longe de Atenas, lugar trágico entre todos, é conhecido por Édipo, sua morte, o mistério de seu túmulo. Ele tinha à sua porta a madeira das Eumênides e o altar de um proscrito, o titã Prometeu. Enquanto a *via sacra* de Elêusis, dia e noite, estava povoada, barulhenta, Colono estava deserta. Suas antigas divindades mal-afamadas não atraíram o povo. Sua madeira sinistra era assustadora. O transeunte desviou e distraiu o olhar.

Prometeu, como se sabe, é o inimigo pessoal de Júpiter, o maldito que ele pregou no Cáucaso. Apesar dos deuses, ele nos deu o fogo e as artes. Não se ousou esquecê-lo; rendeu-se a ele uma meia adoração. Este benfeitor recebeu a honra econômica de uma pequena corrida anual. Poucas pessoas fizeram isso. Aristófanes reclama. Enquanto um estava sufocando nos Mistérios equivocados, “ninguém sabia como carregar a tocha de Prometeu”. Esta tocha, acesa em um altar de Atenas, deveria ser trazida para a de Colono. As chamas rápidas, cintilantes ou esfumaçadas, em que o vento se encenava, imagem triste de nossos destinos, passaram de mão em mão. Mas elas mal chegaram. O altar escuro permaneceu escuro.

Estranho esquecimento! Culpado de ingratidão! Prometeu foi o emancipador primitivo, e toda energia livre provinha dele. Através dele (não de Vulcano, que ainda não é nascido), surgiu a Sabedoria, a filha mais velha de Júpiter. O deus do relâmpago, entre suas nuvens negras, foi oprimido por

ele, sentindo que a filha era gerada em sua testa. O titã trabalhador ultrapassou de uma vez (com um golpe sublime e o mais belo já atingido) sua tempestade. Um éter luminoso, sereno, puro, virginal, resplandece, a eterna virgem que foi a alma inspirada de Atenas, mas ainda vive, viverá, sobreviverá para sempre a todos os Júpiteres.

A lenda mais alta, certamente, da Antiguidade. Nobre geração do gênio e da dor. É a lição imutável do homem, emancipação pelo único esforço justo, eficaz. Ela ensina cada um de nós a tirar dele suas Palas, sua energia, sua arte, seu verdadeiro Salvador. Ela é diretamente contrária aos Salvadores tenebrosos, os falsos libertadores. E somente ela é a liberdade.

Este éter de Palas parece ser o próprio fogo com que Prometeu iluminou a alma humana. O titã o puxou do Olimpo para colocá-lo em nós.

Até então, barro pesado, o homem se arrastava, rebanho sob a zombaria pelos deuses. Prometeu (é seu crime) coloca nele a faísca. “Eis que então ele começa a observar as estrelas, para notar as estações, para dividir o tempo. Ele monta as cartas e conserta a memória. Ele encontra a alta ciência, os números. Ele procura na terra e passa por ela, faz tanques, navios. Ele entende, prevê, transpassa o futuro”. Prometeu abre ao homem o caminho da emancipação. Ele é o *antitirano*, no momento em que o Olimpo, em seu jovem Júpiter-Baco, é cada vez mais o *tirano*, um tipo imitado demais dos tiranos do terra.

Eu estaria muito enganado se este titã, Ésquilo, não tivesse chegado muitas vezes para solicitar, como Édipo, um lugar às Eumênides de Colono, se ele não tivesse se sentado no altar do deserto do grande benfeitor esquecido. Neste altar, e não em outro lugar, o poeta foi capaz de encontrar duas coisas que só o titã poderia revelar para ele. Ésquilo sabia o nome de sua mãe, que Prometeu não era o filho de uma tal Clímene, como foi insensatamente dito, mas o *filho da Justiça*, da antiga Têmis que viu o nascimento de todos os deuses. A segunda coisa, toda divina, que nem Hesíodo nem ninguém suspeitava, era o verdadeiro motivo pelo qual Prometeu estava perdido. Em Hesíodo, o benefício do titã é um truque de astúcia: ele quer abrir espaço para Júpiter. Em Ésquilo, ele teve compaixão pelas misérias do homem. *Teve pena*. Ele o diviniza, faz dele um deus acima dos deuses.

Piedade! Justiça! Duas alavancas todo-poderosas que deram à antiga fábula uma força incrível. Trinta mil espectadores foram presos, amarrados, mais do

que Prometeu no Cáucaso, quando ele proferiu este grito: “Ó Justiça! Ó minha mãe!... Você vê o que eles me fazem sofrer!”.

Que coração foi trespassado, quando com uma voz profunda ele disse estas palavras amargas: “Eu tive pena!... É por isso que ninguém teve pena de mim!”.

Se, como se acredita, *Prometeu* apareceu por volta de 460 a.C., Ésquilo tinha então sessenta e cinco anos. Eu acredito que, apesar da idade, dessa vez ele entrou em cena. Nessas peças perigosas, ninguém melhor que o autor teria ousado encenar. Aristófanes encontrou apenas a si mesmo para interpretar aquele em quem ele estigmatizou Cleôn. Ésquilo, depois das *Eumênides*, onde enfrentou tudo de uma vez, e o partido de Péricles e o dos *jovens deuses*, não conseguiu encontrar facilmente o intrépido ator que representaria o titã, o ímpio, o inimigo solene dos Tiranos, da *Tirania*. Porque é essa palavra em qualquer carta que abre e explica o drama (Τυραννίδα).

É dito depois disso que *Prometeu* é obscuro. Ele não estava senão extremamente claro. De um lado, amarrado e pregado, era o Filho da Lei. Por outro, todo-poderoso no céu, o tirano, o inimigo da Lei, o Mestre, a arbitrariedade, o favor ou a Graça. Chama-se Júpiter. Mas Júpiter então se mistura com Baco. Ele empresta-lhe o relâmpago e a águia logo em seguida (nas estátuas de Policleto).

Ali havia, sobretudo, perigo. Ésquilo sozinho podia brincar, jogar, dar os braços para as correntes, as mãos para as unhas e a cabeça para o martelo. Extraordinário espetáculo, que teve todo o efeito de uma performance pessoal.

Nem uma palavra na primeira cena, enquanto os cruéis escravos de Júpiter, a Força e a Violência, forçam Vulcano a sair do rio. Elas deixam-lhe apenas a ordem pura e cínica: “Respeite o *tirano*”. Ele continua sem abrir a boca.

Mas uma vez sozinho, seu coração explode e, da máscara de bronze, escapa um suspiro terrível...

Nos *Sete*, nos *Persas*, Ésquilo às vezes parece exagerado e enfático. Mas de modo algum em *Prometeu*. É a natureza, é a dor, verdadeiras explosões de dor, um sentimento ao mesmo tempo geral e pessoal. Não há nada que se

possa distinguir. É o titã e é Ésquilo. É o homem, como ele foi e será. A humanidade reclama, rebaixa-se? Não. Das profundezas da dor, ela é forte e se levanta. Sente-se que o heroísmo no homem é a natureza.

Para as ninfas do oceano que vêm chorar com ele, ele explica seu destino, mas em uma grandeza, um orgulho que as faz estremecer. E ele fala o mesmo para seu frágil amigo, o Oceano, que gostaria de dar-lhe conselhos de covardia. Ele marca para sempre as grandes características do Tirano: “*Aquele que reina por SUAS leis, leis PARA ELE*” (Ἰδιοῖς) — vontades singulares, individuais e pessoais —, selvagens e não civis, — vontades desiguais: amor para um, morte para outro. E ele acrescenta estas fortes palavras: “*Ele tem o direito de sua casa*”, e ele é o dono.

Mas o traço profundo do capricho onde o Tirano é mais bem marcado é o desprezo, a devassidão cruel, a barbárie no próprio amor. O que ele próprio, Ésquilo, viu sob os Pisístratos e que os fez cair, ele marca em Júpiter. O infeliz, enganado por ele, entregue à fúria de Juno, picado pela cobra demoníaca, pelos mares, pelos precipícios, perturba-se de um mundo a outro. A chance de seu caminho se aproxima de um momento do Cáucaso. Os dois infelizes se veem, Io e Prometeu, eterno movimento e cativo, imobilidade eterna.

A pobre Io quer conhecer seu destino. Ela solicita o enigma do mundo. “Quem governa o destino?” — “O Parque, as Fúrias”.

Palavras cruéis, que são apenas um grito de dor sobre a desordem desse mundo. Essas formas fatalistas<sup>79</sup> retornam com muita frequência em Ésquilo, como reclamações amargas, bramidos. Isso é uma arma, não um dogma. Ele usa o Destino, como um jugo de bronze para dobrar os deuses, para quebrar o capricho do olímpico Homérico. Mas observe o fundo, o pensamento real e a alma. A liberdade de vida está em toda parte em seus dramas. Ela circula e anima-os com uma respiração extraordinária. Nos *Sete*, nos *Persas*, ela respira, e esta é a pátria, o gênio livre da Grécia. Para as *Eumênides* é o Direito, o debate jurídico da Lei e da natureza. *Prometeu acorrentado*, no mais alto grau, é livre — a liberdade é mais forte na medida em que é *filha da justiça*. Não é uma fúria titânica, uma escalada vã do céu, mas a *liberdade justa* contra o céu injusto do Arbitrário (ou da Graça).

Prometeu é o verdadeiro profeta do Estoico e do Jurisconsulto. Ele é antipagão, anticristão. Ele se apoia na Lei, invocando nada mais que suas obras. Ele atesta apenas a Justiça, nenhum privilégio de raça, nada do

primitivo antigo dos titãs da predestinação, sobre os deuses. A salvação que ele espera virá, mais cedo ou mais tarde, pelo herói da Justiça, Hércules, que o entregará e matará o abutre que o devorará. Júpiter se dobrará sob o Direito, sofrerá o retorno, o triunfo de Prometeu.

Mas tudo deve ser explorado. Ele não será deixado. Um terrível sucessor virá até ele, gigante e formidável, armado com um fogo vingativo para extinguir o do Olimpo e seu pequeno trovão. Júpiter, por sua vez ligado, tornar-se-á *o paciente*.

No momento em que se acredita que ele vai nos dizer o nome desse futuro conquistador de Júpiter, Mercúrio vem e questiona-o. Mas ele não atrai nada além de desprezo... Relâmpagos rugem... Em vão. Prometeu, com pé firme, espera, desafia... O trovão cai... Continuamos ignorantes desse mistério profundo.

A terra de Atenas, depois de *Prometeu*, não podia mais usar Ésquilo. Ele se exila. Respira-se.

O profeta é o horror e o escândalo do mundo. Isaías foi serrado em dois. A desafortunada Cassandra (em quem Ésquilo parece se retratar), vítima do povo e dos deuses, sob seu laurel fatal, através das afrontas, vai procurar a faca mortal. As pessoas são implacáveis para aqueles que as forçam ver. Ele se ressentido por falar e quer forçá-los a falar mais. Se eles não se explicarem, são impostores. “Morra! ou explique-se! Você quebra a paz pública! Você é o inimigo da cidade!”

É a tortura íntima do espírito profético. Desses picos assustadores onde pegou o voo, ele vê Timesite, a terra *incógnita*. Mas como descrever isso? Essa visão turva, que não pode ser esclarecida nem descartada, sobrecarrega o vidente. Ésquilo, refugiado na Sicília, sobreviveu pouco. A morte veio a ele do céu. “Uma águia segurando uma tartaruga, procurando uma pedra para quebrá-la, tomou a cabeça de Ésquilo, com sua grande testa calva, por uma pedra.” Ele não estava enganado.

Depois dele, nenhum profeta. Em suas cem tragédias (em que ele é tão antigo e muito do mais velho de Homero), ele havia feito a Bíblia grega, por assim dizer, seu Antigo Testamento. Todo o mundo helênico, mesmo em suas colônias distantes, enquanto representou, jogou nos festivais por um dever religioso.

Só ele pôde ver, ao longo do grande século das artes e dos sofistas, a maneira descarada de Péricles aos trinta Tiranos. Desde as *Eumênides*, ele fala sobre isso (Cuidado, não faça mestres!). No *Prometeu*, levantando-se, abraçando o céu e a terra, ele marca o caminho tirânico de “jovens deuses”, a orgia dos deuses-tiranos, que, por apoteose ou encarnação, nos darão os tiranos-deuses.

Atenas foi ferida e desviou o olhar. Ela virou-se para Sófocles. Os belos e gentis espíritos da harmonia que violaram esse século, tiveram o cuidado de não imitar o importuno, o cruel Ésquilo. Sófocles e Fídias, longe de acusarem a enfermidade dos deuses, sua triste discordância, fazem com que se tornem, em mármore ou drama, se não a vida poderosa, pelo menos a dignidade Elisiana das grandes sombras. Sófocles, com delicadeza, respeito, casa-os e os justifica. Por um endereço feliz, a desordem do mundo é evitada, velada. A formidável esfinge que Ésquilo se atreveu a mostrar, estejais certo, não se verá novamente. Sófocles e seu filho, Platão, que virá em pouco tempo, desviam a vista. Ele ainda é esse monstro? Quem o veria? Uma madeira de louro sagrado cresceu por toda parte tão espessa, com tantas árvores, folhas e flores!

A esgrima dos sofistas, seus divertidos duelos competem com o teatro. Nos pórticos, nos ginásios, circulamos ao redor deles. Essas pessoas, sorridentes e curiosas, mais do que qualquer jogo de atleta, estimam a ironia socrática. Ele é orgulhoso, delicado e sutil. Quem se atreveria a ocupá-lo com as grosseiras novidades que vêm da Trácia ou da Frígia, desses pequenos mistérios de mulheres que fazem entre si à noite, da orgia triste, onde, pelo prazer de chorar, lamenta-se a morte de um Zagreus que nunca foi, ou a morte de Adônis deitado em uma cama de alface, ou a ferida de Átis que não é nem homem nem mulher. Dificilmente você se digna a falar. Na medida em que mais facilmente ganha embaixo, infiltra-se o obscuro transbordamento de todas as loucuras da Ásia.

Perguntamo-nos como é que a Ásia, que age tão pouco sobre a Grécia por seu gênio mais puro, a Pérsia, atua pelo mais baixo, a vertigem sem sentido da Frígia, pelos charlatões de Cibele, pelo gênio obscuro e impuro da Síria. Ela tinha caído tanto enfraquecida? Ela, por sua decadência, merecia essa vergonha? Foi dito, mas erradamente. A Grécia não teve um ponto de decadência. Ela morreu jovem, como Aquiles. Sua força e fecundidade eram as mesmas. Platão tinha passado Sófocles. Mas o gênio da ciência abriu-lhe

um caminho não menos grandioso e firme. Hipócrates e Aristóteles, estes observadores admiráveis, começaram uma Grécia de um gênio varonil e viril, melhor equipado com método, luz e procedimentos mais seguros, que se estendiam por mais de dois mil anos, e marchavam em direção à era de Newton e da Galileia.

As guerras internas da Grécia não a teriam destruído. Ela teria encontrado em si mesma renovações poderosas. A luta das facções não a teria destruído. Foi uma parte de sua vida, o estímulo da competição que estimulou o esforço, levou a energia ao máximo.

A escravidão, o que quer que se tenha dito, não a destruiu. O grego não foi suavizado e reservou para si as obras da força. Nunca houve um povo mais generoso com os escravos. Eles iam aos teatros e até foram admitidos nos Mistérios. Seu destino foi muito doce. Daí o fato de que o escravo Diógenes não queria ser emancipado. Um provérbio de Atenas diz como a condição era móvel: “O escravo de hoje é amanhã o habitante, logo o cidadão”.

Os costumes alterados, corrompidos, foram a ruína da Grécia? De modo algum. A impura Vênus da Fenícia, que floresceu em Chipre, Citera e Corinto, na verdade ocupava pouco espaço na vida grega. O mais simples bom senso e a fisiologia mais elementar mostram que aquele que constantemente gasta muita força em todos os tipos de atividades, não se importa muito com seus vícios. Se me garantissem que um artista produzia vinte horas por dia, eu teria certeza de seus hábitos.

Os gregos eram falantes, sorridentes, muitas vezes cínicos. Longe de esconder qualquer coisa, eles trouxeram misérias e vergonhas que quase nunca existiram. Os costumes gregos de que falamos tanto, dos quais eles se enganaram ao brincar, estão em um único distrito de uma cidade tão cristã que pode ser nomeada, mais do que em todo o mundo grego.

O pouco que era real ali chegou muito tarde. No primeiro arrebatamento da arte, quando Fídias percebeu e provou “que a forma humana é divina”, o sublime da descoberta elevou a alma a uma grande altura. Notai a beleza extrema, a harmonia perfeita, que surpreende e espanta mais do que dá amor. A vida ginástica é casta e sóbria. Ela não é de modo algum adequada para fazer falsas mulheres (como gostávamos delas na Ásia), pelo contrário, o nervo duro e o músculo de pedra, machos imponentes e poderosos.

A mulher foi homenageada na Grécia. Ela sempre manteve seu papel no sacerdócio e não foi de forma alguma excluída (como na Judeia e em tantos outros povos). Um cidadão orgulhoso e exigente, muito mais do que o homem, em todas as honras solenes, ela reinava na casa, muitas vezes influenciava o Estado (os Cômicos mostram isso muito bem, e o caso de Lesbos em Tucídides). Ela tinha seus Mistérios em si mesma e suas ligações muito fortes, como uma república feminina. Essas piadas de Aristófanes são muito sérias. Ali houve a ferida pública. Ela nunca poderia seguir o homem e permaneceu sombriamente afastada.

Será que a Grécia, em sua corrida olímpica, na carruagem quente, na roda que pega fogo, treina essa suave companheira? Uma vida tão tensa! Fora de todo equilíbrio, tantos trabalhos e batalhas! A mulher está deslumbrada, assustada e não vê mais o homem. E o que é isso? Um fogo do céu!... Ela teme o destino de Sêmele.

Adicione nessa luz muito brilhante a hilaridade estranha que vem de todo o excesso de força. É ardor, é juventude, o orgulho triunfante da vida. A mulher está magoada, humilhada. Ela abaixa os olhos. Ela se refugia na noite. Ela não deveria ter sido deixada lá. Mais do que qualquer outra, ela poderia ter associado. Reconhecidamente, essa irmã de Alceste e Antígona, com tal coração, admirável pela devoção da Natureza, merecia ter aberto seu nobre espírito à alta vida da Lei. Ela teria retornado muito. E a própria Grécia, com todo o gênio, não poderia adivinhar isso que a cultura, a ternura, a assiduidade da esposa, o aprofundamento do amor, teriam acrescentado uma delicadeza heroica.

A mulher foi rejeitada aos deuses chorosos do Oriente, o Baco-Átis-Adônis. Nos festivais da primavera, crianças atordoadas, em uma orgia zombeteira, cantavam a bela negligência de que Baco, sozinho, enche a viuvez e o vazio.

Pode-se dizer que ela não deu passos em direção a uma vida mais elevada? Ó não. A memória imortal permanece daquilo que foi caluniado, mas que foi um herói, tanto quanto um poeta sublime. Alce nos lembra disso neste verso lindo e tocante:

Cabelo preto! Doce sorriso! Inocente Safo!

*Inocente!*<sup>80</sup> Este poeta, orgulhoso e forte, penetrante, diz lá uma bela verdade: *O gênio é uma inocência*. Mistério profundo de grandes artistas. Aconteça o que acontecer, eles mantêm um fundo de pureza. Este nasceu puro e muito doce. Platão coloca isso nos Sete Sábios. Nós a vemos perplexa, encantada ao saber que seu irmão comprou do Egito uma cortesã famosa demais. Tirania, a indigna: ela aventura sua vida para derrubar o tirano de Lesbos. Ela perde seu país, mas encontra seu gênio no exílio.

Ela mudou toda a música. Inventou a canção das lágrimas (mixolidiano). A lira, sob o dedo, permaneceu seca: ela inventou o arco que a faz suspirar e gemer completamente. Enfim (este é o grande golpe), as cadências uniformes que até então pareciam mortas para sua paixão. Ela encontrou o ritmo que disparou o pensamento e que se chamava sáfico. Em um recitativo de três para o arco se estende... Um pequeno verso relaxa... E a flecha está no coração.

Nada é mais raro do que encontrar um ritmo. Homero e Shakespeare não tinham isso. Daquele gênio ardente, bom, terno, surpreendentemente fértil, que inundou a Grécia com chamas e luz, quase não há palavras de ouro, palavras simples, tocadas com paixão. Quem diria que com tudo isso ela não encontrou o amor, o infortúnio? Que ela amou em vão? Que o mundo fugiu ante ela? Que ela só tinha como consolação a ternura de seus aprendizes comovidos, que enxugavam suas lágrimas e com os quais se denegriu a compassiva amizade?

As lágrimas, o desespero de Safo são a acusação da Grécia. O gênio grego, é preciso dizer, passou ao largo de dois mundos. Ele viveu no meio das coisas, negligenciando ambas as extremidades, os polos, as grandes perspectivas que se abrem de um lado ou do outro. Ele não aprofundou nem o Amor, nem a Morte.

Duas escolas, e duas grandes vias através das quais a alma estuda, penetra nela e no Todo, e nessa Alma amorosa que, por essas duas formas harmônicas, a Morte e o Amor, faz assim a beleza eterna.

A Grécia, na entrada dessas vias, virou-se, passou e sorriu. Seu Amor é apenas uma criança, um pássaro com asas pequenas. A morte, se não for heroica, não atrai mais atenção. Ela está adornada, leve e coroada como no banquete. A bela Proserpina desce ali, mas sem largar as flores.

É um arrependimento para nós. A Grécia, masculina e pura, muito lúcida, tinha apenas o direito, o poder de nos conduzir, como outro Teseu,

ao duplo labirinto onde nos perdemos tão facilmente. Os deuses afeminados da Ásia, mutilados, enervados, conduziram-nos muito mal, pelos caminhos do equívoco.

Um anfitrião muito novo, muito lamentável, entrou nesse mundo, a *Morte chorosa*, chata e desanimadora — exatamente o contrário da Morte harmônica, que saúda, que adota a ordem divina, ilumina-se dela (como nos *Pensamentos* de Marco Aurélio). A chorosa veio até nós, esse espectro feminino, que, em grandes esforços e resoluções viris, o impulso heroico perto de nós suspira e nos diz: “Para quê?”.

Ouçã-a, a pregadora ambígua, vaga e frouxa, nadando em uma corrente de devaneios, misturando-se com a dor, eu não sei o que se ama, as lágrimas doces e santas de luto? De prazer? Não se sabe.

Virgem de Atenas, minha orgulhosa Palas, tão pura! Qual foi seu desprezo profético quando nos atrevemos a oferecer-lhe o instrumento febril, a flauta tempestuosa e lúgubre dos cultos da Ásia?... Você jogou-o na fonte.

Hércules não fez menos. Um dia, quando entendeu a festa chorosa do nervoso, do deus-mulher Adônis, seu coração levantou-se. Ele amaldiçoou a vergonha futura.

Mas a suprema condenação desses deuses de duas faces é o pai do fogo, Prometeu. Ele nos ensinou outra forma de criação que toda a Ásia não conhecia: como (com ferro e aço, o esforço) a arte faz surgir essa filha imortal, a Razão, a Sabedoria — o éter do pensamento lúcido, o único inventivo e fecundo —, exatamente o contrário do torpor sonhador do miraculoso Oriente.

Mas o Oriente avança, invencível, fatal para os deuses da luz, pelo encanto do sonho, pela magia do claro-escuro.

Mais serenidade. A alma humana, essa curiosa Eva, mergulhando no desconhecido, irá desfrutar e gemer. Provavelmente encontrará estranhos aprofundamentos. Força e calma? Nunca. Ela terá alegria — violenta, muitas vezes insana, amarga e sombria. Ela terá lágrimas (que lágrimas!), o contraste dessas duas coisas, sua luta e sua impotência, e a melancolia que se segue.

## Notas

75 Em 558 a.C., o costume é introduzido para preparar estátuas aos vencedores do Olimpo. Observação importante de De Ronchaud em seu belo livro de *Phidias*, 49. É daí que a arte realmente assume sua expansão.

76 Compare o gênio brilhante do Renascimento. Jean Goujon, onde é sublime, em tal rio, em tal ninfa (*museu Cluny*), fez corpos fluidos de uma fantástica ondulação em que a vida foge e mergulha-nos no mais profundo sonho... Morte e vida, quem sois vós? Eu sei ainda menos porque continuo arruinado assistindo a isso. — Pelo contrário, o grego dá um sentimento tão presente, tão forte, tão ardente na vida! As mulheres sumidas, que do frontão do templo observam se a criança entregue ao Minotauro retorna e não o vê, são impressionantes e trágicas no mais alto grau.

77 Heródoto, que leu, como se sabe, sua história nos jogos Olímpicos de 452 a.C. (quatro anos após a morte de Ésquilo), fica tão impressionado com isso que, toda vez que encontra Osíris, o Baco egípcio, ele declara que está em silêncio e que ousa falar.

78 Esta é a opinião, muito racional, de Ottfried Müller.

79 Quinet e Louis Ménard disseram muito bem que o fatalismo grego foi infinitamente exagerado. É absurdo pensar que o povo que, entre todos, fizeram o uso mais forte da liberdade, não acreditava nela. O fatalismo muçulmano e o fatalismo da graça cristã esterilizaram a Idade Média. Se a Grécia era tão fértil, era porque acreditava na liberdade.

80 'Τοπλόκαμ' ἄγν& μιλιχόμειδε Σαπφώ. Ed. Wolf, 127.

Ela nasceu em Lesbos em 612 a.C., conspirou aos dezesseis anos e se retirou para a Sicília. Ela era uma senhora rica e casada. Ela teve um filho. Seu país expiou seu exílio colocando sua imagem na moeda como a do gênio da cidade. A Sicília levantou-lhe uma estátua. Foi chamada a décima Musa. Sua memória foi adorada. Um século ou dois depois, uma cantora de Lesbos (provavelmente de amor, de entusiasmo) tomou o nome de Safo. Foi o que fez o salto de Lêucade. (V. Visconti, etc.) Por volta de 1822, as medalhas distinguiram as duas Safos.

QUARTA PARTE  
O Egito

# I A MORTE

O maior monumento da morte que existe sobre o globo é por certo o Egito. Nenhum outro povo realizou na Terra um esforço tão perseverante para guardar a memória daqueles que já não existem, para perpetuar uma vida imortal de honrarias, recordações e culto. Toda a região na extensão do vale do Nilo é um grande livro mortuário, desenrolado indefinidamente como se fora um manuscrito antigo. Não há uma pedra que não seja escrita, historiada de figuras, de símbolos, de caracteres enigmáticos. Túmulos à direita, túmulos à esquerda. Templos que parecem túmulos. E nada mais imponente para nós do que essa extensa rua fúnebre.

Inteira outra é a impressão para o africano. O Nilo é a alegria da África, sua festa, seu sorriso. Esse grande rio da vida, que de desconhecidos montes traz em cada ano um tão fiel tributo, é o ídolo, o feitiço do mundo negro. Desde que de longe o vê, ele ri, canta, adora-o. Para esse mundo sequioso, a ideia fixa é a água. Qual é o voto, a oração, por que suspiram os homens desse grande deserto das areias da Líbia ou das abrasadas cadeias graníticas que se dirigem para o mar Vermelho e o deserto do Sinai? Uma gota de água. Uma qualquer exsudação sob uma palmeira chama-se enfaticamente oásis: correm para ele, abençoam-no. Qual não será o amor deles para com o grande oásis, o Egito? Vós pedíeis água. Pois eis aqui um mar, uma toalha imensa de água em que a terra desaparece, bebida, afogada, mergulhada. Para o Norte não passa de lodo. Ora, é justamente esse nateiro, esse delta ensopado de água que é o paraíso da África. Todos desejavam servir nele. Todos queriam gozá-lo, ao menos depois da morte. Por isso, para lá conduziam em barcas os corpos; lá se acumulavam os túmulos. E esse baixo Egito, de produção luxuriante, é o triunfo da vida, como que uma orgia da natureza.

Temos aqui, portanto, dois aspectos inteiramente opostos da região. A nossa Europa admira-a pelo aspecto mortuário; a África e o Sul pelo seu rio,

pela abundância de suas águas, por sua grande produção de gêneros alimentícios. Vislumbramo-la como uma imensa esfinge fêmea do comprimento do Nilo, uma colossal ama de leite que ao mundo branco mostra sua face bela, nobre e lúgubre, enquanto que, diante dos seios, das ancas fortes, o negro prostra-se de joelhos.

Isso, ao primeiro olhar. Ao segundo, a impressão não é menor. Em parte alguma o drama do ano, no solene acordo do céu e da terra, choca mais. O Nilo pontificalmente, em época fixa, desce e rola, espalha-se, refrigera e fecunda. Mal ele se retira, logo o homem, com regularidade igual, sem perder tempo, mede, reconstitui, lavra e semeia, realiza os trabalhos agrícolas, enquanto, do alto, o sol benfeitor todo-poderoso, com não menos exatidão, vivifica, anima e abençoa.

Grande soma de trabalho! Maior ainda, porém, foi o esforço construtor, o combate contra a morte, a perseverança admirável em guardar, apesar dela, tudo quanto foi possível de vida. Ali patenteia-se a família no que tem de mais tocante. Exemplo único, esse de um povo inteiro que, durante milhares de anos, cuida apenas de assegurar aos seus a segunda vida do sepulcro. Não se pode pensar, sem nos comovermos, nas privações pelas quais os mais pobres comprovam tal cuidado. Cada túmulo é para dois, para o esposo e para a esposa; e é esse seu fim comum. E era à custa de um mortal trabalho para ele e de uma mortal economia para ela que ganhavam, arrecadavam, em lugar oculto, o pequenino tesouro necessário para que pudessem ser embalsamados juntos e dormir juntos sobre a pedra... para juntos ressuscitarem.

O contraste é muito belo. O Egito é admirável para a morte e para a vida. Uma e outra contribuem igualmente para essa grandeza. É uma região de natureza harmônica e, ingenuamente, um sistema. Em volta, nada de comparável. A grande Cartago, por exemplo, o império monstro, disperso em fragmentos, nada oferece de parecido. Menos o oferece ainda a Síria, que tem, como o Egito, duas faces, mas de forma alguma harmônicas.

Inteiramente, ao contrário, o Egito, em suas instituições e nas diversas feições de sua arte, assim como na natureza, foi uno, alicerçado de maneira sólida na natural doçura pelo seu profundo espírito de paz, e também pelo tempo, pela sua enorme duração, participava da majestade do túmulo. Todos

vinham honrar nele a grande majestade da morte. Todos, inclusive a própria Grécia, iam ali aprender, interrogar os sacerdotes egípcios. Seus enigmas, seu simbolismo, suas purificações, suas grandes festas, seus julgamentos contínuos dos mortos, as constantes lamentações das *carpideiras* (e *carpidores*, porque os homens também *carpiam* nos funerais), tudo isso se impunha, sensibilizava. Contra a vontade, talvez, imitavam — não o todo, mas um ou outro detalhe, e as mais das vezes de modo imperfeito. A Fenícia, de temperamento oposto, a Judeia, que odiava os egípcios, não deixaram de se apropriar de muitas das suas criações, como os cristãos fizeram, depois dos judeus. Maldizendo o Egito, seguiam-no e seguem-no ainda. Pelas ideias, pelos ritos, pelas festas e pelo calendário, pelo dogma funerário e pelo grande dogma da morte de Deus, eles vão, como outros muitos povos, atrás de sua barca sepulcral e em seu sulco eterno.

Champollion disse muito bem: “O Egito é todo África e nada Ásia”.

Todavia os monumentos oficiais, na sua monótona gravidade, não o dizem; e o Panteão sacerdotal nas suas tenebrosas doutrinas também não afirma mais de forma clara. Mas a religião popular revela-o à evidência. Ela é inteiramente africana, sem mistério, em plena luz, toda de amor, de bondade amorosa, de bondade sensual. Que fazer? A natureza é a mãe de todos nós, tão venerável quanto tocante. Faça ela o que fizer, votemos-lhe sempre amor e respeito.

Esse pobre povo — na sua vida de trabalho, num clima monótono, num solo de cultura sempre igual, com o opressor enigma de seu dogma, com sua escrita incompreensível — teria sucumbido cem vezes sem o gênio bom da África, a fêmea, mãe terna e esposa fiel, a sua Ísis. A ela deve a vida.

Se a bondade existe sobre a terra, é nessas raças. Os seus tipos, afastados do pesado perfil do negro e não menos diferentes do seco árabe ou do judeu, são de uma doçura extrema. A família é muito terna e até o próprio estrangeiro acolhe bem, com simpatia. O Egito conheceu poucos sacrifícios humanos. Cada ano, é certo, lançavam uma menina ao rio, mas num cesto de vime. Nem harém nem eunucos; nem amor excêntrico nem mutilações de crianças (como na Etiópia, na Síria e por toda parte). A monogamia geral é livre, voluntária (podiam ter várias mulheres). A esposa tinha grande ascendente e mantinha-o. No alto Nilo, ela tem o singular privilégio de não

envelhecer. Conserva as belas formas que se admiram nos monumentos, esse seio farto, mas ereto e elástico.<sup>81</sup> Ele indica (como nas pinturas sagradas) uma virgindade eterna, alçando imutavelmente a taça da imortalidade.

Os reis da Ásia, que muitas vezes tinham (ver o Xerxes de Heródoto) um sentimento profundo da natureza, preferiam a egípcia a todas as mulheres, pedindo-a para esposa aos faraós. Preferiam-na à servil asiática ou a esse altivo semi-homem a que na Europa se chama mulher. Consideravam-na ardente, ousada e, todavia, dócil, principalmente a mais rica em bondade, aquela, enfim, que mais preciosa se tornava pelo amor e pela obediência.

No Egito, a mulher reinava: podia ascender ao trono e era em sua casa uma verdadeira rainha. Era ela quem tratava de todos os negócios. O homem, reconhecendo seu gênio, não abandonava o trabalho, lavrava e tecia (Heródoto). Diodoro chega até a afirmar que o marido jurava obedecer à mulher. Sem seu escrupuloso governo eles não poderiam nunca atingir esse ideal tão difícil para os pobres, o embalsamamento comum, a união do eterno repouso.

O Egito delirava com sua Ísis, e só a ela via; não só a adorava como mulher, alegria, felicidade e bondade, mas tudo o que para ele havia de bom se resumia em Ísis. A desejada água, o rio, a boa fêmea líquida (o Nilo era feminino) não se distinguiam de Ísis e igualmente a terra fecunda que dá a água, o próprio Egito. A boa vaca alimentadora era amada da deusa, a tal ponto que ela ostentava cornos como adorno. Corno ou crescente solar? Ísis era a branca lua, que surge à noite depois do sol causticante, que concede ao lavrador o repouso e a mulher amada; a lua, companheira doce, que regula os serviços, que proporciona o trabalho ao homem, o amor à mulher, marcando-lhe a época, a crise sagrada.

Essa rainha da alma, o gênio bom da África, sem mistério, imperava como mulher, ingenuamente adornada com os belos seios, com todos os atributos da fecundação. Em seu cetro brilhava o lótus, o pistilo da flor do amor. Na sua cabeça, à guisa de diadema, ostentava a ave ávida, o abutre, que jamais diz: “Basta!”. O abutre, símbolo da morte, mediadora severa que impõe o amor, a maternal renovação.

A insígnia da vaca-mãe que, no seu estranho penteado, levanta-se por cima do abutre, diz claramente o que o amor quer: *refazer incessantemente a vida*. A abençoada fecundidade, a infinita bondade materna, eis o que faz a

inocência desses frenéticos e ardentes desejos da África. Em breve, o amor e o luto, a eternidade da saudade, os santificarão.

A mãe universal (Ísis-Átor, ou a Noite) concebeu antes de todos os tempos uma filha e um filho, Ísis-Osíris, que, sendo dois, não era senão um. Tanto se amavam já no seio da mãe que Ísis ficou grávida: mesmo antes de nascer, ela já era mãe. Teve um filho que se chamava Hórus, que era tal qual seu pai, outro Osíris de bondade, de beleza, de luz. Portanto, eles nasceram três, mãe, pai e filho, da mesma idade, do mesmo coração.

Que alegria! Ei-los sobre o altar, a mulher, o homem e a criança. Notai que são pessoas, seres vivos. Não são a trindade fantástica da qual a Índia faz o hífen discordante de três religiões antigas; não a trindade escolástica em que Bizâncio fundiu sutilmente sua metafísica; é a vida e nada mais... Do jato ardente da natureza, sai a tripla unidade humana.

Nenhum mito teve uma tal força de positivo, de verdade. A mãe não é uma virgem (como a de Buda, de Gêngis, de tantos outros); é bem uma mulher, uma verdadeira mulher, cheia de amor, com o seio repleto de leite. Osíris é um verdadeiro marido, do qual não se pode troçar, marido real e ativo, de geração assídua, tão apaixonado por sua Ísis que esse amor superabundante fecunda a natureza toda. E o filho é um verdadeiro filho, de tal modo parecido com o pai, que testemunha a união dos esposos e é a glória viva do amor e do casamento.

E, como toda essa força é real, isenta de artifício, de equívoco, o resultado é também positivo: o Osíris humano conforma-se religiosamente com o do alto, amando sua Ísis e o Egito, fecundando a mulher e a terra, criando incessantemente pelo trabalho os frutos e as artes.

Esses deuses não têm a impossibilidade, a obscuridade, o terror de certas religiões da Ásia: são veneráveis e tocantes, não metem medo. O Shiva indiano, se não tivesse os olhos fechados, poderia queimar com o fogo do olhar devorador.

Ali é a própria natureza humana que está sobre o altar, no seu doce aspecto de família, abençoando a criação com um ar maternal. O grande deus é uma mãe. Como fico sossegado! Receava que o mundo negro, dominado pelo animal feroz, apavorado na infância pelas terríficas imagens do leão e do crocodilo, nunca criasse senão monstros. Mas ei-lo enternecido, humanizado. A África amorosa por seu desejo profundo

suscitou a forma mais tocante das religiões da terra... Qual? A realidade viva, uma boa e fecunda mulher.

A alegria desabrocha, imensa e popular, muito ingênua, uma alegria da África sequiosa. E a água é um dilúvio, um prodigioso mar de água doce que vem não sei de onde, mas que enche essa terra, banha-a de felicidade, infiltrando-se, insinuando-se nas menores veias, de forma que nem um grão de areia possa queixar-se de secura. Os pequeninos canais vazios sorriem à medida que a água gorgolejante os visita e os refrigera. A planta ri com toda a alma quando essa onda salutar molha o cabelo de sua raiz, banha-lhe o pé, sobe à folha, inclina a haste que verga, gemendo docemente. Espetáculo encantador, cadeia imensa de paixão e de pura volúpia! E tudo isso é a grande Ísis, inundada pelo bem-amado.

Mas nada é eterno. Como não o reconhecer? Tudo morre. A par da vida, o Nilo exaure-se, seca. O sol, num tal momento, enfraquece. Ei-lo abatido, pálido, uma vez perdido seus raios. O vivo sol de bondade que semeou no seio de Ísis seu fruto, tudo o que era salutar, tudo pôde criar de si, menos o tempo, exceto a eternidade. Uma manhã, desaparece... Foi imolado por seu cruel irmão Tífon, que com o ferro o feriu, desmembrou-o, dispersou-o. A honra do homem, o orgulho e a força foram duramente cortados. Onde estão esses pobres restos? Em toda parte, sobre a terra, nas ondas. O mar caminhante levou-os até a Fenícia.

Aqui, saímos da fábula: é a realidade viva, a recordação pungentíssima que se fariam (e se fazem) para preparar os mercados de falsas mulheres, os jovens eunucos que se vendiam para os haréns do Oriente. O centro dessa venda foi por muito tempo a Fenícia.

Ísis, arrancando os cabelos, vai à procura do seu Osíris. Essa dor africana, a mais ingênua, abandonada, despida de orgulho, confia a toda a natureza o tormento cruel da viúva, sua saudade, seu desejo acerbo, a desoladora impossibilidade que sente de viver sem ele. Ela encontra finalmente seus membros que as ondas haviam levado. Para torná-los a ver vai até a Síria, a Biblos, para que lhe restituam o que resta desses despojos. Falta um só. Desespero profundo! “Ah, este, é a vida! Poder sagrado do amor, se tu faltas, o que será do mundo?... Onde encontrar-vos agora?” E implora ao Nilo e

ao Egito; o Egito, porém, não se apressa em dar-lhe o que seria para ela o penhor de uma eterna fecundidade.

Entretanto, uma dor tamanha merecia bem um milagre. Nesse violento combate da ternura contra a morte, Osíris, embora desmembrado como está e tão cruelmente mutilado, ressuscita e volta para ela por uma vontade poderosa. E tão grande é o amor do morto que a força do coração ainda lhe desperta um último desejo. Ele não regressou do túmulo senão para, mais uma vez, torná-la mãe. Oh! Com que avidez ela recebeu esse beijo... Ah! Ele não foi mais do que um adeus. E o seio ardente de Ísis não aquecerá esse germe gelado. Não importa, porém. O fruto que dele nasce, triste e pálido, não exprime menos a suprema vitória do amor que, fecundo antes da vida, o é ainda depois da morte.

Os comentários que se têm feito acerca dessa lenda tão simples dão-lhe um sentido profundo do simbolismo astronômico. E com certeza cedo se compreendeu a coincidência do destino do homem com o curso do ano, o desfalecimento do sol etc. etc. Tudo isso, porém, é secundário, uma vez que foi observado, acrescentado mais tarde. A origem primitiva muito humana é a ferida, real e positiva, da pobre viúva do Egito e suas inconsoláveis amarguras.

Por outro lado, que a cor africana e material não iluda. Nisso há alguma coisa bem diferente do que a saudade dos prazeres físicos e do desejo insatisfeito. É fora de dúvida que a natureza teria com que satisfazer esse sofrimento. Mas Ísis não quer um homem, ela quer aquele que ama, *o seu e não outro*, o mesmo e sempre o mesmo. Esse sentimento inteiramente excludente e *todo individual* é bem sensível nos infinitos cuidados empregados para que nos despojos fúnebres nem um só átomo falte, para que a morte nada altere e possa um dia restituir em sua integridade esse objeto único do amor.

Nessa lenda tão terna, tão boa e tão ingênua, há um surpreendente sabor de imortalidade que jamais foi ultrapassado. Tende esperança, ó corações aflitos, tristes viúvas, pequeninos órfãos. Vós chorais, mas Ísis chora e não se desespera nunca. Osíris, morto, nem por isso vive menos. Ele está ali, pois que renasce em seu inocente Ápis. E está também lá, no outro mundo, como pastor de almas, como guarda indulgente do mundo das sombras: o vosso morto está perto dele. Não receeis, ela está lá realmente e um dia virá para reclamar seu corpo. Envolvamo-lo, com todo o cuidado, esse precioso

despojo. Embalsamemo-lo com perfumes, com orações, com lágrimas ardentes; conservemo-lo bem perto de nós. O dia mais belo de todos será aquele em que o Pai das almas, saído do reino das sombras, vos entregar a alma querida para reintegrar no seu corpo e vos disser: “Ei-la, eu vo-la guardei”.

Até aqui tudo é natureza, à qual uma bela tradição popular junta um acúmulo inacreditável de bondade. Dizia-se que Ísis, nessa jornada lúgubre em que ia descobrindo os membros do esposo, encontrou no chão uma coisa negra, sangrenta, informe, um pequenino monstro recém-nascido. Pela cor, reconheceu um rebento do negro Tífon, do feroz assassino, seu inimigo, seu carrasco. A criança era Anúbis, essa figura de coveiro com cabeça de cão ou de chacal que se vê sobre os monumentos. Mas a deusa adorável, diante da criatura fraca, que chorava e gania, só sentiu piedade. A bondade venceu o ódio e a dor; levantou-o do chão e tomou-o nos braços. Podia fazê-lo alimentar e criar por uma outra. Ísis, porém, é a ternura, a própria misericórdia, e como tudo que faz é completo, estreitou o odioso recém-nato contra o seio, contra esse coração tão profundamente ferido, sorriu-lhe chorando e magnanimamente acabou por lhe dar o seu leite. Espetáculo verdadeiramente divino! Que toda a terra o venha contemplar!... A viúva do assassinado alimenta o filho do assassino! Nutrido do leite de bondade, banhado das lágrimas do amor, o monstro torna-se um deus.

É o que a inteligência do homem em todos os tempos encontrou de mais terno. Não vejo nos mitos indianos ou cristãos nada que se lhe possa comparar. O do Egito inocenta a raça que a Idade Média considerou condenada, diabólica, afirma que o crime não é transmissível; que o filho do criminoso (manchado ainda do crime do pai) não é por isso menos digno da compaixão celeste; que a Bondade divina o deixará levantar-se, subir, subir até Deus.

O resultado é belo. Essa criança negra, esse filho do crime, que pelo seu nascimento pertence à morte e pela ama que o criou, à vida, torna-se o gênio da transição, o gênio bom, intérprete dos dois mundos. Ele compreende tudo, sabe todo o mistério, cria toda a arte. É ele quem fixa a

memória em que serão guardadas, consagradas, as nossas gerações passageiras; formula, calcula o ano; inventa a escrita, que, em determinado ano, em determinado mês, fixará a recordação. Sua arte dá ao nosso despojo fúnebre a fixidez que nos permite esperar nas nossas faixas o dia da ressurreição. Porém, a função suprema de Anúbis, seu mais elevado serviço, é o de recolher, tranquilizar, conduzir a pobre alma quando ela parte deste mundo. “Entra, triste ave transviada, num país tão novo, tão estranho!... Dormirá? Estará acordada?” Isso encontra-se perfeitamente expresso no magnífico exemplar do *Livro dos Mortos* (sob um dos tubos de ventilação do Louvre). A alma, interessante moço, não sabe o que deverá fazer. Ela, porém, encontra-se em boas mãos. O querido Anúbis fala-lhe ao coração e fortifica-o. “Que temes? Eu respondo por ti... Não tenhas medo do Julgamento... Se eu, o negro filho de Tífon, passei, tu, inocente, cândida no teu vestido branco, não tens razão para te alarmar. Vem, o bom Osíris espera-te.”

Enquanto escrevia essas coisas, percorri as estampas da grande Descrição, as de Champollion, de Rosellini e de Lepsius. Com o coração cheio desses mitos sublimes, eu procurava com curiosidade imagens da realidade. Uma estampa deteve-me, fez-me pensar:<sup>82</sup> é aquela em que o rendeiro, à frente do seu gado, vem prestar contas a um escriba, que toma nota do número, registra o rebanho, se cresceu ou diminuiu. O bom homem, ao que parece, moço ainda, imberbe como todo egípcio, cruza os braços sobre o peito na atitude de um respeito religioso. Esse escriba, de nenhuma forma imponente, é o homem do rei e dos sacerdotes. Sabe-se, pela bela história de José, que toda a terra do Egito pertencia ao rei, excetuando um terço, que, segundo Diodoro (1, 40), era dos sacerdotes. A propriedade no Egito não passou nunca de arrendamento. Dos faraós aos ptolomeus, aos sultões, aos beis, o soberano fazia cultivar por quem quisesse, tendo o privilégio de fazer pagar a cada geração, de obrigar o filho a tornar a comprar o arrendamento que fora do próprio pai. Sabem-se os resultados de tal sistema, que produziu a miséria constante do país mais rico do mundo. A família, quando o chefe morria, não sabia qual seria sua sorte. No momento em que os embalsamadores entravam, com o escalpelo na mão, o filho e a mãe fugiam chorando, abandonando o corpo do morto e a casa. No dia seguinte, tinha lugar outra execução. O escriba (quer do rei, quer do sacerdote) chegava por sua vez, de

pena na mão, tomava nota do número dos animais e resolvia se a família, caso tivesse aumentado o rebanho, merecia continuar no gozo da propriedade. É, creio eu, uma cena desse gênero que a estampa em questão representa. Aos pés do escriba vê-se prosternada uma figura, em atitude tão baixa e humilde que parece suplicar. É a mulher? A mãe do rendeiro?

A pobre família sofria simultaneamente dois julgamentos. Seriam os vivos julgados dignos de conservar a posse da herdade? Seria o morto julgado digno de entrar na sagrada sepultura? Só o sacerdote podia resolver.

Enorme privilégio era esse que mantinha essa gente, tão apegada e sensível às afeições da família, num ilimitado terror.

Quase sem interrupção eram obrigados a trabalhos forçados, a tarefas esmagadoras. Tudo se fazia à força de homens. Para levantar um dos obeliscos de Tebas (Letrone, *Acad.*, XVII, 34), Ramsés empregou 120 mil homens. Para atacar, picar o basalto, o granito, o pórfiro com as ferramentas grosseiras de que dispunham, quantos homens e quantos séculos não seriam precisos? Havia-os, que começavam a trabalhar ainda moços, apenas casados, consumiam na obra toda a vida e só regressavam para casa quando curvados pela idade. Oh! Quantas vidas humanas, quantas amarguras, quantas lágrimas custaram essas pirâmides, essas verdadeiras montanhas de dor, essas necrópoles enormes das planícies do litoral líbio! E quantos desesperos na perfuração subterrânea das cordilheiras da costa arábica, nessas rochas duras que um trabalho imenso transformava em colmeias funerárias. Para cavar essas habitações dos mortos, milhares de vivos viveram trabalhando à luz escassa de uma lâmpada, debaixo da terra, a bem dizer sepultados também, não vendo por cima deles senão as abóbadas sombrias do sepulcro.

“Só os sacerdotes conheciam os caracteres sagrados” (Diodoro), ignorando-os o povo, essas multidões numerosas que no entanto gastavam a vida a gravá-los no granito. Conhece-se toda a complicação das três escritas egípcias: aqui é o simbolismo; acolá, a taquigrafia; mais além, o alfabeto ordinário. Tal figura que vejo é um homem? Uma ideia? É uma palavra, uma letra? Enigmas fastidiosos que por certo a cabeça desse lavrante de pedra não poderia facilmente decifrar. E se acaso ele pudesse ler essa terrível escritura, se porventura pudesse penetrar-lhe o mistério, que teria podido encontrar sob a obscuridade? O próprio sentido obscuro da religião sacerdotal, as doutrinas absconsas da *emanação* pela qual os deuses, saídos uns dos outros, reentrando facilmente uns nos outros, misturam-se e se confundem

inteiramente como nos caminhos negros abertos nessas montanhas se embaraça e embrulha o labirinto funerário.

Nem os símbolos nem o pensamento foram inteligíveis ao povo. E eis aqui talvez o mais cruel: que o Egito se tenha durante dez mil anos (dez mil anos, diz Platão, *Leg.*, II, 3) consumido nesse trabalho enorme, sem ter tido, ao menos, a consolação de compreender!

A boa religião popular, tão tocante e tão clara, de Ísis, onde para? O que é feito dela? Ísis vê-se ainda junto aos reis, nesses monumentos, como conselheira ou protetora. Na realidade, porém, o espírito ativo e dominador em tudo é o deus sábio Toth (forma elevada, refinada, de Anúbis). Com ele, essa religião de bondade, nascida de um coração de mulher, muda e converte-se em sistema laborioso, sobrecarregado de dogmas, de ritos, de uma escolástica de sacerdotes.

Para o homem e para a mulher tão frequentemente separados, a morte é a única esperança. Ele, pobre trabalhador na fornalha atroz de um sol que ao meio-dia racha as pedras, suplica ao próprio sol que lhe dê por um golpe libertador o repouso eterno com Ela, junto d'Ela. Por sua vez, a mulher, cultivando a terra apenas com a ajuda do filho, não pensa em outra coisa; com seus jejuns, acumula o pequeno pecúlio da morte.

Ah! Se esse ideal lhe falhasse! Se esse desgraçado fosse julgado indigno do sepulcro! E ela condenada à eterna viuvez!... Pensamentos cruéis que lhe perturbavam o espírito e lhe estragavam a própria morte!

A alma, a melhor alma, não podia atingir um segundo nascimento senão através de uma série trabalhosa de transformações.<sup>83</sup> O que aconteceria, pois, à alma maldita, que fosse só e sem Deus, tentar essa viagem terrível? Caminharia, horrível e imunda, transformada em porca, animal execrado pelos egípcios e pelos judeus, tendo de combater os monstros fantásticos que lhe interceptariam o caminho. E, para cúmulo, sofreria as cruéis pancadas dos guardas malfazejos, demônios-macacos ou demônios-leopardos.<sup>84</sup>

Eis aí, portanto, já, os porcos de que fala o Evangelho, para os quais Jesus manda os demônios; eis aí a Idade Média, os elementos e o princípio dessas tradições de terror que tão cruelmente amesquinham e falsearam os espíritos. A agonia era medonha. Assim como nos negros séculos cristãos (10º, 11º etc.), o moribundo julgava ser arrebatado pelos demônios, clamava pelos santos e fazia-se cobrir de relíquias, o egípcio tem tanto medo que com um só protetor, Toth, Anúbis não se julga seguro. Teme por cada membro e,

para cada membro reclama a assistência de um deus especial; faz-se encomendar, não a quatro, mas a quinze ou a vinte. Um deus responde pelo nariz e conserva-o imutável. Outro garante os dentes, tais os olhos, tal o pescoço. O terror é tão excessivo que, tendo o braço protegido, faz proteger também o cotovelo; tendo a perna defendida, quer outro deus para salvar o joelho.<sup>85</sup>

Os espíritos não *aparecem* de dia para deixar os vivos trabalharem. À noite, porém, passeiam na terra, mesmo os maus espíritos. Em consequência disso, mil temores, mil visões. Nenhuma segurança no lar. Apenas a inocência dos animais, seu aspecto pacífico, tranquiliza um pouco. Daí, provavelmente (bem mais do que por outros motivos), a simpatia excessiva por esses bons companheiros. Daí a tocante extravagância, o culto de animais sagrados, doces amigos do homem que o guardam na vida e na morte.

Onde acaba o animal? Onde começa a planta? Quem o poderá dizer? As sensitivas (nota-o Ampère) aproximam-se nesse clima poderoso da animalidade. Elas têm seus medos, suas repugnâncias, como as mulheres delicadas, crentes na fatalidade, sem linguagem, sem meio de fugir e de escapar. Visivelmente, as palmeiras amam. No Egito sempre se protegeram seus amores, sempre a mão compadecida do egípcio aproxima o amante separado da amante.

A árvore geme e chora com uma voz interiormente humana. Por volta de 1840, os novos franceses da Argélia, ao cortar algumas, ficaram surpreendidos, quase aterrados. Um sábio ilustre que estava presente perturbou-se e comoveu-se como os outros. Qual não deveria ser a impressão que esses suspiros da árvore, esses magoados queixumes, produziriam no espírito do pobre camponês egípcio! Como ele poderia duvidar de que uma alma desgraçada como a sua existisse debaixo da casca? A árvore é rara no Egito, e por isso tanto mais amada e querida. Aquele que tinha a felicidade de ter uma junto à porta, ou vizinha, vivia com ela como se fosse uma pessoa: contava-lhe tudo, as mágoas e as dores, as apreensões e os terrores, as crueldades do escriba que o vigiava, o trabalho excessivo e sem consolação e, ah!, às vezes, até outras feridas mais cruéis feitas pela mão da bem-amada! Em resumo, *entregava-lhe* o coração, como em depósito, ocultava-o na árvore. A mimosa, que estremece e sente, recebia às vezes esse coração, ou então a *Persea laurus*, a árvore de Ísis, a árvore admirável (cuja folha é uma língua e o fruto semelhante a um coração. *Plut.*).

Qual seria, porém, a parte da árvore bastante discreta para receber esse delicado depósito? O tronco? Talvez, visto que, quando se corta, geme. Ou talvez o ramo, que entre ela e o tronco pode encerrar e ocultar, agasalhar de forma maternal? Ou então, muito simplesmente, a flor? Nas caixas de música, a flor pintada entreabre-se, deixa passar uma cabeça pequenina, uma linda alma de mulher. Se tal acácia fecha à noite a flor, é para guardar o coração do homem.

Profundo e grande segredo. Essa árvore egípcia não é, como a da Pérsia, a ativa árvore da vida: é uma árvore inquieta. Pode-se, para uma embarcação, para uma casa, cortá-la amanhã cruelmente. E, nesse caso, o que sucederá ao coração? Também só a uma única, à esposa única, amada, confiava-se esse mistério, pondo-se a sua vida entre suas mãos. Avalie-se, pois, o que para a mulher seria, depois da morte do homem, essa árvore! Quão sagrada e quão confidente, consultada, escutada pelas horas recolhidas e silenciosas ela seria. Passava a ser como um marido, um amante, um altar, um deus morto e vivo, perpetuamente molhado de lágrimas.

Tais coisas não acontecem senão no amor fiel, na monogamia, no casamento santo, grave e terno como o foi no Egito. A árvore não deixava de sensibilizar-se e de responder. Muitas vezes a mulher via, através de seus prantos, que ela também chorava. Choros à sua maneira, sem dúvida, choros vegetais (do pinheiro e de tantas outras árvores). Seria compaixão do amigo? Seria a alma do morto, prisioneira debaixo da casca, apertada, sofredora, que, para se revelar com sua pobre linguagem, chorava-lhe estas palavras: “Amo-a ainda”.

Essa crença tocante que deveria dar a volta ao mundo teve seu tipo primário, o mais puro, no Egito.

A barca sepulcral de Ísis em busca de seu Osíris chega à Síria, a Biblos. Um não sei o quê diz-lhe que pare ali, diz-lhe que ele está no palácio do rei. Para nele se fazer receber, ela, a rainha, humilha-se, faz-se escrava. Tudo observa, tudo vê. O suntuoso palácio, sustentado por colunas, tem uma (ó milagre!) que chora. A coluna é uma árvore, um pinheiro.<sup>86</sup> Ísis não duvida: é ele; adivinha sua metamorfose. Ele flutuou até a costa, até as praias da Síria, e, mergulhando na areia, fez-se pinheiro. Levado para o palácio, sempre que se recorda,<sup>87</sup> chora. Ísis arranca-o de lá, beija-o, inunda-o de lágrimas e presta-lhe as honras funerárias.

## Notas

81 Caillaud, II, 224. O mesmo autor fala da piedade encantadora de uma dessas etíopes que, vendo os nossos viajantes tão cansados, pergunta-lhes há quanto tempo tinham deixado o Nilo. “Há quatro meses.” — “Quatro meses!” exclama ela, fixando em nós seus belos olhos negros cheios de doçura e estendendo os braços para nós: “Ó meus amigos! Ó desgraçados irmãos!”. E deu-lhes tudo quanto tinha: tâmaras, água...

82 Rosellini, in-fólio, II, pl. 30.

83 Em uma inscrição, o chefe dos barqueiros, Ahmés, para dizer “Nasci”, diz: “Cumprí minhas transformações”. De Rougé, Académie des Inscriptions. *Des Savants*, 1853, t. III, 55.

84 Nas estampas de Champollion não se pode distinguir se são de uma espécie ou de outra.

85 Já Champollion mostrara-nos um desses rituais dos mortos no quarto volume da *Voyage de Caillaud*. Lepsius publicou um, integralmente, em 1842 (*in-quarto*), e De Rougé deu-nos outro (1864, *in-fólio*). Encontrei nele as coisas mais curiosas. A alma terá de combater animais fantásticos. É-lhe defeso trabalhar no Ker-neter e abandonar o inferno (o Amenti) durante o dia. Quando ela ressuscitar, receberá seu coração etc.

86 Em Tenerife, os pinheiros que sustentam as casas desde 1400 choram ainda.

87 Essa lenda da Árvore Viva, tão dolorosa e por vezes consoladora, para começar no alto Egito pela acácia-mimososa do deserto e continuar pela *persea laurus*, pelo pinheiro-de-alepo, pela romãzeira, a amendoeira da Frígia etc.

O único monumento literário que até hoje temos do Egito, antigo como escrita e mais antigo ainda como invenção, fala da acácia. É uma pequenina história individual que serve de moldura a essa ideia geral e popular.

Um rapaz muito honesto e muito trabalhador, Sátón, trabalha na casa de um irmão mais velho e faz prosperar os seus rebanhos. A mulher desse irmão, que é bela, prefere Sátón, porque é forte, e quer um dia, à hora ardente do repouso, guardá-lo consigo. Desprezada, acusa-o, e ele morreria se seu boi e sua vaca, que o amavam, não o prevenissem. Sátón jura inocência e afirma-a para sempre fazendo-se uma cruel mutilação. Muito desolado e só, retira-se para o deserto e *coloca seu coração em uma acácia*. Apiedados, os deuses fazem uma mulher muito mais bela, admirável, que ele ama a ponto de lhe confiar em que árvore pôs seu coração. A bela, adorada, mas ardente, que quer um amor eficaz, aborrece-se e deixa-se raptar. O Nilo leva-a ao faraó. O remorso acompanha-a. Ela julga acabar com ele por meio cruel: cortar a árvore de Sátón. Debalde, o pobre coração converte-se num touro soberbo, que geme e muge por ela. Matam-no. Duas gotas de seu sangue caem na terra, e delas nascem duas árvores, não a miserável acácia que cortaram, mas duas árvores sublimes, duas gigantescas pérseas. As pérseas falavam de amor e suspiravam. A rainha, espantada, fê-las serrar. Mas um pedaço escapa, salta na direção dela e ei-la grávida. Contra a vontade de Sátón, conquistou-a. Ele próprio regressa à figura humana e, glorificado, torna-se *Phra*, faraó, Sol. Senhor então da sua desumana, vingá-se contando-lhe apenas tudo que ela lhe fez sofrer. Ver a tradução e a notícia interessante que De Rougé deu desse manuscrito do século XV antes da nossa era. *Athenaeum français*, 1852, I, 281.

## II SÍRIA — FRÍGIA — ENERVAÇÃO

Na monotonia funerária do Egito, percebe-se que sua alma frustrada, estrangida durante cem séculos, foi sufocada na árvore da dor. Quando se sai do Egito para cair no mundo turvo que o cerca, o contraste é estranho. Um mar, uma tempestade de areia como no deserto líbio, como no deserto de Suez, parece voar diante dos nossos olhos. Entre os negros do alto Nilo, nos acampamentos árabes, no mundo dividido da Síria, até nesses grandes impérios da dissoluta Babilônia, da bárbara Cartago, sente-se no caos o espírito desorientado.

Os mitos, luminosos na Grécia, harmônicos no Egito, que mesmo em plena imaginação guardam uma atitude sábia, dir-se-ia turbilhonarem aqui como ao vento do deserto. Ainda não se disse o quanto esse sudoeste entre a África e a Ásia, onde tudo é fragmentado, cindido, inorgânico nos seus cultos bizarros, tem o aspecto de um verdadeiro sonho.<sup>88</sup>

Na espuma viva da água viscosa e piscosa que fermenta, ferve, no mar pululante, foi que a Síria encontrou seu deus. Como o Eufrates,<sup>89</sup> ela teve por ideal o Peixe e a Mulher-Peixe.

Se o infinito do amor inferior, da fecundação, revela-se algures, é com certeza no peixe, que encheria o mar e que em certas épocas o torna branco e o ilumina, como se fora dentro do mar outro mar de leite, gordo, espesso e fosforescente.

Eis a Vênus da Síria, é Derceto, é Astarteia ou Astaroth, macho e fêmea, o sonho da geração. Nos confins do deserto, o hebreu, com sua vida frugal, sonha um povo numeroso como a areia torvelinhante. O fenício, nas cidades ricas dos portos malcheirosos, sonha o infinito do peixe fresco, um povo de anfíbios que se mexe e extravasa de Sídon a Cartago, e até o oceano.

No interior das terras, para a amorosa siríaca, a gente arrullhante, lasciva, incontáveis pombas, povo sujo e encantador, foi a poesia. As furiosas carícias,

os amores (muito irregulares, digam o que disserem) foram o espetáculo e a lição. E seus ninhos consagrados, multiplicando sempre, puderam facilmente embranquecer o cipreste sombrio de Astarteia.

Os fenícios, para ter boa viagem, levavam em seus navios Astarteia (e a Vênus Euploea). Trabalhavam para ela. Seu maior comércio consistia em levar pombas (mulheres, donzelas ou rapazinhos lindos) para os haréns da Ásia. A sua piedade, manifestavam-na em levantar a Astarteia um altar em todas as feitorias que fundavam, um convento de rolinhas imundas que espoliavam os estrangeiros. Chipre e Citeca foram de tal modo manchadas por esse culto que todas as donzelas sofriam antes do casamento a desonra sagrada.

Elas consideravam-se felizes por ficarem quites por tal preço, porque essa Astaroth-Astarteia, a Vênus dos piratas, nem sempre se distinguia do outro deus dos fenícios, que eles chamavam o Rei (Moloc), que amava tanto as crianças que por toda parte as roubava. Esse Rei, deus do sangue, do fogo, da guerra e da morte, tinha um gosto execrável em apertar contra seu seio (de ferro candente) carnes vivas. Se o rapazinho não ardia, era mutilado. O ferro fazia dele uma mulher.

Esses Molocs, esses mercantes cruéis, senhores e cultores em toda parte, com seus navios carregados da pobre mercadoria humana, com as caravanas que a levavam em longos rebanhos, não sabiam que fazer das siríacas. Estas eram viúvas. De noite, sobre o alto terraço da casa ou da muralha em que se entrelaçam alguns pés de vinha, choravam, sonhavam, contavam suas dores, à luz, à equívoca Astarteia. Do Sul e do Mar Morto soprava o hálito sulfuroso das cidades que dormem.

E sonhavam: nunca houve tão poderosas sonhadoras. O milagre da partenogênese repete-se com aquela mulher cujo desejo sexual tinha uma força tamanha que, sem macho que a fecunde, reproduz-se na Síria em duas crianças que fez sozinha:

Um é o Messias-mulher, que libertou Babilônia, até então seiva de Nínive, a grande Semíramis, que nasceu peixe e foi transformada em pomba; esposa toda a terra e acaba por esposar o filho.

O outro é um deus de luto, o Senhor (Adonai ou Adônis), que nasceu do incesto e cujo culto, misturado de prantos de amor, participa ainda do incesto. A grande lenda síria, o incesto nas suas três formas, Semíramis, Ló e Mirra, tende para essa criação feminina de imensa importância; *Adônis*, morto,

*ressuscitado*. Culto sensual e carpidor, fatalíssimo, pelo qual o mundo desce o declive da enervação.<sup>90</sup>

Os enterros eram sempre atos das mais tristes loucuras (Levítico e Deuterônômio). Os *carpidores* e as *carpideiras*, representando a comédia do desespero, embriagando-se de vinho e gritos, deliciavam realmente, acabando por proceder como se eles próprios estivessem mortos, rasgando a carne, manchando-a com desprezo. Ló, que viu o mundo abismar-se nas chamas, que perdeu a cidade, que perdeu a mulher, julgou que acabara. Morreu, nada mais lhe importa. Por isso, podem enganá-lo o quanto queiram.

O Ló de Biblos é o luto. Gingras ou Címias, a harpa fúnebre, nesse mau sonho, é um rei, muito amado pela filha. Essa filha é Mirra (a mirra que se queima nos funerais). Harpa e Mirra, esses seres lúgubres, têm tantas afinidades que se misturam durante doze noites. Por fim, Gingras indigna-se. Ela, não: inconsolável de amor, chora e chorará sob a forma da árvore da mirra.

“Árvore punida, maldita?” De modo algum. A Síria faz dela o ser raro, perfumado, que encantará a morte. Uma dessas belas lágrimas cheirosas é Adônis, um rapazinho tão lindo!... E desde então para ela não há outro deus. Chama-o meu Senhor (Adonai), meu Baal (proprietário, esposo). Sonha que é sua Baaltir, sua Astarteia que deve possuí-lo, Astarteia dos dois sexos, Adônis mulher de Adônis. E, por loucura extrema, seu nome é Salambô, a planta doida, lúgubre e furiosa que se usa nos enterros.

Contudo, fazendo-o seu Baal, ela irritou cruelmente Baal-Moloc, o Rei, o ser do Fogo, rei da guerra e da morte (Mars-Mors). Esse demônio toma a forma da besta demoníaca. *Entra num porco* ou, para melhor dizer, num javali selvagem, que fere no próprio órgão sexual o belo rapazinho, mata-o, ou mata nele o amor.

Quem duvidará de tudo isso enquanto seu sangue ainda corre? Em Biblos, no instante (descrito no *Cântico dos cânticos*) em que acaba a estação das chuvas, em que o sangue febril corre na agitação de uma primavera da Síria, por singular coincidência, a torrente de Biblos também turva-se, faz-se vermelha. “É o sangue, o sangue de Adônis!”

Os choros são um socorro. Aquelas carpideiras eram insaciáveis. Tudo vibrava. Chorava-se em Biblos diante do mar, ao sopro quente da África, na embriaguez da primavera. Na Síria, pelo fim de setembro, quando a vinha

tinha chorado o ano (era o último mês), durante sete dias, até 1º de outubro, sobre a dorna fumegante, deliciavam-se, embriagavam-se com lágrimas. Em certos lugares, não podiam esperar o outono, e durante a colheita, sob o fogo do Sol Adônis, esses amantes insensatos, em sua vitória suprema, festejavam-no à força de choros.

Era uma fúria de enterros: davam-se à ilusão de que tinham perdido (tudo nelas se confundia) o amante e o filho. Faziam uma boneca figurando um rapaz muito feminino.<sup>91</sup> Com esse pobre fantoche realizavam, entre gritos despedaçadores, os ritos dos funerais. O corpo era lavado e, depois de aberto, embalsamado. Exposto sobre um catafalco, contemplavam-no demoradamente, sobretudo na ferida cruel, aberta em seu delicado flanco. Em círculo, prostradas na terra, desgrenhadas, soltavam litânias e suspiravam. Uma vez ou outra uma dizia, de modo sufocado: “Ah, meu doce Senhor, que é feito da tua Senhoria?!”. Ao cabo de sete longos dias, era forçoso acabar; era preciso separarem-se, enterrarem esse infeliz. O quê? Não mais vê-lo? Sua Baaltis, sua Astarteia, a apaixonada Salambô em vão o procuravam. Estaria ele morto? Tinha-se o cuidado de arranjar um pequeno milagre. Em vasos preparados, metiam essas plantas que o calor faz subitamente desabrochar e punham-nas no alto da casa, sobre os terraços sírios em que se dorme. Trata-se dos *jardins de Adônis*. Ao completar o sétimo dia iam ver... Desabrochara... A planta florira... De terraço para terraço, gritos de amor voavam: “Felicidade! Ele ressuscitou!”.

A Astarteia delirante recobrava o jovem amante, vivo, inteiro, não mutilado. Que o mundo sossegasse. Ele nada perdeu, e arvoravam o símbolo da fecundidade, como se fazia no Egito. Era grande, muito grande, porém, a diferença. Para Ísis, a esposa africana, era a exaltação da mútua felicidade e a adoração do esposo. Para Baaltis, a Síria, era a embriaguez louca, a ternura instintiva que no hóspede estrangeiro, no passageiro, no Homem, enfim, acolhia o amigo desconhecido. Adônis queria-o. Aquela que se guardava e que fechava sua porta devia, como penitência, cortar os cabelos e, durante muito tempo, assim raspada e feia, não ousar mostrar-se a ninguém.

Baaltis-Astarteia parecia fazer o contrário de Moloc. Esse terrível ciumento, para através do terror guardar suas feitorias, imolava os homens. Ela, pelo contrário, abria de par em par suas portas aos que passavam, dizendo: “Pobre estrangeiro!”. Moloc, o grande vendilhão, o grande

mutilador, por toda parte, para os haréns, fabricava Adônis. Pelo contrário, Astarteia adorava o rapazinho mutilado.

Oposição chocante, parece-lhes? De modo algum: o amor impuro é ainda a morte. Moloc, com seu humor, era menos perigoso que o abismo profundo de Astarteia. A piedade amorosa, a languidez e os choros, a contagiosa doçura das *Adônis* trouxeram ao mundo o grande acontecimento terrível e mortal: o *desaparecimento da força varonil*.

Vede esse progresso da fraqueza. No Egito, Osíris morre, é certo; mas não completamente, todavia: por morto que esteja, gera Harpocrate. Na Síria, o macho não passa de um adolescente fraco, que faz pouco mais do que morrer. Nada de paternidade. Nada de filhos de Adônis. Ele próprio é o filho. Sob outro nome, porém, ainda desce mais na Frígia.

A mulher síria, sob formas límpidas, é, no fundo, veemente e terrível; não é do tipo que se resigna com facilidade. É cheia de audácia e de iniciativa, quer para o mal, quer para o bem. As Jaes e as Déboras, Judites e Esteres, salvam o povo. Atália e Jezabel são rainhas. Sucede outro tanto à famosa pomba de Ascalon, a Semíramis, que voou da Síria ao Eufrates. A deusa-peixe, Derceto, grávida do deus Desejo, parirá em uma manhã a estranha criatura. Escrava e rainha, lasciva e guerreira, desembaraça-se de um marido que a adora, faz-se esposar por Nínus, o grande rei do Oriente, mata-o e apodera-se-lhe do trono. Igualmente destrona Nínive e faz construir, à sua imagem, a Babilônia das cem portas, de gigantescas muralhas, abismos monstruosos de prazer, que a todos acolhe no asilo de sua infame fraternidade.

Babel era já a torre, o observatório célebre dos magos Caldeus (Diodoro). Era o mercado para o qual todos os anos desciam, e descem ainda, do alto Eufrates os vinhos da Armênia, portadores da alegria e do prazer. A cidade era inteiramente aberta. A Ásia receava-se das muralhas, da escuridão das cidades (Heródoto). Os chefes das caravanas julgavam que, se entrassem em uma cidade fechada, seriam roubados, vendidos, mortos talvez. Quando a ruína de Nínive fez com que seu povo se refugiasse na Babilônia, esse povo industrial atraiu a todo custo os negociantes e tranquilizou-os. Seguiram à risca o conselho que Balaão (profeta do asno, ou Belfegor) dava no Gênesis, *de seduzir pela mulher...* As damas altivas da Babilônia, assentadas às portas,

convidavam o estrangeiro a entrar. Não era isso tranquilizador? Quem quer que fosse o passageiro, do Oriente ou do Ocidente, de qualquer raça, negociante, chefe de tribo, ismaelita selvagem, talvez um fugitivo, talvez um miserável escravo, a grande dama, pomposamente assentada em seu trono de ouro, recebia pequena moeda que ele lhe lançava sobre os joelhos. A Vênus de Babel impunha esse dever de humildade, de igualdade. Ele parecia comprá-la (todo casamento era uma compra) e, por assim dizer, desposá-la. E depois era ele quem mandava! Pura cerimônia simbólica? Mas que orgulho não era para ele esposar Babilônia, a grande rainha do Oriente, “a filha dos gigantes” com quem tanto sonhara no deserto! Sentia-se amado, adotado e babilônio, e isso para sempre. Era o laço que a cidade lhe armava e em que ele caía. Com aquela pequenina moeda, dada à bela dama sorridente, ele entregava em suas mãos o passado, a pátria, a família, os deuses paternos.

A tal ponto assim era que, em troca, ele próprio edificava, aumentava Babilônia, trabalhando com ardor nas muralhas dessa nova pátria, as quais, como que por encanto, subiram a duzentos pés de altura. Os magos, com um golpe de vista de gênio, tinham previsto isso traçando de antemão astronomicamente (no número dos dias do ano) uma cidade de 365 estádios de circunferência. O sol cozia os tijolos. O asfalto sobrava. Tudo foi edificado de repente, com uma verdadeira fúria de amor, *pelos amigos*,<sup>92</sup> amantes da rainha Semíramis (também chamada de Babilônia). As muralhas (verdadeira cadeia de montanhas por cima das quais passavam emparelhados quatro carros) dominaram num instante a região. Os reis vizinhos, furiosos, ameaçaram com uma invasão. Mas foram obrigados a desistir ao ver Babilônia já inatacável. E ela foi durante duzentos ou trezentos anos o asilo universal para as artes da Ásia, a arca que as guardou e as preservou dos dilúvios ameaçadores.

Extraordinário espetáculo esse de ver tantos povos tornados filhos dessa mãe estranha que, sob a vasta capa, acolhia e abrigava todos os homens, negros ou brancos, livres ou escravos! Os próprios escravos tinham ali suas festas, em que eram servidos pelos senhores. Os cativos encontravam-se tão bem que faziam fortuna (vejam-se os judeus). Nesse grande ajuntamento, todos se consideravam irmãos. As mulheres casavam-se umas às outras, as feias com o dinheiro das belas. Os doentes vinham confiadamente para a rua consultar a multidão amiga.

Babilônia, assalariando soldados mercenários do Norte, tornou-se conquistadora. Os magos, ou Nabu (Nabucodonosor), alteraram por um momento o mundo, trazendo para sobre o Eufrates povos inteiros, como Israel e Judá. No entanto, essa grandeza não era força. Massas heterogêneas só podiam aumentar a discordância de Babel, a confusão do espírito, de línguas, que ficou proverbial. Babel e Babilônia parecem nomes imaginados (como *bárbaro*, em grego) para indicar o tagarela, tartamudo, que mistura vários idiomas. Essas doentias misturas causavam vertigens. Exemplo: o grande Nabu, que se converteu em animal (Daniel). As mulheres, mais sóbrias e frias, que não há excesso que esgote, acharam-se cada vez mais os únicos varões. A própria Babilônia era mulher. As rainhas-magas, principalmente Nitócris, que reinaram com glória, em vão realizaram trabalhos consideráveis de defesa para deter e retardar o inimigo.

O persa, sem se preocupar com eles, entrou e julgou-se suserano. Mas foi ele que foi vencido. A velha cidade voluptuosa abraçou-o, enlaçou-o, fez-lhe um leito tão macio e doce que o invasor deixou-se adormecer sobre ele, enlouquecer, dissolver. O gênio mago, obscuro, profundo, e de nascença, por arte e por cálculo impuro, que tinha comido o fruto da árvore do Mal, perverteu completamente seus vencedores. As mães-rainhas adquiriram o amor e a audácia das Semíramis; e os reis, o orgulho (e também a decadência) dos Nabucodonosor. Os magos criaram dois ídolos: o ídolo *Rei*, guardado por essa comédia de terror que os monumentos testemunham (a águia-touro com cara de homem etc.) e o outro, o ídolo *Mãe*, a grande mãe, Mihr-Mylitta (Vênus-Amor), em que eles fundiram todos os deuses do Oriente e colocaram audazmente entre Ormazd, Ahriman, como *Mediador*, que dominou a própria Pérsia.

Verdadeiro vencedor da Ásia, Volúpia-Milita dominou no alto de Babel, no seu luxurioso colosso, lascivamente embalada sobre leões amorosos. Entre esses animais figurava o Rei dos reis, que ela mantinha enervado e dócil por um harém babilônico onde cada ano quinhentas criaturas moças, um rebanho de “crianças gordas” (Daniel), vinham desaguar.

Milita, no fundo de Babel, e sob as abóbadas baixas onde outrora se alimentavam os répteis sagrados, tinha seus jovens *abati*, galantes, rosados, pintados, falsos rapazes, falsas moças, de vozes afetadas de falsete, que se alugavam por dinheiro e, vítimas vergonhosas na sua imolação, *viam* o céu aberto e previam o futuro.

Essa religião imunda propaga-se. Milita ganha o Ocidente. Na Lídia, na Frígia, nos grandes mercados de escravos, nas fábricas de eunucos, ela é Anaitis-Átis, ela é a grande *Ma* de fartos seios, que a Grécia chamou Cibele. Nesse país desordenado (verdadeiro caos) da Frígia, onde tudo se mistura sem se compreender, Átis torna-se o pequeno varão, o Adônis nessa grosseira Cibele. Copia-se a *Paixão* de Adônis, a semana santa de Biblos. É sempre o *bambino* mutilado, perdido, encontrado, lamentado pelas mulheres. O cenário é ainda mais patético, bárbaro, grotesco e chocante. Passeia-se em triunfo, não um pequeno simulacro de madeira, mas uma carne sangrenta que ofereciam como a cabeça de Adônis ou sua obscena relíquia. Era o cúmulo do horror. Então a árvore de Átis (um pinheiro, como na Babilônia) aparecia, árvore encantada, gemendo e cheia de suspiros. A multidão desgrenhada rezava invocando-o. Finalmente, da árvore aberta saía um rapazinho; Átis ressuscitava, adorável, adorado, na sua graça equívoca, rapaz e moça ao mesmo tempo, sonho incerto do amor.

Esse drama de vertigem e de sonho rendeu muito. Os sacerdotes da Ásia Menor, como os príncipes eclesiásticos da Itália, triplicadamente comerciantes, exploravam ao mesmo tempo a piedade, o amor e a buena-dicha. Das Átis tiravam eles uma boa corretagem. Enriqueceram-se, tornaram-se reis e papas.

Estendendo seu sucesso, mandavam por toda parte das Átis ambulantes, mendigos, pedintes acompanhados de um jumento, adivinhos, traficantes velhacos de orações e de expiações, verdadeiros capuchinhos antigos. Semieunucos (e por esse fato, tranquilizadores), eles vendiam ao mesmo tempo o prazer e a penitência. Como nossos Flageladores, esses velhacos, impudicamente exibidos debaixo de chicote, enterneciam os corações sensíveis. Eles vertiam sangue e as mulheres deliravam, desmaiavam.

Eis os conquistadores do mundo. Com seus Sabas-Átis se afundará a Antiguidade.

## Notas

<sup>88</sup> Nas conscienciosas pinturas egípcias, surpreendentes de verdade, podem-se ver dez séculos antes de Jesus Cristo, o sírio, o assírio, o árabe ou judeu, o negro e o europeu (o grego, ao que parece). Verdadeiras obras-primas. O grego, que dir-se-ia de hoje, é o marinheiro das ilhas, de perfil duro e fino, de olhar transparente. Os negros parecem vivos. Na sua gesticulação excessiva e desmanchada, está bem marcado que não são estúpidos, mas sim cheios de vida, de sangue rico, de espírito agitado, arrebatados, semiloucos. É exatamente o contrário da segura beduína, do árabe magro que não é sem nobreza, da áspera aridez dos judeus. Estes, calhaus do Sinai, talhados com uma navalha afiada, estou certo de que viverão, perdurarão. Mas as figuras bastardas de Babel e da Fenícia não parecem viáveis. São criaturas efêmeras que duravam, como espécies, assim como os insetos pela renovação incessante das gerações — o homem do Eufrates é um peixe, o homem de Tiro, um batráquio, os de Babel, de frente fugidia e de cabeça para trás, pertencem ao mundo aquático e lembram seu deus (o Peixe Mago). No entanto, o homem não é de modo algum desagradável nem desgracioso de movimentos. Tem o aspecto abordável e fácil e parece dizer-nos: “Sede bem-vindos”. Compreende-se perfeitamente que povos e deuses tenham vindo dissolver-se na Babilônia, perder-se nesse amálgama — os outros, que eu creio fenícios, não estão, como os babilônios, vestidos com lindos vestuários. Estão como marinheiros, prontos a agir, os braços nus e o corpo coberto com vestes curtas que não estorvam os movimentos. O seu olhar é de gente acostumada a olhar sempre ao largo, por sobre a grande planície do mar. A figura, bela e grave, no entanto estranha, surpreende fortemente: não tem pescoço. Abortos estranhos sofreram por efeito de vícios precoces uma suspensão em seu desenvolvimento. Sua máscara é friamente cruel, o que os deve levar longe no horrendo comércio, nas razias de carne humana.

<sup>89</sup> Ver os monumentos em Rawlinson (1862), I, 167, em Botta, Austen Layard etc.

<sup>90</sup> Para bem compreendê-lo é necessário dizer algumas palavras acerca da mais recuada Antiguidade: na moral odienta das pequenas tribos, cada uma das quais se crê a eleita e o povo de Deus, o estrangeiro é impuro e abominável. Esposar uma estrangeira, trocar por ela sua parenta, é um crime e uma espécie de incesto. Na sua opinião, a única aliança pura é com o parente próximo. Assim, as filhas de Ló, tendo visto morrer sua tribo, dizem “Acabaram-se os homens”, porque teriam horror em desposar um estrangeiro. Porém, por outro lado, na opinião síria, a maior desonra era morrer virgem, sem filhos, como um fruto estéril. Elas dirigem-se ao único homem que ainda resta, seu pai, enganam-no e têm dele dois filhos: Moab e Amon. A tal respeito não aparece no Gênesis a menor censura. Pelo contrário, de Moab os judeus fazem vir Rute, a encantadora Moabita, de quem descendem seus reis Davi e Salomão — a história de Ló não difere da de Semíramis e das rainhas Anitas, Parisatis etc. Eles querem conservar a unidade da raça contra a confusão da vida do harém. Por isso, casam ou desejam casar seus filhos conforme o uso dos Magos caldeus. Essa estranha aliança, num país em que a mulher envelhece tão depressa, era de fato uma espécie de celibato. Talvez fosse simbólica, conservando à mãe o título de esposa (para repelir todo esposo estrangeiro) e fazendo-se substituir por sua escrava (como Sara no Gênesis). Assim, concentrava-se na família a tradição misteriosa das artes dos Magos, dos conhecimentos astronômicos, das fórmulas e receitas industriais e medicinais, de que eram extremamente ciosos. Dois historiadores antiquíssimos, Canon (citado por Fotins) e Xantus de Lídia (*Clem. Strom.* III, 185), falam desses casamentos, assim como Eurípedes, Catulo, Estrabão, Fílon, Sexto Empírico, Agátias, Orígenes, São Jerônimo etc.

<sup>91</sup> Sigo passo a passo os textos antigos que se encontram reunidos nos *Phéniciens*, de Movers, I, cap. 7, 190-253.

<sup>92</sup> Das narrações combinadas de Heródoto, Ctésias, Diodoro etc., resulta que essa enorme cidade, que pagava o terço dos impostos da Ásia, foi traçada antecipadamente e feita de uma só vez, que suas muralhas

prodigiosas foram a obra *espontânea* da multidão que nela se refugiava sob a proteção da torre dos Magos. Isso recorda em geral certas obras da Idade Média, como a catedral de Estrasburgo, edificada por peregrinos que nela trabalharam dia e noite.

III

**BACO — SABAS  
SUA ENCARNAÇÃO — O TIRANO**

O terror de Atenas, no dia em que o mar desapareceu sob a frota do persa que os fenícios conduziam, e o terror de Siracusa quando as naus de Cartago lhe trouxeram seu negro Moloc, sinto-o vendo a Grécia invadida pelos deuses sombrios do Oriente. O que há de ser do gênero humano, se o país da luz for enegrecido por seu culto?

São todos da Síria.<sup>93</sup> Pela Síria tudo passa, mesmo o que é do Egito ou da Caldeia. Os deuses bizarros da Frígia, um Átis, um Sabas, são as falsificações dos sírios Adônis, Sabaoth. As feitorias fenícias são o grande veículo dessa torrente lamacenta.

Nada de mais singular do que as metamorfoses por que esses deuses selvagens se insinuam e se infiltram na Grécia.

O Adonai, feroz do deserto, carpidor em Biblos, torna-se o encantador Adônis.

Sabaoth (*senhor dos sete céus*, do exército das estrelas), velho pai dos magos e deus do Sabeísmo, torna-se Sabas-Átis, jovem mártir cujo luto sabático e cujas noturnas festas vão durar dois mil anos.

Paralelamente, não menos vivaz, mais velhaco, durará (quer na Antiguidade, quer na Idade Média) o outro demônio, o ardiloso Belfegor da Síria, de grandes orelhas, o asno do vinho, da lascívia, indomavelmente priápico. “*Orientis partibus, Adventavit asinus, Pulcher et fortissimus.*”

No entanto, essas figuras bizarras teriam aterrado a Grécia se a maior parte delas não tivesse passado por uma grande transformação, não tivesse mergulhado, fervido, espumado, fermentado, não no caldeirão de Medeia, mas na cuba fumegante de um deus rural que parecia inocente, que se encontra por toda parte, o da vindima, o da ronda<sup>94</sup> alegre e das farsas grosseiras, que então se realizam. É de lá que sai Dioniso, *Bacchus Sabasius*, o

grande cafarnaum dos deuses, o falso Mediador, o falso Libertador, deus dos Tiranos, deus da Morte.

Ao falar na Índia védica, referimo-nos ao licor fermentado, o soma, hóstia da Ásia. Ele foi destronado pelo vinho. Avançando para Oeste, encontrou a vinha, que lhe foi preferida e pareceu mais divina. Todos os anos, esse deus, em tonéis, partia da Armênia, carregado em arcas de couro com arcos de cobre, onde se metia um jumento. Assim, descia o Eufrates. A Caldeia, que só tinha o mau vinho de palmeira, bebia devotamente esse néctar da Armênia. Os arcos de cobre vendiam-se e o jumento carregava o couro e tornava-o a levar para seu país.<sup>95</sup> Esse animal amável, orgulho do Oriente, que todos os anos, sem fadiga, em triunfo, como um rei mago, entrava na Babilônia com sua alegre vindima, era festejado e honrado. Davam-lhe o título de Senhor, Bel, Baal. Chamavam-lhe respeitosamente Bel-Peor (Senhor Burro).

Respeitavam-no mais na Síria, onde sua alegria lasciva e seus dotes amorosos, sua superioridade sobre o homem, maravilham a siríaca, segundo diz o profeta. Profeta ele o foi também, falando pela boca de Balaão. Ainda hoje chamam o *Burro* à montanha em que ele falou. No fundo, é o demônio, o Belfegor, demônio impuro e doce, que serve a todos e para tudo, que se faz montar e enfrear.

Foi sobre a montanha do Burro que os próprios anjos, possessos de Belfegor, desejaram as filhas dos homens (santo Hilário). No próprio deserto já se celebrava (Ezequiel) a Festa do Burro. Ele evitou o Egito, onde desapiadadamente o estrangulariam. Marchou para o Norte, para o Oeste, triunfalmente, pregando a cultura da vinha, do vinho, esse irmão mais novo do Amor.

O burro teria invadido tudo, teria sido Príapo e Baco. Não lho permitiu sua forte personalidade, toda cômica. Ele não foi o Proteu voluptuoso dos prantos e dos prazeres. Não foi o menino que enternecesse as mulheres. Não foi o belo rapazinho martirizado. E não teria criado o espetáculo das *Patémata (a Paixão)*.

Esse espetáculo parece ter sido criado em Creta pela tradição da criança entregue ao Minotauro (Baco). A criança representou Baco, a vítima substituiu o deus. Esse Baco pequeno, ou Zagreus, despedaçado, imolado sob o carro das vindimas, por seus gritos e seus choros, pelo sangue fingido que derramava, fazia rir primeiro e depois chorar. As *Patémata* de Zagreus, essa Paixão tragicômica, representada em Atenas, por toda parte inicia o teatro grego, como o da Idade Média se inicia pelos Mistérios, os confrades da Paixão.

As mulheres, nos pequenos Mistérios da primavera e do outono (Antestérias, Tesmofórias), festas em que a mãe Ceres duas vezes em cada ano proclamava o *direito do amor*, as mulheres, dizia, achavam dulcíssimo ter nos braços seu fruto, de trazer um rapazinho que chamavam Iaco. Baco, sob essa forma infantil, entrou em Elêusis, com suas tragicomédias, sua Paixão de um deus desmembrado, seus equívocos incestuosos de simbolismo obscuro. Deploráveis inovações. O grão morria, ressuscitava, e Prosérpina também. Baco morria e ressuscitava. Era um drama num drama, que complicava, sem o fortificar, esse belo e grande tema moral.<sup>96</sup>

Tem-se dito, não sem fundamento, o que era a missa pagã. Os iniciados participavam na ceia de Ceres do pão, da bebida misturada que ela bebeu nas lúgubres peregrinações, na paixão maternal. Comunhão sob suas espécies, à qual todavia Baco não misturava a do vinho. Em suas próprias festas, porém, ele tomava um nome inferior, Ampelos (Vinha) e oferecia-se em fúnebre sacrifício. Baco-Vinha devotava-se, imolava-se a Baco-Plutão, e pretendia morrer por nós (Creuzer, III, 1027).

Visivelmente ele é aqui *Mediador*, torna mais agradável a travessia, leva docemente as almas de um mundo para outro, encarrega-se de rogar e de pagar pelo homem. Pode agir em favor do homem, pois que no início não foi um deus, mas simplesmente *herói*, homem *heroico*. Nessa época singular, a humanidade parece julgar-se indigna de falar a Deus. São-lhe precisos intermediários, guias, intérpretes. Lá embaixo Mitra, aqui Baco, falarão doravante por nós. Deus e o homem têm duas línguas. Ei-los separados! O homem foi destituído do glorioso privilégio da comunicação direta com Deus. Queda imensa. O céu está mais alto? Não sei. Eu, porém, é que estou mais baixo.

Os sábios tinham primeiro lutado violentamente contra Baco. Nós vimos a guerra de Apolo contra ele, a memorável luta da flauta e da lira. A lira mata Mársias; a flauta, Orfeu. Os pitagóricos, no começo antibáquicos e visando à pureza, submetem-se todavia ao vencedor. Adotam-no em seus hinos *órficos*, em que pretendem conciliar tudo, juntando confusamente com Baco, o Amor (ou Desejo) fenício, o Zeus grego, os novos Mistérios.

Assim, os sábios e os não sábios, os puros e os impuros, tudo se declara por ele. Platão (contra Sócrates e o espírito socrático) quer um *Mediador do amor*.<sup>97</sup> Grande papel que Eros, a criança alada, não representará na Grécia, mas que cabe a Baco, irresistível, todo-poderoso e que tudo arrasta.

A arte não contribuiu pouco para que a decadência se fizesse mais rápido.

Primeiro, nas estátuas. Baco aparece bastante varonil. Genro, filho, esposo de Ceres, conforme seus nomes diversos, no último ato dos Mistérios, quando está junto da deusa venerável, sobre um leito triunfal, ele é ainda nobre. Igual ao Júpiter do céu nas estátuas de Policleto (tendo a águia e o raio), Júpiter da terra com a santa taça dos mortos, Salvador no céu na terra e nos infernos, criador da esperança universal, ele aparece como o deus dos deuses.

No fundo, porém, ele é mulher, e assim cada vez mais se revela. Faz-se Adônis, Átis, Átis-Sabas, o moço afeminado a quem a Natureza desprezivelmente concedeu o sexo masculino. Sonolento, de olhar semicerrado, parece uma bela preguiçosa. Exatamente ao contrário de Eros, o rapazinho vivo e selvagem, todo agudeza,<sup>98</sup> essa adormecida tem o encanto doentio de um pântano escondido sob flores. A arte o vai afeminando, não ousando ainda representá-lo com seios, mas fazendo-o rival indecente da Vênus Calipígia. Tudo isso gradualmente até chegar ao moço Baco, gordo, um tanto balofo, sombriamente impudico da coluna dos jardins de Nero, que fita com um olhar triste, altivo, o sol, que cora de vê-lo.

Fábulas jactanciosas embelezaram esse favorito. Sem respeito por Homero, que notou a covardia de Baco, fizeram dele um Hércules combatendo titãs. Fizeram-no conquistador da Índia, deram-lhe tigres para puxá-lo, em vez do burro, sua tradicional montada. Cantaram-no como herói correndo por toda parte, com a ânfora na mão, derrubando os mais fortes pela força invencível do vinho ou da beleza.

Não sei como Aristófanes, o cômico intrépido, ousou em sua *Rãs* mostrar o verdadeiro Baco, a mulher obscena, imunda e poltrona, que por nada morre de medo. Se quis aviltá-lo, não o conseguiu. Era a amante adorada, o protegido do povo. Esse povo, em que já dominavam o liberto e o escravo, a falsa Atenas que substituía a verdadeira, reconheceu-se nele, achou-o encantador e festejou-o justamente como o escravo guloso e poltrão, sobretudo inimigo do trabalho, encarnação da embriaguez e da preguiça. Era bem esse o Rei, o Tirano com que eles sonhavam.

É a força terrível de Baco. *Ele é o deus dos Tiranos, dos escravos. É o bom tirano* da embriaguez, da felicidade, da *Boa Aventura (Bonus Eventus)*.

É o Libertador, aquele que desobriga e liberta (Eleutério, Lísios, Líaeos). Liberta o homem dos cuidados do ano, dos trabalhos do verão para entrar em vindima. No outono e na primavera faz a festa do escravo. Nutre-o de esperança, da quimera do reino de Baco e da vida *sem lei*, na qual a única será beber e dormir.

Um deus que tudo desliga é naturalmente desligado, sem amarra, e suas bacantes igualmente o são, em sinal de abandono. Nada de *teu*, nada de *meu*, nada de limites. Principalmente, nada de trabalho. Baco aboliu-o. Em seu lugar, institui um banquete eterno, que ele dividirá. Seu diadema parece dizer seu nome: o *Partilhador (Isodetés)*.

Se ele liberta todo mundo, não libertará também a mulher? Dá-lhe primeiro a liberdade das lágrimas, das lágrimas sensuais, “a doçura de chorar”. Com seu cortejo risonho de sátiros, de silenos, ele é o carpidor por excelência. A mulher grega, tristemente sedentária, abre-se com Baco, verte em lágrimas seus amores.<sup>99</sup> Ela tem sempre consigo a indispensável e confidente arma que não a deixa nunca, tema ou louca, perigosa, da Trácia ou da Frígia, ou milesiana velhaca, ou amiga suave da Jônia. O que é doce é irem à noite chorar juntas no templo de Baco-Adônis, nas vésperas da Síria, nas quais três noites inteiras suspira e geme a pomba. Riam disso. Mas o riso acabou quando certa noite, no instante solene em que a fatal expedição da Sicília foi decidida, um canto lutuoso encheu a cidade. Eram as damas que choravam... a Pátria? Não, mas a morte de Adônis (Aristófanes, *Lis*).

Ao luto frívolo mistura-se o medo. Os demais, os maus espíritos, vão e vêm, agitam-se. É uma epidemia. A virgem adocece. Aconselham-na que se case o mais depressa possível. A mulher, porém, não se sente tranquila. Algumas são de tal maneira perseguidas pelos demônios, que se desesperam e se estrangulam. Os terrores, os sobressaltos, espalham a *doença sagrada*, o flagelo da epilepsia.<sup>100</sup>

Certamente que o remédio para o medo é o movimento, é a dança, é o tirso, a orgia ruidosa. A mulher, que apenas à noite guardada por sua ama, ia a esses pequenos mistérios, acha-se agora tão audaz que vai em bandos a Elêusis, ainda mais, ao Promontório Deserto e — o que digo? — a Delfos, ao Parnaso. Tíade chora, Mênade delira. Contudo (tremei!), ela é Messialone, a guerreira de Baco, ela tem o tirso e o punhal.

Esse doce Baco é um deus da Morte. As bacantes tomam-lhe o nome (*Ditis famulae*). Esse doce Baco ama o sangue e recorda-se de ter sido Moloc. Se não exige mais vítimas humanas, sua sede não mudou, de modo que suas amantes, na rude Arcádia, chicoteiam-se e rasgam-se as carnes para lhe oferecer sangue de mulher (Paus., VIII, 25). Essas impuras e cruéis religiões propagam-se pela falsa Grécia, cínicas na Sicília, na Itália (vemo-lo pelos vasos), perturbadoras e loucas na Frígia, na Tessália, no Epiro, na Trácia e na Macedônia complicadas de bárbara magia.

Havia o pressentimento de que grandes males, uma terrível desordem, ia suceder. As mulheres sentiam apertar-se-lhe o coração. Já o luto de Queroneia pesava sobre elas. Antecipadamente sofriam o espantoso fim de Tebas, na qual Alexandre vendeu trinta mil gregos num só dia. Elas sentiam, temiam o perigo e, todavia, preparavam-no. Da orgia lúgubre iam cumprir esses males que sentiam, que choravam sem os conhecer — dissolução, ruína, escravatura e a vitória bárbara, a orgia viva, o Tirano.

## Notas

<sup>93</sup> O antagonismo da Fenícia e da Grécia não é menos claro do que o de Cartago e de Roma. Sobre Adônís-Átis, Sabaoth-Sabas, Mylitta (Mitra-Vênus), Baal-Peor (o burro báquico), ver os textos hebraicos de gregos principalmente em Movers, I. 383, 550, 565, 668, 695. Acerca de Mitra-Vênus, ver as investigações de Lajard e, sobretudo, sua memória (rica de erudição) sobre o culto do Cipreste (Académie des Inscriptions, XX).

<sup>94</sup> Baco vem de toda parte, tudo recebe e tudo absorve. Como deus do vinho, da agitação ruidosa, das rondas e dos *giradores*, ele é Trácio (ver Lobeck). A Trácia e a Frígia são a terra clássica da vertigem; os dardoês *giradores* continuam a ronda de Baco-Sabas-Átis; a maior parte mercenários, bêbados que giram para beber e bebem para *girar*. Sobre o Baco trácio, grego etc., ver Ed. Gerhard (Griec. *Mythol.*, I, 467-512), que é admiravelmente completo.

<sup>95</sup> Assim como se vê esse comércio do vinho em Heródoto, assim o vemos modernamente (Rennell etc.). Acerca do burro da Babilônia, de Balaão, dos talmudistas, de Baco etc., ver (além de Movers) os textos recolhidos por Daumer, Ghillany, Creuzer, Rolle etc.

<sup>96</sup> O livro capital, o mais completo, o mais crítico, é e será o de Lobeck, *Aglaophamus* (1829). Nele todos os textos são apreciados e elucidados com um singular vigor — essa taumaturgia dos Mistérios, confusa, obscura, fumosa, não era salutar para o espírito: Baco tinha obliterado o mito antigo e encantador de Ceres. Eis por que Sócrates e Epaminondas não quiseram ser iniciados. De resto, em Elêusis não podia haver qualquer indecência. Uma alta dama, a hierofanta, vigiava. Sobre o altar assistia sempre um rapazinho. Diodoro e Galiano dizem que se saía de lá com ideias mais puras e mais piedosas.

<sup>97</sup> “O homem, filho mais velho dos deuses, nasce do amor e do caos.” Doutrina fenícia que nos surpreende ver nas *Aves* de Aristófanes. Porém, ele teria provavelmente ficado, com o reino da Vênus oriental, nas ilhas e nos portos gregos, velhas feitorias fenícias. Os filósofos adotavam de forma muito superficial, com excessiva facilidade, esses dogmas asiáticos, que compreendiam mal. Pitágoras copiava o Egito; Ferecides, a Fenícia. Eles julgavam acompanhar as ideias e não viam que seguiam a decadência do mundo, tornada geral pela queda dos impérios da Ásia. A Pérsia enfraqueceu, suportou a Mihr, a Milita da Babilônia, advogada do amor. Penetraria esse dogma na Grécia? Não poderíamos esperar que a lógica, a escola da análise do bom senso socrático, o excluísse? Poucos dias antes de morrer, no seu admirável Eutífron, Sócrates formulara o mais profundo da ideia grega, a *Lei, rainha dos próprios deuses*, fechando a porta aos deuses tiranos do favor e do amor — ora, justamente o verdadeiro tirano oriental indiferente à justiça (digamos melhor, inimigo da Lei) entrou por uma porta falsa. Qual? A própria escola de Sócrates, dividida, discordante. Platão, o grande artista, recebia de bom grado os duvidosos, incoerentes clarões dos hipogeus do Egito e dos vulcões fumacentos da Sicília. Essa poesia do advogado do amor perturbou-os, apoderando-se deles. No espantoso diálogo do *Banquete* (chocante, sublime, austeramente silencioso), ele atribui ao seu mestre, a Sócrates, a doutrina que devia minar profundamente o ensino socrático: “O que é o amor? Um deus? Não, visto que ele deseja, não basta a si mesmo. Um homem? Não. Ele é imortal. É um ser meio mortal, meio imortal. É o pacificador que tudo liga... O amor é um demônio, Sócrates, um grande demônio! *Não se manifestando Deus diretamente ao homem*, esses espíritos são os seus intérpretes”. Tudo isso é dito rapidamente, com uma graça risonha. Depois vem um conto encantador. Depois, uma cena atrevida, que nós julgaríamos vergonhosa, mas que o cinismo ligeiro dos gregos apreciava com certeza e que devia fazer com que esse livro pequenino corresse de mão em mão. As consequências disso foram incalculáveis para a ruína da Grécia e para o enfraquecimento do espírito humano.

<sup>98</sup> O modelo ordinário de Eros era visivelmente o ardente rapaz grego, cintilante, de olhar penetrante, em resumo: um *Espírito*. Isso exaltava. A subida admiração que o divinizava via nele o herói e queria que ele o fosse. O modelo de Baco é, pelo contrário, a beleza suave, feminina, lânguida e delicada (do escravo do Norte, ao que parece, pois nada de semelhante existe no Meio-Dia). Às vezes ele ergue para o céu um olhar de tristeza; outras, cerra os olhos. Querendo, far-se-á dele o Gênio do Sono (no Louvre) da doce Morte, libertadora, amável, desejada pelo escravo (*Bibl. Imper.*, gravuras de estátuas antigas). Funestas concepções de uma arte muito corruptora que enchia o coração de enternecida piedade por esse perigoso filho do sonho e do capricho, no qual existe o coração do Tirano.

<sup>99</sup> As mulheres abundam (Aristófanes, *Os acharu.*). E, além disso, tendo os homens morrido todos (em Mileto e em outras partes), elas estavam reduzidas ao desespero (*Id. Lysisir.*, 231). Em Atenas, a indesculpável indiferença dos homens fazia-as viver entre si ligadas intimamente e formando uma república feminina (*id., ibid.*). Aristófanes, em tudo isso, é um grande historiador.

<sup>100</sup> Hipócrates, ed. Littré, IV, 361, VIII, 467 etc.

## A ENCARNAÇÃO DE SABAS — A ORGIA MILITAR

A glória do grande Gélon, o *Tirano bom*, que repelira Cartago, tinha pervertido as ideias na Sicília e em toda parte. Nos Sete Sábios, contam-se dois tiranos. Chefe do partido contrário à aristocracia, o Tirano dava-se por amigo e benfeitor do povo, por seu bom pai, pelo protetor que o alimentaria, que o faria comer e beber, que seria a um tempo o Baco e a Ceres. Para o lisonjear fazia-se chamar frequentemente Dioniso (Diniz), Demétrio (de Demeter, Ceres).

No entanto, nenhuma dinastia de tiranos fora duradoura. Eles surgiam e caíam. Para que um se afirmasse e se tornasse sólido, era preciso dar-lhe uma base, um ponto de apoio fora da Grécia. Procurar esse apoio nos persas era muito odioso. Filipe, o velhaco rei da Macedônia, compreendeu que a verdadeira base seria semigrega e semibárbara; que, se pudesse agrupar em volta de sua pequena Macedônia o rude Epiro e a Trácia selvagem, e sobretudo toda essa falsa Grécia guerreira, seria uma espada terrível erguida contra a verdadeira, esgotada e dividida. E então fez duas coisas muito hábeis: libertou a Tessália de seus tiranos e fez-se o amigo e o chefe da admirável cavalaria tessaliana; e honrou o Epiro, indo procurar uma rainha e assegurando-se dessa forma do concurso das valorosas tribos albanesas, de sua infantaria notável. É esse o segredo de seu triunfo. É também o de sua morte. Ele perdeu-se por ter desposado uma mulher do Epiro.

Esse país (que é a Albânia de hoje) é conhecido por seus discordantes contrastes, por sua pequenez, que no entanto abriga catorze povos diferentes. Uma tempestade eterna desencadeia constantemente o raio sobre os montes Ceraunianos. Eis o Epiro: antigos vulcões, tremores de terra, febris aluviões de torrentes. Enormes cães ferozes, mas o homem ainda mais feroz. Em todos os tempos, bastos assassinatos. As próprias mulheres armadas, ferozes e violentas, dominadas pelos velhos espíritos da região (as florestas de Dodona), e demônios novos da Trácia e da Frígia. Elas nasciam já bacantes e feiticeiras,

sábias na manipulação de ervas venenosas e embriagadoras. Seu prazer era o de, à semelhança das Medeias tessalianas, enrolar em torno dos braços, dos seios, ondulantes serpentes. Gabavam-se de ter outrora — por seus gritos de guerra, pelo terror causado por suas serpentes — posto em fuga numerosos exércitos (*Poliaein.*, IV, 1). Fábulas vãs. Esses animais, de espécies inofensivas, eram antes um adorno de prostituição. Diz-se que Hércules vira com horror e nojo começar nessas terras bárbaras a orgia siríaca e frígia de Adônis e de Átis-Sabas. Essas rainhas do tirso e do punhal, cheias de um orgulho viril, estavam ao nível das falsas mulheres ou meio-homens, dos impudicos Átis, supostos mutilados, vendedores de amor estéril, interpretadores de sonhos e adivinhos. Se da santa orgia nascia um fruto, milagre! A criança era filha de um deus!

Domadores de serpentes, charlatães inspirados, bailarinos e *giradores* de Sabas, bacantes, sacerdotes e sacerdotisas de Baco, tudo se equivalia. A mulher que desposou Filipe era daquelas que se adornavam com serpentes e era protegida pelos maiores oráculos (então todos submetidos a Baco). Soube-o talvez Filipe e julgou fazer dela um instrumento de sua ambição. Mas ficou preso no próprio laço que armara.

Seu nome era Mirtale; porém, por uma ambição imprudente, fazia-se chamar Olímpia. Após a boda, audaciosamente confessou a Filipe que na véspera concebera, que tivera o sonho de Sêmele, um dilúvio de fogo. O raio enchera seu ventre e de lá toda a Terra. Filipe pouco gostou da confiança e teve o pressentimento de que esse raio do qual ela estava grávida lhe traria desgraça.

Veio-lhe, então, a curiosidade de averiguar qual a razão por que ela queria estar sozinha à noite. Espreitou por um buraco e viu que a seu lado dormia uma grande serpente. Isso desgostou-o profundamente e fê-lo compreender que a rainha era uma filiada nos ritos vergonhosos de Sabas.<sup>101</sup> A vasta confraria, misturada com as de Cibele e de Baco, abraçava os prostíbulos, as heteras e os charlatães, vendedores de amor, de orações, de remédios para abortar e de venenos.

Se expulsasse essa mulher, o Epiro revoltar-se-ia e levantaria contra ele um mundo de bacantes. Consultando o oráculo de Delfos, este respondeu que deveria agradecer ao deus que lhe fizera honra tão subida e que, pelo pecado que cometera em espreitar pelo buraco, ele perderia a vista. Essa

palavra correu de boca em boca por toda a Grécia, o que contribuiu para que o oráculo se realizasse. Encarregou-se disso um bom atirador.

Bastarda ou não, a criança (Alexandre) cresceu. Sua mãe de nada se esquecera para fazer crer na fábula de seu nascimento. Por toda parte, ela tinha serpentes que abrigava em vasos, em pequenos cestos de vime, dos quais elas saíam, saltavam assobiando, não sem provocar terror aos visitantes. A criança, educada no meio dessas comédias, julgou-se realmente filha de Baco. Para imitar a graça de Baco, o abandono do belo preguiçoso, tal como ele nos aparece nas estátuas, costumava usar a cabeça inclinada para o lado. Todavia, como Sabas era sinônimo de mentiroso e de charlatão, dizia que era Zeus-Sabas. Mais tarde, Alexandre usou os cornos de Amon.

Nada era menos grego do que ele, nada mais oposto ao herói grego (Ulisses ou Temístocles). Alexandre tinha o sangue do Norte, era *muito branco* e possuía outro traço fisionômico que jamais se encontra no Sul: os *olhos molhados* (higroteta), com relâmpagos de furor sanguíneo ou de embriaguez. Em resumo, um perfeito bárbaro, cheio de audácia, mas bebedor, colérico, capaz de grandes crimes e de grandes arrependimentos. Sabe-se que várias vezes lhe aconteceu essa indigna ação (inaudita para um grego) de durante a embriaguez dar a morte a um amigo. Sua fisionomia provavelmente gritava alto sua barbaria nativa, visto que ele parecia temer muito que o representassem tal como era, e proibia sob pena de morte que se afastassem do tipo oficial de seu artista, o grande fundidor Lisipo.

Até os treze anos, Filipe esqueceu-o, deixou-o inteiramente entregue à mãe, tão desprezado que ele nem sequer aprendeu os exercícios mais comuns na Grécia, por isso não sabia nadar. Filipe tinha um herdeiro, seu bastardo Arrideu, bem-nascido e bem-dotado. Olímpia deu-lhe certa beberagem que lhe perturbou o juízo. Filipe viu-se então obrigado a pensar a quem legaria a obra preciosa de sua vida, um Estado, uma força criada com tamanha arte e tanta sagacidade. Esse homem verdadeiramente superior era de temperamento frio e não sentia repugnância alguma pelo menino, fosse ele como fosse, que parecia intrépido e a quem muitos chamavam filho dos deuses. Por isso o adotou. Dos treze aos dezessete anos, entregou-o a um cliente de sua família, um grande espírito, Aristóteles, mas exatamente por ser tão grego, tão refletido, é que se tornava o menos próprio para influir sobre essa jovem natureza bárbara. De resto, quando ele chegou às mãos de Aristóteles era tarde, porque já estava formado pela mãe indigna e pela lenda

mentirosa, sentindo-se Deus, cercado pelas baixas lisonjas de Olímpia. O mestre que Alexandre amou filialmente não foi de modo algum Aristóteles, mas um néscio, marido de sua ama de leite, que lhe não falava senão da Ásia, da Índia, das vítimas de Baco, que o rapazinho iria renovar e repetir. Ajunte-se a isso um concerto de oráculos que anunciavam até em seus menores detalhes suas futuras conquistas.

Filipe chegara ao apogeu. Vencedor em Queroneia, tivera a glória da moderação, recusando todo o triunfo e libertando os prisioneiros. Sua grande obra estava realizada; não somente era forte, como também era amado. Numerosos homens sinceros julgavam que sem ele a Grécia não poderia realizar sua missão final, a *helenização* do Oriente. Vencê-lo era nada. O mais difícil era fazer penetrar lá os costumes, as luzes helênicas, colonizar, civilizar, tornar desejável essa grande transformação. Ninguém melhor do que Filipe o podia fazer. Educado por Epaminondas, ele tinha, se não suas virtudes, pelo menos a paciência e a doce firmeza. Possuía o que já fazia falta ao feroso Alexandre, a *noção do tempo*, dos temperamentos necessários, sem os quais a conquista não passaria de um flagelo para o mundo e não fundaria senão o caos.

Filipe tinha quarenta e seis anos. À volta dele agrupava-se, no momento solene de sua expedição, um mundo de homens eminentes nas ciências, precisamente como essa Comissão do Egito que em nossos dias formou o Diretório para o general Bonaparte. O centro desse agrupamento era Aristóteles, que se recusou a partir com Alexandre, mas que teria seguido Filipe e, sem dúvida, Teofrasto, o naturalista ilustre. Com Filipe estava toda a escola de Aristóteles: seu sobrinho Calístenes, seus discípulos Anaxarco, Pirro, numerosos historiadores, o grande marinheiro Nearco etc. Facilmente se adivinhava, depois do regresso triunfante de Xenofonte e dos sucessos de Agesilau, que a guerra contra um império em dissolução não seria coisa séria; que se poderia muito à vontade seguir o Exército, estudar, conhecer perfeitamente o país, fixar principalmente os pontos onde se criariam colônias. O mais importante estava feito. Uma massa de gregos, soldados, marinheiros, negociantes, ocupava o litoral do Egito.

Filipe só tinha uma espinha, sua bárbara epirota que procurava impedir sua partida armando contra ele o Epiro, e esse filho de Sabas, esse perigoso mancebo, muito convicto de sua divindade e capaz de tudo para derrubar as resistências. A mãe e o filho tinham por si os templos. Filipe, pretendendo

dar coragem aos seus, trouxe um oráculo de Delfos, mas este, tendo um sentido duplo, causou sua morte: “O sacrifício está preparado; o touro, coroadado”.

Ele não fez caso, tomou uma mulher e teve dela um filho. Isso precipitou as coisas. Olímpias fê-lo matar e, sob seu próprio nome, consagrou o punhal a Delfos. Pode-se apreciar então o que se perdera, o que seria o reinado novo. A mãe apossou-se de sua rival e do filho e fê-los cozer num vaso de bronze. O filho, só num dia, vendeu trinta mil gregos em leilão, justamente aqueles tebanos que tinham educado Filipe, feito a grandeza em sua casa.

Tudo se agachou diante do filho dos deuses. A lassidão extrema, a atonia e o desespero têm por efeito produzir nesse mundo a doença que se pode chamar de epidemia messiânica. Tudo o que a Grécia continha de elementos supersticiosos, tudo isso o moço deus inaugurava pelo massacre. Viam-lhe o raio na mão, uma força realmente enorme e inaudita. Todos os meios da sabedoria se tinham acumulado para a grande empresa, infalível e fatal, desejada, esperada, que deveria cumprir-se por sábios ou por loucos. A hora soara, e a necessidade dela era tal que nenhum erro de Alexandre poderia fazê-la naufragar. Assim, ele pôde impunemente cometer erros crassos em que qualquer outro teria encontrado a derrota; pôde oferecer batalha nos lugares mais desfavoráveis; pôde tomar os caminhos mais absurdos através de desertos sem água, arriscar seu exército e expô-lo às maiores e mais duras provas. Como assim? Todos se têm esquivado a compreendê-lo. Mas, quando se tem um pouco de experiência, quando se possui o sentido das forças vivas, adivinha-se com perfeição que por trás do milagre havia outra coisa além de um exército disciplinado. Havia de fato um deus e *um espírito*, a asa de fogo e o sopro de fogo, o que eu chamarei a *alma da Grécia*, que sempre caminhava em frente e que, parecendo ser levada, levava, supria e reparava, e que foi realmente a infalibilidade da vitória. Os historiadores, tanto quanto podem, têm ocultado isso. Alexandre, porém, despeitado, sentia-o bem quando ironicamente dizia estas palavras verdadeiras: “Não diríamos que os gregos, entre os macedônios, são espíritos entre animais?”.

A singularidade da Grécia residia em que, há cem anos já, na expectativa das grandes coisas que se previam e haviam formado muitos homens de equilíbrio, aptos para tudo, guerreiros e letrados, filósofos, soldados da aventura, tais como Xenofonte, que já tinha vivido na Ásia, onde fizera fortuna; o sofista Clitarco, intrépido e cruel, que se fez tirano de uma cidade;

e esse excelente prefeito, tirano, que deu sua irmã a Aristóteles. Mas essas tiranias das cidades não bastavam para satisfazê-los. Eles tinham outros sonhos mais vastos: Babilônia ou Persépolis. Eles sabiam que (um moderno o disse) “não se trabalha grande senão no Oriente”. Nesses homens eleitos, de gênio superior, estava representada uma Grécia ambiciosa, a qual esperava que finalmente se rompesse a barreira, que seguiu Alexandre e o serviu muito bem. O que Condé e Bonaparte (na campanha da Itália) tiveram a insigne felicidade de encontrar por toda parte, agrupando uma elite de oficiais de excepcional valor, outro tanto se realizou por si mesmo, de forma espontânea, em volta do moço rei; e é principalmente por isso que ele foi Alexandre, o Grande.

Os persas tinham gregos a soldo, porém descontentes, indisciplinados, pouco numerosos, dos quais se tem exagerado, quanto se tem podido, o número. Nada se desprezou para enganar o mundo e o futuro. Bastantes historiadores gabaritados foram levados a esse fim. Os próprios generais escreveram, mentiram tanto quanto puderam. E ainda Alexandre não se fiava, tendo ocasião durante toda a jornada, ao longo do caminho (o que prova que a guerra não era de modo algum o que se disse), para escrever a todo o propósito a seus amigos ou lugares-tenentes da Grécia (*Plut.*, 51, 93) as notícias que eles faziam correr. Assim como no último século se viu Frederico escrever sem cessar para a França e fazer-se o mais francês possível, também Alexandre parecia receoso por não ser inteiramente grego, e cortejava a sombra de Atenas.

A toda parte levava Homero, que era seu livro de cabeceira. O que mostra, porém, quão pouco dele aproveitava é que, ao contrário dos verdadeiros gregos, que seguiam todos Ulisses, ele tomou como tipo ideal o brutal herói do país dos centauros, a impetuosidade e a fúria de Aquiles. Para imitar Aquiles e a destruição de Troia, ordenou o horrível saque de Tebas! Deu em Ílion, no instante mais apressado da guerra, jogos, demoradas festas. Quando tomou Gaza e se apoderou do chefe da cidade, que resistira por muito tempo, imitou Aquiles arrastando-o atrás de seu carro, preso por uma corda e com os pés varados. Uma bela manhã, esse Aquiles torna-se inteiramente asiático, volta as costas a Homero, à Grécia. Babilônia, a grande mestra em prostituições monárquicas, opera sobre Alexandre, realizando em um dia o que levou cem anos a se realizar com os persas. Espetáculo vergonhoso e imprevisto! Os vencidos tornam-se vencedores. A Ásia, nesse

momento tão cansada, tão maculada, tão envilecida, em estado cadavérico de podridão caldaica, a velha Ásia tem por amante seu senhor. Esse sepulcro caiado, essa estrumeira de amor por onde todo um mundo passou, eis a paixão de Alexandre, o Grande. Como os modernos enganam-se julgando ver nisso uma prova de sabedoria, de política admirável! Não seria certamente pelo fato de assimilar de algum modo os costumes, as ideias da Ásia, que o domínio se firmaria. Para dominar esse mundo, teria sido necessário vencê-lo pelo elevado espírito grego. Seria preciso (e esse era o ponto essencial) proceder com uma prudência lenta, por inteligentes concepções.

Pretender conquistar a Ásia com o rapazinho Bagoas, com as falsas mulheres, com a buena-dicha e a perversidade dos magos, atirando-se de cabeça baixa na lama da esterqueira imunda, era manifestar-se o bárbaro de origem, que na barbaria impura encontrava seu elemento. Era recordar seu nascimento de filho da bacante e do charlatão Sabas. Mas se seu palácio estava sempre cheio de adivinhos e de charlatães!

Alexandre só confiava nos vencidos, armando-os impunemente, cegamente e sem se reservar a menor precaução. Educava, formava trinta mil persas para combater ou expulsar os gregos. Queria que estes, transformados do pé para a mão, tornados eles próprios persas, renegando o bom senso, o *adorassem* à maneira dos orientais.

Isso não era, como se tem afirmado, coisa pueril, de pura vaidade. Era, antes, um ato perverso e calculado. A *adoração* era a pedra de toque para a abdicação do bom senso e da dignidade humana. Os magos, seus mestres, sentiram que nisso estaria o limite da obediência grega e que, fixado aí, ele odiaria a Grécia e seria inteiramente persa.

Quando mais tarde os Césares fizeram isso mesmo, o mundo estava tão abatido, tão amesquinhado, que tudo era fácil. Mas no tempo de Alexandre, em frente da Grécia ainda viva, nessa alta luz do gênio e da razão, precipitar o homem no nível da besta era um crime louco, superior aos de Caracala.

Coisa curiosa: quem de certo modo deu causa para que assim sucedesse foram os gregos apóstatas! Quando, num momento de cólera e embriaguez, Alexandre assassinou Clito, o sofista Anaxarco, vendo-o chorar, disse-lhe zombando: “Que nele nada constituía crime, visto que ele era a Lei; que Júpiter tinha Têmis para o servir, sentada junto dele”. Essas palavras vincaram profundamente. Desde então Alexandre fez-se adorar.

Os gregos obedeciam, rindo. Apenas um não riu, resistiu. Isso desconcertou Alexandre, que o mandou prender, tirando-lhe a vida. Seu nome, porém, não morrerá. Era o sobrinho de Aristóteles, o filósofo Calístenes.

O mais verídico, o mais grave historiador de Alexandre, seu capitão e amigo Ptolomeu, rei do Egito, mais tarde diz, positivamente, que Calístenes, por se ter recusado a adorar Alexandre, foi por sua ordem *crucificado*.<sup>102</sup>

Acontecimento enorme! Plutarco, que tinha à mão Ptolomeu e todos os historiadores contemporâneos que nós perdemos, diz que Alexandre todavia recuou, que Calístenes se perdeu, mas salvou a Grécia de descer esse último degrau de vergonha.

Eu não tenho dúvida de que assim fosse. Esse ato solene teve um alcance imenso. O que o pensamento profundo de Aristóteles acabava de fundar na esfera intelectual, criando em teoria a *filosofia da energia*, realizou-o seu sobrinho no campo dos fatos; do alto da cruz (mais do que Zenon, mais do que Cleanto), ele inaugurou o estoicismo.

Obra rica e fecunda que não é simplesmente a luta, a *defesa* heroica da alma e da consciência, da razão esmagada pelos deuses, mas que bem depressa se converterá no feliz alicerce do que o mundo antigo deixou de melhor, *a lei e a jurisprudência*, que em grande parte nós seguimos ainda.

A sabedoria apareceu, mas a loucura domina. O novo Baco reina nas Índias. Com que resultado real? Foi verdadeiramente o gênio da Grécia que venceu e penetrou a Ásia? O caos sangrento que se vai ver, o efêmero império grego, é porventura uma criação? A Ásia só sente por ele desprezo, horror, um regresso violento aos seus dogmas antigos, a fanática reação que em breve criará o império dos partos.

O Exército, mais prudente do que seu chefe, detém-se finalmente, e ei-lo forçado, ele, esse deus todo-poderoso, a obedecer e a se retirar. Essa retirada é extraordinária de loucura e desespero. Seu espírito abandonou-o e ele já nem um homem parece. À glória de seu cão edifica uma cidade, levanta outra para servir de túmulo a seu cavalo. Imitando Baco, empunha o tirso, engrinalda de hera todo o Exército, faz bacantes de todos esses velhos soldados bronzeados, curtidos pelo sol. Ostenta, ensina do alto desse trono do mundo o que os reis da Ásia ocultavam em seu harém. É já Heliogábalo, são todas as infâmias de Átis, do Adônis de dois sexos, “o apaixonado de Vênus e o amado de Apolo”. Chora Heféstion, com a fúria de uma mulher,

e força o oráculo de Amon a fazer do morto um semideus. Porém, mais espantosa ainda foi a festa de amor do menino Bagoas, ostentada diante do exército, cena única que falta na história dos Césares. Assim, Alexandre, o Grande, com o poder de sua glória e sua imensa autoridade, dava um exemplo fatal que iria pesar no futuro, que iria modelar os próprios Césares, que iria criar os costumes militares dos exércitos, a moral dos soldados e dos reis.

A esse espetáculo estranho, monstruoso, o exército de Alexandre aplaudiu, riu — mas seu riso era alegria selvagem de se sentir participante nas liberdades do ultraje, no carnaval cruel que durou tanto tempo. Todos se sentem emancipados por todas as torpezas da guerra. Uma falsa Grécia, frenética, delirante, alucinada, porá todo o mundo a saque. A infâmia fará de cada um deles um Baco, um Sabas, um Alexandre, o Grande.

Sua herança é vasta. Ela consiste em três coisas:

1ª Ele matou a esperança, a dignidade humana. Cada um, ludíbrio do destino, encontrando em sua frente forças enormes, imprevistas, fortuitas, desesperado, torna-se fraco e crédulo. Por toda parte, ouvem-se lamentos, veem-se mãos levantadas para o céu. O comércio dos escravos é imenso; os negociantes seguem os soldados. Essas massas infelizes da Síria, da Frígia, do alto Oriente até, embrutecem a Europa com suas loucuras messiânicas.

2ª Alexandre matou a razão. O sucesso prodigioso de sua expedição tornou-se crível, aceitável. Já ninguém se recorda de que Xenofonte com dez mil homens e Agesilau com seis mil, tinham reduzido a nada todos os esforços dos persas. Também ninguém pondera que o milagre de Alexandre tinha sido preparado por um concerto de coisas que para ele vinham contribuindo há duzentos anos. Ele deixou toda a gente estupefata. Perante as coisas absurdas, insensatas, quiméricas, de que até então se havia rido, baixava-se agora a cabeça, dizendo: “Por que não?... Isso não chega a ser o que Alexandre, o Grande, realizou”. Homens de espírito, como Pirro, tornam-se absolutamente céticos. Ele seguira, vira toda essa empresa e não podia crer nela, porque lhe parecia um sonho. Desde então, tudo lhe parecia incerto. A maior parte da gente, pelo contrário, passou a acreditar com fé absoluta, idiota, nas fábulas mais monstruosas. Efêmero sabujamente diria que todo deus era rei. Mais sabujamente ainda, eles acreditaram que todo rei era um deus.

“E por que não teria uma serpente divina tomado a mãe de Alexandre por sua Leda? Mistério! Profundo mistério!... Cala-te, razão imbecil!... Certamente que os Sócrates o não haviam previsto. Mas que importa isso? Alexandre não faz finca-pé em tal coisa. Basta que os milagres tenham provado sua divindade.”

Desde então numerosos reis são deuses e filhos de deuses. O tema está elaborado, fácil será copiá-lo. A mãe de Augusto declara que a serpente a distinguiu, que o réptil viscoso gerou em seu seio os Césares.

3ª Uma parva imitação torna-se a lei do mundo. Osíris é copiado por Sesóstris em suas conquistas; este, com pequenas variantes, por Semíramis; e ao passo que Baco, em sua guerra das Índias, sua conquista da terra, copia essas velharias do Oriente; Baco-Alexandre será por sua vez imitado pelos Césares, por Carlos Magno, Luís XIV etc.

Mas o fundador de toda a tolice monárquica é, mais do que ninguém, Alexandre, não só por causa da autoridade infinita de sua glória, mas também porque dele data para nossa Europa a *mecânica real*, mantida e imitada servilmente. Dele nos vêm absolutamente a ideia do rei moderno, a corte e a etiqueta.

O antigo rei do Oriente, o rei patriarcal, sacerdotal, tem a unção, o cetro de pastor, de preferência à espada. O tirano grego é um chefe popular que tem a espada, a força. Esses dois gêneros de autoridade unem-se pela primeira vez em Alexandre. Desde então a dupla tirania num só pesa sobre a terra e pesará. Porque o rei moderno, nos tempos cristãos, embora usando a espada, usa também a casula, tem o caráter sacerdotal (veja-se a minha *História*).

Foi por aí que os magos se apossaram tão habilmente de Alexandre. Sua entrada triunfal na Babilônia é curiosa como idolatria política, divinização da realeza.

Por uma estrada juncada de flores, entre duas longas filas de altares de prata onde fumegavam os perfumes, a enorme Babilônia, inteira, completa, com sua riqueza e seus prazeres, suas ciências e suas artes, com seus músicos, seus astrônomos, mulheres e leões, leopardos domesticados, lindos rapazes pintados e adornados, validos de Milita, tudo veio ajoelhar, prostrado, à passagem de Alexandre. Ele fica de tal modo deslumbrado, embriagado a tal ponto que seus mestres e corruptores fazem dele tudo quanto lhes apraz. Fazem-lhe aceitar as purificações dos magos (tão impuros!), suas puerilidades

solenes. Constituem para ele um harém de 365 mulheres, tantas como os dias do ano.<sup>103</sup> Cobrem-no com o *cidarim*, o diadema (de Mitra, de Baco), unguindo-o com a mirra, que de reis faz deuses. Casa de ouro, trono de ouro, cetro de ouro, eles impõem-lhe todo o bricabraque real, com as comédias da águia, da águia-leão, do grifo, tudo o que os Césares colocaram mais tarde em suas insígnias e o feudalismo em seus belos mistérios heráldicos. E, como se isso fosse pouco, uma etiqueta fatigante de sete provadores, sete adidos à sua pessoa, sete planetas de sol real. Um sol cabeludo, porque ele deve usar cabelos compridos. Está-se a ver nisso a origem das cabeleiras postiças dos romanos e da peruca do nosso Rei Sol.

## Notas

<sup>101</sup> Ver a esse respeito Movers e Lobeck. Em breve voltarei a referir-me a tal assunto.

<sup>102</sup> Plutarco, que o afirma, leu-o em Ptolomeu, essa alta autoridade, a primeira entre todas. Dos historiadores de Alexandre, o pior é Arrieno (é o único que Montesquieu segue). Arrieno veio séculos depois falsear essa história, pretendendo tolamente introduzir-lhe bom senso. É preciso deixá-la ser o *que ela realmente é*, absurda, romanesca e louca.

<sup>103</sup> Ver Diodoro, Plutarco e os textos diversos que Hide reuniu com o título *De regno Persarum*.

O viajante, pela tarde, numa paisagem árida, é detido por uma torrente largamente extravasada. No meio dela eleva-se uma ponte, porém danificada dos dois lados. Só dois arcos, dois ou três pilares subsistem, inacessíveis. De que idade é essa construção? Seria difícil averiguá-lo? Não se pode mesmo apreciar sua verdadeira altura. A ruína inabordável, eriçada de arbustos selvagens, tem um ar altivo, solene. E, quando for de todo noite, ela ainda mais se engrandecerá, esse fantasma, e quase nos fará medo.

É precisamente esse o efeito que durante tanto tempo produziu a Bíblia dos judeus, o efeito de uma ruína isolada que só à distância se vê. Falava-se dela ao acaso, não possuindo quem o fazia nem a ótica séria para bem a examinar, nem os meios para estudar as proximidades de um tal monumento, isto é, o conhecimento dos povos vizinhos ou parentes misturados aos judeus, os grandes impérios para onde eles foram transplantados, onde eles viveram. Faltando tudo isso, a Judeia, permanecendo isolada, engana o olhar. Com a fantasmagoria da miragem religiosa, as nuvens iriadas ou sombrias do misticismo alegórico, ela encheu todo o horizonte — o que digo? — e ocultou todo o mundo.

O nosso século não ficou contemplador imóvel do monumento misterioso. Ele não a adorou nem demoliu, mas completou-a, reedificando dos dois lados os pilares e os arcos destruídos. A grande ruína do meio já não se encontra isolada. E só por esse fato tudo mudou. Não mais fantasmagorias. A gente se aproxima, vê, apalpa, mede. De um extremo a outro, abraçando toda a paisagem, veem-se, libertos das brumas, os colossos do Egito e da Pérsia, os dois mestres e doutores da Judeia. Veem-se junto dela e à sua volta seus parentes, os sírios, os fenícios e os cartagineses. Nisso reside todo um jato de luz. Julgava-se que esses povos tinham inteiramente desaparecido. Tendo Alexandre arruinado Tiro e Cipião Cartago, a Judeia ficara herdeira de todo um mundo destruído.

Nunca houve, é certo, uma tão espantosa ruína. Os destroços, fragmentados, quebrados, mais que quebrados, estão, de resto, dispersos por toda parte. Só uma paciência milagrosa os podia encontrar. Essa pesquisa tão difícil realizou-se todavia. Desde os Bochart e os Selden até os Munter e os Movers, todos obstinadamente têm pesquisado, coligido, recolhido. Acerca de Cartago, que foi destruída com tanto afã, encontraram-se milhares de textos instrutivos. Infinitamente mais numerosos são, porém, os textos que se reuniram acerca dos deuses, dos costumes, dos usos, do comércio, do gênio dos fenícios. Esses fenícios são idênticos aos cananeus, população nativa da Judeia, que viveu sempre em meio aos judeus e cujos usos e costumes diferem muito pouco dos deles.

Como é que a Judeia pôde isolar-se inteiramente? Ela não é, na realidade, mais do que *uma fita estreita de colinas que o Jordão banha a leste; e a oeste, a costa, os portos filisteus e fenícios*. Em seu ponto mais largo, mede quinze léguas.<sup>104</sup> No litoral encontram-se as mais populosas cidades filisteias: Gaza, Azot, Ascalon; depois os poderosos portos fenícios, Sídon, Tiro etc. População exuberante, voltada completamente para o mar, apoderou-se várias vezes do triste país das montanhas, mas desprezou-o quase sempre.

A oriente do Jordão, a Judeia, fora de si mesma, tinha ainda certas tribos que, nos baixos vales, encontravam algumas pastagens; suas altitudes são horríveis, negras, de basalto lúgubre.

Estrabão diz, com razão, que a Judeia em geral é um país péssimo. Ele é todavia variado: pode-se cultivar a vinha, que se sustenta em terraços; e nos oásis, formados naturalmente pelo Jordão e outros rios, também nasce o trigo. No entanto, em todas as épocas, os viajantes de boa-fé sempre dizem que quando lá se entra, sente-se uma espécie de grande secura e um aborrecimento infinito. Exceto a Galileia e o país de Naplons, tudo é triste e monótono, descorado, de cor cinza.

O bom senso indica assaz que para preferir esse país à rica Síria de Damasco, à fértil região dos *gigantes*, à encantadora Ascalon (*a noiva da Síria*), a Tiro, a Sidon, rainha dos mares, eram precisos motivos bem fortes.

A Judeia, nos dois pontos centrais de seus dois reinos de Israel e de Judá, parecia oferecer dois asilos, dois refúgios naturais. Ao norte, o vale fechado da Samaria é defendido por todos os lados. Ao sul, Jerusalém, num lugar muito elevado que domina, só é abordado por gargantas fáceis de defender, o vale de Jeremias e o vale dos Terebintos.

O judeu admite, chama, convida tanto quanto pode o estrangeiro. Promete-lhe boa justiça (Deuteronômio, I, 16 e 24), promete-lhe um quinhão de terra igual à do judeu (Ezequiel, XLVII, 22), promete admiti-lo em seus festins, em seus prazeres (Deuteronômio, XVI, 11 e 14) e, o que é mais, às suas orações (Reg. III, VIII, 41). O estrangeiro estará na Judeia como em seu país; o *judeu ama-o como a si mesmo* (Levítico, XIX, 34).

Isso é muito significativo. E quem é esse estrangeiro? Vê-se logo que é um fugitivo que chega quase nu, sem vestimentas e sem pão: “Deus ama-o e dar-lhe-á comida e vestuário” (Deuteronômio, x, 18).

Um pouco mais longe, as coisas esclarecem-se ainda mais. O estrangeiro pode ser um escravo. “O escravo que se refugie entre nós não será entregue ao senhor. Habitará onde quiser e encontrará repouso e segurança nas nossas cidades, sem que o possam inquietar” (Deuteronômio, XXIII, 15-16).

Desde esse momento, eis-nos elucidados. Com essas simples palavras, o país mais triste, mais estéril que se possa conceber, não será nunca um deserto.

Esta política, que quer obter a todo preço habitantes, é tanto mais notável quanto é certo encontrarmos-la num povo econômico, ávido mesmo (vemo-lo nos livros dos Reis, em Jeremias etc.). Os judeus são inteiramente estranhos aos sentimentos cavaleirescos<sup>105</sup> do árabe e ainda mais à grandeza generosa, frequentemente imprudente, das raças indo-célticas, que brilham em sua poesia, do Ramayana ao Shah Nameh, dos Niebelungen aos cantos franceses de Rolando e de Merlin.

O judeu é desde as origens um homem pacífico, um homem de negócios. O ideal não é ser guerreiro, nem operário, nem agricultor. Nômade outrora, quando pastor, mais tarde ele regressa à sua vida errante como bufarinheiro, como banqueiro ou como adelo.

A Bíblia acentua fortemente, simplesmente, esse ideal. É Jacó quem tem o tipo e o nome consagrado do povo (Israel). Jacó é o homem pacífico “*que permanece em casa*” enquanto seu irmão Esaú (o Idumeu) lavra ou caça. Esse irmão, muito cabeludo, tem a pele de um animal, ao passo que Jacó tem pele de mulher. Jacó, pastor como Abel, é bendito. Esaú, lavrador como Caim, é condenado, deserdado, maldito.

A arte e a indústria são condenadas (tanto como a agricultura) na figura de Tubalcaim. Os construtores são injuriados, troçados e não realizam mais do que a obra vã de Babel. O verdadeiro judeu, o patriarca, é o *pastor*

*especulador*, que, por um cuidado inteligente de aquisição e de cálculo, sabe aumentar seus rebanhos. Ele agrada à mulher (sua mãe, Rebeca) e dir-se-ia mulher também, tanto é prudente em suas submissões, nas adorações para com seu irmão Esaú, ao qual tão sutilmente roubou o direito de primogenitura.

O filho querido de Jacó é o escravo que se torna vizir. É o financista José, que, adivinho em seus começos, eleva-se mais tarde pela interpretação de sonhos. Coisa impossível no Egito, onde os hicsos (os pastores), considerados impuros, teriam encontrado tudo fechado, mas muito natural na Caldeia, onde os Tobias, os Mardoqueus, os Daniel são adivinhos, vizires, argentários.

A grande, a verdadeira glória dos judeus, que eles deveram às suas misérias, é que, únicos entre os outros povos, eles deram uma voz, uma voz penetrante, eterna, ao suspiro do escravo.

Além é apenas uma palavra, um grito apenas emitido e logo abafado, comprimido.<sup>106</sup> Aqui, por alguns séculos continuam os cantos de dor, tão admiráveis e profundos que a maioria dos homens nos lutos, nos pesares pessoais mais sinceros, contenta-se em entoá-los. É que o judeu sofreu todas as desgraças, viveu-as sob as formas mais duras e cruéis. Pastor errante, levaram-no para o Egito e, fazendo-o operário contra a vontade, obrigaram-no ao trabalho cruel das pirâmides. Na Palestina vejo-o, violentado, trabalhar na agricultura. As leis chamadas mosaicas empregam terríveis esforços para o compelir à cultura da terra, organizando para o atrair festas agrícolas e rurais. Embora! Ele nem assim deixa de viver inquieto, agitado, nômade de espírito.

Para o escravo miserável, essencialmente lucífugo, a noite é a liberdade. A maioria dos salmos e os cantos dos profetas são cantos de noite.

Ele trabalhou em sua vinha. Vinda a noite, fecha-se em casa... Sob o céu estrelado, deitado em seu terraço, dorme um instante, acorda logo. Os leões que têm no coração saltam impacientes... É um rugido (*rugiebam*). Mas logo as lágrimas lhe inundam os olhos. (*Ah! Ah! Ah! Domine deus!*).

Deus não ouve. O que sofre, grita e chama-o cada vez mais: “Levanta-te!... Dormes tu, Senhor?... Esperas que eu morra?... Os mortos não Te louvarão”.

O que é original e infinitamente tocante nessas longas alternativas é que da impassibilidade, da severidade, da lentidão desse deus que não se digna a

escutá-lo, só ele se julga culpado e se acusa. Sentado debaixo do zimbro, bate no peito e diz: “Leva-me, Senhor!... Eu não sou melhor que os meus pais”.

Como isso é diferente, não só do árabe indomável do Hedjaz (Antar), mas do da Idumeia, o nobre contendor Jó, em sua querela com Deus. Sente-se nesse violento poema que Jó, abatido por fim, se se cala, não se dá no entanto por batido. Deus fala-lhe em fragor de Leviatã, de trovão etc. Esses argumentos da força não são argumentos. Jó diz de si para si: “Tu és poderoso, mas eu sou justo”.

Diferente, inteiramente diferente, é o pensamento do judeu. Ele não tem a expansão do deserto e do árabe livre, de sua vasta respiração, dessa vida elevada e ativa de que Jó nos dá testemunho. A maior miséria do escravo é sentir os vícios que a escravatura traz consigo, de neles sentir corromper sua vontade. Portanto, em seus lamentos, nenhuma dor, inocência alguma. Não são cantos de rouxinol. Neles se ouvem os gritos sinistros das aves da noite, ou o *plantus* de um coração que na penitência se sente ainda mais impuro.

Porém, o orgulho domina: “Deus há de fazer-me justiça! Deus não me imputa as minhas faltas! Que ele seja bendito até a aurora e da aurora até a noite!” (*Benedicam usque in noctem.*)

E, no entanto, as trevas iluminam-se. No horizonte desenha-se uma alfarrobeira negra sobre um céu de um cinzento luminoso. O dia vai finalmente romper. “Se as lágrimas correm de noite, a alegria virá com a manhã...”

Ele veio. O Mar Morto brilha!... E, mesmo antes que o sol tenha passado o píncaro calvo das colinas tristes, sua vermelha imagem ensanguenta de repente as águas lúgubres... Assim também em breve virá o Libertador, o Vingador, Jao ou Jeová!

Essa concepção de um deus vingador, exterminador, é a aspiração profunda do escravo, Incuba-a, é seu tesouro precioso e querido. O vago Jao da Caldeia (Movers), que não passava de um sopro de vida, o sombrio Jao fenício, voz da morte e voz do luto, aqui é a alma do deserto. Voltai-vos para o sul. Tudo acaba, a vida expira. Nem animais nem vegetais, nenhuma forma visível. Em desforra, faz-se sentir uma potência invisível, sopro abrasado (que lembra o Tífon egípcio). Não se vê nada, e todavia não se pode encarar. Ele pode dizer a Moisés: “Se tu me vês, que seja pela retaguarda... ou ficarás morto!”

Desse deus terrível, selvagem, afastam-se sem cessar e sem cessar voltam a ele: “Coisa surpreendente? Milagre?” De modo algum. Com todas as leis opressivas, é todavia a liberdade judaica, a liberdade de odiar, maldizer os deuses dos povos fortes. Para compreender essa paixão por um deus tão repulsivo, essas conversões fiéis, obstinadas, é necessário lembrar-nos de que o judeu sobre o qual passa e repassa toda a torrente da Ásia é o joguete de todos os deuses, sua vítima. Madian, com seu deus negro, vem, como um gafanhoto devorador, acampar em sua casa e comer tudo. A cada momento os gigantes (é assim que ele chama aos filisteus) o fazem escravo da Astarteia, da orgia ultrajante, na qual os próprios Sansão e Davi figuraram como atores. Ainda mais: em plena Judeia, porta com porta, as velhas tribos cananeias subsistem para eterna tentação do judeu e incessantemente se misturam nas danças luxuriosas da Vitela e do Bezerro.

Culto de enervação profunda era esse onde o escravo, atraído à noite para ele, saía de manhã quebrado e fatigado, mais escravo ainda. Envergonhado, furioso, ele regressava ao deus varão, ao seu terrível Jeová, esse que, sozinho, erguia uma muralha invisível de fogo contra a doce pressão dessas divindades de morte que o cercavam por todos os lados.

Tudo isso permanecia obscuro até que, no século findo, um crítico penetrante (Astruc) projetou sobre a Bíblia um clarão de gênio. Ele observou a dualidade, o combate da alma judaica. Nesse livro da Bíblia, que se julgava simples, ele viu duas Bíblias. E desde então essa maneira de ver foi perfilhada por todos os críticos.

Nela, duas religiões, dois cultos divinos, servem lado a lado. A religião agrícola de Eloim ou dos Eloim, que a maioria professava e facilmente se misturava ao culto cananeu da Vitela e do Bezerro. Uma minoria mais severa, odiando o ídolo opressivo, esforçava-se para se dar ao Jeová invisível, cuja arca era todavia decorada de figuras grosseiras de terror, encimada por dois touros alados. Esse deus que, nas desgraças maiores ou no extremo pânico, se confundia facilmente com o touro de ferro (Moloc) não deixava por isso de ser a alma de orgulhosa pureza que sustentou, salvou o povo e lhe deu sua unidade.<sup>107</sup>

Os profetas da Judeia são verdadeiros mártires, torturados pelos contrastes de uma situação violenta. São os chefes populares, representando o verdadeiro espírito judeu contra os reis, demasiado sérios. Eles lutam também contra o povo, contra as tendências bárbaras dos cultos que o dividem, Eloim

e Jeová. A grande missão dos profetas, entre esses deuses opostos, é de purificar o primeiro, de lhe interdizer a orgia, a loucura das noites baúlicas, e de humanizar o segundo, afastando-o da fornalha de Moloc. Nisso são admiráveis os profetas, verdadeiros benfeitores do gênero humano, veneráveis guardiões do povo contra esses cultos que, numa luta desesperada, muitas vezes à custa da própria vida, eles repelem obstinada e intrepidamente.

“*Filii areae meae! Filii trituae meae!*” Filhos da minha eira e da minha mó, vós que eu bati no celeiro, sois vós que sois meus filhos!

Essa frase sublime de Isaías, que resume os profetas, teve estranhas consequências. Os golpes cruéis, repetidos, o chuveiro de dores e de ultrajes, não puderam quebrar a elasticidade surpreendente do Paciente eterno. Esmagado, ele levanta-se. Desaparecido, encontra-se. Contra o presente cruel, muito real e muito certo, ele tem por bem mais certo a quimera e o impossível.

Ele espera contra a esperança e, quanto mais a tempestade aumenta, mais ele crê que nela, enfim, se vai mostrar o braço de Deus. Choraria se fosse salvo pela providência própria. Quer a casualidade da graça, a salvação por uma cartada. Tendências aleatórias que corrompem profundamente o julgamento do escravo e *lhe fazem odiar a Razão, desesperar da ação.*

É o espírito messiânico que perturba, trabalha esse povo, desde suas mais remotas origens. O livro dos Juízes, sobretudo, demonstra-o admiravelmente. Cada um dos sete Cativeiros acaba por um golpe maravilhoso, um acidente contra a Sabedoria. O princípio a um tempo muito orgulhoso e muito humilde dessa curiosa história é que o povo de Deus, milagre perpétuo, deve ter um destino constantemente extraordinário, fora da previdência humana.

Deus escolhe de preferência, no seio do povo escolhido, para manifestar sua glória, *o fraco mais do que o forte, o pequeno mais do que o grande*, o último gênito contra o primogênito. Ao altivo Judá ele prefere José, ao valente Ismael, ao forte Esaú, Jacó, delicado e doce como uma mulher. Por ele, o pequeno Davi mata o gigante Golias. Pela mesma razão, ele escolheu, apropriou um pequeno povo, único eleito, que ele ama. O gênero humano é posto de lado.

É necessário acompanhar a consequência ulterior desse princípio. Deus ama e escolhe de boa vontade o *menor em mérito*, que vale pouco ou nada

vale e nada faz. Ele diz, repete incessantemente, que o povo eleito é indigno. Ele escolhe o ocioso Abel *contra o trabalhador* Caim. Abel, que por nada se esforça, que não oferece merecimento que exija recompensa, que força a mão a Deus, agrada-lhe e para ele é bendito.

Mas eis ainda o que é mais forte. Aquele que não somente não mereceu, mas *desmereceu* e ultrajou a lei de Deus, que não pode ser eleito, abençoado, senão por um espantoso milagre de clemência e de bondade, será justamente o que o livre poder de Deus mais glorificará. Mais do que o justo, ele será o eleito. Jacó, que rouba seu irmão e engana seu pai, é *eleito*. Levi, maldito de Jacó por traição e por assassinio, é o *pai da tribo santa*. Judá, que vendeu José e que compra sem vergonha os amores impuros do caminho (ver a história de Tamar), é o *chefe do povo* e dá-lhe seu nome.

Será uma preferência expressa pelo mal e pelo pecado? Por maneira alguma. É um sistema, uma aplicação rigorosa do princípio segundo o qual aquele a quem Deus não dá nada, se ele é eleito, *manifesta* tanto mais gloriosamente a *misericórdia gratuita* a todo o poder de Deus.

Dir-se-á: “Porventura esse povo não é o povo de uma Lei que quer a Justiça?”. Sim, mas essa própria Lei, exclusivamente dada a um povo *favorito*, a um povo que o próprio Moisés declara *indigno*, essa Lei é edificada sobre um fundo estranho à Justiça, um fundo de preferência *injusto*.

A própria Lei, carregada, mais que carregada de prescrições minuciosas, de um imenso formalismo estranho à consciência, não faz senão adormecê-la. Quanto mais se seguirem seus ritos vãos e toda essa vã polícia, mais nos sentimos dispensados do direito. O fundo do judeu é este: “Eu sou o feliz a quem o próprio Deus receberá de Justiça”. Por quê? “Porque sou o *povo eleito*, o filho do favor divino.”

Mas, enfim, eleito por quê? Por qual merecimento Abraão e Jacó obtiveram que Deus fizesse com eles uma eterna aliança, sem terem merecimento algum? *Agradaram a Deus*.

Assim, essa Antiguidade judaica dá-nos já em sua nudez a teoria da Graça. E por seu lado a história judaica mostra-nos seu fruto natural, as quedas e as recaídas eternas, choradas em vão, e sob os choros a segurança secreta dessa doutrina do orgulho que se reduz a isto: “Tudo me será perdoado... Eu sou o filho da casa”.

Que Moisés ralhe, que Isaías troveje e fulmine! Todas essas aparências varonis não impedirão essa doutrina de ser a de sua paixão, da fantasia

*feminina*, do capricho da mulher, que não quer ter do amor outra razão que não seja o amor, que se cuida rainha escolhendo o *indigno*, que diz: “Como tu és nada, tu glorificarás tanto mais a meu favor, a minha bondade, a minha graça”.

É a desolação do justo, o arrefecimento do esforço — a porta para sempre fechada à *grande vontade*.

A justiça de Deus, dizem eles, ultrapassa todas as nossas justiças, todas as pequenas ideias que o coração do homem tem de justo. Portanto, ele pode punir o inocente. Quando castiga o culpado, é constrangido a fazê-lo, não pode proceder de outro modo. Contudo, quando fere o inocente, o filho inocente do culpado, então sim, como ele é grande! Como ele é Deus!

É somente no cativo, quando esse acontecimento terrível abalou todas as existências, todas as ideias, todo o velho fundo ancestral, que dois cativos, dois profetas — Jeremias e Ezequiel —, por um grande e nobre esforço, arrancando de seu coração a sangrar essas detestáveis raízes, proclamaram finalmente o Direito.

O desgraçado Jeremias, que aconselhara com razão e prudência os judeus e a quem eles chamavam traidor, liberto na Babilônia, não fez uso de sua liberdade senão para voltar a chorar sobre as pedras de Jerusalém. Ali teve este relâmpago antijudaico, antimosaico, para além da antiga Lei: “O Senhor disse: eu destruí, mas um dia edificarei. Não mais se dirá então: *os nossos pais comeram as uvas verdes, e por isso os nossos dentes estão embotados*. Ninguém sofrerá dos dentes senão pelo que ele próprio tiver comido e não morrerá senão por motivo de seu próprio pecado”.

“Eu farei nova aliança. Escreverei a Lei não mais sobre a pedra, mas no coração e nas entranhas. O homem não mais terá necessidade de se fingir doutor, de dizer ao próximo: *Conhece Deus*. Porque então todos me conhecerão: os menores conhecer-me-ão tão bem como os maiores.”

Ezequiel é ainda mais admirável no que diz respeito à responsabilidade pessoal, *a salvação de cada um por suas próprias obras*. Ele previne todo o equívoco e, retomando por três vezes o fio do discurso, conclui com uma força, uma lentidão, uma gravidade digna dos juristas romanos. Vê-se que ele tem a consciência da importância da pedra sagrada que funda, selada a cal e cimento. Nisso, o profeta judeu e o sábio grego estão de acordo e abraçam-

se. Esse capítulo de Ezequiel que apresenta Deus como um juiz justo, como a Justiça suprema, está precisamente no espírito do Eutífron de Sócrates, que diz: “O divino não é divino senão quando é justo”.

Aos judeus, levados para a Caldeia, ou emigrados no Egito, aconteceram uma grande desgraça no exílio: fizeram fortuna.

De um pequeno povo exausto, esgotado, arruinado, tornaram-se nesses grandes impérios o que sempre foram, tribos ricas e numerosas, fazendo por toda parte o comércio pela porta traseira, mas, no entanto, entrando sempre na casa dos reis, que apreciaram seu mérito, suas maneiras humildes e sua maleabilidade. Tornaram-se assim o *medium* geral dos negócios humanos.

Sem abandonar o formalismo mosaico, a fé dos profetas, o judeu teve ainda outra: a fé no ganho, no dinheiro. Nas grandes agitações sociais, ele afirmou que só a riqueza dava segurança. “Ela é para o rico uma cidade, uma fortificação, como que uma muralha que o cerca” (Provérbios, XVIII, 11). Qual riqueza? A mais fácil a guardar ou a salvar, móbil e ligeira, é o ouro. Qual? Melhor ainda, o invisível, o ouro colocado em mãos seguras. Se os fenícios, como se diz, inventaram a escrita, os judeus quase logo inventaram a *letra de câmbio*.

É um fato naturalíssimo da vida inquieta do escravo, vida de lebre entre dois sulcos. Cedo o judeu encontra também a política do escravo, infalível nas cortes, *dar, dar secretamente*. “Um presente secreto arranja tudo” (Provérbios, XXI, 14). Cedo a servilidade monárquica é seu caráter, o culto ilimitado dos reis. “Teme a Deus e teme ao Rei, meu filho” (XXIV, 22). “A cólera é sinal de morte, seu doce olhar é fonte de vida, sua clemência é a chuva do outono que tudo pode fazer reflorir” (XVI, 14-15). “Mas não vás elevar-te em honras diante do teu Rei; não sejas um Grande da terra” (XXV, 6). Uma quantidade de máximas idênticas ensinam uma extrema prudência, uma obediência perfeita, até mesmo uma admiração real do poder monárquico. O judeu será amado pelos reis. Não há melhor escravo, mais dócil, mais inteligente do que ele. Frequentemente ele crê que o Rei é de Deus, *mas como flagelo* (Provérbios, XXVIII, 1-2). E esse flagelo, ele o glorifica e honra, não negociando sua baixa, porque, guardando nele sua Lei, crê não poder aviltar-se interiormente. Distinção esta em prática delicada e difícil: ser

por trás um santo e pela frente o instrumento maleável de todas as tiranias do mundo.

A bela enciclopédia judaica que se chama Bíblia está toda fortemente vincada desse grande espírito de negócio, de habilidade, de experiência, que se tornou o dos judeus quando eles conheceram, removeram os grandes impérios pela fiança, pela intriga — intriga piedosa, humilde, prudente, declinando sempre os papéis evidentes e grandes. Esses livros feitos ou refeitos, arranjados segundo os fragmentos antigos, ou então escritos de memória, foram lidos, adotados, regulados pela *Grande Sinagoga* que Esdras teve reunida por muito tempo. Assim lhe foram mantidos muitos dos traços antigos. Conservaram-lhe também, com a tenacidade judaica, muitas coisas que o sacerdócio teria podido por pudor eliminar.

O que na Bíblia impressiona mais é o verdadeiro gênio da narração, vivo, mas grave e sábio, de hausto curto mas intenso, com que é escrita. José, Jacó, o homem astucioso, deleita, inspira o narrador. Porém, seu favorito é Davi, judeu-árabe, engenhoso, bravo, impuro, oriundo de Rute, a Moabita (participando do incesto de Ló). “O chefe da gente arruinada que fugiu para o deserto.” Esse político astucioso, mais sacerdote do que os sacerdotes, encanta o povo dançando diante da arca, cantando e se fingindo de louco.

Tudo isso é maravilhosamente fino, forte e até de um espírito livre. O que prejudica é o prazer com o qual o narrador prova, saboreia com requinte, passa e repassa sob a língua tal sensualidade, tal velho rancor. Goza, contando, impossíveis vinganças. Não se pode crer em uma palavra dos espantosos massacres que os judeus teriam praticado no país de Canaã, dessa pretensa exterminação das tribos, que depois disso subsistiram ainda. Seus cativos numerosos colocavam-nos por certo a uma enorme distância da vida guerreira dos árabes e dessas glórias de carniceiros. Essas narrações são pura bazófia, uma desforra por palavras de tantos males realmente sofridos. Coisas idênticas se encontram nas crônicas monacais do tempo de Carlos, o Calvo (no *monte Saint-Gall*). Esse bom monge não fala em sua cela senão em morte e ruína. O sangue é para ele como a água. Um desses heróis do convento é tão forte que só de uma vez fura e leva sete guerreiros, todos espetados em sua lança. Isso faz pensar nas histórias extraordinárias de Josué.

De resto, o que entristece, o que pode secar a alma, são bem menos os massacres improváveis, as sensualidades perversas, do que a aridez geral. Salvo tal parte do Gênesis, dos Juízes e os primeiros livros dos Reis, em tudo o mais o espírito é duro e seco. Muitas vezes a chama aparece, mas é a chama da sarça que flameja um instante, brilha, arde e aterroriza, mas não aquece nem ilumina.

E, quer na forma, quer no fundo, a secura é radical.<sup>108</sup> Todo progresso dos judeus reduz-se a uma esterilidade profunda.

Por um lado, o partido zelador da Lei, mais estimável do que se tem pretendido, os fariseus, que (conforme as premissas de Jeremias e de Ezequiel) pareciam por uma inclinação natural tenderem para as doutrinas fecundas da Equidade grega e romana, detiveram-se no formalismo estreito das prescrições mosaicas.

Por outro lado, o partido místico, mais independente da Lei, aquele que parecia gravitar para o amor e para a graça, longe de aí encontrar a fonte de inspiração, caiu na estranha excentricidade de um culto de gramática: a adoração da língua e a religião do alfabeto.

O hebreu, essencialmente fragmentário, elíptico, é o idioma mais rebelde. Ele exclui a dedução. A sentença mais cruel que Jeová infligiu aos profetas foi a de lhe impor uma língua impossível. “Eu sou gago”, diz Moisés. Todos os profetas o são. Todos fazem terríveis, desesperados esforços para falar. Esforços por vezes sublimes. Cintilam dardos de fogo... Os relâmpagos, a treva que se lhes segue, penetram-nos a eles próprios de um santo horror. Essa língua afigura-se-lhe divina, parece-lhe o próprio Deus. O escriba chama deus à *Palavra*.

E a palavra de Ormuzd, trazida da Pérsia? Se o supuséssemos assim, enganar-nos-íamos.

O que a Pérsia denomina desse modo é a emissão da vida, a manifestação divina da luz e do ser, idêntica à Árvore da Vida (Hôma) e ao rio universal que dela parte e corre a seus pés.

Essa vida rica que o fez o paraíso da Ásia, de árvores, de frutos, de águas correntes, não a conhece o judeu. A árvore é maldita. A Palavra não quer dizer vida, amor, geração. Ela é a ordem, *a fala de Deus*.

Nada de prelúdios. O ser que até então vinha pelas vias progressivas (fecundação, incubação) nasce de repente, rígido, adulto, e assim ficará

sempre. Brota aterrorizado e lança-se de joelhos. Ele é um golpe de Estado, uma ação arbitrária, acidental, dessa vontade terrível.

Que vontade, que palavra, que nome? Eis aí a questão, a grande inquietação do homem. O mistério universal consiste em conhecer de que sílabas, de que letras se compõe o nome de Deus. Reside ali uma potência espantosa, e dela se participa desde que se lhe pronuncie o nome. Malditos sejam os profanos que lhe traírem o segredo! As Setenta querem que se lapide aquele que o revelar.

Esse nome compreende-se. Feito de três letras (para exprimir, abraçar as perfeições divinas), cresce até doze letras, até quarenta e duas. O alfabeto é divino. Cada letra é uma força de Deus. O próprio homem, pelo emprego de certas letras, podia criar, podia curar. As trinta e duas *Vias da Sabedoria* todo-poderosas compreendem também os nomes (que são ainda letras) e certas *formas de gramática*.

Infância da decrepitude!... A devoção gasta-se em práticas pueris. Os escribas chamavam-se *contadores* porque passavam a vida a contar as palavras e as letras que os livros santos continham (Franck, Kabala, 69).

Essa magia do alfabeto, essa bizarra superstição das letras, misturava-se, não se sabe como, a um misticismo unitário em que o homem cria perder-se em Deus. Coisas análogas se veem, também, nos tempos do cristianismo. Os escolásticos áridos imaginam delirar de amor. Santo Agostinho e São Bernardo, por exemplo, ousam crer, a exemplo dos judeus sábios, que Deus vai descer, consumir com eles as núpcias espirituais. Ousam oferecer à grande Alma, a Mãe dos mundos, um belo himeneu, um fiel leito nupcial de carumas e de sílex. Pretendem (insolentes!) possuir essa eterna amante! E entoam um canto de amor sob seu áspero salmodiar.

E que canto!... É o mais forte de todos! Esse caso patológico será o espanto do futuro. Eles estão tão longe da natureza que todos, judeus e cristãos, esperando um casamento com Deus (coisa para fazer empalidecer os anjos!), cantam-lhe o canto da luxúria, o canto das volúpias mórbidas, abandonadas, da Síria.

Espetáculo, em consciência, diabólico e demoníaco, o de vermos esses sábios, esses doutores, esses bispos, esses padres, publicar, bradar alto suas impurezas e exibirem solenemente com Deus as fúrias de um amor sensual insatisfeito!

## Notas

<sup>104</sup> Hier, op. Ad. Dard, 85. Munk, *Palestine*, 40.

<sup>105</sup> Se Davi não mata Saul, no instante em que o subjuga, não é por cavalheirismo, mas porque ele é o ungido do Senhor.

<sup>106</sup> Virgílio mal ousou deixar escapar o suspiro, da alma itálica no infeliz Titiro, tomado servo do soldado. Os nossos poloneses contemporâneos elevaram por um momento a voz de um desespero sublime: Krazilinski, Mickiewicz são iguais a Isaías.

<sup>107</sup> Sem se entenderem, as nações caminham todas para a *Unidade de deus*. — Do ano 1000 a 500, ela afirmava-se por toda parte e pela mesma forma, negativa e destrutiva, pelo eclipse e pela morte dos deuses. O Olimpo grego, na sua esfera elevada, empalidece, esteriliza-se, eteriza-se e torna-se o *Nous* de Anaxágoras, ou então, embaixo, funde-se, mistura-se mergulhando no tonel impuro de Baco. Na Pérsia, o grande combate cessa; Ahriman, enervado, tende a absorver-se em Ormazd. Todos os Baals da Babilônia abismam-se no seio de Anaíde ou Milita. Os da Síria, como anátema, parecem arder em Jeová. Babel é a unidade impura. Na Judeia há a unidade do ódio.

<sup>108</sup> Nada me custou mais do que o escrever este capítulo. Eu amo os judeus. Nunca perdi ocasião de recordar os seus mártires, as suas virtudes de família, os admiráveis talentos que eles têm desenvolvido nos nossos dias. Como não nos sentir impressionados pelo destino desse povo, pai do mundo cristão, e tão atrozmente perseguido, crucificado por seu filho? Quando queremos ser severos, lastimá-lo, o dizemos: “Os seus vícios são os que nós lhe criamos, e as suas virtudes pertencem a ele”. Respeito pelo povo paciente em quem durante tantos séculos o mundo sempre bateu; que em nossos dias tanto tem sofrido na Rússia. Respeito pelo povo fiel cujo culto antigo manteve o tipo do qual se partiu, ao qual se voltará, o *pontificado* doméstico, aquele para o qual caminha o futuro. Respeito à viva energia que, do fundo do Oriente, suscitou em nossos dias tantos talentos imprevistos, sábios, artistas em todas as artes. E, todavia, como nos calarmos? É pelos antigos livros judaicos que por toda parte se autoriza, se santifica a escravatura. Nos Estados Unidos, no Sul, os senhores citam os textos bíblicos. Na Europa, a Santa Aliança foi jurada sobre os livros judeus e cristãos e ainda hoje se jura sobre eles. O judeu tem sido por todo o mundo o *melhor escravo*, e até o sustentáculo dos tiranos. Por quê? Mais do que nenhum outro homem, ele teve a liberdade secreta do sentimento religioso que faz suportar com facilidade a servidão e o ultraje, e teve ainda, além disso, o espírito industrioso que explora o tirano e que faz da escravatura o campo da especulação. Ele está reservado a grandes destinos, visto que a sua raça é uma das mais aclimatáveis do globo, como o observa Bertillon em seu livro precioso sobre esse grande tema da *aclimação*.

## VI O MUNDO FEMININO

No mais popular dos livros, que é a Bíblia, a parte mais popular é incontestavelmente o *Cântico dos cânticos*. Os povos mundanos e descrentes, e mesmo os próprios crentes, admiraram-no sempre tendo-o lido e relido como a mais alta expressão do amor oriental ou, mais simplesmente, do amor. É evidentemente uma complicação desalinhada de cantos de amor, mas dispostos segundo uma ordem que dá ao conjunto um certo grau de unidade.

O que espanta é que esse livro assim adotado pelos judeus, que não tendo nenhum canto de alegria o escolheram para suas Páscoas, não seja de modo algum em grande parte judeu. Tem um calor e um encanto, uma liberdade singulares, que destoam e contrastam com a sombria Bíblia dos hebreus, geralmente seca e rígida. Ali, há, pelo contrário, uma efusão, um abandono (não digo do coração, não digo de amor), mas de paixão e desejo sem limites. É um canto da Síria.

A Sulamita é síria. A Judia vive mais reprimida. Seu amante certamente a não comparava “à égua árabe, indomável, de Faraó”. E não era admirando-a com temor que ele diria “que ela era mais terrível que um exército em batalha”. Os judeus reprimiram sempre pelas mais duras leis a mulher, imputando-lhe o Pecado Original e desconfiando dela como impura (Levítico, XII,5) e suspeita, a ponto de darem aos pais este conselho estranho: “Nunca sorrias para tua filha” (Eclesiástico VII, 26).

O *Cântico* nunca poderia indubitavelmente sair de núpcias judaicas, cerimônia severa em que a mulher era comprada e levada por aquele que lhe passava uma argola à orelha ou ao nariz,<sup>109</sup> sujeitando-a a um juízo bastante duro, público demais, sobre sua virgindade. A judia tão encantadora e tocante de humildade não existe verdadeiramente; não é incluída nos recenseamentos do povo.<sup>110</sup>

A Sulamita do *Cântico* é mais a filha da Síria armada dos Sete Espíritos, para invadir, perturbar, tentar embriagar o homem e fazer dele uma criança fraca. É esse todo o sentimento do *Cântico*, sentimento que dele ressalta fortemente, desde que se tirem as sobrecargas grosseiras com que têm pretendido obscurecê-lo.

Os judeus, tendo tido a ideia bizarra de entoar esse canto luxurioso em seu dia mais santo, julgaram santificá-lo, supondo ser um canto de *núpcias* honestas e legítimas — mais, de *núpcias reais*, o que purificava tudo — e, além disso, de *núpcias abençoadas* pelo *santo rei Salomão*. Daí os grotescos ornamentos, os cinquenta homens fortes em volta do leito etc. Daí o luxo, o ouro. Metal santo! No momento em que a amante nada quer e tudo entrega, o amante que a admira e a adora diz vulgarmente: “É linda como as obras dos ourives” (*Cântico*, VII, v, 1).

Miseráveis adições que é preciso separar desse livro para que ele, livre, fique admirável na beleza local, toda a siríaca, ardente de amor físico, muito pouco edificante, mas cheio de um bafo mórbido, de uma certa febre, como um vento de outono, mortal e delicioso.

A história não é obscura como a quiseram fazer. Pelo contrário, é clara até demais.

Era na primavera, no momento em que na Síria (na Grécia e por toda parte) se fazia a festa da abertura e a prova dos vinhos da última vindima. Era no momento em que o sangue vermelho de Adônis corria em Biblos com as areias da torrente, ele próprio torrente de amor, de prazer violento, de queixumes. Um belo rapaz (filho de um emir, segundo creio), muito novo, delicado e branco como o marfim (*churnens*), foi aos celeiros que estavam abertos na montanha, perto da cidade, para abrir e provar os vinhos. Em sua passagem, viu uma linda moça, morena, resplandecendo sob o sol dourado do Oriente e guardando sua vinha. Convidou-a a ir com ele, entrar e provar. Ela, muito ignorante, julgou ser uma moça, uma pequena irmã, aquele moço delicado, com uma voz tão doce. Obedeceu, seguiu-o, e não sei que filtro ele lhe deu para que ela saísse palpitante: “Mais! Beija-me ainda uma vez com um beijo da tua boca!... Toçar teus seios<sup>111</sup> é mais doce que o vinho que me destes a beber... Que suave perfume vem do teu corpo! Seguiria de bom grado esse perfume”.

A admiração da inocente foi o seio branco daquele efebo (*ubera*), “marfim com tons de safira”. (*Venter ejus churnens, distinctus saphiris*). Comparou-se

com ele e ruborizou-se, e pediu-lhe desculpa de não ser branca. “Se eu sou morena, é culpa do sol. Meus irmãos que me guerreiam obrigam-me a guardar esta vinha... E a minha própria vinha não a soube eu guardar...”

Vejo daqui o triste e fino sorriso. Nenhum queixume. Mas adivinho que o pequeno coração devia estar inquieto. Se os irmãos eram seus donos, é porque ela era órfã. Não seria maltratada? Tenho receio disso. Ela também. Tem o aspecto de sentir que era ele então que a devia proteger. Abraçou-se a ele e já não o queria deixar. “Dize-me tu, a quem eu amo tanto, para que lado ficam as tuas tendas (ela julga-o, em sua simplicidade, que ele próprio pastoreava seus rebanhos)? Dize-me onde é que dormes à hora do meio-dia.” E, como ele se calasse, acrescentou com uma gentil ameaça para lhe fazer ciúmes: “Que eu não me quero enganar, e perder-me pelas tendas dos teus companheiros”. Mas nem uma palavra conseguiu. Ele pagou-lhe com lisonjas, ternura e prometeu-lhe belos colares.

Ela era uma pobre moça; ele era rico. Manifestamente tinha medo de que ela a ele se ligasse. Tinha ele idade de casar? Não seria melhor esquecer? Ninguém o podia dizer.

“Eis aqui uma história bem comum.” Mas a continuação já não o é. Um encantador e terrível poder revela-se nessa moça. Ela é transformada e arrebatada pelo amor e pela paixão. Nela estão os Sete Espíritos, como na Sara de Tobias, a Madalena que fez o mundo com uma palavra. A força desta está em não ter nada disso, em seguir perdidamente sua exaltação, em não esconder nada e, em vez de dizer “Eu morro de amor”, dizer... o que uma mulher nunca diz. Desde então, o pequeno poema, como a alada tromba dos demônios, precipita-se, levando tudo.

O bem-amado volta, volta sempre, apesar de tudo... Em vão quer escapar-se, iludi-la. Um dia mesmo (o ímpio!) ri-se da pobre moça e gaba-se diante de seus amigos.<sup>112</sup> Pode fazê-lo à vontade. Está conquistado. A maravilha é que ela em sete noites elevou-se aos olhos dele de um modo sobrenatural. Agora é nobre e altiva, é rainha; e ele admira-a, tem quase medo dela, pela forma como se tornou imponente e linda. Numa palavra, é sua companheira.

Toda a gente sabe de cor esse canto, essa linda cena, em que ela está deitada e doente, tão doente num desmaio contínuo, cuidada por suas amigas — essa noite tempestuosa e terrível, em que pronta e perfumada espera por ele, esperando-o, a todo instante se sobressalta, julgando senti-lo... Mas ele

por desgraça partiu! E então corre à cidade tenebrosa, encontra-se com soldados, que lhe batem e a ferem. O bom coração de seu amante comove-se e volta, trazendo-lhe joias, sandálias, ricos vestidos. E então, completamente fascinado, já não se ri mais e vai ajoelhar-se-lhe aos pés.<sup>113</sup>

Nesse momento decide-se tudo prontamente. “Partamos”, diz ela, “vamo-nos embora (e o último capítulo mostra-nos fielmente que vai viver na casa dele). Iremos para o campo! Que felicidade não será ver pela manhã a flor da vinha e os frutos... Ah! Os meus serão todos para ti” (*Dabo tibi ubera.*).

Anoiteceu. E, quando chegaram aos campos desertos, ela disse-lhe amorosamente: “Sinto o aroma da mandrágora” (que torna as mulheres fecundas). Terna insinuação que, ao que parece, não se perdeu. Porque no dia seguinte de manhã, vendo-a transformada, talvez já mãe, como que transfigurada por não sei que solene graça, exclama, cheio de orgulho, com a ênfase do Oriente: “Oh! Quem é esta moça, mole e voluptuosa, que desce do deserto apoiada ao seu bem-amado?”.

Tudo isso vem da natureza, do sangue do Sul, desse clima de amor. Apenas, confesso-o, não se pode ler isso sem sentir a cabeça pesada. Prefiro o amor puro de Roma, de Sita, a cena em que a santa montanha, virgem como suas neves, entornava sobre eles a chuva de flores. Aqui há muitos perfumes, aromas acres e fortes e vinhos medicamentosos. Não sei se a Sulamita passou, como Erber, “seis meses metida em óleo sagrado e outros seis em mirra”, mas o óleo perfumado que sobrenada nessa fina taça de amor faz com que a gente hesite em beber. De versículo em versículo, encontramos a mirra, sempre a mirra, o perfume dos embalsamamentos. Existe, pelo menos, em quantidade suficiente para três mortos. E temos ainda o nardo, negra raiz indiana (de valeriana, a erva-gato), que tem efeitos poderosos sobre os nervos. E mais o cinamomo e não sei quantos aromas de todas as espécies, desde o perfume insulso do lírio até o cheiro amargo e ardente do aloé, que só de dez em dez anos deita flor.<sup>114</sup>

Mas o amor já tem bastante com sua embriaguez sem recorrer a essas drogas estranhas, que servem apenas para baralhar os sentidos e perverter a própria alma.

Ambos se aspiram, se cheiram, não se distinguindo mais do que aromas... “Eu seguiria”, diz ela, “o teu suave perfume...” E ele, languidamente, diz-

lhe sem rodeios os esquisitos odores, as emanações divinas que sobem do objeto amado.

Tudo isso é doentio, febril. A cabeça sente-o demais. Porque, deve reparar-se que essa ignorante, ainda ontem virgem, tem de repente, em presença do jovem adormecido, ideias diabólicas. É por sua culpa? Ou é culpa de sua raça? Inocentemente impura, tem o sangue de Ló e de Mirra. “Oh! Por que não és tu meu irmão?” etc. Parece lamentar-se por não poder pecar mais. Ainda mais: emprega muitas vezes um surpreendente apelo ferindo de maneira atrevida as mais santas recordações (“este é o quarto onde minha mãe...”, “é esta árvore onde tua mãe”).<sup>115</sup> Suprema impureza, que evoca o sepulcro!

Essa palavra dita na manhã da última noite é o *consumatum*, seguida da fórmula decisiva que findará tudo e que se poderia traduzir por “Para a vida! Para a morte!”.

“Coloca-me sobre o teu coração como um selo. O amor é forte como a morte...” quer dizer *irrevogável*. E ele agarra-a, abraça-a, e ei-la para sempre sua esposa. Queria ter tudo, o mar e os tesouros, para lhos dar. Pelo menos, dá-lhe seus bens, nada querendo ter senão a companhia dela (*omnem substantiam*).<sup>116</sup>

E ao mesmo tempo ela, que é demasiadamente tenra, é fina como ninguém!... Pensa na própria família. “Temos uma irmãzinha, que ainda não tem os peitos novos em doce curva. Que faremos dela quando tiver a idade em que se lhe pode falar?” Recordar-se muito bem das duas irmãs, mulheres de Jacó, Lia e Raquel. Quando chegar a segunda mulher, como é costume do Oriente, prefere ela própria dar-lhe aquela criança, que será dócil, fazer a felicidade da pequena, para quem é mais mãe do que irmã. Ele sorri, compreende e (sob uma forma delicada, oriental) promete-lhe o que ela quer.

Repare-se até que ponto ela está segura de sua situação de amante e de esposa! “Sinto-me forte como as muralhas que defendem as cidades. Recurvaram-se mais as linhas dos meus seios, ergueram-se como torres quando encontrei a minha paz junto de ti!”.

Entretanto, sente-se um rumor que se aproxima. São os amigos dele que descobriram, que o vêm buscar, que o chamam. Mas ela pode dar-lhe as despedidas. Que parta e se divirta; “Vai-te, meu doce e ligeiro cervo, para teus montes perfumados... Foge, gazela!”.

A explicação que eu dou é tomada não nas nuvens de uma vaga fantasia, mas no texto seguido passo a passo e adaptado ao verdadeiro caráter local: *sensualidade síria* e, por momentos, *opereta judia*. É ao próprio Salomão, à sua vasta experiência da mulher, que eu pedi a interpretação do *Cântico*. Subentenda-se aqui por Salomão os livros que se atribuem, os Provérbios, o Eclesiastes etc. Esses livros, tantas vezes amargos para a mulher (sobretudo para a síria), não caracterizam com bastante força seu mistério, que se traduz na seguinte frase: *Magia dos Sete Demônios*.

E isso não existe só na mulher de prazer, na Dalila, na Madalena, e nas mulheres de intriga e de audácia, Herodíade e Jesabel, mas também nas próprias virgens, como a própria Sara, de Tobias.

E há sete demônios nessa inocente: todos amorosos, ciumentos e dominando, cada um por sua vez. Todos, de Astaroth a Belial, de Adônis a Belfegor, todos se agitam dentro dela e disputam-na entre si.

Os sete deuses da Síria (peixes, serpentes, pombas ou árvores encantadas) “nasceram do deus Desejo”. Foi ele quem favoreceu a Sulamita. Quando ela saía do celeiro, ruborizada, a dizer “Ainda!”, um arco-íris pairava sobre ela. Era o deus Desejo, o resplendor árabe de Jericó, olhar das moças de olhos sombrios? Seria a moleza amorosa das carpideiras de Biblos? Seria esse enigma bizarro, voluptuoso, que é ainda hoje a Índia oriental e que nós desejaríamos adivinhar?

Tudo isso nela reside, e muito mais ainda; a própria tentação, a humilde confissão da mulher que a rebaixa, mas que a torna mais forte. A consternada feiticeira de Teócrito ou de Virgílio que se derrete em lágrimas, como a cera ao fogo de um braseiro, que num esforço desesperado chama um ausente muito querido, conserva mais nobreza e também perturba menos que a doente do *Cântico*, desfalecida entre suas amigas e que diz continuamente: “Morro! Morro!”.

Ela reúne os dois caracteres daquela que, entre todas, levou ao Pecado Original: tem qualquer coisa de Anjo e de Animal. É rainha e ao mesmo tempo escrava, submissa, ardendo por obedecer. E é por isso que ela reina e é irresistível.

Ela tem sua força disfarçada. Salomão diz às mil maravilhas, ele que tanto o provara: “Ela é a linha do pescador” (Eclesiastes, VII, 27). Três coisas são insaciáveis, e uma quarta ainda que nunca diz o suficiente: “O inferno, o fogo, a mulher e a terra sequiosa que bebe” (Provérbios, XXX, 16).

A maravilha no *Cântico* é que no momento em que ela aparece abandonada à natureza, em que a doce mulher síria parece perdida no sonho, a perfeita lucidez judia subsiste, revela-se timidamente. Tão nova ainda, e como ela já sabe o curso da vida do Oriente e a brevidade do amor!

Isso concorda completamente com aquilo que os Provérbios de Salomão dizem algures do espírito prudente e hábil da mulher doméstica e de sua aptidão para os negócios. Aumenta a fortuna, faz e manda fazer tecidos e vende-os. Com o fruto de suas mãos, compra uma vinha, torna-se proprietária e veste-se de púrpura. Mas tudo isso sem pôr obstáculos aos interesses de seu marido, um homem de bem, velho da cidade, que ela dirige em seus juízos.

Salomão, que teve setecentas mulheres e foi, dizem, terrivelmente subjugado e governado por elas, não lhes perdoou. “Achei”, diz ele, “que a mulher é mais amarga do que a morte”.

Aconselhar ao marido o que ele próprio faz indubitavelmente;<sup>117</sup> que é, quando ela se torna insuportável, refugiar-se num canto, fugir para o terraço mais alto da casa (Provérbios, xxv, 24).

Cada vez mais, segundo o aviso do rei sensato, o judeu se exila em seu terraço, longe, bem longe de sua mulher, e todo ocupado em fazer suas contas e em enumerar os versículos e as palavras da Bíblia. Em sua vida trêmula, inquieta, receia a fecundidade, segue o conselho do *Eclesiástico*: “Desejo-te poucos filhos”. A *Sabedoria*, para lhe tranquilizar completamente a consciência, diz-lhe: “Que o próprio eunuco pode ser abençoado por Deus.”

Acrescentai ainda um fato geral, a fraqueza. Nas incalculáveis desgraças, e nas revoluções imprevistas e contínuas, que acompanharam Alexandre, o coração e o vigor se abateram. E os homens deixam de o ser. E todo o povo perde a virilidade dos nervos.

Vico disse esta profunda frase: “Na linguagem antiga, quem diz *vencido* diz *mulher*”. Sesóstris, gravando suas vitórias, dá ao vencido o sexo da concubina. Como uma desposada do Oriente, o cativo tem a argola nos lábios, no nariz, na orelha, para ser levado para onde se queira. Povos inteiros são assim arrastados em rebanhos de crianças e de mulheres. E passam de

mão em mão, deste para aquele dono, com seus deuses asiáticos e seus ritos voluptuosos e sombrios.

Uma coisa há que neste momento perturba, aparece toda cheia de novidade, de infinita extensão, *a Fábula*.

Aquela própria história, tão séria, dos judeus constrói-se sobre um fundo maravilhoso, o milagre arbitrário, por meio do qual a Deus agrada escolher no mais baixo, no próprio indigno, um *Salvador*, libertador e vingador do povo. No Cativo, o banco ou a intriga da Corte, as fortunas súbitas lançaram as imaginações no campo do imprevisto. Apareceram então as lindíssimas fábulas históricas de José, Rute, Tobias, Ester e tantas outras.<sup>118</sup> E sempre sobre dois lados: ou é o bom *exilado* que, pela explicação de roubos e habilidade financeira, se torna ministro ou favorito, ou então a *mulher amada por Deus* que chega a um grande casamento, à glória e que atrai o inimigo e (coisa de espanto, contrária às ideias de Moisés) que é o *Salvador do povo*. Para Moisés, era a mulher impura, perigosa, tendo causado o Pecado Original. Mas é justamente a nota imprevista que ataca a fábula.<sup>119</sup> Deus faz da mulher um laço, serve-se de sua sedução e, por meio dela, opera o Pecado Original daquele que condenou.

O amor é uma loteria, a Graça é uma loteria. Eis a ciência da fábula. É o contrário da história, não só porque subordina os grandes interesses coletivos a um destino individual, mas também porque não segue os caminhos dessa preparação difícil que na história produz os fatos. Agrada mostrar-nos os bons lances de dados que o acaso algumas vezes traz; acariciar-nos com a ideia de que o impossível muitas vezes se torna possível. Por essa esperança, pelo prazer, pelo interesse, ganha seu leitor, corrompido desde o começo, e que em seguida vai atrás dela avidamente, até o ponto em que a reputa de talento, mesmo que falha de correção. O espírito quimérico acha-se interessado no negócio, e há o desejo de que ele seja bem-sucedido.

As fábulas judaicas são sensuais, e mesmo a mais admirável, a de Rute, tão finamente conduzida, é lamentavelmente lúbrica.<sup>120</sup> São devotas, e estão curvadas e como que prostradas sob o medo (medo de Deus, medo do Rei), mas não disfarçam nenhum dos manejos pelos quais a mulher é habilmente posta em foco, explorada. Judite diz, terminantemente, que o grande sacerdote a envia à tenda de Holofernes.<sup>121</sup> Na de Ester, diz-se como o sagaz

Mardoqueu se insinua entre os eunucos para se fazer apresentar e preferir por sua sobrinha. A bela fábula de Ester é profundamente histórica e imensamente instrutiva. Não foi só à Lusa ou à Babilônia que o cativo levou essa linda e untuosa jovem. Ela andou por toda parte pelas mil aventuras da escravatura, viajou pelo Ocidente. Se os asiáticos procuravam e roubavam gregos, soberbas jovens do Peloponeso, ricas de seios e de vozes novas e fortes, belas cantoras que os divertiam — os Ocidentais, esses, pelo contrário, queriam sírias, greco-fenícias de Chipre,<sup>122</sup> da Jônia, das Cícladas, esses ninhos de pombas, outrora criados para Astarteu. Essas são fórmulas perfeitas que a arte eternizou. Pareciam em troca mais “mulheres”, lascivas, moles, amorosas de nascença. Amoldadas facilmente a todas as artes luxuriosas, faziam do prazer uma devoção, do impudor um ofício, um rito. O inteligente mercador de escravas, o homem de Éfeso ou Capadócia, e mais tarde os cavalheiros romanos que viviam desse comércio, compravam e preferiam sempre essas filhas do Oriente, de sangue voluptuoso. Compravam judias, modestas e recatadas; mas na realidade com um ardor bizarro (se devemos acreditar o profeta) capaz de assombrar a Síria. Visitadas amiúde pelo Espírito sombrio que dorme sob o mar Morto, elas rezavam para ser ultrajadas (Ezequiel, XVI, 33).

Sonhadoras, elas levavam consigo seus ritos de impureza, purificações, medos e remorsos, desejos, fetiches. A escravatura, poderoso veículo para espalhar as mulheres e os deuses, levava por toda parte as sírias. E foi à força de ser escravas que elas se tornaram donas do mundo.

A mulher da Síria, seguindo seu destino, de harém em harém e de ultraje em ultraje (auxiliada pelos Sete Demônios), conseguia chegar muito alto. Aquele que a tinha conhecido pequena, que a desdenhara e revendera, revia-a mais tarde ocupando o lugar da esposa de um tetrarca, de um romano, apenas disfarçada por um nome (Drusila, Preocla etc.). E, sob o nome romano, a alma judia, sentindo-se sempre Ester, impunha-a por um encanto mórbido, os aromas voluptuosos e fúnebres das Adônias, os perfumes de um deus embalsamado, pelo mágico encanto das lágrimas que fazia dizer ao romano: “Oh! Como tu me agradas quando choras!” (Marcial).

Numerosas mulheres que usavam nomes gregos vinham dos templos fenícios espalhados pelas ilhas e podiam ser orientais. As Délias, as Lésbias, as Catulas, Tibrolas e Propércias, essas moças das Cícladas, que os amantes nos descrevem, não terão todas a mesma origem!?

Eram educadas cuidadosamente por mestres avaros, que tiraram mais tarde proveito disso, e bem mais cultivadas e letradas do que o são hoje as nossas senhoras de uma certa roda.

Mas não eram assim formadas para qualquer que passasse. Alugavam-nas por algum tempo. E elas seguiam obedientemente um certo homem notável, um certo amante provisório, muitas vezes durante viagens duras ou em guerras contra os bárbaros, como a Lícoris de Virgílio. Vê-se que essa criatura que inspirava a Galus tanto amor e tanto desespero era um espírito delicado, capaz de sentir o terno adeus da musa.<sup>123</sup>

“Quando eu parti, Délia consultou os deuses todos” (Propércio).

Os deuses, certamente, da Caldeia, do Egito, da Síria, os deuses do Oriente. Elas eram muito supersticiosas. O aborrecimento de sua situação, o desgosto consigo mesmas fazia-lhes desejar e procurar as purificações. Abandonariam de bom grado seu duro ofício para construir, em alguma ignorada capela, uma liberdade só para elas. A liberdade mais querida era a de chorar.

Santa capela!... Ao fumarento clarão dos velhos óleos com que o caldeu e o judeu alimentam sua lâmpada, Délia, sob a enegrecida abóbada, não é a única a rezar. A nobre e altiva matrona, de falso vestuário e penteada à gaulesa, está perto da humilde moça.

Em Roma os costumes riem das leis. A mulher é pobre segundo os códigos; mas afinal é muito rica, influi em tudo e tudo governa. Túlia, Cornélia e Agripina mostram-nos bem como elas são tão rainhas como as Marózias e as Vanozas da Idade Média.

Foram elas que por duas vezes minaram Roma. No momento em que esta feria Cartago e repelia o Oriente, elas desfaziam-lhe a vitória introduzindo à noite na cidade adormecida a orgia oriental (*Bacchus Sabasius*), colocavam ali o cavalo de Troia.

Agora, segundo golpe. A orgia acabou-se. Mas chegam os deuses da morte, os deuses todos do Egito. O fúnebre Egito, inimigo do mar, embarcou para Roma, levando juntamente com Ísis seu deus mestiço e novo, Serápis, o do alqueire sagrado. Esse Osíris lá de baixo, esse Plutão só por si traga, enterra trinta deuses, cura, mata, sepulta. Seu chacal Anúbis, o coveiro ladrador, está com ele, o *bambino* Hórus nos braços de sua mãe, e o lívido Harpocrato segue-o com seu pé eternamente coxo. Que bizarra procissão desce do navio, entre archotes, lâmpadas e tochas! Que espetáculo divertido e

lúgubre! Isso sucedeu no tempo de Sila, que esteve a ponto de pôr todos esses deuses de morte sobre as Mesas de morte. Mas os deuses são mais fortes do que ele. A mulher não tem medo e defende-os. César conservá-los-á como amigo de Ísis-Cleópatra, Antônio também. Ambos o farão por sua desgraça. Tibério proscree-os, mas em vão. Se Roma adotou todos os deuses, por que não adotará também o da própria Morte, deus cujo amor, cujo culto, engrandece e floresce cada vez mais?

O Egito ainda está muito vivo. Ir-se-á mais longe do que ele no reino sombrio. Encontrar-se-ão sombras mais defuntas e mais mortas ainda.

## Notas

109 Ainda hoje a mulher oriental traz muitas vezes o anel preso no nariz, como que a dizer: “Sou obediente, submissa e irei para onde quiserem” (ver todos os viajantes: Savary, I, 298; Lefèvre, I, 38 etc.). A desposada pouco diferia do cativo que recebia o anel no nariz ou no lábio (Rawlinson, *Assíria*, I, 297). No Gênesis (c. 24, v. 47), o servo de Abraão põe o anel no nariz de Rebeca, e São Jerônimo traduz ridiculamente: “Pus-lhe argolas de orelha” (ver Bíblia de Caheu). O anel que desfigura a face e exclui o beijo é muito humilhante para a mulher, torna-a passiva, transforma-a numa fêmea domesticada, que apenas serve para o prazer. A mutualidade desaparece. Para os circuncisos (ver o cirurgião Savaresi, *Peste S’Eg.*, 57), o prazer é lento e indefinido, solitário na própria união, como num grande sonho místico onde nada mais se vê que o pensamento. Quando o amante do *Cântico* diz à amante que ela tem “o nariz altivo como a Torre do Líbano”, quer dizer que ela é virgem, que ainda não recebeu a argola no nariz e, portanto, ainda não está admitida na humildade conjugal.

110 O judeu diz de manhã: “Obrigado, Senhor, por não me terdes feito mulher.” E a Judia: “Obrigado, Senhor, por me haverdes feito conforme a vossa vontade”.

111 *Tocar teus seios. “Obera tua metiora sunt vino.”* Ainda ninguém compreendeu isso. É preciso pensar que se está no país de Adônis, onde a criança e o adolescente são mais femininos que a mulher. Nessas moles e cálidas regiões, a mulher é o verdadeiro macho (ex. em Lima etc., ver Olhôa). Aqui, a bela e potente moça dos campos muda-se em criatura de uma classe superior como um objeto de voluptuosidade. “Eu lamentava Bajazet, mas pintava *seus encantos*” (Racine).

112 Fala dela com uma ligeireza ultrajante e já com a insolência da saciedade: “Comei e bebei, meus amigos! Já fiz a minha colheita completa, colhi a minha mirra e os meus perfumes, bebi o meu leite e o meu vinho... E comi também de um certo mal...”. Ignorante! Mas tudo fica ainda, fica tudo o que é mais delicioso. De resto, pode dizer o que quiser, pode-se fazer altivo. Uma invencível atração pesa sobre ele e chama-o para os braços dela. Ele vem, vem muitas vezes durante a noite, e não quer que o acordem. Comove-se e treme, quando, depois de carícias vãs, ela de repente se torna sombria: “Não me olhes assim! Tu és um exército em batalha. Foi isso que já me fez fugir... Pareces vir do deserto, dos leões e dos leopardos! Minha irmã! Minha doce amiga, para prender o meu coração bastava um leve olhar dos teus, o mais fino dos teus cabelos”.

113 Deitada ainda, lânguida, tendo perdido as suas vestes nessa noite cruel, ou não as podendo suportar no pesado calor daquela tarde, ela dá-se-lhe. E ele, comovido por tanta piedade, ternura e admiração, enumera os seus encantos, descreve com avareza o seu tesouro. Tão abandonada e tão submissa, ainda lhe parece mais digna do seu amor e do seu respeito. E calça nos seus lindos pés nus umas sandálias elegantes e ricas. Ela ergue-se e anda, e andando lembra uma filha de príncipe, *filia principis*: “Ó meu amor! Como tu és nobre! Como tu és rainha no amor! Os teus cabelos são a púrpura sombria que emoldura a fronte dos reis! A tua cabeça é como a montanha! O teu nariz é altivo como a torre que, de um outeiro do Líbano, olha e ameaça Damasco!... Tua garganta é o cacho sumarento das nossas ricas uvas da Judeia... O teu talhe é o da palmeira. Oh! Sim, subirei a minha palmeira e colherei os meus frutos, e no teu seio farei a minha vindima!”. Estas palavras faíscam, cintilam. E ela enrola-se-lhe no pescoço e murmura: “Doces palavras! São como um vinho delicioso a que se toma o sabor, que passa e repassa entre os lábios e os dentes... Partamos então para longe”.

114 Em quatro páginas há sete vezes a palavra mirra e dezessete vezes incenso e outros perfumes, pouco mais agradáveis, como o purgativo aloé etc. Uma completa farmácia, afinal.

115 Isso é mais violento do que a cena em que Cam mostrava a embriaguez de Noé. Existe aqui o antigo gênio dos magos e a impiedade de Babel. A principal passagem é na manhã seguinte à sétima noite, aquela comprida noite em que esteve com ele, na distante campina solitária. O amor estava bem acalmado, mas ela gira como uma pantera. Depois: “Olha a romãzeira, à sombra da qual... *Ibi corrupta est mater tua, ibi violada est genitrix tua.*” (Cap. VIII, 1, 2, 5).

116 Ninguém entendeu. Mas muitos acharam melhor que o texto. Dargand diz, com uma fina delicadeza, o que não existe nesse texto material: “O homem dará toda a sua vida em troca do amor e julgará sempre nada ter dado”.

117 Parece que enquanto o Sábio estudava a Criação, desde o cedro até as plantas aromáticas, suas concubinas, lascivas sírias ou árabes de sangue de fogo (como a rainha de Sabá), mudavam os deuses a seu bel-prazer, construía templos e em breve impunham a esse grande rei a vergonha do culto baálico que leva o homem a curvar-se diante da mulher. Aquilo que um conto medieval nos diz de Aristóteles amoroso (a quem uma moça domina, monta, e assim faz do sábio um burro) é pouco em comparação com o rito singular da Síria que os drusos ainda conservaram durante muito tempo. A mulher (toda e qualquer mulher regamente sentada no templo) exige do homem prostrado a seus pés, como uma confissão da sua nulidade, uma obscena e humilhante homenagem a essa força que se diz fraqueza e que no entanto participa da infatigabilidade da natureza. “Foram as próprias mulheres da Síria que introduziram esse rito.” Sacy, *Journal Asiatique*, 1827, X, 341.

118 Os anacronismos são monstruosos, como se destacar ao mesmo tempo São Luís e Luís XIV. Ver De Wette etc.

119 Senhor, o que é a fábula? — Senhora, é isso que vós tendes em mente agora. Porque, como a senhora não se importa com o país, nem com a ciência ou mesmo com a religião, vós sabeis isso que Sterne chama de um *dada* e que eu chamo: uma linda *bonequinha*. Nós temos uma fábula insípida. Por quê? Porque não temos grande poesia.

120 É um pastiche hábil dos tempos antigos. A linguagem não tem em nada o sabor e a forma antigas (De Wette). Devia ser feita contra Esdras, que se dava à caça de mulheres estrangeiras.

121 São Jerônimo não é escrupuloso. Suprime bravamente esse versículo.

122 Ver em Lamartine, *Viagem*, o retrato maravilhoso de Malagamba, uma grega de Chipre, com sangue sírio. E, mais adiante, a *moça* de Jericó, de olhos encantadores, ásperos e terríveis.

123 *Panco meo Galo, sed quae legat ipso Lycorio!* Como essa écloga é pura e, cem vezes, se devemos dizê-lo, mais amorosa que o *Cântico dos cânticos!* Lícoris certamente não tinha necessidade de usar o agulhão impuro, a cantárida áspera de Ló e de Mirra. E digo o mesmo da Délia de Propércio e de Tíbulo. Nesses encantadores poematos de amor melancólico, esquecem-se os autores perfeitamente de que se dirigem a seres infortunados que nem de si dispõem. Palavras admiráveis recordam as mais doces afeições domésticas. “Que felicidade! Ela é tudo! Eu não sou nada em minha casa.” E ainda: “Prendê-la com ternura! Escutar com ela os ventos desencadeados pela noite”. — voto humilde, tão comovente e cheio de ternura e de inocência.

VII

## O COMBATE ENTRE A MULHER E O ESTOICO, ENTRE A LEI E A GRAÇA

O bravo gênio de Roma parecia predestinado a continuar a obra grega, a defender o mundo da absorção oriental dos deuses da Ásia, que vinham, cruéis ou chorosos, enterrar a alma humana.

Enorme e rijo combate foi esse. Não existe nada em toda a história do mundo que se assemelhe às Guerras Púnicas. Não se trata desse Alexandre que, corredor ligeiro, percorreu um império destruído; não se trata das guerras obscuras de César, nas florestas desertas onde ele mata cem nações. Com estas, passa-se tudo em plena luz. Aníbal foi realmente outra coisa: diferente foi seu exército. Glorioso foi o dia em que o deus *Inominado* de Cartago, com a máquina terrível desse exército *sem nome*, com seu forte gênio guerreiro (o mais forte que se conhece), caiu sobre a Itália. Soube-se então tudo o que a Itália, a mãe fecunda, tinha nas entranhas. O que a Grécia nunca pôde encontrar, encontrou-o ela: uma massa rural espessa, dois milhões de soldados. Essa massa era honesta, dócil, resignada, pronta a morrer. Roma ensinou a morte nesses dias a toda a terra. E, pouco a pouco, o monstro morria. Obrigado! Grande Itália!

“*Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus! Magna virûm!*”

O velho *genius* italiano possuía uma grande ciência que vale bem todas as filosofias: a do lar e a do túmulo. Os penates esposos, guardas da família, os grandes deuses *Consentes*, casados dois a dois, que, mais felizes do que nós, nasciam e morriam no mesmo dia, são uma criação doce e venerável. Os túmulos etruscos e itálicos não acabrunham como as necrópoles do Egito: animam e consolam. Falam, ensinam-nos o curso dos tempos, as grandes idades do mundo, o círculo regular das coisas.<sup>124</sup> Esse país teve, como nenhum outro, o sentido profundo da história que vivifica a morte, faz florir os túmulos. *In urna perpetuum ver.*

O respeito pelos limites, pela propriedade, pela terra consagrada pelo trabalho e pelos sepulcros preparava admiravelmente esse povo para se tornar, sob a inspiração da Grécia, o Mestre universal da Jurisprudência. A paciência infinita do plebeu, que tantos séculos combateu pela Cidade tão dura que sempre o expulsa, só se explica pela doçura infinita do agricultor italiano. Nenhuma revolta mais do que a de Aventino — uma secessão pacífica, e o resultado foi enorme. Dela derivaram três coisas: o *fascio* em que se quebra Cartago; a conquista do mundo; e a organização do mais belo império que sob o sol tem existido. Enfim, uma obra imensa (com tantas partes imutáveis), o colossal *Corpus juris*.

Eu sei o que todos dizem: “Os romanos fizeram a guerra”, assim como todos os povos. “Roma tinha escravos”, assim como todos os povos. “Os procônsules romanos abusaram do poder”, como sempre acontece. Verrés era pior do que Hastings, absolvido pelos ingleses? Era ele pior do que os primeiros governadores espanhóis, que despovoaram a América? Ou pior que os cristãos que marcam nesse ano a morte de três povos? (1864).<sup>125</sup>

Foi Roma quem fez a decadência? Não, Roma herdou-a. O mundo que caiu em suas mãos era um mundo extinto. Nós nos esquecemos demasiadamente da despopulação, do caos, das bacanais militares, que a humanidade sofria depois de Alexandre, o Grande. A orgia concentra-se e expira em Roma. Por que a chamamos nós romana, quando ela não passa de uma sombra, mesmo no meio de Roma, da orgia da Ásia, do Oriente?

Roma admitiu todos os deuses, manteve todas as leis dos vencidos: rendeu homenagem ao seu gênio. Nada era mais honroso para os magistrados soberanos do que a deferência infinita que testemunhavam ao gênio grego, reconhecendo a autoridade da luz, confessando que tudo o que tinham lhe pertencia.

“Ide a Atenas”, escrevia Cícero a Ático, “respeitai os deuses”.

Nunca os próprios gregos falaram da Grécia com o entusiasmo com que o faz Lucrécio em seus versos solenes, tão comovidos, de um acento tão profundo. O grande gênio sagrado da Itália, Virgílio, quando fala da Grécia, desce humildemente de seu tripé, arranca os louros de sua cabeça, faz-se discípulo, filho de Hesíodo, e segue-o. Bela ternura, amável e tocante!

Em relação à língua, à filosofia, à inspiração da própria Lei, Roma dobrou-se perante a Grécia.

Todo romano teve um mestre grego, aprendeu a fundo a língua de Homero, quase até o ponto de esquecer a sua. Não se falava senão grego em Roma e nos momentos mais vívidos em que o próprio coração escapa, no acesso do amor (Juvenal), sob o sopro da morte. Quando César foi ferido, exclamou *em grego: Helenisti! (Plut.)*.

Pedia-se aos gregos o regulamento da vida. A filosofia grega reinava, entronizada em Roma. E não quero falar das ideias teóricas, da especulação, falha da ação, dos costumes, da conduta. O filósofo grego era, em cada casa romana, o conselheiro, a quem se pedia força e luz nos momentos perturbados da vida. Os heróis da resistência, os Traseias, tinham *seu filósofo* para assistir-lhes à morte. Os próprios imperadores tinham seu grego que os moderava, adoçava, acalmava. Augusto, sem o seu, não teria sido mais do que Otávio.

Nessa nobre antiguidade, nada de mais nobre, de maior, do que a simplicidade de toda a Roma, poderosa, senhora do mundo, que pedia recursos à Grécia, essa velha Grécia arruinada, já quase deserta, à solidão de Atenas.

Mas como é que a própria Grécia vivia ainda? Depois do horrível embate dos exércitos de Alexandre, ferida, esmagada, desolada, enquanto os romanos roubavam seus deuses (talvez um milhão de estátuas), enquanto os altares ficavam vazios, enquanto os heróis que decoravam as praças, as ruas e os pórticos se vão cativos para a Itália — o que resta à pobre Grécia?

Deve-se admirar, ali, a força dos deuses helênicos. É neles que está a base sobre a qual a Grécia sustenta Roma e a humanidade. A Grécia apoia-se em Hércules.

Em Atenas havia um pórtico que lhe era consagrado, o Cinosárgio. Foi lá que Antístenes se jurou discípulo fiel de Sócrates, após sua morte. Nessa decadência, que se seguiu aos trinta tiranos, ele tomou para si a difícil empresa de mostrar aos olhos do povo o próprio tipo da Liberdade. Hércules foi eminentemente livre: pôde ter tudo e não quis nada. Com sua pele de leão, sua maçã de oliveira (a força pacífica), era mais rei do que Euristeu. Foi o modelo de Antístenes, de Diógenes, seu discípulo. Diógenes, que não era o tolo que se diz, fez o que Sólon fizera. Durante um século inteiro, pregou por seus atos, representou o drama de Hércules. Exagero calculado. “Os mestres de cores”, dizia ele, “forçam a nota para que seus discípulos a atinjam”. O *tom*, a *tensão*, no relaxamento geral, é a filosofia de Hércules.

Assim se tinham *tendido* na mão de Apolo o arco e a lira. Há um monumento que nos mostra Hércules, moço ainda, que, em seu amor heroico do belo e do sublime, toma a lira, disputando-a com o próprio Apolo. Essa *tensão* é apenas harmonia, suavidade. Diógenes dá dela um solene exemplo: escravo e encarregado por seu senhor de educar uma criança, fez dela, pela mais doce educação, um homem admirável.

O grande mito dos *Doze Trabalhos de Hércules* criou ideia da nova filosofia: *glorificação do Trabalho*.

“O bom Deus é a Natureza. Natureza é a razão que *trabalha e molda* o Mundo.”

“O Trabalho é o Bem soberano.”

O trabalhador, o *escravo*, é *reabilitado*. Diógenes, vendido por acaso, quer mostrar que se pode ser absolutamente livre em plena escravidão. Recusou ser libertado. Homens nascidos escravos (Menipo, Monimo) foram admitidos no Pórtico de Hércules e honraram-no.

É tudo isso um jogo? Poder-se-ia crê-lo. Mas as circunstâncias terríveis, os tremendos golpes da sorte, a bárbara orgia militar e a encarnação do Tirano atingiram demoradamente o Sábio para provarem que ele era o Forte. A *Paixão* de Calístenes crucificado pelo louco cruel que tinha a terra a seus pés, por haver defendido a honra e a razão, pôs a Escola à prova da morte e dos suplícios.

Dessa cruz tomba a palavra de *Prometeu*: “Ó Justiça, ó minha mãe!”; a palavra do *Eutífron*, que é a última de Sócrates: “Não existe nada mais santo do que o Justo”. Zenon e Crisipo ensinam que *a justiça é a santidade*. “O Bem faz a felicidade. Só o Sábio é feliz. O Justo é feliz na morte, na dor, na tortura.” Palavras vãs? Não. Os atos correspondiam-lhes. Esfacelado, torturado, um estoico respondia ao tirano que o martirizava: “Esmaga! Esfacela e mata. Tu não extingues a alma”.

O grande papel da resistência que os estoicos desempenharam nos começos do Império fê-los considerar sob um aspecto muito especial. O que Horácio chama *Atroce animum Catonis* obscurece-nos o estoicismo, fá-lo crer mais estreito e oculta em parte sua grandeza. Ignora-se geralmente que ao lado de seu princípio fundamental de Justiça, da qual se origina o Dever, o estoico admitia outro princípio, que a verdadeira justiça envolve — o do Amor. Notai que não é um adoçamento tardio do tempo de Cícero ou de Marco Aurélio. Quinhentos anos antes de Marco Aurélio, nos tempos de

Alexandre, o Grande, Zenon, o primeiro estoico, descrevendo a Cidade universal do mundo, já dizia: “O Amor é o deus que salva a cidade”.<sup>126</sup> Dizer amor é dizer a amizade mútua e a fraternidade humana. Reside nele a trindade Sagrada: A *Liberdade* da alma — a liberdade *igual* (e que se estende ao próprio escravo) —, o *Amor* (de todos por todos), a grande unidade fraternal.

Que o feliz *ame* e fraternize é coisa fácil, parece. Mas que o miserável, nos duros trabalhos monótonos, ingratos, que secam a alma, ame ainda, fraternize ainda, é belo, é grande. Zenon teve a ventura de encontrar esse milagre em Cleanto, seu discípulo: à noite trabalhava (tirava água para os jardins); de dia meditava, filosofava. Zenon, encantado com ele, chamava-o o *segundo Hércules*. É que ele tinha a alma do herói, boa e terna. E foi ele quem criou a grande fórmula imutável: “O Amor começa pela mãe, pelo pai. Da família à vizinhança, à cidade, ao povo, estende-se, torna-se o santo amor do mundo. O homem, desde então, porque é homem, deixa de ser para o homem um estranho” (trezentos anos antes de Jesus Cristo).

Os estoicos não ficaram só nos princípios; alargaram o espírito a uma infinidade de questões práticas que tocavam os limites da jurisprudência. De Paulo Emilio a Labeo, um advogado Estoico, os gregos, principalmente os do Pórtico, prepararam homens e ideias, ao mesmo tempo. O direito da equidade adoçava, modificava a barbaria antiga. É essa a obra do Pretor. Mas quem é o Pretor? O discípulo de um filósofo grego, quase sempre de um estoico (ver Meister, Ortloff e, sobretudo, Laferrière, 1860).

Quem suspendeu a obra dos filósofos e da Sabedoria Grega? Quem tornou inútil a grande experiência do político e do jurista romanos? Quem impediu, finalmente, a restauração do Império?

Incontestavelmente, os vícios do todo-poder, mas sobretudo a fadiga, a incrível fadiga do mundo nessa época. O fim da Guerra dos Trinta Anos, o esgotamento da Europa depois dos Waldstein, dos Tili, os grandes destroços dos mercenários de então dão uma pálida ideia do estado dos povos antigos após os *Trezentos anos* em que os sucessores de Alexandre, os Pirros, os Agátocles e os mercenários de Cartago espalham por toda a parte a morte, a ruína. Acrescentai-lhes Márius e Sila, o combate atroz da Itália, ela própria dividida pelos soldados, e dividida sem proveito, porque a cultura estacou.

Logo às portas de Roma, começava a desolação. “*Rarus et antiquis habitator in urbibus errat*” (Lucan).

Os padres enganam-nos estranhamente; querendo fazer-nos crer que os tempos da orgia pagã continuavam com o Império. Essa orgia estava concentrada em Roma, com o excesso dos vícios e o excesso das riquezas. Em qualquer outro lugar, estava tudo esgotado e pobre: a Grécia, deserta e o Oriente, envelhecido. À exceção de Alexandria, Antioquia, cidades modernas de certo movimento, um grande silêncio, um grande cansaço pairava por toda parte, como um torpor, uma sonolência, uma paralisia.

Em três ou quatro séculos, diversos deuses apareceram, passaram, sucedendo-se como sombras. Os belos deuses gregos, como Apolo, Ateneia, deram lugar a Baco, o devorador de todos, que até o próprio Júpiter devora. Baco, orientalizado por Adônis-Sabas, perde todo o seu caráter, mistura e funde seus mistérios nos mistérios ambulantes da Frígia e do Egito, de Átis, de Ísis etc. Na retaguarda dessas miseráveis exposições, marcha Mitra, o renovador impotente. Houve, a seguir, três épocas de deuses depois de Júpiter. Os sacerdotes ressuscitam-nos a todos esses deuses para nos fazer crer que o deus novo, seu vencedor, combateu de frente a orgia antiga, o verdadeiro Baco de cornos de touro, os leões rugidores de Cibele. Porém, todos esses deuses já estavam no túmulo: Júpiter e Baco eram há muito estátuas de mármore<sup>127</sup> no Panteão de Roma, bem desinteressados e alheios à luta de Mitra e de Jesus.

Uma força oculta minava esse mundo velho. Qual? Coisa singular: seu próprio progresso de humanidade e equidade, a equidade vasta e generosa do Direito, que inutilizava os mortais inimigos da razão, tenebrosos destruidores do Direito e do Império.

Pouco a pouco, Roma absorveu todas as nações: tornou-se a pátria comum. Quando a Itália rompeu as barreiras, desde que *o bom tirano César, o bom tirano Marco Antônio*, amantes de Cleópatra, abriram as portas ao Oriente, a humanidade inteira chegou e apresentou-se. Foram todos admitidos — porque, enfim, eram homens.

A indulgência do novo Baco (César) que *marcha sem cintura* (à imitação de seu Deus) harmoniza-se completamente nesse ponto e com seu inimigo, o Estoico, com as vastas doutrinas do Pórtico. Roma olha e admira seus novos filhos: são romanos negros da Líbia, amarelos da Síria, romanos de olhos verdes, dos pântanos da Frísia. Realizam-se ali as mais incoerentes misturas

de homens em esboço, de bárbaros (ursos ou focas?) com os cadáveres e esqueletos do impuro Oriente, resíduo de impérios, sepulcro de sepulcros e *caput mortuum*. E acontece como em qualquer mistura, a sã vitalidade é absorvida, deteriorada pela podridão envelhecida.

Ai! A podridão, a morte do escravo e todos os vícios do livre e seus próprios. Reanimado pelo estoicismo, o jurista e a lei romana podem por acaso desfazer no escravo os traços de seu longo sofrimento? Notem que ele não é o inocente trabalhador, o negro da América. O escravo antigo é igual ao seu senhor em cultura, em malícia, em perversidade. É quase sempre o humilde, o gracioso filho do Oriente, que vem como criança-mulher, por meio de amor e intriga, fazer circular em todos os palácios de Roma seus deuses da Ásia.

O suave Tiro é para Cícero mais do que um escravo: é um amigo, o mais submisso que possa se imaginar, portanto o mais poderoso, o senhor de seu senhor. Creem também que Lícoris, a poética, a virgiliana possa ser realmente uma escrava? Essas belas mulheres, com a idade, resgatavam-se e ficavam ricas. Regressando à Ásia, à Grécia, tornavam-se honradas matronas, que, impossibilitadas de amar, amavam os sonhos, as fábulas, os deuses do Oriente.

Não era nada diferente o espírito da verdadeira dama, da livre Roma, esposa independente de uma sombra de marido, ou viúva, e mãe reinante, absoluta de uma criança. Se não era tutora, exercia, contudo, a verdadeira tutela, a *guarda* de seu filho e a administração de seus bens. Vemo-lo em Horácio, vemo-lo em Sêneca. Mas há mais. Os excessos precoces, mais mortíferos com os varões do que com as mulheres, concentraram, tanto em Roma como na Grécia, os bens nas mãos femininas. Tudo a auxilia, a lei generosa e humana e a Natureza cada vez mais poderosa. O coração fala e é sempre em proveito das filhas. A encantadora fórmula das leis do Norte (*Marculf*) se não está *escrita* no Direito romano nem por isso é menos viva: “Minha doce filha, privava-te dos meus bens sem direito, iníquo. Mas eu, criança querida, eu te igualo aos teus irmãos etc.”.

Esse entusiasmo do coração é igual ao que a nossa França da Revolução sentiu quando, de um golpe sem premeditação, humanizou o Direito e fez da francesa a mulher mais rica do mundo. O resultado foi o mesmo. Dando-lhe a fortuna sem lhe dar a educação, tornando-a rica sem a esclarecer, sem a colocar no nível da luz do tempo, a Lei pôs-lhe nas mãos armas para destruir

a própria Lei. Nunca o regresso obstinado das faltas e das desgraças foi tão chocante. Hoje como então, então como hoje, a Revolução acabou por asfixiar a si própria. Paula e Metela, por dote ou herança, possuidoras de fortunas imensas, edificaram a Serápis, a Mitra, a Jesus, essas capelas e esses templos com que as nossas cidades de hoje se coroam de novo.

Espetáculo bizarro. A quem é que a Lei garante esse enorme poder?

À criatura fraca, à mão malévola, ao coração quimérico e perturbado, tão fácil de prender. Quem as defenderá de si mesmas? Paula, em seu vasto palácio, tem medo. As ricas libertas, as Cloés, Febes de são Paulo, a de Magdala, tão afamadas, tremem, amedrontadas por espíritos desconhecidos.

No dia seguinte ao da orgia antiga, quando tudo empalidece e desfalece, elas correm ao sombrio caldeu (astrólogo, *matematicus*), que herda dos magos, que consulta o céu, as estrelas e os destinos. Magro e sujo, deitado ao ar livre no Campo de Marte, não havia mulher apreensiva que não o fosse consultar. Grandes mudanças aproximavam-se — disso ela tinha certeza —, sentia-o. O que seria? Coisas terríveis que se diziam e se não diziam, que se deixavam apenas entrever. O fim do mundo, a morte universal, catástrofe suprema, que levaria ao mesmo tempo a vida de todos e nos livraria de nós mesmos.

Todavia, ela empalidece... Ela quer e não quer morrer. Está quase a suplicar graças... Ele a contém. Faz-lhe ansiar (comprar?) um grande segredo. “O mundo, morrendo, não morre. A uma idade que *passa* sucede-se a idade que *vem*. O *Circulus* das coisas, o coro das horas do mundo, em sua eterna ronda, ligam a cada mil anos o poente à aurora. Uma madrugada viva está para chegar; e tudo recomeçará. A alvorada raiou já, o mistério cumpriu-se e o berço está pronto... Esperemos o divino infante...”

*Incipe, parve puer, risu cognoscere matrem!*

A Itália decadente ergue-se ainda em Virgílio para fazer esse voto; e esperava. O poeta, de longos cabelos de mulher, infeliz sibila a que sufocaram os suspiros, pode dessa vez falar, profetizar. Seus senhores, os cruéis políticos, esperavam que sua voz sagrada unisse o mundo no berço de um filho de Augusto.

O *círculo* das idades devia trazer consigo uma criança, um pequeno deus salvador. A *perdida* ou Prosérpina, o *bambino* Baco exposto sobre o mar, o *dole* Adonai, morto e ressuscitado — essas três crianças haviam encantado o mundo. Átis havia-o arrebatado, no comovente espetáculo em que, de uma árvore cheia de suspiros, brotava o menino reencontrado. Tudo isso era encantador e engenhoso. Nos palácios dos imperadores, não se sabia ao certo se se devia refazer ou proscriver os Messias. Mecenas estava avisado para não mais consentir ou sofrer essas tarefas, de proscriver os Salvadores, perigosos para o Império. Homem de tanto espírito, ignorava, contudo, que toda a realza é um messianismo. O indivíduo, cuja alma imensa contém e ultrapassa a alma de um povo, é necessariamente um milagre, uma encarnação.

A última forma popular desse messianismo fora Átis, imagem viva do esgotamento do mundo. Após a orgia fecunda e priápica, o furor da impotência eclode nesse mutilado, mulher-homem, e frágil em qualquer dos sexos. Átis (em Catulo), chorando, chora a humanidade. A natureza parece magoada pela esterilidade do homem. O sol macilento já não aguenta. A árvore seca e a erva amarelece.

Mas se a gente não cria, pode recordar-se, pode falar, repetir as palavras. O que resta da vida é sobretudo a voz, o eco. O deus palavra sobrevive a todos os deuses. Basta de *cidade*. O que subsiste é a *escola*. O novo Salvador é o *mestre* — um doce mestre de voz velada, que põe surdina nas notas altas do passado, que não produz nenhuma mudança, não obriga a qualquer esforço para ensinar coisas novas. Os antigos mestres, Apolo e Orfeu, cantaram. Pitágoras ensinou pelo silêncio. O silêncio diz tudo.

Mais doce é a doçura dessas vagas palavras murmuradas à noite à mulher, ao filho, que quer, mas não pode dormir. A voz que então se ouve não se sabe bem se vem de fora ou de dentro da alma.

É um ser fora de mim, a alma amada, ou é a própria alma? Mas o encanto desse mistério é muito grande para que queiram esclarecê-lo. Preguiçosamente tem-se receio de despertar e de ser lúcido, de recuperar a vida do esforço e da razão. “Sobretudo nada de razão! Durma a consciência! Passividade completa! Que a alma não seja mais do que um instrumento.” Era o que recomendava o contemporâneo de Jesus e seu irmão na doutrina. Ele exprime magnificamente a mole sonolência dessa idade passiva em que o mundo se prostra sob a fatalidade do império eterno.

Quanto ao pedantesco debate dos rabis sobre o próximo Messias que tudo ia extinguir; quanto às garatujas do Logos, da Sabedoria, do “Filho do homem que vem sobre as nuvens” (Daniel) a poucos interessava. A plebe atinha-se, pelo contrário, à tradição da Síria, à encarnação da Pomba, à tradição judaica, o Espírito Santo descendo sobre a casa de uma mãe estéril para originar um grande Nazareno.

Esses milagres bíblicos, lidos e relidos nas festas, rendiam à mulher sonhadora, quando deles regressava pela noitinha. Do Oriente, a estrela de ouro via-a, seguia-a, envolvendo-a em seu olhar cintilante. Os salvadores da Ásia são os *Filhos da estrela*. Quem a não tem visto por vezes descer, deixar aqui seu traço luminoso, como um fluxo da vida celeste?... Elias diz: “Ao princípio era tempestade, e não era ela. Depois passou um vento forte, ainda não era ela. Mas, finalmente, sentiu-se um vento cálido, um vento doce... Era ela!”.

## Notas

<sup>124</sup> Ver minha *História romana* e, sobretudo, Vico.

<sup>125</sup> Polônia, Dinamarca e Cáucaso.

<sup>126</sup> Denis (*Hist. des Idées*) aponta corretamente o erro (voluntário?) daqueles que tentam fazer acreditar que essas grandes ideias de estoicismo primitivo só aparecem nos tempos cristãos.

<sup>127</sup> Isso é admiravelmente assinalado nas obras de Quinet.

## VIII O TRIUNFO DA MULHER

É muito lógico que o cristianismo, concebido, nascido da Virgem, tenha terminado pela Imaculada Conceção. Maria, a mãe de Maria e todas as mães o contêm e abraçam. Uma longa incubação feminina, uma gestação continuada, deu essa criação, que nada deve ao homem, como com toda a verdade se diz, visto que saiu unicamente da mulher.

Até 379, na Igreja grega, oriental, que é a Igreja-mãe, *a Mulher foi sacerdotisa*. E não houve nunca sacerdócio mais legítimo. Ela é o verdadeiro padre cristão. Quem melhor do que ela pode explicar, fazer sentir, adorar o que ela mesma fez? Foi nesses primeiros séculos e por esse encanto que o ídolo antigo foi vencido. Nenhuma divindade de mármore se podia sustentar desde que a Graça viva oficiava no altar!

Maria foi posta de lado, mas para voltar depois mais forte do que nunca. Ela reina até o fim: ela é todo o cristianismo. São Domingos declara que em seu seio viu o céu, mais do que o céu: viu ali três mundos, o purgatório, o inferno e o paraíso.

Os escolásticos são ridículos quando, querendo delirar sabiamente, estragam a *Loucura da cruz*, o elemento feminino, a Graça, por uma aliança impossível da Razão viril com a Justiça.

Como é que eles não viram que, a cada passo que deram fora da Graça para masculinizar Jesus, saíam de sua religião, eram dialetistas, juristas? Santo Tomás, que gastou a vida nessa empresa impossível (um triângulo sem ângulo), arrependeu-se ao morrer, regressando à Graça e não querendo que nos últimos momentos lhe lessem outra coisa além do *Cântico dos cânticos*.

A mulher solitária viu surgir de seu seio casto seu gênio, seu anjo e sua alma nova, alma falante, que, nascendo, ensina à mãe tudo o que ela própria sabia. Esta alma, que é seu filho, é também seu suave reflexo, indistinto dela mesma, mas sendo mais amado. Aos doze anos, ele é completamente ela e,

no entanto, é seu mestre, sua lição, seu pequeno doutor. Ela o coloca diante de si e se ajoelha a seus pés.

E agora ei-lo grande, belo, um nobre adolescente, com cabelos longos, que se diriam de sua mãe, com seu olhar triste e grave. É seu filho? Sabe-o ela? Ela preferirá que ele seja outra coisa, um doutor encantador e severo, um pouco temido, mas tão doce! Que volúpia de ser ensinada, de obedecer, de não ter medo, de ser somente tímida, mas não temerosa! Isso é mais ou é menos do que o amor. A amante do *Cântico* tem o ar de quem o sabe quando pronuncia esta palavra sutil e significativa: “*Docebis*”.

Efeito de dourada lua, em que ainda se mistura um reflexo enfraquecido do Poente. Muitos desses tempos viam nele uma miragem, como se não fosse senão a alma de Maria contemplando a si mesma, falando-se, ensinando-se, amando-se e produzindo-se fora de si para se poder amar. Isso tinha para os corações ternos a vantagem de lhes deixar crer que o filho de Maria não sofreria e que a própria Paixão foi também uma ilusão.

Sim, eles o acreditaram, pensando que Deus, compassivo, não poderia torturar seu filho, que apenas entregara à morte uma sombra.

Os primeiros padres, Orígenes, Epifânio, Gregório de Nissa, não enjeitaram de maneira alguma o *Evangelho de Maria*, escrito por Tiago. Chamam-lhe até o *primeiro de todos*, e ele é, com efeito, sua introdução natural. Por que é que a Igreja ocidental, robusta de fé, que admite tantos milagres, rejeita o pequeno livro? Suas primogênicas, as Igrejas antigas do Oriente, aceitam-no sem dificuldade e traduziram-no para o sírio, árabe etc. Os nossos sábios do século XVI disseram claramente que ele era a base de tudo: “O verdadeiro prefácio de São Marcos”. É inocente, alegre: não é excentricamente doutrinário e gnóstico, como o Evangelho de João.

As fábulas judaicas têm uma enorme importância. A fábula de Ester (bem articulada e muito significativa) dá-nos a chave da história dos costumes: do fundo do Oriente, do harém, alumia tudo. A fábula de Maria (se assim quisermos chamar-lhe com a Igreja latina) não é menos instrutiva.

Já o dissemos antes, a singularidade desse povo está em que, por detrás da forma tão máscula da *Lei* e de suas tábuas de pedra, do aspecto de seus *querubins* terríveis de cabeça de touro, aparecem os femininos suspiros, os votos ao *Salut gratuit* e a crença no parto pela graça imprevista dos céus.

Os povos não se classificam de modo algum, como os cristais, pela forma exterior, mas sim por seu núcleo. Neste, sob o invólucro rudimentar, sob os ângulos e pontas, encontrareis no fundo a Graça, o elemento feminino.

O Oriente estava muito desgastado. Os judeus iludiam, mas eles próprios, nota-se por seu Neemias, devoraram-se de usura na Jerusalém em ruína. A invasão que Ptolomeu promoveu para o Egito, a imunda barbárie de Epifânio que tudo desonrou, prostraram muitas almas e moralmente os macabeus não as ergueram. O reino dos idumeus, confirmados, apoiados pela poderosa Roma, a Roma eterna, selava-os para sempre à pedra do sepulcro. A *Legião* de demônio agitava-se, cevava-se nos espíritos doentes.

Havia possessos por toda parte — e isso mesmo atraía. Um grande número de judeus do Egito e do Oriente, e de não judeus, também afluíram a Jerusalém. Os fariseus, do partido da Lei, da pátria, da liberdade judaica, partido sincero, mas violento, ofereciam somente dureza, secura, aqueles a quem queriam converter. Gostavam, pois, muito mais de ouvir nas sinagogas os pequenos rabinos, fáceis, indulgentes, duplamente populares pelas dispensas da Lei e por suas sátiras aos grandes doutores. Tal era o rabino Hilel, um predecessor de Jesus; tal o primo João Batista.

As lições desses mestres não eram de modo algum novas. Diziam o que o profeta Isaías já dissera maravilhosamente. O coração é tudo: “De que me valem os vossos sacrifícios? etc.” (idêntico ao Ramayana).

O preceito de “amarmos o próximo como a nós mesmos” (preceito de Confúcio, dos estoicos) é especialmente marcado entre os judeus pelo Levítico; e ao próprio estrangeiro, cujas ideias e cujos ritos tanto repugnavam aos judeus; o judeu era ordenado a “amá-lo *como a si mesmo*” (Levítico, XIX, 34).

O mestre popular é o eco do pensamento do povo. Este achava pesado o jugo dos fariseus, que faziam das virtudes mosaicas a condição da salvação, que impunham *as obras* (obras nos dois sentidos: da Lei e da Caridade). O rabino não impunha, não exigia coisa alguma; dizia: “Amai, crede... Todos os vossos pecados serão perdoados”.

Mas amar o quê? Crer em quê?

Não havia nenhuma fórmula precisa para isso; amar o mestre e crer no mestre.

Tomar sua própria pessoa por símbolo e credo. É esse o sentido exato de tudo o que são Paulo escreveu e traduziu por uma frase maravilhosa: “Jesus

ensinou sobre si próprio”.

O rabino tornava-se objeto de estudo. Vós teríeis perguntado a esses rebanhos de mulheres e de pessoas simplórias: “Em que creem?” Teriam respondido: “Cremos no mestre. Cremos em Paulo, cremos em Jesus”.

A personalidade é um mistério estranho. O gênio, a beleza são nela muito menos, às vezes, do que certos eflúvios inexplicáveis. São esses eflúvios que dão às grandes correntes do fanatismo a mais viva impressão. O Messias polonês, verdadeiro santo que nos nossos dias arrasta consigo os maiores espíritos, teve esse eflúvio. Teve-o, também, um Messias russo do nosso tempo que, sendo, no resto, um homem nulo, não deixou de se ver, mau grado sua própria vontade, seguido por dez milhões de servos.

Na brilhante polêmica de 1863, a que o livro de Renan deu um tão forte impulso, lamento duas coisas:

1º Que se tenham detido tanto na história esquecendo a doutrina. E a doutrina é tudo: pelo que ela vale, se avalia o que vale o doutor.

2º Que, tendo se detido na biografia, tenham desprezado os pequenos Evangelhos populares, que, em sua simplicidade, faz-no conhecer as reais condições daquela época mais do que os Evangelhos oficiais. Eu não quero fazer a substituição: noto simplesmente quanto o *Primitivo Evangelho*, juntando aos outros as palavras de *Natividade* e *Vida do carpinteiro*, caracteriza esse mundo de mulheres.

Há três mulheres que dão começo a tudo: Ana, mãe da Virgem; Elisabete, sua prima, mãe de São João; e outra Ana, profetisa e mulher do grande sacerdote.

O evento anterior passa-se, evidentemente, em torno do Templo e sob sua direção. As famílias de que se trata estavam submetidas. As mulheres criam nos tempos vindos, criam que deles brotaria uma grande maravilha; estavam doentes, suas mentes fervilhavam por esse sonho, de que estavam prenhes e ardentemente desejavam dar algo à luz. O Templo, em sua política, vendo as coisas nesse estado, esperava, desejava, que nada se fizesse, a não ser por ele.

A condição messiânica (ser estéril até uma idade adiantada) encontra-se precisamente nas primas Elisabete e Ana. Esterilidade voluntária e calculada segundo a estreita prudência que o *Eclesiástico* aconselha? Os reverendos do

Templo constrangiam Zacarias e sua esposa Ana devido à sua esterilidade. E então, tiveram Maria.

A pequena Maria, rica herdeira, dada ao Templo, conservou-se ali dos três aos doze anos. Não podendo, então, guardá-la entre os filhos dos sacerdotes, forçam José, carpinteiro do Templo, a recebê-la. Ele tem muitos filhos e filhas. Sua mulher morrera, os filhos casaram, com exceção de um filho adulto, Judas, e um pequeno, Tiago, que a boa Maria consola, adota e educa.

Maria, a quem os sacerdotes não perdem de vista, trabalha para o Templo. Dão-lhe a missão de confiança de tecer a púrpura (matéria caríssima) para o grande manto do Santo dos santos. É esse um lindo quadro de sua vida de operária: ela reza de manhã, nas horas puras; reza à noite, nas horas de mistério. Trabalha durante o calor (das nove às três) e come apenas à noite. Parece a vida de uma pequena tecedeira de Flandres. As piedosas operárias, na escuridão de seus porões, derramavam o coração em pequenos cânticos da infância. A pobre filha da Judeia, menos cantava e de tudo cuidava, “brilhava, como a neve, de luz branca, que o olhar mal sustentava”.

Podem-se adivinhar seus pensamentos. Sua velha prima Elisabete, que nunca tivera filhos, estava grávida de seis meses. Era um profeta? Um precursor? Era fácil supô-lo. Não se falava senão de milagre, de Messias e de encarnação. E, à volta, o ar era pesado e carregado.

À hora ardente, cessava o trabalho; nessas longas horas da tarde, essas horas doentias em que os monges enlanguescem (como diz Cassiano), com o que sonhava essa jovem (já com 16 anos)? O que ela via? A pomba celeste? O relâmpago divino? Ou, à noite, o anjo que lhe levava o alimento? Tudo isso é puro e tocante nos pequenos Evangelhos.

Em certos pontos, revelam mais sinais do povo do que os Evangelhos oficiais; há aí mais natureza e mais coração.

Têm bem o cuidado de dizer que Maria e José não são casados: ocultam a ideia de adultério. Sábia previdência essa que teria tornado menos perigosa a lenda, evitando os risos indecentes, os natais bufões, que durante toda a Idade Média aviltaram o casamento.

Outra teria sido a sorte, a extensão dessa religião da mulher se, em lugar de sequestrarem bruscamente Jesus, os Evangelhos oficiais lhe houvessem

dado o leite da Natureza. Ele teria sido, assim, mais homem. Que belas e úteis fábulas se poderiam ter feito! Falta-lhe coração, *bondade*, ternura. Tudo isso é deficitário nos Evangelhos. Há ali *amor*, apenas, o que é diferente. *Amor não é bondade*. É por vezes ardor seco, violento e passional.

Nada mais verossímil do que a viagem ao Egito, diz, e muito bem, Munk. O Egito estava muito próximo à Palestina e todos iam até lá com frequência. Fílon, o judeu-egípcio, professava sob uma forma mais filosófica a doutrina de Jesus, de Paulo. Moisés formara-se no Egito. Daí a precocidade de Jesus, que aos 12 anos ensina e vence os doutores (como Daniel, criança, vencera os juízes). A mãe, depois de o haver encorajado, começa a temer e tenta detê-lo. Pobre mãe! E para que dizer-lhe palavras duras?

A multidão era sua mãe, sua irmã, desde esse momento em diante, segue-o a irmã de sua mãe (Maria, mulher de Cléofas); seguem-no mulheres que Ele encanta e consola e que se entregam a esse jovem rabino, à doce doutrina que lava, apaga tudo. Seguem-no, não podem deixá-lo, alimentam-no.

Com mais ardência, é, ainda, acompanhado por mulheres miseráveis, fatigadas por uma vida impura, de pecado, agitadas, *possuídas pelo demônio*. Tal foi a infeliz Maria Madalena, que chamavam a Cortesã e que, como as que acabo de citar, devia ser uma libertada desse cruel ofício.

Sua viva efusão de coração e de reconhecimento, os perfumes com que ela o embalsama e enxuga com os próprios cabelos é uma bela história — apaixonada, e que contrasta com a frieza com que a Virgem é tratada nos Evangelhos.

Segundo são João, Madalena foi a única testemunha da ressurreição. Só ela o viu, com os olhos de seu coração. E o mundo acreditou-o sob sua palavra.

Os céticos violentos passam depressa à credulidade. Os homens que se dizem *positivos* tornam-se quase sempre, por uma reviravolta involuntária, visionários. Paulo, fabricante de tecidos, homem arrogante e violento, mostrava em suas viagens comerciais um grande zelo fariseu. Teve a desgraça de tomar parte na lapidação de um santo, e a jovem figura desse mártir ficou-lhe impressa na alma, não o abandonando mais. Uma tempestade, uma faísca, um clarão (acidentes tão comuns) perturbam-no. E tão fanático foi no zelo da Lei, como mais ardente, intempestivo, imperioso, na Graça.

Um homem assim pertence às mulheres. Efetivamente os Atos e as Epístolas mostram-no sempre com elas. Parece que elas nunca o perdem de vista. Tecla segue-o como uma irmã e cumpre junto dele o humilde dever de Marta, se não o da própria Maria.

Em toda essa história, a personalidade desse homem impetuoso é curiosa por suas variações. Seu peculiar combate é contra o espírito grego, como energicamente o diz, contra a Razão. Em seus manifestos aos gregos (Coríntios, I e II), ele faz exatamente como Davi, que dançou em frente da arca, jactando-se de loucura e dizendo-se louco por Jesus “porque a loucura de Deus é mais sábia que a razão do homem”. Tudo isso é arrebatado, eloquente, cheio de ingenuidade, mostrando todo o interior, as dificuldades reais de um homem honesto e puro numa sociedade de mulheres ardentes e apaixonadas.

Na Macedônia, onde escreveu, esteve entre duas mulheres Lídia, que o abrigou, e a *Pálida* (Cloé). Esse sobrenome de *Pálida* parece o de uma liberta retirada e sem dúvida rica (como o foi Maria Madalena). A princípio, enquanto aconselha a castidade, ele se gaba de estar acima de todas essas tentações. Erroneamente. Mais tarde, confessa que tem na “carne um espinho e que o Anjo de Satã o perturba”. Confidência tocante e inesperada... Nada se sabe dessa Lídia. Parece que era da Síria, a terra das seduções. Era comerciante, e sem dúvida prudente, como aquela que, em Salomão, enriqueceu sua casa, fabricou e vendeu tecidos etc. Esta vendia púrpura, fina e cara mercadoria que os romanos, sobretudo os magistrados, pretores, procuradores, compravam.

A continuação é singular. Diz ele que, nessas tentações, três vezes orou ao Senhor para que o livrasse delas. “Mas o Senhor disse-me: *A minha Graça te basta. A minha virtude manifesta sua força na infirmeza.* Eu me *glorificarei*, pois, de boa vontade nas minhas indecisões, para que a virtude de Cristo em mim habite.” Frase de significação perigosa, que seu povo não levou em consideração naqueles tempos de pureza primitiva.

Os místicos interpretaram-no: “É pelo pecado que se sobe. Pecando-se, glorifica-se Deus”.

Eu creio, no entanto, que o próprio Paulo se indignava com suas flutuações. Parece se sentir isso nas palavras violentas que dirigia à mulher para a humilhar, recomendando-lhe duramente o silêncio, a submissão, lembrando-lhe que o homem é a imagem de Deus, e que ela foi criada para

ele, que não deve orar senão velada, e que seus longos cabelos lhe foram concedidos para esse propósito...

Tal violência faria supor que a mulher seria mantida longe do altar. Mas acontece o contrário. *Ela é sacerdotisa*, oficia, consagra — e isso durante quatrocentos anos.

Paulo contradiz a si mesmo. Chegando a Corinto, vê que a mulher grega, com sua beleza nobre, seu discurso eloquente e sutil, será um grande auxiliar de sua missão. A *Brilhante* (Febe) é já a *ministra* ativa da Igreja de Corinto. Os primeiros companheiros de Paulo — Tecla, Barnabé — não estão mais com ele. Febe é tudo: ela aloja-o, escreve por ele, sob seu ditado. Ignora-se a causa disso. Está ele doente? E que escreve ela? A mais enérgica escrita de São Paulo.

Fica aqui expressamente dito o que nós poderíamos ter adivinhado: que essa intempestiva eloquência, viva, mas incoerente, aos saltos, aos pulos, tão ultrajante para a lógica e para a razão, não era escrita. Um judeu da Ásia Menor, do lugar em que as leis se misturavam, viajante comercial, mercador da Cilícia (a Babel dos piratas que esmagou Pompeia), devia falar um grego misturado de hebraísmos, de vícios de linguagem greco-siríacos. Mas o ardor e a audácia, o violento espírito que o arrebatava, não se detinha ante esse fato: falava, atroava, fulminava. Os gregos a sua volta de mão ágil, e suas mulheres, tão zelosas, recolhiam, escreviam o que ouviam furtivamente. Teriam com frequência de traduzir, e faziam-no sem escrúpulo (que todos viviam da mesma alma), mas não sem perigo: porque coisas passadas em hebreu, lançadas em mau grego, ao acaso da inspiração, não chegavam nunca a um grego tolerante senão através de graves mudanças, mutilações, cortes, que muito as deviam prejudicar.

Obra complexa e coletiva, essa. A Epístola aos romanos, a “Marselhesa” da Graça, o desprezo da Lei, tem bem o cunho de ter sido feita por toda a Igreja de Corinto. O relâmpago, o clarão, pertence a Paulo; mas a pena engenhosa é de Febe. Há um terceiro que pode ter influído também: o importante personagem Erasto, tesoureiro do fisco, que concentrava então todo o comércio da Grécia.

Dera-se no império uma revolução profunda. O Pretor, o homem de Estado, o Imperador, era quase em toda parte substituído por seu procurador, seu agente, o homem de sua casa, que — romano ou não — era quase

sempre um liberto. Tal pode ter sido, com seu nome grego, esse importante amigo de Paulo.

Criado como foi para a dignidade, por Cláudio ou Nero, esse representante do governo pessoal, do favor e da graça era fatalmente, como são Paulo, o *inimigo da Lei* e o adversário nato do jurista.

A Epístola está toda nesta frase: “A Lei sozinha é que fazia o Pecado. Morta a Lei, está morto o pecado”.

Essa frase tem vários sentidos. A palavra Lei, entre os judeus, queria dizer *Lei mosaica*; no Império, a Lei Romana; e, segundo o conceito grego, a *lei de conveniência* e da natural equidade.

Mas é, pois, certo que, partidas as tábuas de pedra e de bronze, apagada a interdição do Mal, o Mal tenha desaparecido do mundo?

Rainha com Ésquilo e Sócrates, a Justiça transforma-se em serva em Zenon e Labeão. Ou então ela foi destruída pelo amor e pela fé, divina embriaguez e as Orgias da Graça.

Vê-se bem com que força a revolução administrativa e a revolução religiosa concordaram: até que ponto o agente de César concordava com Febe e com o apóstolo do Oriente. Seu manifesto a Roma, à cidade do Direito, tem este exato sentido: “Morte do Direito”.

Febe não confiou em pessoa alguma para levar essa carta *ao palácio de Nero*, aos amigos de Narciso. Isso está expressamente dito.

Febe não ia desarmada: levava consigo duas chaves com que facilmente poderia abrir a Casa do Imperador.

As verdadeiras senhoras da casa, as Narcisas, as Palas, esse povo de libertas, viviam muito entregues às ideias do Oriente. Estavam ali todos os deuses, todos os pequenos cultos ocultos, mistérios de toda espécie, expiações e purificações, um espesso vapor de vícios e de remorsos, de pânicos e maus sonhos. Que força não era necessária a Febe para lá chegar com a palavra simples que tudo isso reduziria à inutilidade: “Boa nova!... Morreu o pecado!”.

Jesus, o mestre, disse: “Render a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. Paulo, o discípulo, disse: “Sê submisso aos poderes superiores. Quem resiste, resiste a Deus. Pagai o tributo aos príncipes, aos ministros de Deus, que se aplicam sempre às funções de seu ministério”.

E Pedro disse francamente: “Obedecei mesmo aos maus senhores”.

Não se trata apenas de obedecer de fato e por atos, mas também pelo pensamento. Não se trata de obedecer, com a reserva judia: “Os príncipes que se multiplicam pelos pecados do povo são flagelos de Deus”. Nenhuma reserva, nessa obediência. É preciso dominar-se e obedecer em consciência, servir pelo coração, amar — amar Tibério, amar Nero. É uma nova escravatura, cavada sob a verdadeira escravidão, grande e engenhoso aprofundamento de todas as servidões antigas, que, na Idade Média e depois ainda, fez de todos os príncipes zelosíssimos cristãos.

O grande fato do momento, o reino pessoal de César, desligado da ideia de magistratura, do César senhor da Lei, *tornado a própria Lei*, em seu procurador, recebia do dogma novo uma consagração maravilhosa. Não devia ele acolher essa voz do Oriente, esse Messias que queria que se lhe obedecesse do fundo da alma? Nero, em sua ascensão ao trono, embora dócil para com seus senhores romanos, era já cercado por libertos que reinavam até aquele momento, pessoas de todos os tipos que divertiam sua fantasia artística; uns, poetas declamadores, outros, charlatães, ministros de todos os deuses. Nero era para eles, por sua vasta imaginação desordenada, uma vítima natural. Sua cabeça estalava, de cheia. Sonhava coisas enormes, em mil sentidos diversos. Seria o César de Roma e dos jurisconsultos — ou o artista supremo, imperador da poesia — ou o restaurador do gênio do Oriente, um Mitra, um Messias? Não o sabia bem.

Queria ser amado. Educado por Sêneca (estoico generoso que jantava com os escravos), chamou a si a causa dos libertos. Meditou uma utopia imensa — a abolição dos impostos. Quis realizar o ideal estoico, segundo a definição de Zenon: “O amor, salvação da Cidade”.

Mas como é vaga, obscura essa palavra Amor! O amor sem a justiça, o amor do capricho e do favor pode tornar-se inferno, *nunca a salvação*, mas sempre o flagelo da Cidade!

Um dos maiores conflitos que têm existido no mundo é aquele que, sem dúvida alguma, teve lugar *entre a Mulher e o Estoico*, nesse momento supremo, no palácio de Nero e — quem sabe? — talvez diante dele mesmo.

Dissemo-lo já: a mulher, nos quatro primeiros séculos (até o ano 369), *foi o sacerdote*, o verdadeiro padre cristão.

Mas como é diferente o papel dos dois adversários! O Estoico sobe a rampa universal do mundo. O Estoico comanda o *esforço*, ordena o *trabalho*, nesse mundo esgotado, fatigado, o que o faz ser odiado.

Juristas ou estoicos, magistrados, filósofos, eles reivindicam uma coisa enorme, insuportável a um mundo doente e acomodado: que seja vigilante e, ainda, que viva! Quem não preferirá essa voz de ama boa que convida ao sono, voz suave e voluptuosa de mulher que diz: “Como é doce morrer!”

Morrer, ser libertado dos laços que prendem ao corpo! Esse corpo é o trabalho, a angústia do imposto, o peso da Lei! Esse corpo é a milícia, a guerra com os bárbaros, o exílio no Reno gelado, a defesa das fronteiras.

Neste ponto o Jurista é forte. Ele supõe suspender a Cristã, embaraçá-la. Mas ela, sorridente: “O quê? Repelir os nossos irmãos do Norte que vêm à frente da salvação? Antes pedir-lhes para virem, abrir-lhes as portas, abater, destruir os muros das nossas cidades...”

Mas o império, as nossas leis, as nossas artes? Para que as artes? Mas a Pátria sagrada, a cidade, essa vasta harmonia de sabedoria e de paz? Não existe a paz aqui embaixo; não existe outra Cidade que não seja a das Alturas.

Abaixo, vã Sabedoria! Baixa os olhos, Razão! Prestai homenagem à *Loucura* de Deus! Tu, Justiça e Jurisprudência, tu és o verdadeiro inimigo. Eu te reconheço, orgulhosa, mãe altaneira das virtudes humanas; desce do teu pretório... Acima da tua falsa justiça está doravante o pecador. Seu pecado é o campo onde triunfa a Graça.

Que troça, que pouco caso fazia Febe da lei que glorificava oficialmente o casamento! O quê! Ligarem-se ainda para um mundo que vai morrer amanhã, consagrar essa coisa baixa, o corpo, que Deus quer abolir! Graças a ele, fez-se o deserto, e este cresce. Em várias províncias, o Império depura-se.

A morte é o argumento supremo e sem réplica. Febe prega sua causa sobre o túmulo de cem nações, cujos deuses do Panteão, já frios, os olhos vazios, são, no combate aparente, lutadores cômodos para essa sacerdotisa da morte. Se eles tivessem podido responder, teriam talvez dito que a nova fé, triunfante para a Mulher, seguia (mau grado o próprio Paulo) o caminho da antiga. Paulo queria-a velada, muda e dependente. Eu a vejo no altar pregando e profetizando e ensinando ao homem, dizendo a ele sobre Deus, não! Criando um deus para ele. E esse meio era poderoso, encantador, fundamentalmente natural, de que os cultos antigos não haviam abusado. A sombria Efigênia, a sibila terrível, atraía mais pelo terror do que pela bondade. Obediente, silenciosa, a Vestal era uma estátua. E esta agora é viva, fala, oficia sobre a cabeça do povo, abençoa-o, reza por ele.

Enquanto as deusas da arte, filhas do cinzel grego, não foram abatidas, o povo durante quatro longos séculos, contrastou à sua beleza morta a própria vida, a Sabedoria visível, o pontificado da Mulher.

A muda Ceres não pôde lutar muito, desde que a Ceres nova encantava o ágape antigo, e dava o pão sagrado. Palas, a virgem austera, deve ter sucumbido completamente, quando Madalena tornou dramático o altar, banhando-o com suas lágrimas.

Que disse ela a esse mundo agonizante?... “Morrámos juntos!” Terna e doce palavra de irmã, fácil de ouvir!... Que aconteceria, todavia, se o mundo se tivesse deixado dominar por esse grito de desalento — não podendo viver nem morrer de todo?

## O DESFALECIMENTO DO MUNDO A OPRESSÃO DA IDADE MÉDIA

Suponhamos que uma manhã os nossos papas — o Observatório e a Academia de Ciências — nos avisem de que em tal mês, tal dia, a Terra passará por um cometa de aerólitos ígneos, será atravessada por uma chuva de ferro e fogo. Grande espanto! Duvidar-se-á no começo. Mas a coisa é certa, calculada e provada. Cessará toda a atividade, todo o prazer, todo o trabalho. Cruzar-se-ão os braços. Mas a previsão tarda; enganaram-se num ano. Não importa. Todo mundo estava preparado para isso.

A morte! Nada de mais consolador, porque já não há atividade. Nos primeiros tempos, essa expectativa significa tudo. Um grande silêncio, uma paz estranha se fez nas paixões humanas. Nada de demandas: o meu e o teu tornaram-se indiferentes. Ninguém se dava a disputar o que poderia acontecer no dia seguinte. Estabelecera-se a comunidade entre irmãos e irmãs. Esqueceu-se do sexo. A própria esposa não é mais do que uma irmã; o lar é frio e apagado.

A morte é esperada! Oh! Possa ela vir cedo! Inácio escreveu: “Tenho fome, tenho sede dela”. A natureza é a maldição; a natureza é o mal. No quarto capítulo do Gênesis, o Criador “arrepende-se de ter feito o homem na Terra”.

O que tem filhos deve suplicar a Deus (Tertuliano) “para que eles saiam desse mundo ímpio”. Foi o que santo Hilário fez com a filha, e conseguiu-o. Depois, suplicou-o para sua mulher, e obteve ainda essa graça (Fortunato).

Mas a vida, seus deveres, suas atividades necessárias, como continuá-las? Como obter alguns atos indispensáveis desse povo inerte? Se ao menos se pudesse encontrar nesses doentes uma paixão, ou mesmo um vício. Talvez isso os salvasse. Mas que fazer, que extrair da perfeição desoladora dessas doentias almas amantes da morte que, feridas, sorriem e agradecem?

Vemos hoje na Índia os mais fracos dos homens, em quem se bate impunemente; vemos mulheres tímidas, velhas mulheres que pouco mais são que um sopro, prostrarem-se sob as rodas do carro de Jagrená, que sobre elas passa lentamente.

Essa horrível tortura não lhes arranca sequer um suspiro. Elas são incapazes do menor esforço, da menor ação.

É frequentíssimo ver, sobretudo no início das grandes epidemias religiosas, essa vontade de morte, essa facilidade no martírio, esse desejo de libertação. Mas lá, o mais desprezado, o mais humilde, tem, todavia, o orgulho de destruir, de quebrar aos pés a Ordem e a Lei, de ser a Lei para si mesmo.

O exemplo era contagioso. Alguns cristãos sucumbiam. Mas as massas imensas, que não imitavam seu martírio, recusavam-se a suportar o fardo da vida civil, sobretudo do serviço militar.

Tácito descreve tudo isso de maneira genial. Que fazia o soldado? A guerra ao próprio Império, ambicionando um César, que aumentasse o soldo insuficiente.

Os bárbaros passavam em rebanhos enormes e desordenados, em que Mário e Tibério fizeram tão grandes carnificinas: massas confusas de mulheres, crianças, bois, carroças, que era fácilimo reter. E era acertada essa medida. Eles só traziam consigo ao Império a desordem e a ruína. Aceitar-lhes a elite, para a disseminar e romanizar, era o que se podia fazer; porém, fraternizar com eles, abrir-lhes as barreiras, admiti-los em tribos, era aceitar o caos. As grandes crianças ruivas estavam muito longe de poder compreender uma tal sociedade: destruíam tudo, punham tudo em desordem. Depois, esses homens, muito moles, sob sua aparência forte fundiam ao calor do sol, sob a ação dos vícios excessivos. Dessa neve do Norte ficava apenas o lodo, em que o Império chafurdava, cada vez se afundando mais, longe de se regenerar.

O pouco que lá restava de italianos, de gregos, da Céltica e da Espanha, as raças duras, indestrutíveis, da Ligúria, da Dalmácia, conservaram ao Império, mesmo em sua despovoação, recursos bem mais reais. Faltava, porventura, o gênio ao mundo que produzia ainda Tácito e Juvenal, que produzia um Marco Aurélio, os mestres da jurisprudência? Podia bem sustentar-se que, se o mundo antigo descia por um lado, depois de

Aristóteles e Hipócrates elevava-se pelo outro, com o *Equidade e a Compreensão da Justiça*.

Essa crença banal, em “que o Império morria sem remédio”, tem sua origem na ideia que confunde a vida das nações à dos indivíduos. Nada, em aparência, mais divergente: as nações têm no seio um poder de renovação que o indivíduo não possui. Mas, para viver, é preciso crer na vida; para vencer, crer na vitória.

Que fazer com gente atingida na alma? “O que é que vos resta?” “Eu”, dizia Medeia. Se resta o *eu*, isso é tudo. Mas se ele desaparece? Se ele está aniquilado e doente? Crer que se morre, e dizê-lo, é morrer de fato.

As grandes colônias de Trajano, tão fortes e duradouras — uma delas com seis milhões de pessoas na Romênia e Transilvânia —, pareciam consolidar o Império. Mas nem o grande chefe militar nem o imperador dos jurisconsultos bastavam no estado em que os espíritos se mantinham. A enervação oriental aumentava sempre, com seus deuses afeminados, a doença febril da Síria e da Frígia. Os Césares foram obrigados a imitar seus rivais, os reis de Partas, que eram *reis-sóis*, como os antigos *Fra* do Egito, os *Nabi* de Babel e os *Mitras* do Irã.

Isso pareceu, a princípio, uma loucura, mas Nero ambicionava-a, e o que indubitavelmente o tornou cruel para com os cristãos foi ser seu Anticristo. Todos os deuses, imundos, afeminados, grotescos Adônis, foram prodigiosamente ridículos. No entanto, sua loucura foi mais tarde imitada pelo sábio e valente Aureliano nas necessidades supremas: ganhou vinte batalhas e fez de si o *Sol* encarnado.

Todo deus agonizante se declarava Sol: Sarápis, Átis, Adônis, Baco; todos acabavam por isso. O Império, em sua decrepitude, olhava para o astro do dia para ter um pouco de calor. Creu-se em fazer de Mitra o *Sol invictus*, o deus do Exército, o culto das legiões Romanas.<sup>128</sup>

Entre os desesperados, Mitra foi, com seu renome de vencedor, a *energia*, energia solar e humana. A iniciação na milícia de Mitra fazia-se nos antros — antros tenebrosos, em que o deus nascia e brilhava, moço e forte, esmagando, degolando um touro. Os piratas tomaram de forma muitíssimo engenhosa, para representação ordinária de Mitra, uma bela escultura grega de uma Virgem (a Vitória) que esmagava a besta enorme.

Somente lhe cobriam a cabeça com um boné frígio, transformando-a em um jovem Átis, não mutilado, mas possuindo, pelo contrário, um braço seguro, que, ao primeiro golpe, abatia o touro.

*Soldados, Leões, Corredores do sol* (para correrem a terra com a espada na mão) eram os graus da iniciação. Oferecia-se ao noviço a espada e a coroa, e ele apenas pegava na espada, dizendo: “Mitra é a minha coroa, eu serei um rei de energia”.

Tudo isso fazia nas legiões um enorme sucesso. Cria-se que o sangue do touro, essa rubra, fumegante catarata, caindo sobre o enervado, derramava sobre ele sua força e mesmo seu vigor amoroso. Mitra foi, pois, durante algum tempo, a verdadeira religião do Império. O próprio Constantino hesitou em tocá-lo.

O efeito não foi duradouro. Mitra extinguiu-se: longe de curar os outros, definhou e deteriorou a si próprio. Como tantos outros deuses, mesmo sendo *Sol*, mesmo sendo *Vitória*, tornou-se em deus penitente.

Para bem conhecer a nulidade da época, medir-lhe a queda, basta conhecer a pálida literatura de então: um sopro de morte, um último acento de frouxas e vagas palavras... Profunda pobreza e definitiva impotência! Tudo era flácido, lânguido, velho — e, o que era pior, inchado, estufado de ar e vento, bizarramente exagerado.

Não existe, em qualquer língua, nada de comparável a essas cartas estranhas em que são Jerônimo, aconselhando o celibato religioso a uma virgem cristã, conta suas tentações, a fúria de seus velhos desejos. Em compensação, nada existe de tão frio, de pálido, como as narrativas dos mártires, tão frouxas produções para assuntos tão ardentes. Porém a pérola é o manual universal e popular que citaram e admiraram durante dois ou três séculos, Clemente, Atanásia, Jerônimo, Eusébio etc., o insípido *Pastor de Hermas*, livreto de pequenos mistérios a que eram admitidos os noviços. Ele foi moda enquanto as mulheres foram sacerdotisas, provavelmente porque ele apresentava às mulheres muitos papéis, em que as velhas e as moças podiam mostrar as graças apostólicas. Triste situação essa tanto quanto os ovos pálidos que o macho não fecundou.

E, no entanto, quem o originou? A mulher não foi, seguramente. Sua indolência e sua graça não são sentidas ali. A criança não aparece também

nos monumentos judaicos (salvo no direito da sucessão) e igualmente não a vemos nos monumentos cristãos. Jesus parece uma criança, mas não o é. Ele prega. A mãe não ousa interpor-se. Para ela é infrutífero: não o aleitou, não o educou. O que acontece? A mulher é triste e seca, de aspecto ingrato e pobre. A impotência do homem é indubitavelmente lamentável, mas a mulher impotente, atrofiado fruto seco, é pior (pior do que a morte), uma *desolação!*

Vede também o ar estúpido, a figura idiota das gentes do Norte, que vão a essa escola. Ostrogodos e Visigodos são nomes proverbiais para a decrépita inépcia. Notai que os reis godos têm ainda semblante de homens, em comparação com os filhos de Dagoberto, que vão chegar: o mesmo acontece com as *crônicas*, comparadas às de Fredegário, o qual tem mais valor que os monges carolíngios, bestas mudas que apenas podem gaguejar algumas palavras.

Nas viagens de Kane aos mares polares, o que causa maior impressão é ver cães da Terra Nova ou esquimós “muito sábios” e de cabeça excelente, que, devido ao excruciante frio, enlouquecem. Eu sinto a mesma tristeza, o mesmo arrepio, se assim se pode dizer, ao ver nas lendas o leão, o cão, as aves, esses seres outrora sábios e que se tornam imbecis. As bestas imbecilizam-se: tal animal, que na Índia foi o amigo de Rama, que na Pérsia foi seu alado, seu gênio, tornou-se, com santo Antônio e são Macário, num penitente ridículo. O leão torna-se um amigo do eremita, leva sua bagagem; a hiena escuta seus sermões e promete não mais ser feroz.

Enganosas lendas! O animal, na ideia cristã, é suspeito e semelha uma máscara. Os *felpudos*, nome sinistro que os judeus dão aos animais, são diabos mudos. Toda a natureza chega a ser demoníaca. A folhagem sombria das árvores é insidiosa e aterrorizante. Não foi na árvore culposa que a serpente se enroscou para atrair, enganar Eva e arruinar o gênero humano? Se não é serpente, é a ave, é o rouxinol (o demônio da melodia) que sobre ela canta para turvar e desorientar as almas. Nessas árvores encantadas se cumpria a magia do deserto; sobre ela vinha a nuvem, sobre ela desciam as águas; dela vinham as flores, os frutos, todas as tentações do homem... Abaixo, árvores funestas! Que as plantas se estendam ásperas, nuas, desoladas. Demasiado amor teve a Terra; chegou a hora da penitência.<sup>129</sup>

Assim começou no mundo esse fenômeno estranho, que é o ódio à criação, e a perseguição, o exílio de Deus Pai. Só o Verbo reinou. Até 1200, nem um altar, nem uma igreja consagrada ao Pai, nem mesmo um símbolo que o recorde. Não teve culpa o homem (coisa enorme!) que Deus fosse posto *fora da Natureza*, do grande templo de que ele é a alma e a vida, e que dele incessantemente deriva!

Pai! Verbo caro, sagrado, o amor do mundo antigo. Nele tinha firme apoio a família. O lar tinha em seu *genius* augusto seu fundamento. Na Idade Média, tudo é impreciso e flutuante. O esposo é realmente esposo? O pai é realmente pai? Não sei.

A família, ideal e mística, calcada sobre a lenda, não tem nele sua autoridade.

Não há chefe de família. *Não há pai* no sentido antigo. Um terceiro guarda este nome, que queria dizer criador e gerador.

O pai chama-o: “Meu Pai!” Que papel lhe reservam, agora, em sua própria casa?

Afastemos a ideia do adultério, essa ideia que apesar de tudo aparece em todos os lances da Idade Média. Suponhamos a família respeitada, pura, santa. Mesmo assim o cenário é triste. É o desprezo do homem, é o marido humilhado. Para ele, a esposa é virgem; porque ele pôs noutra lugar sua alma e, dando tudo, ela não dá nada. É outro seu ideal. É mãe? Sim, porque concebeu do Espírito. O filho é dela. Não é dele. A casa reflete a imagem da sociedade exterior. A mãe e o filho são um povo, o homem é um povo inferior. É o servo, é a besta. A derrocada do mundo reproduz-se aqui justamente no refúgio onde o desgraçado teria querido reconfortar o coração.

Quem é essa criança que cresce, re florindo uma graça precoce sob o olhar complacente de sua mãe? O homem orgulha-se dele, prefere-o aos outros. Mas como ele é diferente! Bem se vê isso, às vezes. Amarga incerteza! Tristeza incurável! O homem não sabe se deve ou não deve amá-la. Na dúvida, ama-a. Mas tudo são esperanças vagas. Não tem completa nem verdadeira alegria. Perdeu o riso e não voltará a reavê-lo.

No *Evangelho Primitivo (Protoevangelium)*, citado pelos antigos padres, já se desenha a suave figura de José, a bondade condescendente, a tristeza profunda, as lágrimas.

Muito mais explícito é o *Evangelho* do carpinteiro (*Fabri lignarii*). Livro forte e ingênuo, que parece ter sido o máximo possível destruído. Só puderam encontrá-lo numa versão árabe. Mas não é árabe, não tem do árabe as floridas inépcias. É grego ou hebreu. Com uma força profética, pintou esse pobre livrinho, nas pessoas de José e de Jesus, toda a situação dos mil anos seguintes, a chaga cruel da família.

José foi, desde a origem, admirável para a pobre orfãzinha duramente expulsa do Templo, que lhe entrega comprometida e pobre. Sem compromissos, simples esposado, abre-lhe os braços e salva-a. Nem por isso perde sua tristeza, que lhe fica para toda a vida. Pior ainda à hora da morte. Sua alma, esmagada de tristezas, perturba-se, desespera, chora seu destino, maldiz a hora em que nasceu, crê que sua mãe o concebeu num dia de mau desejo (segundo a letra do salmo) e diz por fim: “Ai do meu corpo e da minha alma, que os sinto já tão longe de Deus!” Brado de amargura! Não teve terra nem céu. Viveu junto *dela*, com *ela* e sem *ela*! E, chegando ao fim dessa vida sombria, vê “os leões do inferno”. José teme Jesus, pelos maus pensamentos que teve de Maria. Mas estava errado, pois Jesus tem coração compassivo. Ele próprio chora copiosamente, sossega-o, reanima-o, livra-o dos terrores da morte. “Nada de ti morrerá, não tenhas medo! Ficarás o teu próprio corpo intacto, sem se decompor, até o grande Banquete dos mil anos.”

Assim, muito cedo se desenhou o porvir, admiravelmente se previu o que em toda parte se daria. O que ninguém previu foi que, nesse inferno, os forçados ao casamento haviam de acalmar suas dores escarnecendo as dos outros. A canção cruel dos Natais persegue-os através da Idade Média. É preciso rir dela, cantá-la, ser alegre. É proibido ser triste. E é quase sempre o mais triste quem canta, para não ser objeto do sarcasmo. É perseguição incessante. Para onde quer que se volte, nos hinos vespertinos, nos Mistérios que se representam às portas dos templos, nos Mistérios figurados em pedra, por toda parte, e sempre, a mesma lenda. Uma literatura inteira dissolve e agita o veneno, derramando-o na ferida, abrindo outra ferida mais grave — a da dúvida — e no ponto mais sensível, o amor!

O amor subsiste pelo menos entre o filho e a mãe. Nesse culto, é a criança o objeto amado? Assim parece, mas sem razão.

Desde o tempo dos judeus, a família é dura. “Não poupes a vara a teu filho.” “Castiga-o frequentemente” (Provérbios, XIII, 24; XXIII, 13; XXIX, 15. Eclesiástico, XXX, 1, 9, 10). “Nunca sorrias à tua filha, e conserva-lhe puro o corpo” (Eclesiástico, VII, 26). Estranho, impressionante preceito! Tanto melhor para os casuístas. Apoderaram-se dele, fizeram-lhe os mais vergonhosos comentários; houve tal que proibiu a mãe de olhar para seu filho!

Quem é, pois, aquela criança? A Carne, a encarnação do pecado. Quanto mais bela e mais rica é essa Carne, de lírios ou de rosas, tanto mais ela representa o Amor, o momento de amor em que tomou a palavra a condenada Natureza. Ah! Sobre os joelhos, em seus braços, seu seio, que tem ela senão o Pecado?... Mas como ela é triste e tímida! Atrever-se-á a amar? Sim e não... Amará demasiado?... Quem a limita?... Oh, cruéis doutrinas, que despedaçam o lar, dão amargura ao amor, gelam o próprio amor de mãe.

“Por isso, só em Deus reside o amor. Deus amou toda a gente... Pode exigir tudo, porque deu tudo, seu Filho!” Enorme sacrifício onde a Boa-Nova parecia o infinito do Perdão, mostrava o pecado morto, a justiça impossível, o inferno vencido, apagado. Mas como pode existir ainda a velha ideia bárbara da *Predestinação*, que prega que existem réprobos de nascença, criados para o inferno? Ideia desesperadora que paira obscuramente sobre o Antigo Testamento — que, nos Evangelhos, duramente se destaca de um fundo suave em relâmpagos de sangue<sup>130</sup> —, que nos escritos de São Paulo, se faz homem no vigor de sua juventude, e, em Santo Agostinho, um carrasco.

Como é terrível o Amor! A porta do inferno dantesco tem esta legenda: “Foi o amor que me fez”. É o amor que faz a fúria, a ferocidade de Agostinho. Em seu ardor por Deus, aquela alma africana exconjura e condena os padres gregos que duvidavam da eternidade do inferno e se atreviam a dizer que o bem-aventurado, olhando o réprobo, poderia experimentar compaixão.<sup>131</sup>

E quem é réprobo? Toda a gente. Em Agostinho se verifica que, nessa doutrina do Amor, raro se encontra o objeto amado, e o eleito é quase um impossível. Pai do céu! Que preceito mais duro constará da Lei? Fazei-nos Justiça. Com ela, terei ao menos circunstâncias atenuantes. Mas nada quero

com a Graça. A minha sorte está de antemão decretada... Por Deus, libertem-me do Amor!

“Se já alguma vez viajastes pelas montanhas, tereis decerto visto o que eu certo dia encontrei.

“Sobre um acervo confuso de rochas amontoadas, no meio de um mundo variado de árvores e verdura, erguia-se um pico altíssimo. Este, grande e solitário, escuro e árido, era manifestamente o filho das profundas entranhas do globo. Não o alegravam as verduras, não lhe davam vida as estações do ano. As aves do céu mal pousavam nele, como se, ao tocar-lhe, da massa oriunda do fogo central, temessem queimar as asas.

“Essa testemunha sombria das torturas do mundo interior parecia ainda meditá-las, sem ligar a menor atenção a quanto o rodeava, sem se distrair nunca de sua melancolia selvagem...

“Quais foram, pois, as revoluções subterrâneas da terra, quantas forças incalculáveis se digladiaram em seu seio para que essa mola, soerguendo os montes, furando as rochas, fendendo os bancos de mármore, viesse surgir à superfície... Que convulsões, que torturas arrancaram do fundo do globo esse prodigioso suspiro!

“Sentei-me, e de meus olhos angustiados começaram a escorrer, uma a uma, lágrimas lentas, dolorosas... A natureza chamou-me ao passado da história. Esse caos de montanhas acumuladas oprimia-me com um fardo igual ao que, durante toda a Idade Média, pesou sobre o coração do homem; e nesse pico desolado, que a terra lançava contra o céu do fundo de suas entranhas, achava eu o desespero e o grito do gênero humano.

“Talvez essa montanha do Dogma tenha esmagado mil anos o coração da Justiça; talvez assim contasse as horas, os dias, os anos, os longuíssimos anos... Aí está, para quem pode senti-lo, uma fonte de lágrimas eternas.

“Meu coração sangrou ao contemplar a longa resignação, a doçura, a paciência, o esforço que a humanidade fez para amar este mundo de ódio e maldição que a esmagava.

“Quando o homem que se desfez da liberdade e da justiça, como de um objeto inútil, para se confiar cegamente às mãos da Graça, a viu concentrar-se toda num ponto imperceptível — os privilegiados, os eleitos —, e viu todos os outros seres, perdidos na terra ou sob a terra, perdidos para a

eternidade, ireis supor que se ergueu de toda parte um rugido de blasfêmia. Não; apenas se ouviu um gemido...

“E estas palavras comoventes: ‘Se quereis que eu seja condenado, seja feita, Senhor, a Vossa Vontade!’

“E todos se envolveram pacificamente, submissos, resignados, na mortalha da condenação.”

“E, no entanto, que condenação constante de desespero e de dúvida! Como a escravatura neste mundo, foi o começo, o antegosto da condenação eterna! Primeiro, uma vida de dor, depois, por consolação, o inferno!... Condenados de antemão!... Para que então essas comédias do Juízo Final representadas à porta das igrejas? Não é uma barbaridade manter na incerteza, sempre suspenso sobre o abismo, aquele que antes de nascer já está votado a esse abismo, já lhe pertence?

“Antes de nascer!... A criança, o inocente, criado de propósito para o inferno! Mas que digo eu — inocente? Está nisso o horror do sistema: é que já não há inocência.

“Eu não sei, mas afirmo, ousadamente, sem hesitar: está aí o nó indessatável em que a alma humana se detém, onde a paciência vacila...

“A criança precita! Chaga profunda, espantosa, do coração materno! Quem a sondasse bem, encontraria lá agonias bem superiores à da morte.

“Daí, podeis crer-me, partiu o primeiro suspiro... Do protesto? Não... E, no entanto, sem que o tímido coração da mulher de onde ele saiu desse por isso, havia um terrível *porém* nesse humilde, nesse baixo, nesse doloroso suspiro.

“Tão baixo, mas tão cheio de desespero!... “O homem que certa noite o ouviu não dormiu mais essa noite... nem em outras muitas... E de manhã, antes do sol, ia à sua leiva de terra; e lá encontrava muitas coisas mudadas. Encontrava o vale e o campo mais baixos, muito mais baixos, profundos como um sepulcro; e mais altas, mais sombrias, mais pesadas, duas torres no horizonte — sombrio o campanário da igreja, sombrio o castelo feudal... E começava também a compreender a voz dos dois sinos. A igreja dizia: *Sempre*. O castelo: *Nunca*. Mas, ao mesmo tempo, erguia-se uma voz no coração: *Um dia!* Era a voz de Deus!

“*Um dia virá a justiça! Deixa esses sinos vãos! Que fiquem com o vento: não receies a dúvida. Esta dúvida já é fé. Acredita e espera. O Direito, mesmo adiado, chegará um dia, e virá sentar-se entre o Mundo e o Dogma, julgando um e outro. E esse dia de Juízo há de chamar-se a Revolução.*”<sup>132</sup>

## Notas

<sup>128</sup> Ver todos os textos reunidos em Preller, *Römische Mythologie*, 1858.

<sup>129</sup> Os três *povos do Livro*, o judeu e seus dois filhos — o cristão e o muçulmano, cultivando a Palavra e desprezando a Vida, ricos em frases, mas pobres em obras, esqueceram a Terra, Terra-mãe, ímpios!... Vede os desertos monótonos, ásperos e salgados de Castela. Vede os canais da Índia abandonados pelos ingleses. Que é feito da Pérsia, esse paraíso de Deus? É um cemitério muçulmano. Da Judeia a Túnis e a Marrocos, e da outra parte de Atenas a Gênova, todas essas cumeeiras escalvadas que olhavam do alto o Mediterrâneo perderam sua coroa de cultura, de florestas. Voltarão? Nunca mais. Se os deuses antigos, se as raças ativas e fortes, em cujos dias essas margens floresciam, sáíssem hoje dos seus túmulos, eles diriam: “Tristes *povos do Livro*, da gramática, de frases e sutilezas vãs, que fizestes da Natureza?”.

<sup>130</sup> “A vós foi dado saber os mistérios do reino dos céus. A eles, tal coisa não foi dada” (Mateus, 22. Ver também João, 12, 40). Por que falar em parábolas? “Para que vendo, vejam sem perceber, e ouvindo, ouçam sem entender” (Marcos, 4, 11; Lucas, 8, 10). E Marcos acrescenta: “Para que não suceda que alguma vez se convertam, e lhes sejam perdoados os pecados” (4, 12). O que é mais estranho é que, conforme o antigo espírito judeu, *Deus tenta o homem*. (Não nos leves à tentação!) Queria saber que me engano. Talvez não tenha compreendido bem...

Que coisa mais cruel para o coração!

<sup>131</sup> A terrível esterilidade da Idade Média apreciou essas doutrinas. Parece que um hálito de fogo soprou sobre elas. Quantos séculos em vão! Uma erudição minuciosa encontra vestígios aqui e ali. Mas, em verdade, como é que nós não havemos de corar? Pois tão pouco se fez em mil anos? Mil anos! Mil anos! E numa sociedade de tantas raças e nações! Como tudo se passa até 1200! E então, a partir de 1200 (pior ainda), não se pode viver nem morrer. Em seiscentos anos, com tamanhos recursos, nada se cria que não seja ódio, que não seja espionagem. Em 1200, temos as ordens mendicantes, sua ardente caridade e o culto de Maria. E só isso — santo Deus! A Inquisição espiona. Em 1500, a cruzada de Inácio, cavalaria, espionagem, uma infinita rede de intrigas. Hoje, são Vicente de Paulo, filantropia devota. Ainda nesse ponto, o público e o Estado nada veem além de espionagem.

<sup>132</sup> Michelet, *Histoire de La Révolution*, I, Introd., XLI (31 jan. 1847).

## Conclusão

Bem quisera eu que este livro sagrado, que verdadeiramente não me pertence, porque é alma do gênero humano, não tivesse uma só palavra de crítica e que tudo nele fosse bênção.

Eis senão quando, nos últimos capítulos, a crítica toma conta dele. Não é nossa a culpa. Como falar do pensamento moderno, de seu feliz acordo com a alta Antiguidade, sem explicar as longas demoras, a fase de esterilidade que sofremos na Idade Média?

E que ainda a sofremos. A bem dizer, esse atraso recomeça a cada instante. Horas há em que não caminhamos, arrastamo-nos. Dispondo de imensas energias, a cada passo ofegamos. Por quê? Nada mais claro: arrastamos uma coisa morta e, por isso, tanto mais pesada. Se fora a nossa pele, o caso era simples: sairíamos dela, como a cobra. Mas o mal está no fundo.

Esse mal atacou amigos e inimigos. Cada um de nós lhe está ligado por um milhão de fios (recordações, costumes, educação, afetos). Nem os grandes espíritos lhe escaparam. A própria Fantasia, que se julga livre e soberana, tem suas servidões interiores borboleteando do Direito à Graça. A viva sensibilidade dos artistas, tão concentrada, parece importar-se pouco com o mal dos homens. Parece que Dante não falou do Terror Albigense, do eclipse de um mundo, do espantoso sucesso que criou em 1300 o culto de Satã. Foi plantar sua bandeira, não no Evangelho eterno (à elevada concepção destes tempos), mas em época mais atrasada, em Santo Tomás. Shakespeare, o rei dos mágicos, tudo pesquisa, desde o céu até os infernos.

Mas a terra? Mas o tempo? Sob as pesadas tapeçarias ele sente apenas Polônio, e não a toupeira negra que prepara a Guerra dos Trinta Anos e a morte de dez milhões de homens. Estouvadamente, uma só palavra do *Emílio* lança Rousseau num século de reação.

Alguns gênios do nosso tempo (que, segundo penso, não se envergonharão de encontrar-se em tão alta companhia) julgam poder ainda

conciliar o inconciliável. Por piedade, bom coração ou velhos hábitos, guardou ele um farrapo do passado. A enternecida lembrança das mães e do berço e — o que sei eu? — a imprecisa imagem de um velho e bom professor, tudo isso lhes fica na retina e não lhes deixa ver o resto do mundo, a imensidade dos males prolongados indefinidamente, os *Spielbergs* e as Sibérias — as Sibérias morais, venho a dizer —, a esterilidade, o resfriamento progressivo que se opera neste momento.

É preciso desviar o olhar e, vivamente, francamente, voltar as costas à Idade Média, a esse passado mórbido, que mesmo quando não se mexe influi terrivelmente pelo contágio da morte. Não combatamos nem critiquemos, apenas esqueçamos.

Esqueçamos e... para a frente!

Vamos para as ciências da vida, para o museu, para as escolas, para a Universidade da França.

Vamos para as ciências da história e da humanidade, para as línguas do Oriente. Interroguemos o *genius* antigo em seu acordo com tantas viagens recentes. Aí havemos de adquirir o *sentido humano*.

Sejamos *homens*, eu vo-lo peço, e dignifiquemo-nos com novas grandezas, inauditas, da humanidade.

Trinta ciências atrasadas acabam de surgir, dotadas de novas vistas, de novo poder, de métodos que sem dúvida farão delas as ciências do futuro.

Trinta séculos mais se juntarão à Antiguidade, e não sei quantos mais monumentos, línguas, religiões e mundos esquecidos que vêm a julgar o nosso. Uma luz enorme, e de raios cruzados, terrivelmente poderosa (muito mais que a luz elétrica), fulminando o passado em toda sua ciência estulta, mostrou em seu lugar o acordo vitorioso das duas irmãs: a Ciência e a Consciência. Todas as sombras desapareceram. Idênticas em todas as épocas, sobre sua base sólida da natureza e da história resplandece a eterna Justiça.

É o assunto deste livro. Assunto grande e fácil. Tudo estava tão bem preparado que a mão menos experimentada bastaria para escrevê-lo. Mas o verdadeiro autor é a humanidade .

O voto que um grande profeta formulava no século XVI está cumprido. *Aqui, a Fé profunda*. Quem a faria vacilar, de onde viria o ataque? A Ciência e a Consciência estreitam-se nos braços.

Alguém procura ou finge procurar algo. E, em pleno dia, vai às apalpadelas. É um falso cego que pede uma bengala, quando afinal o caminho é plano e maravilhosamente iluminado.

Eis o gênero humano inteiro em perfeita harmonia. Que mais querem? Que outra coisa vos interessa?

Desde a Índia até 1789, desce uma torrente de luz, o rio do Direito e da Razão. A alta Antiguidade... és tu. E a tua raça é 1789. O estranho é a Idade Média.

A Justiça não é a criança que ontem alguém encontrou abandonada; é a mestra e a herdeira que quer entrar em sua casa, é a verdadeira dona da casa. Quem vivia já antes dela? Ela pode dizer: “Eu germinei na Aurora, à luz das *Vedas*. No amanhecer da Pérsia, eu era a energia pura no heroísmo do trabalho. Eu fui o gênio grego e a emancipação pela força de uma palavra: ‘Têmis é Júpiter.’, *Deus é a própria Justiça*. Daí procede Roma, assim como a lei que ainda segues”.

“Queria... bem vejo...”, mas é preciso querer absolutamente.

Para concluir, digo apenas três palavras, mas práticas, que devem passar de pai para filho: Depuração, Concentração, Grandeza.

Sejamos puros, puros de velhos erros. Não andemos coxeando de um mundo para outro.

Preservemo-nos em dois sentidos fortes contra o caos do mundo e das opiniões; fortes no lar, pela unidade do coração.

O lar é a pedra angular da Cidade. Se não for uno, perecerá. A resposta aos vãos sistemas que o retalham é terrível: a criança não subsistirá; o homem não será completo; e o cidadão, impossível.

As pessoas clamam: “Fraternidade!”. Mas não sabem o que é isso. A fraternidade demanda uma firmeza de costumes e de caráter, uma austeridade pura, coisas de que nossa época pouco conhece.

Se o lar deve alargar-se, é primordial que tudo dê nele lugar à humanidade heroica, à grande Igreja da Justiça, que, entre tantos povos e idades, se perpetuou até nós.

Então voltará o lar ao que anteriormente foi, o *altar*. Ilumina-o um reflexo da Alma universal dos mundos, que é a Retidão e a Justiça, o imparcial e imortal Amor.

É o lar, mas o lar firme, que este livro quereria dar-vos ou, pelo menos, fazer-vos conhecer. Suponho que vos dará o que a mim próprio tantas vezes deu neste longo trabalho que me ocupava os dias e tirava noites de sono: um grande alívio do sofrimento, uma alegria solene e sagrada, a profunda paz da luz.

## Sobre o autor

Um dos maiores historiadores franceses, Jules Michelet (1798-1874) lecionou na Sorbonne e no Collège de France. Foi um dos primeiros pensadores a se interessar por temas da vida cotidiana e a ressaltar a importância do povo como principal agente das mudanças sociais. Foi um grande estudioso da Revolução Francesa (1789-1799), sobre a qual escreveu sua obra mais icônica, *História da Revolução Francesa: da queda da Bastilha à festa da federação*, um clássico da historiografia sobre o período. Em *A bíblia da humanidade*, publicado pela primeira vez em 1864, Michelet resgata a sabedoria milenar dos antigos livros do Oriente, tratando de temas como arte, família e amor.

DIREÇÃO EDITORIAL

*Daniele Cajueiro*

EDITORA RESPONSÁVEL

*Ana Carla Sousa*

PRODUÇÃO EDITORIAL

*Pedro Staite*

*Rachel Rimas*

REVISÃO DE TRADUÇÃO

*Eduardo Rosal*

REVISÃO

*Eduardo Carneiro*

*Luisa Suassuna*

*Luíz Werneck*

*Thaís Carvas*

*Thais Entriel*

DIAGRAMAÇÃO

*Filigrana*

PRODUÇÃO DO EBOOK

*Ranna Studio*



# Jane Eyre (Biblioteca Áurea)

Bronte, Charlotte

9788520943472

480 páginas

[Compre agora e leia](#)

Considerado um dos maiores romances de língua inglesa, este livro acompanha o amadurecimento de Jane Eyre, uma personagem questionadora e carismática que deixou sua marca na literatura. Após tornar-se órfã e, ainda na infância, passar a viver na casa da tia enfrentando as mais difíceis privações, Jane fica anos em um internato, onde recebe educação e, posteriormente, um emprego. Contrariando o que se esperava de uma mulher na época, a protagonista busca novos desafios e se torna governanta de Miss Adèle, protegida de Mr. Rochester. Entre Jane e o novo patrão nasce uma paixão arrebatadora, obscurecida, no entanto, por um grave segredo que ele carrega. Publicado pela primeira vez em 1847, Jane Eyre é uma obra-prima de Charlotte Brontë, que abriu caminho para outras escritoras e revolucionou o fazer literário ao criar uma protagonista com anseios, reflexões e atitudes incomuns para seu próprio tempo.

[Compre agora e leia](#)



*Somos o*  
**Brasil**  
NELSON RODRIGUES  
WE ARE BRAZIL



# Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"

Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"

EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)



RUBEM  
FONSECA

Calibre 22

*Rubem Fonseca*

# Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)

Nelson Rodrigues

# A PÁTRIA DE CHUTEIRAS



# A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante." Nelson Rodrigues Nelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

[Compre agora e leia](#)



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

# Auto da compadecida

Suassuna, Ariano

9788520942833

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

O "Auto da Compadecida" consegue o equilíbrio perfeito entre a tradição popular e a elaboração literária ao recriar para o teatro episódios registrados na tradição popular do cordel. É uma peça teatral em forma de Auto em 3 atos, escrita em 1955 pelo autor paraibano Ariano Suassuna. Sendo um drama do Nordeste brasileiro, mescla elementos como a tradição da literatura de cordel, a comédia, traços do barroco católico brasileiro e, ainda, cultura popular e tradições religiosas. Apresenta na escrita traços de linguagem oral [demonstrando, na fala do personagem, sua classe social] e apresenta também regionalismos relativos ao Nordeste. Esta peça projetou Suassuna em todo o país e foi considerada, em 1962, por Sábato Magaldi "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro".

[Compre agora e leia](#)